

ALESSANDRA DA SILVEIRA BEZ

**FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA
LÍNGUA: UM ESTUDO SOBRE A TEORIA DOS TOPOI E A TEORIA DOS
BLOCOS SEMÂNTICOS**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Letras, na área de concentração em Linguística, ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

Orientadora: Profa. Dr. Leci Borges Barbisan

Porto Alegre

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B574 Bez, Alessandra da Silveira

Fundamentos filosóficos da teoria da argumentação na língua :
um estudo sobre a teoria dos topoi e a teoria dos blocos semânticos /
Alessandra da Silveira Bez – 2014.

244 fls.

Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul / Faculdade de Letras / Programa de Pós-Graduação
em Letras, Porto Alegre, 2014.

Orientador: Prof^o Dr^a Leci Borges Barbisan

1. Teoria da argumentação. 2. Topoi. 3. Blocos semânticos. I.
Barbisan, Leci Borges. II. Título.

CDD 418.2

ALESSANDRA DA SILVEIRA BEZ

**FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO
NA LÍNGUA: UM ESTUDO SOBRE A TEORIA DOS TOPOI E A TEORIA
DOS BLOCOS SEMÂNTICOS**


Tese apresentada como requisito para
obtenção do grau de Doutor, pelo
Programa de Pós-Graduação em
Letras da Faculdade de Letras da
Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul.

Aprovada em 6 de janeiro de 2014


BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dra. Claudia Regina Brescancini - PUCRS




Profa. Dra. Neiva Tebaldi Gomes - UNIRITTER



Profa. Dra. Claudia Stumpf Toldo - UPF



Prof. Dr. Cláudio Primo Delany - PUCRS



Profa. Dra. Maria da Glória Corrêa di Fanti - PUCRS

*A meus pais, Gerson e Marina, meus heróis que, muitas vezes,
abdicaram de seus sonhos, para realizarem os meus.*

*A meus irmãos, Cassio e Andressa, meus gêmeos queridos,
que sempre me fizeram sorrir.*

*A meus avós paternos, Leda e Oswaldo
e a meus avós maternos, João e Osvaldina,
meus anjos, que iluminaram meu caminho.*

AGRADECIMENTOS

À minha família:

meu pai Gerson, meu exemplo, que me ensinou a ser uma pessoa digna e batalhadora;

minha mãe Marina, meu porto-seguro, que sempre me deu forças e asas para voar para trilhar esse caminho com alegria, amor e sorriso no rosto;

minha irmã Andressa, minha inspiração, minha *chérie*, que refletiu em mim sua paixão pela pesquisa e pela docência;

meu irmão Cassio, meu amigo querido, que cuidou de mim e me confortava com seus abraços carinhosos;

minha vó Leda (*in memoriam*), minha amiga querida, que me alegrava com sua companhia;

meu vô Oswaldo (*in memoriam*), meu querido dos olhos azuis, que demonstrava seu amor através de um sorriso;

minha vó Osvaldina (*in memoriam*), minha vó amada, que sempre cuidava de mim através de seus pãezinhos doces e de suas palavras carinhosas.

meu vô João (*in memoriam*), meu vô amado, que sempre abençoou meu caminho.

À Profa. Dra. Leci Borges Barbisan, orientadora desta tese, e exemplo de profissional. Durante seis anos, tive a oportunidade de desfrutar de seu conhecimento, fortalecendo os laços de convivência e de amizade.

À Profa. Dra. Marion Carel, da École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris, orientadora do doutorado-sanduíche, pelo conhecimento e pelas discussões teóricas que contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho;

Ao Prof. Dr. Oswald Ducrot, da École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris, pelo conhecimento e pela disponibilidade que contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho;

À Profa. Dra. Patrícia Chittoni Ramos Reuillard, minha querida professora de língua francesa da UFRGS, que me ensinou, de forma apaixonada, a arte da tradução.

Aos meus colegas e amigos, especialmente os integrantes do Núcleo de Estudos do Discurso, pela convivência harmoniosa e pelas trocas de experiência;

À coordenação, professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS;

Ao CNPq, por ter concedido a bolsa de estudos para que eu me dedicasse integralmente a este trabalho;

À Capes, por ter concedido a bolsa de doutorado-sanduíche, dando-me a oportunidade de crescimento intelectual e cultural.

Graças a vocês, o sonho de uma vida inteira se tornou uma linda realidade.

Para ser grande, sê inteiro: nada

Teu exagera ou exclui.

Sê todo em cada coisa. Põe o quanto és

No mínimo que fazes.

Assim em cada lago a lua toda

Brilha por que alta vive.

Ricardo Reis

RESUMO

Teoria da Argumentação na Língua: é a partir da língua que o locutor é capaz de argumentar. Esse “argumentar”, que busca o sentido no intralinguístico, constitui a tese defendida pela teoria semântico-argumentativa desenvolvida por Oswald Ducrot, Marion Carel, Jean-Claude Anscombe e colaboradores, desde meados da década de 1970, ancorada por suas bases filosóficas, ou seja, por suas hipóteses externas, e realizada por suas hipóteses internas, ou seja, por suas ferramentas linguísticas. Esse novo olhar sobre a língua e seu uso é uma resposta à lógica e à argumentação retórica que buscam a semantização na realidade e nas condições de verdade e de falsidade. O objetivo principal deste trabalho não é fazer uma comparação entre a Teoria da Argumentação na Língua e a lógica, mas é mostrar como a própria Teoria da Argumentação na Língua apresentou, em sua Teoria dos Topoi, recursos lógicos e extralinguísticos, afastando-se de suas hipóteses externas, e como a Teoria dos Blocos Semânticos resgatou esse estatuto intralinguístico, radicalizando essas mesmas hipóteses externas. A metodologia deste trabalho contempla uma análise crítico-reflexiva sobre a Teoria dos Topoi e a Teoria dos Blocos Semânticos a partir das hipóteses externas da Teoria da Argumentação na Língua. Dessa forma, o presente estudo procura mostrar que o sentido não é estabelecido a partir da passagem do argumento para a conclusão, como propõe a Teoria dos Topoi, mas a partir da relação entre dois segmentos capaz de constituir outro sentido, como propõe a Teoria dos Blocos Semânticos, evidenciando todo o entrelaçamento argumentativo e a tessitura semântica da Teoria da Argumentação na Língua.

Palavras-chave: Teoria dos Topoi. Teoria dos Blocos Semânticos. Extralinguístico. Intralinguístico. Hipóteses Externas.

ABSTRACT

Theory of Argumentation within Language: it is from the language that the speaker is able to argue. This “argue”, which searches for the meaning in the intralinguistic, constitutes the thesis supported by the semantic-argumentative theory, developed by Oswald Ducrot, Marion Carel, Jean-Claude Anscombe and collaborators, since the middle of the 1970s, established in its external hypotheses, i.e., by its philosophical bases, and accomplished by its internal hypotheses, i.e., by its linguistic tools. This new view about language and its use is an answer to the logic and to the rhetorical argumentation that search for the semantization in reality and in the truth and falsity conditions. The main goal of this thesis is not to make a comparison between the TAL and logics, but it is to show how the Theory of Argumentation within Language itself introduced, in its Theory of Topoi, logical and extralinguistic resources, leaving its external hypotheses, and how the Theory of Semantic Blocks rescued this intralinguistic statute, radicalizing these same external hypotheses. The method of this study is a critical-reflexive analysis about the Theory of Topoi and the Theory of Semantic Blocks from the external hypotheses of the Theory of Argumentation within Language. Therefore, the current study seeks for showing that meaning is not established in the passage from argument to conclusion, as the Theory of Topoi proposes, but from the relation between two segments able to constitute another meaning, as the Theory of Semantic Blocks proposes, putting in evidence the whole argumentative entanglement and the semantic embracement of the Theory Argumentation within Language.

Key-words: Theory of Topoi. Theory of Semantic Blocks. Extralinguistic. Intralinguistic. External Hypotheses.

RÉSUMÉ

Théorie de l'Argumentation dans la Langue: c'est à partir de la langue que le locuteur est capable d'argumenter. Cet « argumenter », qui cherche le sens dans l'intralinguistique, constitue la thèse soutenue par la théorie sémantique-argumentative développée par Oswald Ducrot, Marion Carel, Jean-Claude Anscombe et collaborateurs, depuis au milieu des années 1970, ancrée par ses bases philosophiques, c'est-à-dire par ses hypothèses externes et accomplie par ses hypothèses internes, c'est-à-dire par ses outils linguistiques. Cet égard neuf sur la langue et son emploi est une réponse à la logique et à l'argumentation rhétorique qui cherchent la sémantisation dans la réalité et dans les conditions de vérité et de fausseté. Le but principal de ce travail n'est pas été faire une comparaison entre l'argumentation dans la langue et la logique, mais c'est de montrer comment la Théorie de l'Argumentation dans la Langue, elle-même, a présenté, à partir de la Théorie des Topoi, ressources logiques et extra-linguistiques, en éloignant de ses hypothèses externes et comment la Théorie des Blocs Sémantiques a récupéré ce statut intralinguistique, en radicalisant ces mêmes hypothèses externes. La méthodologie de ce travail est une analyse critique-réflexive sur la Théorie des Topoi et la Théorie des Blocs Sémantiques à partir des hypothèses externes de la Théorie de l'Argumentation dans la Langue. De cette façon, l'étude présente cherche à montrer que le sens n'est pas établi à partir du passage de l'argument pour la conclusion, comment la Théorie des Topoi propose, mais à partir de la relation entre deux segments capables de constituer autre sens, comment la Théorie des Blocs Sémantiques propose, en mettant en évidence tout l'entrelacement argumentatif et la tessiture sémantique de la Théorie de l'Argumentation dans la Langue.

Mots-clé: Théorie des Topoi. Théorie des Blocs Sémantiques. Extra-linguistique. Intralinguistique. Hypothèses Externes.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

A: Argumento

AE: Argumentação Externa

AI: Argumentação Interna

ANL: Argumentação na Língua

BS1: Bloco Semântico 1

BS2: Bloco Semântico 2

C: Conclusão

CON: Conector

CON': Conector oposto

CLG: Curso de Linguística Geral

DC: Portanto

EHESS: École des Hautes Études en Sciences Sociales

ELG: Escritos de Linguística Geral

FT: Forma Tópica

H: fato

HE: Hipótese Externa

HI: Hipótese Interna

PLG: Problemas de Linguística Geral

PT: No Entanto

FT: Forma Tópica

TAP: Teoria Argumentativa da Polifonia

TBS: Teoria dos Blocos Semânticos

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Bases Filosóficas da ANL.....	23
Figura 2: O conceito de <i>alteridade</i> de Platão.....	31
Figura 3: Saussure.....	42
Figura 4: Saussure segundo Benveniste – parte I.....	47
Figura 5: Saussure segundo Benveniste – parte II.....	48
Figura 6: Língua e sua sombra.....	56
Figura 7: Língua e sua fala.....	57
Figura 8: Língua e sua arbitrariedade.....	58
Figura 9: Saussure por Ducrot – parte I.....	63
Figura 10: Saussure por Ducrot – parte II.....	63
Figura 11: HEs e HIs da ANL.....	69
Figura 12: Fases da ANL.....	71
Figura 13: Teoria dos Blocos Semânticos – parte I.....	83
Figura 14: Teoria dos Blocos Semânticos – parte II.....	84
Figura 15: Teoria dos Blocos Semânticos – parte III.....	85
Figura 16: <i>PLG</i> por Normand.....	88
Figura 17: Subjetividade por Benveniste.....	90
Figura 18: Aparelho formal da enunciação.....	92
Figura 19: Benveniste por Dessons – parte I.....	96
Figura 20: Benveniste por Dessons – parte II.....	97
Figura 21: Subjetividade e Intersubjetividade por Ducrot.....	99
Figura 22: Enunciação.....	101
Figura 23: Lógica de Aristóteles e Platão.....	103
Figura 24: Ciências e Silogismo.....	106
Figura 25: Lógica e Linguagem.....	108

Figura 26: Inferência pelos lógicos.....	111
Figura 27: Inferência por Ducrot.....	112
Figura 28: Lógica da linguagem por Ducrot.....	114
Figura 29: <i>O rei da França é calvo</i>	115
Figura 30: Relação entre lógica e linguagem.....	117
Figura 31: Retórica grega.....	120
Figura 32: Aristóteles e Platão.....	121
Figura 33: Meios de persuasão.....	123
Figura 34: “Esqueleto” da retórica de Aristóteles.....	126
Figura 35: Tratado da Argumentação – Perelman.....	131
Figura 36: Modelo de Argumentação- Toulmin.....	135
Figura 37: Argumentação Linguística de Ducrot.....	141
Figura 38: Argumentação Linguística de Carel.....	149
Figura 39: Argumentação Linguística de Carel – parte II.....	150
Figura 40: Sentido na Teoria dos <i>Topoi</i>	154
Figura 41: Criação da Teoria dos <i>Topoi</i>	156
Figura 42: Recursos da Teoria dos <i>Topoi</i>	158
Figura 43: <i>Topoi</i> como princípio geral.....	159
Figura 44: <i>Topoi</i> como intralinguísticos.....	161
Figura 45: <i>Topoi</i> como gradualidade.....	162
Figura 46: <i>Topoi</i> extrínsecos e <i>topoi</i> intrínsecos.....	164
Figura 47: <i>Topoi</i> como forma tópica.....	168
Figura 48: <i>Topoi</i> e o conceito de <i>alteridade</i> de Platão.....	173
Figura 49: <i>Topoi</i> e o conceito de <i>alteridade</i> de Platão: o intralinguístico.....	174
Figura 50: <i>Topoi</i> e o conceito de <i>alteridade</i> de Platão: a gradualidade.....	176

Figura 51: <i>Topoi</i> e o conceito de <i>alteridade</i> de Platão: <i>topoi</i> extrínsecos e <i>topoi</i> intrínsecos.....	177
Figura 52: Teoria dos <i>Topoi</i> e as noções de <i>língua, fala, valor e relação</i> de Saussure.....	179
Figura 53: Topos concordante, topos discordante e as noções de <i>língua, fala, valor e relação</i> de Saussure.....	180
Figura 54: Topos e as noções de <i>língua, fala, valor e relação</i> de Saussure.....	183
Figura 55: <i>Topoi</i> e a enunciação de Benveniste.....	186
Figura 56: <i>Topoi</i> e a ANL.....	190
Figura 57: <i>Topoi</i> e a ANL – parte II.....	191
Figura 58: Teoria dos <i>Topoi</i> e o anti-logicismo.....	194
Figura 59: O extralinguístico e o intralinguístico – I.....	197
Figura 60: O extralinguístico e o intralinguístico – II.....	198
Figura 61: O extralinguístico e o intralinguístico – III.....	201
Figura 62: O extralinguístico e o intralinguístico – IV.....	202
Figura 63: O extralinguístico e o intralinguístico – V.....	203
Figura 64: O extralinguístico e o intralinguístico – VI.....	205
Figura 65: O extralinguístico e o intralinguístico – VII.....	207
Figura 66: O extralinguístico e o intralinguístico – VIII.....	209
Figura 67: O extralinguístico e o intralinguístico – IX.....	213
Figura 68: O extralinguístico e o intralinguístico – X.....	214

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1 AS BASES FILOSÓFICAS DA TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA.....	22
1.1 O CONCEITO DE <i>ALTERIDADE</i> EM PLATÃO	23
1.2 AS NOÇÕES DE <i>LÍNGUA, FALA, VALOR E RELAÇÃO</i> DE FERDINAND DE SAUSSURE	32
1.2.1 O olhar de Ferdinand de Saussure sobre <i>língua, fala, valor e relação</i> a partir do <i>Curso de Linguística Geral</i> e dos <i>Escritos de Linguística Geral</i>	32
1.2.2 A teoria saussuriana vista por Émile Benveniste	42
1.2.3 A teoria saussuriana vista por Akatane Suenaga	48
1.2.4 A teoria saussuriana vista por Oswald Ducrot	58
1.3 CONCEITOS DA TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA: A <i>ALTERIDADE</i> DE PLATÃO, O <i>VALOR</i> E A <i>RELAÇÃO</i> SAUSSURIANOS SOB A PERSPECTIVA SEMÂNTICO-ARGUMENTATIVA	64
1.3.1 Hipóteses externas e hipóteses internas da Teoria da Argumentação na Língua: algumas reflexões	64
1.3.2 A Teoria dos Blocos Semânticos	70
1.3.2.1 Relação entre a Teoria dos Blocos Semânticos e as hipóteses externas da Teoria da Argumentação na Língua	71
1.3.2.2 Bloco semântico: a revelação do sentido pela interdependência semântica	74
2 A ENUNCIÇÃO NA LINGUAGEM SOB DOIS OLHARES: BENVENISTE E DUCROT	86
2.1 A SUBJETIVIDADE E A INTERSUBJETIVIDADE NA LINGUAGEM: O PONTO DE VISTA DE ÉMILE BENVENISTE	86

2.1.1 O aparelho formal da enunciação: a formalização e a concretização da linguagem em discurso	90
2.1.2 A enunciação de Benveniste vista por Gérard Dessons	92
2.2 A SUBJETIVIDADE E A INTERSUBJETIVIDADE NA LINGUAGEM: O PONTO DE VISTA DE OSWALD DUCROT	98
3 A TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA: UMA TEORIA SEMÂNTICA	102
3.1 A LÓGICA	102
3.1.1 A lógica desenvolvida por Aristóteles	103
3.1.2 O ponto de vista de Oswald Ducrot sobre a lógica	107
3.2 ARGUMENTAÇÃO LINGUÍSTICA E ARGUMENTAÇÃO RETÓRICA	118
3.2.1 A argumentação retórica por Aristóteles	118
3.2.1.1 Confronto entre Aristóteles e Platão	120
3.2.1.2 Meios de persuasão: a retórica aristotélica	122
3.2.1.3 A argumentação retórica de Aristóteles vista por Chaïm Perelman	126
3.2.1.4 A argumentação retórica de Aristóteles vista por Stephen Toulmin	132
3.2.2 A argumentação linguística de Oswald Ducrot	137
3.2.2.1 A argumentação linguística de Marion Carel	142
4 A TEORIA DOS <i>TOPOI</i>: UMA TEORIA ANTI-LOGICISTA	151
4.1 TEORIA DOS <i>TOPOI</i> : A CRIAÇÃO DE UMA TEORIA ANTI-LOGICISTA ..	152
4.1.1 Características da Teoria dos <i>Topoi</i>	159
4.1.2 Significação e ideologia: elucidação dos <i>topoi</i> intrínsecos e dos <i>topoi</i> extrínsecos	162

4.1.3 A gradualidade na Teoria dos <i>Topoi</i> : a fundamentação da teoria anti-logicista.....	165
5 A TEORIA DOS <i>TOPOI</i> E A TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA.....	170
5.1 A TEORIA DOS <i>TOPOI</i> E AS BASES FILOSÓFICAS DA TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA	170
5.1.1 A Teoria dos <i>Topoi</i> e a alteridade de Platão	171
5.1.2 A Teoria dos <i>Topoi</i> e as noções de <i>língua, fala, valor e relação de Saussure</i>	178
5.1.3 A Teoria dos <i>Topoi</i> e a enunciação de Benveniste	184
5.2 TEORIA DOS <i>TOPOI</i> E TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA.....	188
5.2.1 Teoria dos <i>Topoi</i> e Teoria dos Blocos Semânticos: o extralinguístico e o intralinguístico	195
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	217
REFERÊNCIAS	222

INTRODUÇÃO

No início da década de 1970, uma nova forma de estudar a língua estava sendo delineada a partir da obra *Dire et ne pas dire – Principes de sémantique linguistique*, 1972, de Oswald Ducrot: a Teoria da Argumentação na Língua (ANL). Em seu início, a ANL estava enraizada em princípios lógicos, como as condições de verdade e de falsidade, ancoradas à realidade, e apresentava como ferramentas de aplicação a pressuposição na descrição do sentido. Dando continuidade a seus estudos, em 1973, Ducrot publicou *La preuve et le dire – Langage et Logique*, que tratava da lógica a partir da perspectiva da linguística, da linguagem e da língua. Prosseguindo com o desenvolvimento e o amadurecimento da teoria, as obras *Les mots du discours* e *Les échelles argumentatives*, publicados em 1980, dão à teoria um estatuto semântico, pelo qual o sentido literal é rejeitado e as hipóteses externas e as hipóteses internas são tratadas. *L'argumentation dans la langue*, de 1983, aborda a argumentação a partir das leis do discurso, da lei da negação e da lei da inversão. Em 1984, com o livro *Le dire et le dit*, a obra do semanticista mostrou algumas características da ANL. O capítulo VIII, intitulado *Esquisse d'une Théorie Polyphonique de l'Énonciation*, apresenta alguns conceitos-base da ANL e o capítulo VII, *L'argumentation par autorité* mostra como a teoria chegou a esse caminho. Em *Logique, Structure, Énonciation - Lectures sur le langage*, de 1989, Ducrot faz uma análise crítica sobre a linguagem, contemplando o ponto de vista de vários linguistas, como Bally, Humboldt, Benveniste e Prieto. Já as conferências ministradas em Cali, na Colômbia, deram origem ao livro *Polifonía y argumentación. Conferencias del seminario teoría de la argumentación y análisis del discurso*, sendo uma obra-referência da ANL, que aborda a polifonia, o sentido, o enunciado, locutor, enunciador como alguns de seus conceitos. A *Théorie des Topoi*, publicada em 1995, procurou abordar a língua em seu sentido intralinguístico, mas o objetivo somente foi alcançado em 2005 com a obra *La Semántica Argumentativa. Una Introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos* e com a aplicação do conceito de blocos.

A partir desse trajeto, nosso objetivo inicial era analisar as hipóteses externas em relação a todas as hipóteses internas da Teoria da Argumentação na Língua, desde o *Dire et ne pas dire – Principes de sémantique linguistique* (1973) até *La Semántica*

Argumentativa. Una Introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos (2005). No entanto, percebemos que fazer um trabalho dessa grandeza seria praticamente impossível. Decidimos, então, abordar a Teoria dos *Topoi* e a Teoria dos Blocos Semânticos, o sentido extralinguístico e o sentido intralinguístico, ou seja, as duas faces opostas da Teoria da Argumentação na Língua.

Gostaríamos de evidenciar que a Teoria da Argumentação na Língua é uma teoria viva, em constante transformação e amadurecimento teóricos, podendo ser contemplada a partir de quatro perspectivas: 1) a forma *standard*, na qual a argumentação é definida pelas conclusões possíveis; 2) a forma *standard* ampliada (Teoria dos *Topoi* + Polifonia), na qual a argumentação é o conjunto de *topoi* que pode ser evocado por determinada entidade; 3) a Teoria dos Blocos Semânticos, na qual a argumentação está nos aspectos argumentativos e suas relações; 4) a Teoria Argumentativa da Polifonia, na qual a argumentação depende da atitude do locutor frente aos enunciadores. No presente estudo, abordaremos especificamente a fase de transição entre a Teoria dos *Topoi* e a Teoria dos Blocos Semânticos. Escolhemos essas duas fases da Teoria por três razões: 1) mostrar que a ANL é uma teoria puramente linguística, que não tem embasamento na lógica; 2) esclarecer que a ANL rejeitou a Teoria dos *Topoi*, desenvolveu-se e tornou-se a Teoria dos Blocos Semânticos e, por último, 3) oferecer ao meio acadêmico um material crítico-explicativo sobre a ANL, desfazendo possíveis equívocos e erros de interpretação como considerar, por exemplo, a TBS uma teoria logicista devido à formalização do sentido por meio do quadrado argumentativo.

Teoria dos *Topoi*, uma teoria anti-logicista, o que isso quer dizer? Conforme Ducrot e Schaeffer (1995), o topos oferece coesão ao enunciado, uma vez que se tem um argumento e uma conclusão, regidos por dois tipos de conectores: *portanto* (DC) e *no entanto* (PT). Para que o sentido seja constituído de forma plena, Ducrot e Schaeffer (1995) esclarecem que esse sentido intralinguístico acontece quando as palavras apresentam uma orientação argumentativa, ou seja, elas indicam as possibilidades e as impossibilidades de continuação de um enunciado. Ao defenderem o valor referencial, Ducrot & Schaeffer (1995) se direcionam à realidade. Mas como uma teoria, cujo axioma é *a argumentação está na língua*, pode se referir à realidade? E o sentido intralinguístico? Tornava-se claro que a ANL estava se distanciando do intralinguístico e de suas bases filosóficas (Platão e Saussure). Com a Teoria dos Blocos Semânticos

(TBS) foi recuperado o sentido estritamente linguístico, ou seja, foi restabelecida a noção de que um sentido se designa como tal quando dois segmentos são interdependentes semanticamente.

A partir dessa breve explicação teórica, apresentaremos as questões norteadoras de nosso estudo: Qual a relação entre as bases filosóficas da ANL e da Teoria dos *Topoi*? Por que foi criada a Teoria dos *Topoi*? Qual é o seu papel para a Teoria da Argumentação na Língua? Por que ela foi excluída da ANL? Considerando essas questões, nossos objetivos são: a) mostrar a relação entre as bases filosóficas da ANL e da Teoria dos *Topoi*; b) esclarecer o porquê da criação da Teoria dos *Topoi*; c) abordar a relação entre a Teoria dos *Topoi* e a Teoria da Argumentação na Língua; e por fim d) relacionar a Teoria dos *Topoi* e a Teoria dos Blocos Semânticos, evidenciando as diferenças. Para que esta pesquisa seja feita de forma elucidativa, vamos adotar a seguinte metodologia: após abordarmos as bases filosóficas da ANL, vamos confrontá-las com a Teoria dos *Topoi*. Logo, mostraremos a relação entre os *topoi* e a ANL. Para finalizar, vamos realizar uma análise crítica entre o sentido extralinguístico (Teoria dos *Topoi*) e o sentido intralinguístico (Teoria dos Blocos Semânticos), mostrando como as bases filosóficas são essenciais para a constituição da ANL. Para alcançar nosso objetivo, dividiremos o estudo em cinco capítulos, delimitando cada vez mais o tema à medida que o trabalho avança.

O primeiro capítulo denominado *As bases filosóficas da Teoria da Argumentação na Língua* mostra as teorias às quais a ANL é vinculada: o conceito de *alteridade*, de Platão, a partir do olhar do outro o eu se constitui; a noção de *valor e relação*, de Ferdinand de Saussure. Ducrot estabeleceu um estudo semântico da língua e seu uso. Além das fundamentações platoniana e saussuriana, apresentaremos também os conceitos-base da ANL, como orientação argumentativa, frase e enunciado, significação e sentido. Com a Teoria dos Blocos Semânticos, mostraremos como o sentido se constitui a partir da interdependência semântica. Por sua vez, a enunciação se torna essencial para compreendermos o posicionamento do locutor. É essa perspectiva que vamos abordar no segundo capítulo.

O segundo capítulo denominado *A enunciação na linguagem sob dois olhares: Benveniste e Ducrot* mostra como a enunciação é percebida por esses dois linguistas franceses. Enquanto Benveniste estuda a enunciação, ou seja, como o ser de fala produz

o enunciado, Ducrot explica como o processo se marca no produto, ou seja, como a enunciação é expressa no enunciado. A enunciação é o foco do segundo capítulo, uma vez que ela também é um fator determinante para o sentido, visto que o aparelho formal da enunciação configura a troca de papéis entre o locutor e o alocutário em determinado tempo e espaço.

O terceiro capítulo denominado *A Teoria da Argumentação na Língua: uma teoria semanticista* apresenta a ANL a partir de diferentes pontos de vista: primeiramente, mostraremos como a ANL relaciona a linguagem e a lógica, de uma forma diferente daquela de Aristóteles. Após, exploraremos a argumentação retórica por Aristóteles, Perelman e Toulmin e a argumentação linguística, elaborada por Carel e Ducrot. Finalmente, ao compreendermos o que é argumentar, vamos entender o axioma da teoria: *a argumentação está na língua*.

O quarto capítulo denominado *Teoria dos Topoi: uma teoria anti-logicista* demonstra que a ANL não é uma teoria que busca o sentido verdadeiro ou falso dos enunciados. A partir de suas características, evidencia-se como a Teoria dos Topoi pode ser tratada em seus diversos contextos linguísticos. Ao relacioná-la com a ANL, percebem-se diferenças.

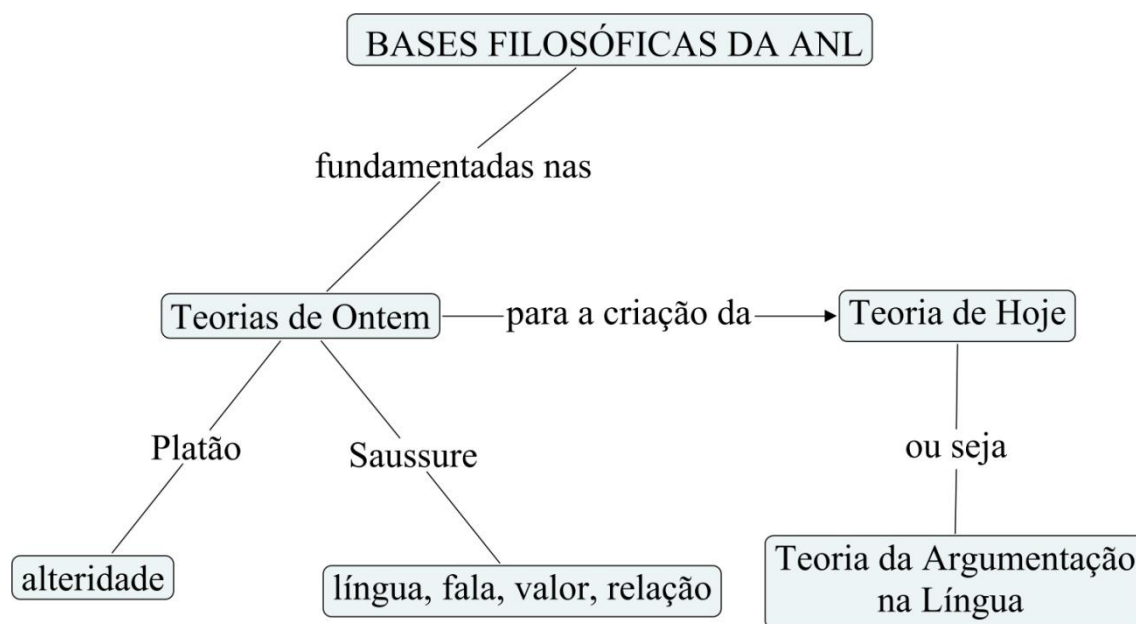
O quinto capítulo denominado *A Teoria dos Topoi e A Teoria da Argumentação na Língua* mostra qual foi o papel dos *topoi* na ANL, além de enfatizar o contraste entre a Teoria dos Topoi e a Teoria dos Blocos Semânticos: a primeira tem caráter extralinguístico ao buscar o sentido em seu valor referencial; a segunda tem caráter intralinguístico ao buscar o sentido na interdependência semântica dos segmentos.

Com esse estudo, procuraremos mostrar que a Teoria dos *Topoi* é a forma *standard* ampliada da ANL, não é a ANL propriamente dita. O axioma *a argumentação está na língua* evidencia que é no linguístico que o sentido se constitui, mostrando as relações entre o locutor e o alocutário e a alteridade envolvida sempre que a língua é posta em uso. Além disso, poderíamos afirmar que a Teoria dos *Topoi* foi descartada devido às incoerências teóricas e à falta de adequação às bases filosóficas da ANL. À Teoria dos Blocos Semânticos coube desfazer essas incoerências e se adequar às hipóteses externas, evidenciando o sentido intralinguístico por meio do entrelaçamento argumentativo.

1 AS BASES FILOSÓFICAS DA TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA

“Os fatos de hoje são construídos com as teorias de ontem”, ou seja, os acontecimentos, as inovações, os estudos que são abordados atualmente são baseados em teorias e pesquisas já existentes. É por meio de conhecimentos anteriormente adquiridos que o ser humano exerce sua capacidade de raciocinar e inovar. Nada é concebido sem bases. A partir do axioma de Pierre Duhem (Ducrot, 1989:07), físico francês, podemos afirmar que cada estudo é motivado por conhecimentos científicos e por inquietações teóricas já estudados. No axioma de Duhem, que está no prefácio do livro *Logique, structure et énonciation* (1989), Oswald Ducrot reforça sua premissa, afirmando que uma pesquisa sobre a linguagem é sempre acompanhada da tradição linguística, evidenciando que as teorias de hoje se constituem apoiadas em teorias que a antecederam. A Teoria da Argumentação na Língua mostra como isso acontece, por meio de enunciados e de discursos, indicando suas potencialidades argumentativas e seus conteúdos, além de mostrar quais orientações seu emprego impõe ao discurso, sem fazer referência às noções de verdade e de falsidade da lógica. A Teoria da Argumentação na Língua, inovadora ao tratar do sentido a partir do intralinguístico, constrói novos fatos ao introduzir um novo viés na observação, ao trazer nova percepção do uso da língua.

Para que possamos contemplar as bases filosóficas (teorias de ontem) da Teoria da Argumentação na Língua (teoria de hoje), apresentaremos o primeiro capítulo da seguinte forma: inicialmente, abordaremos a *alteridade* de Platão, que afirma que é a partir da diferença que a semelhança se constitui. Após, mostraremos como as noções de *língua, fala, valor e relação*, de Ferdinand de Saussure, influenciam a teoria intralinguística. Para finalizarmos, evidenciaremos como as teorias de Platão e de Saussure são vistas e postas na ANL. Na obra *Polifonía y Argumentación* (1990), temos os conceitos-base da ANL, assim como suas aplicações. Na obra *La Semántica Argumentativa. Una Introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos* (2005), a alteridade de Platão é demonstrada, ressaltando as noções de semelhança e diferença: a relação por meio da Teoria dos Blocos Semânticos. Nas seções seguintes, veremos como ocorre a inter-relação entre Platão, Saussure e Ducrot, ou seja, como *alteridade, língua, fala, valor e relação* são fundamentais para a busca do sentido intralinguístico.

Figura 1: Bases filosóficas da ANL

Fonte: Figura elaborada pela autora

A partir da figura, podemos corroborar a ideia de Pierre Duhem: as bases filosóficas da ANL são as teorias de ontem, ou seja, a *alteridade* de Platão e as noções de *língua, fala, valor e relação* de Saussure, que possibilitaram a constituição da Teoria da Argumentação na Língua, teoria de hoje. Vamos aprofundar na seção a seguir uma das bases filosóficas da ANL, o conceito de alteridade em Platão.

1.1 O CONCEITO DE ALTERIDADE EM PLATÃO

Ser e não-ser constituem a *alteridade* do filósofo grego, sendo a relação entre ambos constitutiva da semelhança e da diferença. Ao caracterizar o ser como uma potência de comunicação relacionada com o não-ser, Platão evidencia que o isolamento leva à degeneração, enquanto o entrelaçamento ao revigoramento.

A obra *O Sofista*¹, de Platão, é um diálogo mediado pelos personagens principais Sócrates, Teeteto e o Estrangeiro de Eleia, e coloca em relação o eleatismo e a sofística. De acordo com Cordero (*apud* Platon, 1993: 64-65), a pergunta norteadora desse diálogo contestatório é: “O que é um sofista para o povo de Eleia”, uma vez que ela é a cidade-berço do *ethnos eleático*, ou seja, a escola de Parmênides? De acordo com

¹ De acordo com Platão, o sofista é o possuidor de um conhecimento aparente sobre todos os assuntos, não do verdadeiro conhecimento, que usa dos mais diversos artifícios para persuadir o público: a imagem, a mentira, a trapaça, a ilusão.

Cordero (1987), os sofistas surgiram nos séculos IV e V a.C. na Grécia Antiga, sendo Górgias e Protágoras seus representantes mais expressivos. Portadores de uma eloquência incomum, os sofistas procuravam persuadir seu público utilizando-se dos mais variados argumentos, o importante era convencer o auditório e derrotar o adversário a qualquer custo. Na obra *O Sofista* (1993), os três debatedores chegam a seis definições:

- 1- O sofista é um caçador de jovens ricos para obter dinheiro;
- 2- O sofista é um traficante dos conhecimentos próprios da alma;
- 3- O sofista é um comerciante que presta atenção aos detalhes;
- 4- O sofista é um fabricante de conhecimentos;
- 5- O sofista é um contraditor profissional;
- 6- O sofista é um purificador da alma.

Detendo-se no conceito de sofista como contraditor, Sócrates e Teeteto (Cordero, 1987: 260-262) percebem que essa noção está vinculada à figura do imitador, o que faz surgir uma sétima definição: o sofista seria um mágico, ou seja, um fabricante de imagens. Como a imagem não tem a realidade de um modelo, ela supõe a existência do não-ser. Ao colocar à prova o axioma de Parmênides, segundo o qual o *não-ser* não existe, o Estrangeiro percebe a impossibilidade de definir o sofista como um mágico que fabrica imagens. Os debatedores refutam a tese de Parmênides e confirmam, a partir daí, a coexistência da imagem do *ser* e do *não-ser*. Sócrates, Teeteto e o Estrangeiro veem a necessidade de fazer um exame crítico das aporias do ser como pluralismo x monismo, materialismo x idealismo, propondo uma nova concepção capaz de abandonar as dicotomias. Foi a partir da dialética que os debatedores conseguiram definir o *ser*: potência de comunicação, relação recíproca entre as Formas. O *não-ser* não é o contrário do *ser*, mas aquilo que é diferente. Com a definição de *ser* e de *não-ser*, Sócrates, Teeteto e o Estrangeiro relacionam o *não-ser* ao discurso falso: o discurso falso diz algo diferente daquilo que ele é, assim como a imagem produzida pelo sofista. Para Cordero (*apud* Platon, 1993), o sofista é um mágico que produz ilusões, confirmando a existência do ser e do não-ser e a inconsistência da teoria de Parmênides.

Verificamos, dessa forma, que a partir da tentativa de definição do que seria o sofista, Platão discute a *alteridade*, mostrando como é necessária a conjunção da semelhança com a diferença, da verdade com a falsidade, da identidade com a alteridade. Platão comprova, através do diálogo de Sócrates, Teeteto e o Estrangeiro, que nada pode se constituir no isolamento. É na comunidade, na relação, que seres, palavras, discursos tomam forma e semantizam.

Notamos, a partir dos esclarecimentos feitos acima, que o diálogo contestatório presente no Sofista (1993:37) é uma resposta ao *Estrangeiro* de Eleia², que propunha uma definição de *ser* como sendo “uma potência que liga os diferentes gêneros entre eles, sob a forma de uma comunidade regada por operações lógicas específicas”, ou seja, o *ser* era visto como tal não só a partir da comunidade dos gêneros, mas também através da logicidade que era capaz de exercer através de seus discursos. Platão, ao assumir o discurso filosófico, contempla também o *ser* a partir dos gêneros, no entanto, não o reduz a um ser discursivo que utiliza a lógica para persuadir os outros. O *ser* (junção) se torna uma “potência de comunidade”, em que vai estabelecer diferentes tipos de ligação entre as formas mais elevadas: *Repouso* (essência indivisível), *Movimento* (essência divisível), *Mesmo* (potência), *Outro* (potência). Assim, o *ser* não é nem *repouso*, nem *movimento*, nem *mesmo*, nem *outro*, ele é a comunidade de cinco gêneros supremos porque ele é “a potência da comunidade” e essa função é claramente exposta na introdução de Nestor-Luis Cordero, em *Le Sophiste*, de Platão (1993).

O *ser* considerado como potência de comunicação pode ser definido a partir de dois princípios: corpo e formas. O corpo oferece resistência, mas aceita o conteúdo das formas que já são conhecidas. Explicando melhor, podemos dizer que o corpo é passível de resistência, uma vez que está em constante mudança de aparência. Por sua vez as formas são as aparências que não podem ser modificadas, ou seja, elas já adquiriram regularidade na coletividade. O filósofo grego estabeleceu essa relação a partir da *epokhé*, ou seja, se retira de cada coisa todas as suas propriedades, todas as suas características, até chegar a um mínimo em que as coisas não existiriam mais. Dessa forma, aquilo que não produz ou não suporta nenhum efeito não existe. No entanto, aquilo que é capaz de se juntar a alguma coisa ou abandoná-la é alguma coisa que existe totalmente. O fundamento dessas causas e desses efeitos é a potência de agir e de sofrer.

² Cidade grega em que foi criada a escola eleática, escola filosófica fundada por Parmênides e Xilófano, seguido por Zenon de Eleia e Melissa. (Cordero, 1987:260)

Cabe à *epokhé* também tratar das condições do par ação-passividade em que a participação e a presença geram uma potência de comunicação. Com esse raciocínio, Platão (*apud* Cordero 1993) se contrapõe aos filósofos da época que afirmam que o *ser* é definido a partir da quantidade ou da qualidade. Para ele, o *ser* é uma potência, uma espécie de tensão de energia que coloca em relação seres que, sem esse elo, não existiriam. Assim, ao definir cada ser como um encontro de participações, ou seja, ao definir o *ser* a partir do encontro dos cinco gêneros (*Ser, Repouso, Movimento, Mesmo e Outro*) e a participação ativa de cada um deles para a sua constituição, Platão evidencia a importância de se estabelecer o discurso entre o *ser* e o *não-ser* a fim de mostrar o poder de comunicação recíproca.

Notamos, então, que a existência do *ser* está intimamente ligada à comunidade de gêneros³, especificamente com a relação movimento-repouso estabelecida pelo *ser*. Conforme Cordero (1993), é dever do discurso filosófico mostrar as relações entre os gêneros, e a comunidade de “relação” deve permitir nomear uma coisa em função de outra. Esses efeitos múltiplos estão na origem das nomeações múltiplas (ou seja, nomeações dadas aos diferentes gêneros) que Platão irá contemplar: o *não-ser*. Assim, para o filósofo grego, o *métier* do filósofo é detectar o poder de comunicação recíproca das Formas, que são divididas de duas maneiras: 1) formas solitárias: não se adaptam à comunicação; 2) formas comunicativas: comunicam sua realidade a tudo que existe. Existir é, portanto, comunicar-se com o outro através da forma. As formas solitárias são aquelas formas que não se adaptam à comunidade, e por isso não se comunicam, uma vez que não se relacionam com as outras. As formas comunicativas estabelecem relação com outras formas, existem e se relacionam com o outro. Uma forma só existe quando faz a comunicação com outra. O mesmo procedimento acontece com os gêneros: eles se constituem porque estão relacionados uns com os outros. Então, podemos afirmar que um *ser* (ou *não-ser*) só existe quando aceita sair do isolamento e vive em comunidade, submetido aos mais diversos julgamentos e percepções.

De acordo com Cordero (*apud* Platon, 1993:53), toda teoria sobre a realidade deve dar espaço ao conhecimento, ao *repouso* e ao *movimento*. A novidade de Platão é que ele estabelece a noção de diferença entre essas duas entidades. Se *repouso* e *movimento*

³ Para Platão, a comunidade de gêneros pode ser definida como a conjunção de cinco elementos que se constituem a partir da relação estabelecida entre eles: *ser, repouso, movimento, mesmo e outro*. (Platon *apud* Cordero, 1993:50-53)

não fossem diferentes, eles seriam um único gênero, portanto não seriam *repouso* nem *movimento*. Ambos devem ser idênticos a si próprios e diferentes um do outro. Os cinco gêneros – *ser*, *repouso*, *movimento*, *mesmo* e *outro* – foram pensados a partir da amostra representativa da relação entre as Formas e a existência do *não-ser*. Sabemos que o *ser* se define pelas relações com os outros quatro gêneros existentes.

Mas o que é o *não-ser*, de acordo com Platão? Para explicar seu raciocínio, Platão parte da noção do *ser*. A relação recíproca entre as Formas deve se efetivar entre as entidades, tendo cada uma dessas entidades um perfil. Esse perfil é definido a partir da participação de cada coisa nos gêneros do *mesmo* e do *outro*. De acordo com Cordero (*apud* Platon, 1993:53-54), cada coisa é idêntica a ela própria, mas também é diferente em relação às outras. Assim, cada coisa apresenta dois lados: 1) o lado através da coisa é seu horizonte; 2) o lado que olha além da coisa é seu exterior. Platão chama esse lado exterior de a região do *outro* em relação a qualquer coisa. Assim, cada coisa não é somente o que ela é, mas também diferente daquilo que ela não é. A região “exterior”, outra, diferente, é constituída em relação a alguma coisa, por tudo que ela não é. Assim, o *não-ser* pode ser definido como tudo aquilo que ele é, mas também como não ser todos os outros.

Para exemplificar o que é esse *não-ser* encontrado por Platão, Cordero (1993) utiliza imagens retiradas do próprio *Sofista*. Duas imagens do *não-ser* são mostradas, a fim de conceituá-lo: a imagem do parricida e a imagem da negação. A imagem do parricida afirma que o *não-ser* de alguma coisa é uma oposição de ser a ser, porque o *não-ser* se revela como participante do *ser*. Considerando a segunda imagem, a negação não se refere à contradição (ou oposição), ela significa diferença. Uma coisa negada é diferente daquela que se negou. No entanto, ela é tão real como a sua face positiva. Por exemplo, temos uma bebida com açúcar e uma bebida sem açúcar. Ambas existem e elas só existem porque elas se equivalem na relação *ser* e *não-ser*. Assim, Cordero (1993) lança a pergunta: “Pode-se dizer que a parte da natureza do *outro* que é oposta ao *ser* de cada coisa é realmente o *não-ser*?” O estudioso de Platão afirma que nem sempre isso ocorre, pois temos a relação entre as Formas e o *não-ser*. Exemplificando, temos a relação grande-não grande; belo e não-belo. Aqui, o *não-ser* é definido em relação a alguma coisa; mas temos também um *não-ser* relativo, em que *não-ser* é não-ser X: não-ser é não-ser belo; não-ser é não ser grande. Portanto, não há um *ser* em si, mas um *não-ser* em relação a alguma coisa.

Ao analisar *O Sofista*, de Platão, Cordero (1993) diz que o *mesmo* e o *outro* são noções relativas. Conforme o pesquisador, o filósofo grego esqueceu que o *mesmo* é tão relativo como o *outro*. Platão (1993:58), ao afirmar que “o outro se enuncia sempre relativamente a um outro: tudo que é simplesmente o outro é necessariamente em relação a alguma coisa”⁴, esquece que tudo que compõe o *outro* faz parte do *mesmo*. Assim, para Platão, o *mesmo* é um aspecto relativo ao movimento e à negação. No entanto, há mudança de perspectiva quando Platão se ocupa do gênero e da forma do *ser*. Ele detecta relações reais entre os gêneros, tornando-se criador de noções novas, especialmente aquela do *não-ser*. Como o próprio sofista, Platão é um criador de imagens. Para que se possa compreender o que é esse *não-ser*, Platão estabelece relações entre o *movimento* e o *repouso* para explicar seu pensamento. No enunciado “O movimento é completamente diferente do repouso”, Platão deduz que o movimento não é o repouso. Já no enunciado “O movimento é diferente do mesmo”, Platão conclui que o movimento não é o mesmo, mas tem uma relação estreita com ele. Cordero (*apud* Platon 1993:59) reforça que essas conclusões são incompletas e que, de acordo com as definições de *mesmo* e de *outro*, somente as definições a seguir seriam possíveis: “O movimento é completamente diferente do repouso, portanto ele não é o mesmo que o repouso” e “O movimento é diferente do mesmo, portanto ele não é o mesmo que o mesmo”. Vemos que aqui não há simplesmente uma mudança lexical, trata-se de relacionar os gêneros apresentados pelo próprio filósofo grego. Ao estabelecer elos entre *ser*, *movimento*, *repouso*, *mesmo* e *outro*, Platão reafirma que uma coisa só existe porque está submetida ao olhar do outro.

A teoria platônica se tornou revolucionária e inovadora quando o filósofo grego estabeleceu a ligação entre o *não-ser* e a negação, brevemente exposta acima e explicada por Cordero. Assim, em cada realidade há uma combinação de *ser* e *não-ser*:

O ser é ele próprio, mas ao mesmo tempo ele não é os outros... O ser, como participa do outro, é diferente dos outros gêneros, e como é diferente de todos, não é cada um deles nem a totalidade dos outros.⁵
(Platon, 1993:61)

⁴ “L’autre s’énonce toujours relativement à un autre: tout ce qui est simplement l’autre, l’est nécessairement par rapport à autre chose.”

⁵ “L’être est lui-même mais, en même temps, il n’est pas les autres... L’être, comme il participe de l’autre, est différent des autres genres, et, comme il est différent de tous, il n’est pas chacun d’eux ni la totalité des autres.”

Assim, o *ser* não é os outros, só adquire esse estatuto quando relacionado ao *não-ser*. Esse jogo de negação elaborado por Platão evidencia que a concepção do *não-ser* opõe um gênero a outro, um *ser* a um *ser*.

Considerando as concepções propostas por Platão, percebemos que elas têm uma relação estreita com a enunciação. Cordero (*apud* Platon 1993: 61,62) denomina a teoria platônica da enunciação (ou do discurso) como uma aplicação na área da linguagem de sua nova concepção de ser como potência de comunicação ou de ligação, da relação entre as Formas e do *não-ser* como *alteridade*. Para esclarecer como compreende o discurso, Platão mostra três formas de sua aplicação.

A primeira diz respeito ao *logos*, ou seja, justifica a existência do discurso por meio da combinação recíproca entre gêneros. O discurso faz parte dos seres e, por isso, pertence ao conjunto real, constituído pelo “tudo que é”. A segunda aplicação também se refere ao *logos*, mas aplica às partes do discurso (as palavras) o mesmo procedimento utilizado pelas Formas e pelos gêneros, ou seja, ao produzir um discurso, deve haver uma ligação entre os elementos, capaz de colocar em relação um fato, ações e agentes. Por sua vez, a terceira aplicação se refere ao *não-ser* em que ele é assimilado àquilo que é diferente em relação a qualquer realidade. Cordero (*apud* Platon 1993) propõe aqui a versão lógico-predicativa do *não-ser*, em que temos a oposição de um ser em relação a outro. Assim, se estabelece um elo predicativo entre um ser e um outro, capaz de atribuir a um enunciado sua veracidade ou sua falsidade. Dessa forma, Cordero ainda explica que o discurso falso diz coisas diferentes daquilo que elas são, pois a afirmação de que uma coisa é falsa torna possível relacioná-la não só com a verdade, mas também com a necessidade de fazer outras relações. Portanto, cada coisa é constituída pelo que ela é, e por sua diferença, em relação a tudo que ela não é. Dessa maneira, a falsidade consiste em passar do outro ao mesmo, em relação a alguma coisa. Conclui-se, assim, que o *não-ser* (como diferente) da realidade, assim como o discurso e os pensamentos falsos, encontra uma explicação: a falsidade no discurso e na opinião não supõe a existência do falso; é suficiente admitir que o *não-ser* é somente o outro do *ser*. Ser falso e ser verdadeiro é, assim, uma relação estabelecida entre o *não-ser* e o outro do *ser*, ou seja, o discurso se estabelece a partir da relação entre os seres ou não-seres. Forma-se a alteridade platoniana, em que o sentido do discurso sempre se submete ao olhar e ao julgamento do outro. Podemos afirmar que a *alteridade* platoniana é uma das bases filosóficas presentes na Teoria da Argumentação na Língua, uma vez que

quaisquer palavras, enunciados, discursos estão ligadas à noção de semelhança ou de diferença. A alteridade é a relação que dá sentido não só à realidade, como propunha Platão, mas também ao uso da língua, como propõe Ducrot.

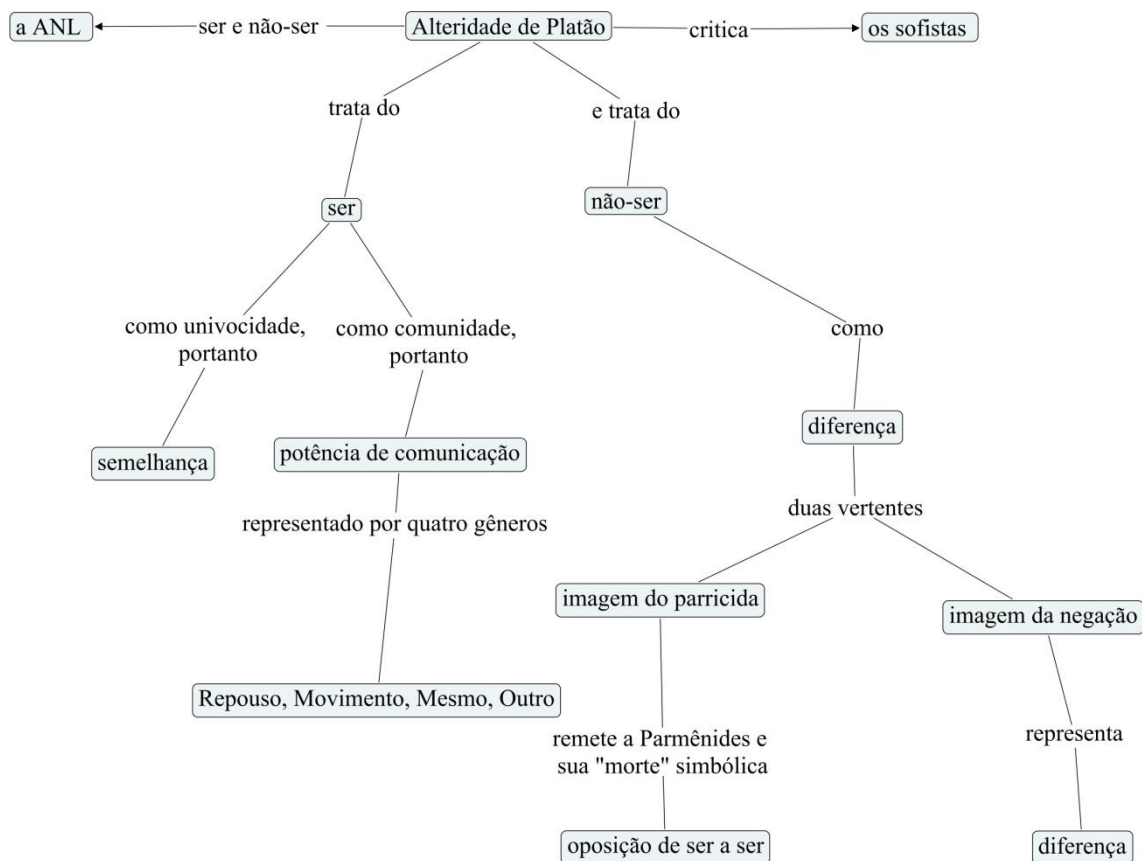
Perguntamo-nos, então, qual é a relação entre o ser e o não-ser e a Teoria Argumentação na Língua. A resposta é a seguinte: Platão, ao mostrar a relação de semelhança e diferença entre o *ser* e o *não-ser* torna claro que o isolamento pouco se sustenta, pois sempre estamos sendo submetidos ao outro. O ser é uma potência de comunicação porque contempla a comunidade de gêneros, mas só adquire sentido quando é exposto ao *não-ser*, à sua outra face, repleta de imagens, de falsidades, claramente exposto nos diálogos do *Sofista* (1993). A alteridade, então, é a complementaridade e a diferença, é a relação. Relação que só é possível a partir da existência do *ser* e do *não-ser*.

Considerando a ANL, podemos afirmar que o próprio objeto de estudo de Oswald Ducrot e colaboradores é um exemplo de *alteridade*: a argumentação na língua pode ser estabelecida porque se tem a língua e o seu uso. Ao utilizar a língua, tem-se um locutor e um interlocutor que estão em um jogo intenso de troca de papéis, relacionando vários discursos. Verificamos, dessa forma, que o sentido descontextualizado não pode ser encontrado em uma teoria que trata do sentido enraizado no linguístico, em que tudo está entrelaçado, relacionado. Servindo-nos de Cordero, é na comunhão, na *alteridade* que temos a fusão da obscuridade dos labirintos do *não-ser* e a luminosidade do *ser*.

Percebemos, então, que o *não-ser*, a diferença, e o *ser*, a semelhança, constituem a *alteridade*. Essa característica composta pela diferença e pela relação também pode ser vista no *Curso de Linguística Geral* (2005), de Saussure, em que cada signo linguístico adquire sentido a partir da relação e do valor estabelecidos. No isolamento, tem-se possibilidade de sentido, na conjunção, tem-se concretização de sentido. Remetendo-nos à noção saussuriana de signo linguístico, tomaremos como exemplo o signo *jardim*. Sozinho, ele não significa nada, como o *ser* de Platão. No entanto, o enunciado *O jardim está florido* concretiza o sentido ao relacionar as palavras. O mesmo fenômeno acontece com o *ser* de Platão, que só se constitui a partir da relação com o *não-ser*. Percebemos, então, que a conjunção entre diferença e semelhança é o que revitaliza o mundo dos seres de fala, das palavras, do discurso; sua disjunção enfraquece esses elos.

É dessa noção saussuriana de *relação* e *valor*, da vida que a linguagem proporciona, que trataremos na seção a seguir.

Figura 2: O conceito de *alteridade* de Platão



Fonte: Figura elaborada pela autora

Com essa figura, podemos compreender que o conceito de *alteridade* em Platão é constituído pela semelhança, representado pelo *ser*, e pela diferença, representado pelo *não-ser*. O *ser*, que é uma potência de comunicação e contempla os quatro gêneros, somente existe quando relacionado ao *não-ser*, que contém a imagem do parricida e da negação. Na seção a seguir, vamos mostrar a segunda base filosófica da ANL: as noções de *língua*, *fala*, *valor* e *relação* que também estão intrinsecamente ligadas ao conceito de *alteridade* em Platão.

1.2 AS NOÇÕES DE *LÍNGUA*, *FALA*, *VALOR* E *RELAÇÃO* DE FERDINAND DE SAUSSURE

“A língua só é criada em vista do discurso, mas o que separa o discurso da língua, ou o que, a certo momento, permite dizer que a língua *entra em ação como discurso*?” A partir dessa pergunta feita por Saussure nos *Escritos de Linguística Geral* (2002:275) na *Nota sobre o discurso*, conduziremos esta seção. Propomo-nos, dessa forma, mostrar o quanto o linguista genebrino considera as noções de *língua* e *fala* importantes para a construção do discurso. De forma alguma temos a fragmentação entre *língua* e *fala*, a separação dos dois componentes da linguagem. Temos a complementaridade, a conjunção, a dependência entre ambas.

Para teorizarmos sobre a obra de Saussure, vamos apresentá-la a partir de dois pontos de vista: Ferdinand de Saussure a partir do *Curso* (2005) e dos *Escritos* (2002). Após, mostraremos o linguista genebrino através de seus estudiosos: o linguista francês, Émile Benveniste, criador da enunciação, que expandiu a noção de língua e fala saussurianos, o linguista japonês Akatane Suenaga, que estudou os paradoxos nos trabalhos saussurianos e, finalmente, o linguista francês Oswald Ducrot, fundador da Teoria da Argumentação na Língua, que aponta os conceitos-base de Saussure como uma de suas hipóteses externas⁶.

1.2.1 O olhar de Ferdinand de Saussure sobre *língua*, *fala*, *valor* e *relação* a partir do *Curso de Linguística Geral* e dos *Escritos de Linguística Geral*

Antes de abordarmos os estudos de Ferdinand de Saussure, torna-se necessário compreendermos o que o linguista genebrino estava rejeitando. Na introdução do *CLG* (2005), Saussure apresenta as três fases sucessivas da história da Linguística, antes de mostrar sua própria teoria. Primeiramente, apresenta a gramática, advinda da lógica, desprovida de ponto de vista científico e desvinculada da própria língua. Para Saussure (2005:13), “... ela visa unicamente a fornecer regras para distinguir as formas corretas das formas incorretas; é uma disciplina normativa, muito distanciada da observação pura, cujo ponto de vista é evidentemente limitado”⁷. Corroborando com a perspectiva

⁶ Estudaremos, detalhadamente, as hipóteses externas na seção 1.3, dedicada à ANL e seus desdobramentos.

⁷ « ...elle vise uniquement à donner des règles pour distinguer les formes correctes des formes incorrectes; c'est une discipline normative, fort éloignée de la pure observation et dont le point de vue est forcément étroit ».

do linguista genebrino, verificamos que a gramática trata das regras da *língua*, desconsiderando como essa *língua* pode ser analisada a partir do sentido intralinguístico. Percebemos, então, que, já no começo do século XX, a gramática era respeitada por fornecer regras à *língua*, não contemplando seu uso.

A segunda fase da Linguística diz respeito à filologia, criada por Friedrich August Wolf em 1777. A *língua* não era o único objeto de estudo da filologia; apesar de fixar, comentar, estudar textos, direcionava-se principalmente à crítica sobre história literária, sobre costumes, sobre instituições. Saussure (2005) ressalta que a crítica filológica está fortemente ligada à língua escrita, ao comparar textos de diferentes épocas, determinar a língua particular de cada autor, decifrar e explicar inscrições redigidas em línguas arcaicas ou obscuras, esquecendo a língua viva, capaz de significar o mundo. Notamos, a partir do capítulo de introdução do *CLG*, que Saussure tratava a fala como parte da língua, não as tornou opostas, apenas as separou por questões metodológicas. Apesar de saber da importância da diacronia nos estudos linguísticos, Saussure notava suas limitações, ao desconsiderar a interdependência entre língua e fala.

A terceira fase da Linguística é inovadora, pois estuda a língua a partir da comparação: eis a filologia comparativa ou a “gramática comparada”. *Sistema da conjugação do sânscrito*⁸, de Franz Bopp, em 1816, foi um estudo expressivo dessa época, pois estudava as relações que uniam o sânscrito com o alemão, o grego e o latim. No século XIX, esse estudo foi de grande valia, uma vez que esclarecia uma língua através de outra, explicava as formas de uma pelas formas da outra. Saussure reconhece sua relevância, mas faz uma crítica: esse método comparativo criado pelo linguista alemão apresenta um conjunto de concepções que não correspondem ao uso da língua, uma situação real de fala, são descontextualizadas se consideradas as verdadeiras condições de toda linguagem. Para desenvolver o verdadeiro objeto da Linguística, a língua, Saussure se baseou nas línguas romanas e nas línguas germânicas. Foi graças à obra *Grammaire des langues romanes* que o linguista genebrino conseguiu expor no *CLG* (2005) e no *ELG* (2002) a língua como estatuto de objeto, a partir das noções de relação, valor e da fala, sua outra face.

⁸ *Système de la conjugaison du sanskrit.*

Para chegar aos conceitos-base *língua, fala, valor e relação*, no capítulo 2 da *Introdução*, Saussure (2005:20) estabelece que cabe à Linguística o papel de mostrar todas as manifestações da linguagem humana. Para que isso seja viável, a ciência Linguística precisa cumprir três funções:

- 1ª) estabelecer a diacronia das línguas, ou seja, descrever a evolução das línguas desde o seu surgimento até o momento atual;
- 2ª) buscar a permanência e a universalidade de todas as línguas, obtendo fatos relacionados aos fenômenos particulares da história e
- 3ª) delimitar-se e definir-se por si mesma.

A partir dessas tarefas, podemos fazer três constatações: 1) Saussure demonstra o quanto a diacronia é relevante para constituir a língua; 2) Saussure define a língua como regularidade, como regra, tendo como base especificidades da história da língua e 3) Saussure evidencia que é a partir da língua que a Linguística vai firmar seu estatuto como ciência.

Para confirmar essa evidência, Saussure afirma que a *língua* é o objeto da Linguística e explica quais características são capazes de qualificá-la como tal. Primeiramente, o linguista genebrino sustenta que a língua é um objeto bem definido, constituída por uma imagem auditiva e por um conceito, ou seja, por um sistema de signos linguísticos. Ela é a parte social da linguagem, enquanto a fala é sua parte individual.

A segunda característica da língua é que ela apresenta regularidades, tem a propriedade de ser estudada de forma isolada, a fala, por sua vez, tem caráter individual. Como já havíamos exposto anteriormente, Saussure afirma como a relação de complementaridade entre *língua* e *fala* é essencial. A separação entre ambas é meramente metodológica. Para reiterarmos essa complementaridade, utilizaremos o capítulo 4 referente à introdução do *CLG*, que trata da linguística da língua e da linguística da fala. Saussure diz que o estudo da linguagem tem duas partes bem definidas: uma é a língua, social e independente do indivíduo, tendo um caráter psíquico; a outra é a fala, individual e intrínseca ao indivíduo, tendo um caráter psicofísico. Acreditamos que dois trechos desse capítulo explicam claramente qual é a relação entre a língua e a fala saussurianas:

Sem dúvida, esses dois objetos estão estreitamente ligados e supõem um ao outro: a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos seus efeitos; mas aquela é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente, o fato de fala precede sempre⁹. (Saussure, 2005: 37)

Vemos, com esse excerto, que Saussure percebe que a fala é anterior à língua e que tanto uma quanto a outra necessitam que suas funcionalidades sejam interdependentes para existir. Fazendo um paralelo com Platão, podemos afirmar que se encontra aqui a alteridade, uma vez que a língua, plena de regularidades, portanto, de semelhanças, e a fala, plena de individualidades, portanto, de diferenças, têm esse mesmo elo de dependência e reversibilidade: uma precisa da outra para se correlacionar.

No excerto a seguir, Saussure deixa claro essa noção de interdependência, reforçando a concepção de que a fala é anterior à língua:

Enfim, é a fala que faz evoluir a língua: são as impressões recebidas, ouvindo os outros que modificam nossos hábitos linguísticos. Há, portanto, interdependência da língua e da fala; aquela é, ao mesmo tempo, o instrumento e o produto desta¹⁰. (Saussure, 2005: 37)

Uma vez que se estabeleceu a interdependência entre língua e fala, continuamos elencando ainda as características da língua. A terceira característica da língua contempla sua homogeneidade (e, portanto, subentende a heterogeneidade da fala), sendo ela um sistema em que se tem a união do conceito e da imagem acústica. A quarta característica reforça a ideia de que o signo linguístico tem caráter psíquico, sendo a língua o depósito das imagens acústicas e a escrita, a forma tangível dessas imagens. Tratando especificamente da natureza do signo linguístico, Saussure (2005) o define como a combinação do conceito e da imagem acústica. Ao compreender o signo dessa forma, remete, geralmente, à imagem acústica da palavra *arbor*, por exemplo, retirando a ideia de que *arbor* é signo ao conter o conceito de *árvore*, uma vez que a parte sensorial pressupõe a totalidade. Para desfazer essa ambiguidade e conceber o signo a partir de sua integralidade, Saussure substitui *conceito* por *significado* e *imagem*

⁹ “Sans doute, ces deux objets sont étroitement liés et se supposent l’un et l’autre: la langue est nécessaire pour que la parole soit intelligible et produise tous ses effets; mais celle-ci est nécessaire pour que la langue s’établisse; historiquement, le fait de parole précède toujours.”

¹⁰ “Enfin, c’est la parole qui fait évoluer la langue: ce sont les impressions reçues en entendant les autres qui modifient nos habitudes linguistiques. Il y a donc interdépendance de la langue et de la parole; celle-là est à la fois l’instrument et le produit de celle-ci.”

acústica por *significante*. Assim, o signo linguístico é a conjunção do significado e do significante.

Para que o signo linguístico possa funcionar enquanto tal, dois princípios lhe são atribuídos: a arbitrariedade e o caráter linear do significante. Vamos abordar, então, o primeiro princípio. De acordo com Saussure (2005:101), os signos inteiramente arbitrários realizam melhor que os outros o ideal do procedimento semiológico¹¹, uma vez que a língua, além de ser o sistema mais complexo, tem também o maior número de características. O signo adquire essa noção de arbitrariedade em relação ao significante, sendo imotivado, já que não há nenhum elo natural com a realidade. O segundo princípio também diz respeito ao significante, pois representa uma extensão medida em uma dimensão, ou seja, em uma linearidade. Explicando melhor, a sucessão de signos linguísticos apresenta linearidade, fazendo uma cadeia. Não há superposição de significantes e significados, cada um ocupa um lugar no espaço.

Considerando ainda as características do signo, duas funções precisam ser mencionadas: a mutabilidade e a imutabilidade do signo. Mas o que elas significam? A imutabilidade faz referência à língua, que sempre é o produto de fatores históricos, e cabe a esses fatores explicar por que o signo é imutável, isto é, resiste a toda e qualquer substituição. Podemos afirmar que essa imutabilidade se deve à inércia coletiva em relação à inovação linguística. A língua advém do social, da coletividade e somente essa coletividade é capaz de realizar mudanças. Além dessa imutabilidade do signo linguístico, temos a sua face oposta e complementar: a mutabilidade. Essa noção se caracteriza pela capacidade que o tempo tem de alterar os signos linguísticos. Essa alternância se fundamenta no princípio de continuidade, ou seja, todas as coisas são passíveis de mudança, de transformação, carregando matérias anteriores e trazendo novas características. A mutabilidade reflete não somente a ação do tempo, mas também a vontade da coletividade de incorporar esse novo status.

Saussure aplica a constituição do signo linguístico, suas características, suas relações para compreender o funcionamento da língua e como ela se estabelece entre a coletividade e a individualidade. Somente na segunda parte do *CLG* (2005), dedicada à Linguística Sincrônica, o linguista genebrino explica que esses elos só são possíveis

¹¹ Segundo Saussure (2005:33), a semiologia é a ciência que estuda a vida dos signos no centro da vida social, formando uma parte da psicologia social e, conseqüentemente, a psicologia geral.

devido ao valor linguístico. Esse valor se estabelece no sistema de valores puros, ou seja, na união do significante e do significado e nas relações estabelecidas por eles. Para que o valor linguístico seja eficaz, duas funções lhe são fundamentais, considerando seu aspecto conceitual: 1) o valor faz parte de uma coisa diferente suscetível de ser mudada em relação ao valor a ser determinado e 2) o valor faz parte de uma coisa similar que pode ser comparada em relação ao valor a ser modificado. Eis um exemplo dessa relação de semelhança e de diferença: uma moeda francesa tem duas funções: 1) ela pode ser trocada por uma coisa diferente, ou seja, ela pode ser trocada por um pão, ou 2) ela pode ser trocada por uma coisa semelhante, ou seja, ela pode ser trocada por uma moeda de outro sistema (dólar, libra...). Confirma-se, portanto, a noção de valor estabelecida por Saussure: o valor depende daquilo que está fora e em torno dele e emana do sistema linguístico. Considerando o valor linguístico a partir de sua característica material, podemos dizer que são as relações e as diferenças com os outros termos da língua que fazem sua parte material, sendo o arbitrário e o diferencial duas qualidades correlativas.

Na fusão do aspecto conceitual e do aspecto material, temos o signo como totalidade, apresentando caráter positivo. O caráter negativo da língua, formado somente por diferenças, está representado no signo linguístico que comporta diferenças conceituais e diferenças fônicas. É a partir dessa negatividade que a relação e o valor são estabelecidos. Saussure reforça a dupla face da língua através do signo linguístico no excerto a seguir:

Mas dizer que tudo é negativo na língua, isso só é verdadeiro quando o significado e o significante são tomados separadamente: ao considerarmos o signo em sua totalidade encontramos a presença de algo positivo em sua ordem. Um sistema linguístico é uma série de diferenças de sons combinados com uma série de diferenças de ideias; mas esse olhar de certo número de signos acústicos com os recortes feitos na massa do pensamento constitui um sistema de valores; e é esse sistema que constitui o elo efetivo entre os elementos fônicos e psíquicos no interior de cada signo. Embora o significado e o significante sejam, tomados à parte, puramente diferenciais e negativos, sua combinação é um fato positivo; é, até mesmo, o único tipo de fatos que a língua comporta, visto que a peculiaridade da instituição linguística é justamente manter o paralelismo entre essas duas ordens de diferenças¹². (Saussure, 2005: 166-167)

¹² “Mais dire que tout est négatif dans la langue, cela n’est vrai que du signifié et du signifiant pris séparément: dès que l’on considère le signe dans sa totalité, on se trouve en présence d’une chose positive dans son ordre. Un système linguistique est une série de différences de sons combinées avec une série de

A partir desse excerto, evidenciamos a importância do signo linguístico enquanto valor. Valor que se estabelece por meio da diferença, da negatividade e da relação. Ao compararmos a *alteridade* de Platão¹³ com a noção de valor linguístico de Saussure, podemos observar algumas semelhanças relevantes: o *ser* do filósofo grego representava a unicidade, o isolamento, a positividade, a supremacia de um gênero em relação aos outros. Em relação ao valor e ao signo linguístico, podemos apreender que a positividade está na combinação do significante e do significado, formando, assim, o signo linguístico. O *não-ser* apenas se constitui quando relacionado ao ser e designa a negatividade, a relação, o olhar do outro em relação ao um. No signo linguístico, temos também essa relação negativa e diferencial, constitutiva do sentido. Podemos constatar, assim, o elo entre Saussure (2005) e Platão (1993): ambos concebem suas teorias a partir da relação, da negatividade, da diferença, concretizando sentidos. Explicando melhor, Saussure concebe a língua como noção de valor quando ela é capaz de estabelecer relações, criar vínculos linguísticos a partir das relações associativas e sintagmáticas; no isolamento, na positividade, na igualdade, temos somente possibilidades de sentidos, ou seja, ao considerarmos a palavra sozinha percebe-se nela a incapacidade de semantizar, pois ela está isolada, esperando ser contextualizada linguisticamente para ser realização de língua, não apenas potencialidade. Já Platão, apreciado na seção 1.1, apresenta o ser como uma potência na comunidade de gêneros, devido à sua semelhança. No entanto, ao compor-se com o não-ser, o ser se modifica e é constituído a partir da diferença, evidenciando que a supremacia está nesse elo e não em sua hierarquização. Ser e não-ser, possibilidade e realização... Relação entre o semelhante e o diferente... É essa conjunção que permeia os estudos filosóficos e os estudos linguísticos, possibilitando a reflexão, o conhecimento, o sentido intrínseco.

Com essa breve reflexão sobre as contribuições dos trabalhos de Platão e de Saussure, podemos dar continuidade às ideias que “alimentam” o *CLG* (2005), como a

différences d'idées; mais cette mise en regard d'un certain nombre de signes acoustiques avec autant de découpures faites dans la masse de la pensée engendre un système de valeurs; et c'est ce système qui constitue le lien effectif entre les éléments phoniques et psychiques à l'intérieur de chaque signe. Bien que le signifié et le signifiant soient, chacun pris à part, purement différentiels et négatifs, leur combinaison est un fait positif; c'est même la seule espèce de faits que comporte la langue, puisque le propre de l'institution linguistique est justement de maintenir le parallélisme entre ces deux ordres de différences”.

¹³ Compreendemos como alteridade a relação de semelhança e de diferença estabelecida na obra *O Sofista* (1993) de Platão. O filósofo grego acabou chegando a essa definição ao conceber o ser em relação ao não-ser, deixando claro que algo adquire sentido no momento em que é semelhante e concomitantemente diferente a sua outra face.

noção de relação brevemente mencionada no parágrafo anterior, e que serão de grande utilidade para Ducrot (2006): as relações sintagmáticas e as relações associativas. As relações sintagmáticas dizem respeito ao caráter linear da língua, apresentando formas regulares e podendo ser aplicadas em palavras, em grupos de palavras e em unidades complexas, excluindo a possibilidade de dois elementos serem pronunciados ao mesmo tempo. O sintagma compõe sempre duas ou várias unidades consecutivas, estabelecendo relação *in praesentia*: A+menina+é+bonita. Por sua vez, as relações associativas fazem parte, segundo Saussure, do tesouro interior que constitui a língua e está no cérebro de cada indivíduo, apresentando termos *in absentia* em um caráter virtual. Considerando o exemplo dado anteriormente, podemos afirmar que as relações associativas apresentam as possibilidades de escolha pelo locutor em um eixo vertical. Dessa forma, dentre inúmeras possibilidades de enunciado, o locutor pode construir *A menina é bonita* ou *O menino é travesso* ou *A jovem está triste*¹⁴, entre tantos outros. No *CLG*, Saussure afirma que as relações associativas podem ser compreendidas de duas formas: a associação pode ser feita por analogia dos significados (*ensino, instrução, aprendizagem, educação, etc.*) ou pela comunidade das imagens acústicas (*enseignement e justement*¹⁵). Tem-se, então, uma comunidade dupla de sentido e de forma ou somente uma comunidade: a de sentido ou a de forma. Saussure argumenta ainda que, enquanto o sintagma apresenta uma ordem sucessiva com determinado número de elementos, os termos de uma relação associativa não apresentam número definido nem ordem determinada, cada um atua em um campo distinto, mas ambos são estabelecidos pela língua.

Vemos, portanto, que o *CLG* estuda a língua e o que ela proporciona à ciência Linguística. As noções de *língua, fala, relação, signo linguístico*, relações sintagmáticas e relações associativas permeiam a teoria de Saussure, o que pode ser considerado um avanço para a pesquisa: não é mais a gramática, a filologia e a gramática comparada que estabelecem a maneira pela qual a língua deve ser estudada. A língua, por ela própria, consegue estabelecer elos e sentidos. Percebemos que Saussure, ao estudar a língua e o seu estatuto de discurso, evidenciava mais ainda a necessidade da língua e seu uso serem um o complemento do outro. Retomando a pergunta feita por Saussure “A língua

¹⁴ Os exemplos citados foram criados pela autora deste estudo, a fim de facilitar a compreensão das relações sintagmáticas e das relações associativas pelo leitor.

¹⁵ Utilizamos os exemplos em francês apresentados no *CLG* para que a imagem acústica (mesmo som) produzida pelo autor seja compreendida da forma adequada. Além disso, na analogia dos significados também usamos essa referência e a tradução feita não acarretou nenhuma mudança semântica.

só é criada em vista do discurso, mas o que separa o discurso da língua, ou o que, em dado momento, permite dizer que a língua *entra em ação como discurso?*”, deixemos que o próprio mestre a responda:

Conceitos variados estão ali, prontos na língua, (ou seja, revestidos de uma forma linguística), tais como *boi, lago, céu, forte, vermelho, triste, cinco, fender, ver*. Em que momento ou em virtude de que operação, de que *jogo* que se estabelece entre eles, de que condições, esses conceitos formarão o DISCURSO?

A sequência dessas palavras, por rica que seja, pelas ideias que evoca, não indicará nunca a um indivíduo humano que outro indivíduo, ao pronunciá-las, quer lhe significar alguma coisa. O que é preciso para que tenhamos a ideia de que se quer significar alguma coisa, usando termos que estão à disposição na língua? É a questão igual de saber o que é o *discurso*, e, à primeira vista, a resposta é simples: o discurso consiste, mesmo que seja de modo rudimentar, e por vias que ignoramos, em afirmar um elo entre dois dos conceitos que se apresentam revestidos pela forma linguística, enquanto a língua realiza, anteriormente, apenas conceitos isolados, que esperam ser postos em relação entre si, para que haja significação de pensamento¹⁶. (Saussure: 2002, 277 Tradução de Barbisan, 2010)

Podemos perceber nesse excerto que Saussure, mesmo utilizando a língua como seu objeto de estudo, já previa o discurso: enquanto a língua trabalha com conceitos isolados, o discurso os relaciona, dando concretude de sentido ao que antes era apenas uma possibilidade. Podemos reiterar, com base nessa afirmação, que Saussure não só prevê a língua como fundamental para a criação das regularidades, mas também prevê o discurso, provedor do sentido através da relação entre os conceitos. Não cabe, então, separar a língua da fala, nem quebrar o elo entre a língua e o discurso; cabe relacioná-los.

Relação... Essa foi a grande ferramenta que o linguista genebrino propôs aos estudos linguísticos. Émile Benveniste (1974), linguista francês, resgatou estudos de

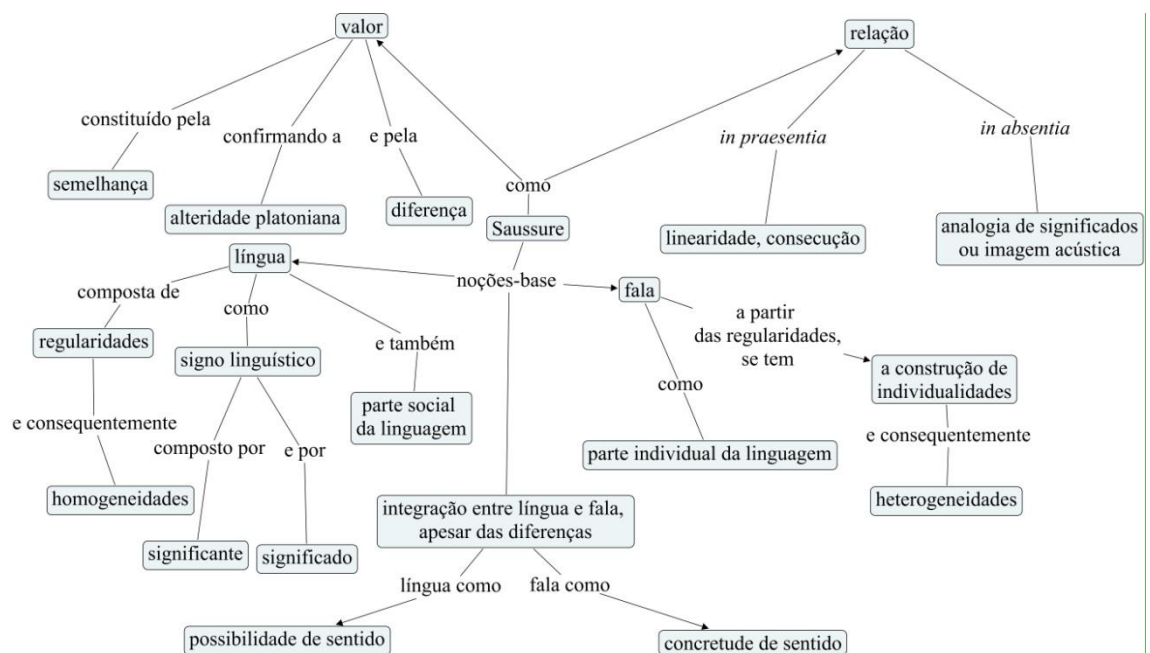
¹⁶ « Des concepts variés sont là, prêts dans la langue (c'est-à-dire revêtus d'une forme linguistique) tels que *boeuf, lac, ciel, fort, rouge, triste, cinq, fendre, voir*. À quel moment ou en vertu de quelle opération, de quel *jeu* qui s'établit entre eux, de quelles conditions, ces concepts formeront-ils le DISCOURS ? La suite de ces mots, si riche qu'elle soit, par les idées qu'elle évoque, n'indiquera jamais à un individu humain qu'un autre individu, en les prononçant, veuille lui signifier quelque chose. Que faut-il pour que nous ayons l'idée qu'on veut signifier quelque chose en usant des termes qui sont à disposition dans la langue? C'est la même question que de savoir ce qu'est le *discours*, et à la première vue, la réponse est simple : le discours consiste, fût-ce rudimentairement, et par des voies que nous ignorons, à affirmer un lien entre deux des concepts qui se présentent revêtus de la forme linguistique, pendant que la langue ne fait préalablement que réaliser des concepts isolés, qui attendent d'être mis en rapport entre eux pour qu'il y ait signification de pensée. »

Saussure para constituir o conceito de enunciação¹⁷, concebendo seu aparelho formal da língua, em que o locutor e o interlocutor interagem em um jogo de troca de papéis. Na seção 1.2.2, saberemos como Benveniste compreende as heranças linguísticas de Saussure para a construção de seu quadro enunciativo *eu-tu-aqui-agora*. Tratando-se de nosso estudo, podemos afirmar que a enunciação sempre esteve presente na ANL, tanto na Teoria dos Topoi quanto na Teoria dos Blocos Semânticos. Na medida em que o trabalho se desenvolve, veremos que a enunciação permanece em quaisquer fases da ANL, mostrando qual é o ponto de vista adotado pelo locutor. Dessa forma, acreditamos que seja importante abordarmos o estudo de Benveniste e suas contribuições para a semântica argumentativa.

Como podemos perceber, a noção de relação é umas das contribuições de Saussure para a Linguística. Ao conceber o signo linguístico a partir desse ponto de vista, o sentido se constitui por meio desses elos, dessas cadeias. Benveniste, Suenaga e Ducrot contemplam essa perspectiva saussuriana em suas teorias e procuram aprofundá-la, discuti-la, semantizá-la. Torna-se necessário resgatar esses três linguistas a fim de evidenciarmos a importância do estudo da língua para qualquer estudo que a envolva e esse será o percurso a ser seguido nas seções 1.2.2, 1.2.3, 1.2.4.

¹⁷ Sobre a enunciação de Émile Benveniste, ver seção 2.1.

Figura 3: Saussure



Fonte: Figura elaborada pela autora

Nesta figura, podemos notar que as noções de língua e fala estão estreitamente relacionadas: enquanto uma fornece as regularidades, a outra se serve desses mesmos recursos para construir as individualidades. Dessa forma, o sistema de signos linguísticos constitui-se a partir das relações sintagmáticas e associativas, atribuindo valor a essas relações. Na seção a seguir, veremos como essas noções saussurianas são contempladas nos estudos de Émile Benveniste.

1.2.2 A teoria saussuriana vista por Émile Benveniste

Como abordamos na seção anterior, Ferdinand de Saussure estabeleceu a língua, a fala, o valor e a relação como forma de coexistência, mostrando que a diferença e a semelhança entre ambas é fundamental para os estudos linguísticos. Na obra *Problemas de Linguística Geral, I*¹⁸ (2008), especificamente no artigo de 1954 denominado *Tendências recentes em linguística geral*, Émile Benveniste reforça a noção de relação saussuriana: as questões de método na linguística envolvem as ciências humanas e cabe aos linguistas buscar seu objeto e seu sentido.

¹⁸ Tanto o *PLG I* quanto o *PLG II* apresentam uma compilação de artigos escritos pelo linguista francês Émile Benveniste. Dessa forma, os textos não estão, necessariamente, em ordem cronológica.

No entanto, o linguista francês ressalta a novidade do ponto de vista saussuriano, contrapondo-se aos estudos anteriores: para o linguista genebrino, a linguagem não comporta nenhuma dimensão histórica, ela é sincronia e estrutura e só funciona em razão de sua natureza simbólica. Benveniste afirma ainda que, para Saussure, o tempo não configurava um fator de evolução, a língua muda porque ela faz parte da natureza de elementos que a compõem em determinado momento, das relações de estrutura entre esses elementos. Sendo assim, a contribuição de Saussure para a linguística está enraizada na noção de sistema e de solidariedade entre todos os elementos de uma língua. Para Benveniste (1966), a noção de sistema, formado por estruturas, pode ser compreendida como a organização de um todo em partes e essa solidariedade mostrada entre as partes do todo está condicionada mutuamente. Dessa forma, o linguista francês apresenta um ponto de vista oposto aos dos linguistas americanos, cuja divisão dos elementos está relacionada à capacidade de associação ou de substituição entre si.

No excerto a seguir, Émile Benveniste destaca por que Saussure escolheu a língua a partir do ponto de vista sincrônico, desconsiderando, assim, seu aspecto diacrônico:

Um estado de língua é, antes de tudo, o resultado de um certo equilíbrio entre as partes de uma estrutura, equilíbrio que nunca leva a uma simetria completa, provavelmente porque a dissimetria está inscrita no próprio princípio da língua a partir da assimetria dos órgãos fonatórios. A solidariedade de todos os elementos faz com que cada alteração trate de um ponto colocado em questão no que se refere ao conjunto das relações e produza, cedo ou tarde, uma nova organização. Enquanto isso, a análise diacrônica consiste em colocar duas estruturas sucessivas e desconsidera suas relações, mostrando quais partes do sistema anterior foram escolhidas ou ameaçadas e como se preparava a solução realizada no sistema posterior. (Benveniste, 1966:09)¹⁹

Podemos compreender, então, como se estabeleciam as noções sincronia e diacronia. Foi a partir dessa diferenciação que Saussure optou por escolher a língua em sincronia. Língua em sincronia significa solidariedade entre os elementos, estudo e descrição de uma realidade linguística, desconsiderando qualquer pressuposto teórico ou

¹⁹ « Un état de langue est avant tout le résultat d'un certain équilibre entre les parties d'une structure, équilibre qui n'aboutit cependant jamais à une symétrie complète, probablement parce que la dissymétrie est inscrite dans le principe même de la langue du fait de l'asymétrie des organes phonateurs. La solidarité de tous les éléments fait que chaque atteinte portée sur un point met en question l'ensemble des relations et produit tôt ou tard un nouvel arrangement. Dès lors, l'analyse diachronique consiste à poser deux structures successives et à dégager leurs relations, en montrant quelles parties du système antérieur étaient atteintes ou menacées et comment se préparait la solution réalisée dans le système ultérieur. »

histórico, próprio da diacronia. Considerando a Teoria da Argumentação na Língua, podemos afirmar que ela corrobora a noção de língua a partir da sincronia, revestindo de solidariedade seus enunciados, descartando sentidos previamente estabelecidos e reformulados diacronicamente.

Continuando a desenvolver as noções de língua e fala propostas por Saussure, Benveniste (1966) afirma ainda que o *Cours de Linguistique Générale* (2005) é uma mudança de atitude em torno do objeto, tentando formalizá-lo: é a língua projetada sobre o plano de uma semiologia universal. Essa semiologia trata do signo linguístico, ou seja, da língua a partir do significante e do significado, tendo sua natureza característica arbitrária. Benveniste aponta algumas divergências na teoria linguística de Saussure no que concerne a natureza do signo linguístico. A primeira delas diz respeito à arbitrariedade do signo. Saussure compreende que o arbitrário é imotivado, ou seja, não está de forma alguma relacionado à realidade. Dessa forma, quando se diz *soeur* (irmã), o termo não remete à realidade. No entanto, Benveniste reforça uma contradição presente nos estudos de Saussure: ao mostrar a diferença entre *b-ö-f* e *o-k-s*²⁰, Saussure justifica os termos usando a realidade. Assim, para Benveniste, a língua saussuriana trata somente de forma, não de substância, sendo a relação entre significante e significado necessária, não arbitrária. É essa consubstancialidade do significado e do significante que permite a unidade estrutural do signo linguístico. Para Benveniste (1966), a arbitrariedade significa que determinado signo, e não outro, seja aplicado a algum elemento da realidade, e não a outro. Além disso, ele reforça que usar o termo « arbitrariedade » é uma forma de os linguistas se defenderem dessa questão e da solução de que há um sujeito falante que usa a língua de forma livre e instintiva. A arbitrariedade não intervém, portanto, na constituição do signo linguístico, ela só existe em relação ao fenômeno ou ao objeto material.

Outra característica inerente ao signo linguístico são as noções de mutabilidade e imutabilidade do signo. Segundo Benveniste (1966), não é entre significante e significado que a relação se modifica, é entre o signo e o objeto. Para o linguista francês, esse novo status pode ser chamado de *motivação objetiva* da designação, submissa à ação de diversos fatos históricos.

²⁰ Ver Saussure 2005: 100

Outra divergência apontada por Benveniste se refere à noção de valor. Para Saussure, o valor entre ideia e som é arbitrário e relativo, uma vez que contém em si um elemento imposto pela realidade. Benveniste contesta essa concepção, afirmando que a noção elaborada por Saussure corresponde ao objeto real e ao elo que une o signo à coisa significada. Quando o linguista genebrino ratifica que o valor contém uma realidade objetiva como referência, perde-se a noção de que o signo linguístico se mantém por ele próprio, sendo portador de valor. O arbitrário, então, é eliminado, uma vez que valor teria um sentido equivalente. Benveniste (1966) reforça que o valor é um elemento do signo, e se o signo não for arbitrário, a relatividade do valor não depende da natureza arbitrária do signo. Para o linguista francês, ao conferir ao *valor* a noção de relatividade, torna-se necessário dizer que os valores são relativos uns aos outros, evidenciando a noção de necessidade.

A relatividade dos valores é a melhor prova de que eles dependem diretamente um do outro na sincronia de um sistema sempre ameaçado, sempre restaurado. Todos os valores são de oposição e só se definem pela diferença. Opostos, eles se mantêm em relação mútua de necessidade. (Benveniste, 1966: 55)²¹

Percebemos, nesse excerto, que Benveniste considera a oposição como noção-base da teoria saussuriana. O signo, formado pelo significante e pelo significado, reforça o quanto essa relação de diferença é necessária, pois ambos são consubstanciais um ao outro. Dessa forma, o signo linguístico demonstra os valores em constante *oposição*. Diferença e oposição... princípio estrutural da língua.

Apesar de apontar algumas divergências no *Cours de Linguistique Générale* (2005), Benveniste (1966) reconhece a importância da obra do linguista genebrino para os estudos linguísticos: « o signo saussuriano é, de fato, uma realidade semiótica, ou seja, a unidade provida de sentido... O nível semiótico é isso: ser reconhecido como tendo ou não um sentido »²². Percebemos, dessa forma, que Saussure estuda especificamente a língua e suas regras, cabendo a outros estudiosos contemplar o seu uso e os seus mais diversos sentidos. De acordo com Benveniste (1966: 21), a semiótica saussuriana aborda o sentido fechado e contido nele mesmo, e a semântica percebe o

²¹ « La relativité des valeurs est la meilleure preuve qu'elles dépendent étroitement l'une de l'autre dans la synchronie d'un système toujours menacé, toujours restauré. C'est que toutes les valeurs sont d'opposition et ne se définissent que par leur différence. Oposées, elles se maintiennent en mutuelle relation de nécessité. »

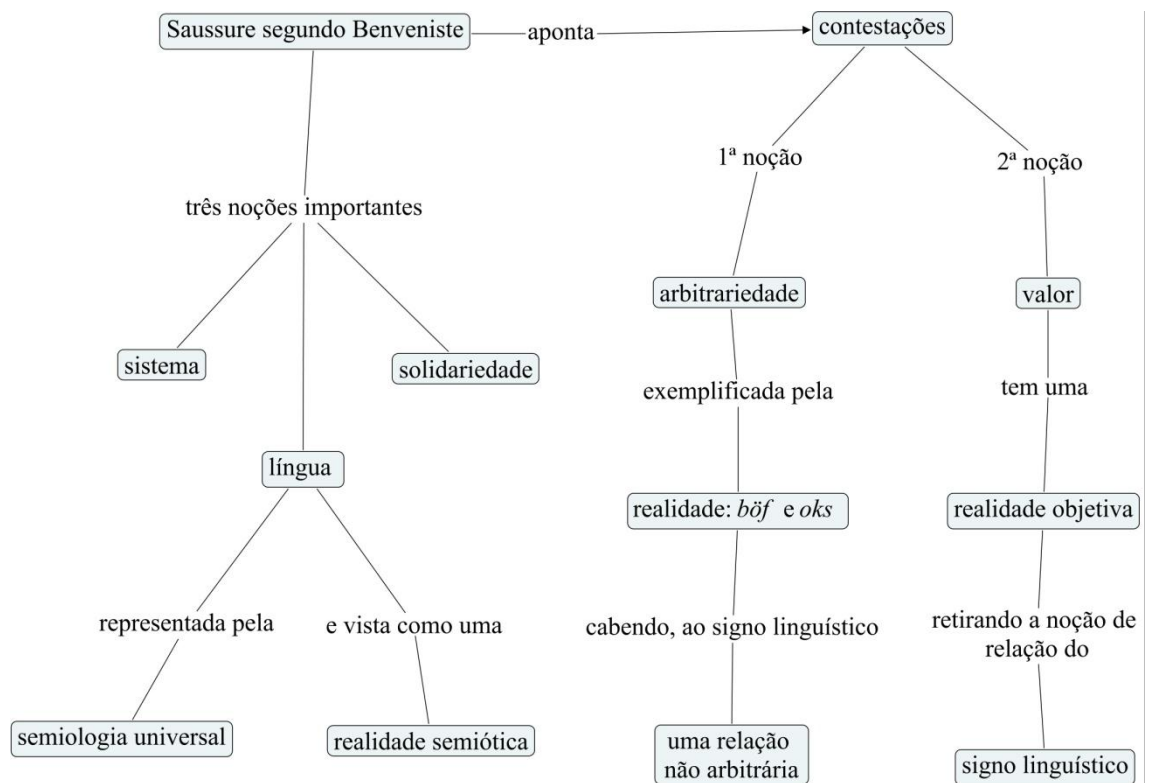
²² «Le signe saussurien est en réalité l'unité sémiotique, c'est-à-dire l'unité pourvue de sens... Le niveau sémiotique c'est ça: être reconnu comme ayant ou non un sens". (Benveniste, 2008:21)

sentido como resultado de um encadeamento, da apropriação à circunstância e da adaptação dos diferentes signos. Notamos, portanto, que Saussure teoriza sobre seu objeto de estudo, a língua, enquanto Benveniste (1966), Ducrot (2005), ao trabalharem com a língua e o seu uso conjuntamente, unem a teoria ao uso, uma se servindo da outra para se constituírem. Essas duas abordagens estarão presentes nas seções 1.2.4, 1.3 e 2.1 respectivamente.

Mas no que a arbitrariedade pode servir para nosso estudo, visto que estamos tratando de como as hipóteses externas sustentam a ANL, modificando a hipótese interna Teoria dos Topoi para a Teoria dos Blocos Semânticos? De acordo com Saussure (2005: 180,181), a arbitrariedade é imotivada, ou seja, não evoca os termos que compõem o signo e outros que lhes são associados (por exemplo, o número vinte). Quando uma parte dos signos é relativamente motivada, há um desmembramento entre significante e significado (por exemplo, dezenove =dez+nove). Tratando-se da noção de valor, consideram-se os elementos do sistema de acordo com sua oposição, mantendo a solidariedade, remetendo à ordem associativa e sintagmática que limitam o arbitrário. Relacionando essa noção de arbitrariedade com a Teoria dos Topoi, podemos afirmar que ao considerar a realidade como provedora de sentido, abandona-se a noção de valor, ou seja, a semelhança e a diferença constitutivas do sentido. A Teoria dos Blocos Semânticos é capaz de resgatar essa relação entre as palavras a partir dos encadeamentos construídos em DC e em PT, como veremos na seção 1.3.2.

Na seção a seguir, veremos como Akatane Suenaga compreende a obra saussuriana: a partir das descobertas recentes sobre a obra de Ferdinand de Saussure, o linguista japonês explica, a partir de um sistema de paradoxos, as noções de língua social e língua individual, fala, arbitrário e inconsciente.

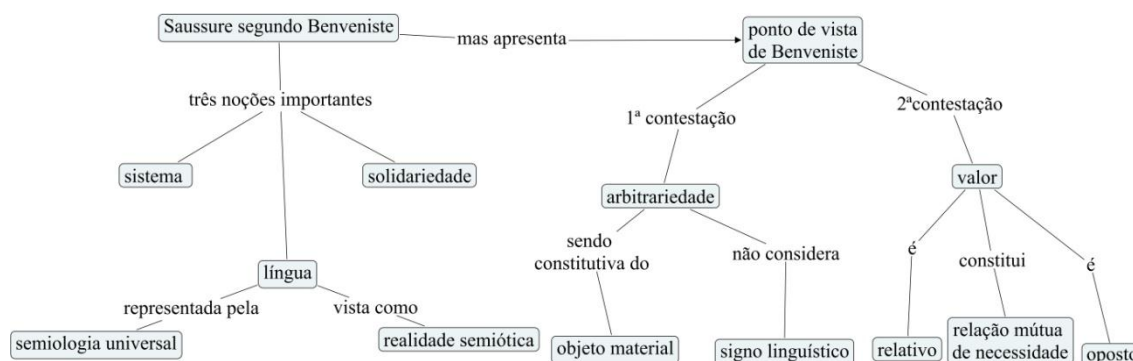
Figura 4: Saussure segundo Benveniste – parte I



Fonte: Figura elaborada pela autora

O ponto de vista de Benveniste sobre a teoria saussuriana aponta uma tríade que forma a base dos estudos linguísticos: o sistema, a língua e a solidariedade. No entanto, as noções de *arbitrariedade* e *valor* elaboradas por Saussure são contestadas por Benveniste, como veremos na figura a seguir.

Figura 5: Saussure segundo Benveniste – parte II



Fonte: Figura elaborada pela autora

Enquanto Saussure mostra a relação não arbitrária do signo linguístico, Benveniste afirma que essa arbitrariedade é constitutiva do objeto material e não considera o signo linguístico. Tratando-se do valor, Benveniste considera que o valor proposto por Saussure no *CLG* (2005) apresenta uma realidade objetiva, retirando, dessa forma, o caráter relacional do signo. Benveniste o recupera, mostrando que ele é relativo, oposicional e apresenta uma relação mútua de necessidade. Na seção a seguir, veremos como o linguista japonês Akatane Suenaga compreende a teoria saussuriana.

1.2.3 A teoria saussuriana vista por Akatane Suenaga

O livro do linguista japonês Akatane Suenaga, intitulado *Saussure, un système de paradoxes – langue, parole, arbitraire et inconscient*, apresenta Saussure a partir de três novas perspectivas: a primeira “A língua e sua sombra” trata do problema do estatuto da língua: ela é social ou individual? A segunda “A língua e sua fala” questiona se Saussure negligenciou inteiramente a linguística da fala e apresenta, ainda, o “eu”, sujeito do discurso, e o “tu”, sujeito que ouve²³. A terceira e última parte “A língua e sua arbitrariedade” considera a arbitrariedade através do alargamento da arbitrariedade relativa e suas relações com o arbitrário absoluto. Abordaremos esses três pontos de vista.

Vamos, então, à primeira parte: a língua social e a língua individual. A partir das leituras de Saussure (2005), Suenaga (2005) percebe que a língua social está correlacionada à fala, evidenciando a diferença entre o fato social e o fato individual, o que já foi mostrado no *CLG* e no *ELG*:

²³ Abordaremos as questões de subjetividade, intersubjetividade e enunciação benvenistianas na seção 2.1.

Língua: passiva e presente na coletividade. Código social, organizando a linguagem e formando a ferramenta necessária ao exercício da faculdade da linguagem. Fala: ativa e individual. É necessário distinguir duas coisas: uso das faculdades em geral em vista da linguagem (fonação, etc.). Também: uso individual do código da língua de acordo com o pensamento individual²⁴. (Rudolf Engler *apud* Suenaga, 2005:34)

Notamos, então, que as noções de língua e fala apresentadas por Engler são “senso comum” no meio acadêmico, uma vez que confirma o que Saussure já afirmava em suas obras. Até o momento, nenhuma novidade nos é apresentada. Suenaga ressalta, no entanto, que na edição crítica de Engler sobre o *CLG*, notava-se a “individualidade da língua” e a “coletividade da fala”:

Dessas duas esferas, a esfera fala é a mais social, a outra é a mais completamente individual. A língua é o reservatório individual, tudo o que entra na língua, ou seja, na cabeça, é individual²⁵. (Rudolf Engler *apud* Suenaga, 2005:34).

Verificamos, portanto, que, segundo Suenaga, Saussure procura mostrar que tanto a língua quanto a fala apresentam um lado individual e um lado social. A fala é social porque sua atividade é social, ou seja, exige interação entre os seres de fala; e é, por sua vez, individual porque o uso do código da língua é individual de acordo com um pensamento individual. Já a língua é social porque o seu estatuto também o é, sendo, conforme as palavras de Engler (*apud* Suenaga, 2005:37), uma “consagração social”, ou seja, a língua se estabelece a partir do compartilhamento de regras feito pela coletividade, permitindo que a fala adquira o estatuto de atividade social. No entanto, a língua é individual porque ela é um “depósito” armazenado em cada indivíduo, ou seja, ela pode ser observada em cada indivíduo.

Nota-se que, para abordarmos a língua social, tornou-se necessário contemplarmos a língua individual e algumas de suas características. Continuando a desenvolver nosso raciocínio, contemplaremos a língua individual. Conforme Suenaga (2005: 45), a língua individual saussuriana mostra o código linguístico como sistema de diferenças constituído pelo sujeito falante. Assim, a língua social é um estatuto, enquanto a língua individual é um sistema de diferenças:

²⁴ « Langue: passive et résidant dans la collectivité. Code social, organisant le langage et formant l’outil nécessaire à l’exercice de la faculté du langage. Parole : active et individuelle. Il faut distinguer deux choses : usage des facultés en général en vue du langage (phonation, etc). Aussi : usage individuel du code de langue selon la pensée individuelle.»

²⁵ « De ces deux sphères, la sphère parole est la plus sociale, l’autre est la plus complètement individuelle. La langue est le réservoir individuel, tout ce qui entre dans la langue, c’est-à-dire dans la tête, est individuel.»

Só há na língua (ou seja, um estado de língua) diferenças. Diferença implica, pelo nosso raciocínio, dois termos positivos pelos quais se estabelece a diferença. Mas o paradoxo é que: na língua só há diferenças sem termos positivos²⁶. (Rudolf Engler *apud* Suenaga, 2005:45)

Verificamos que, para Saussure, a língua individual se refere ao sistema de diferenças e essas diferenças são expostas na coexistência dos valores dos signos e em sua negatividade, daí advém seu caráter individual, uma vez que cada relação expõe o quanto a língua é maleável e passível de ser modificada. Percebemos, dessa forma, o quanto a língua social e a língua individual são distintas: enquanto a língua social é transparente, ou seja, é apresentada como código que supõe a univocidade do signo, a língua individual é opaca, pois representa o “tornar-se” da língua, suscetível de colocar o problema da comunicação. Vemos que a língua tem, então, duas faces: uma face transparente, repleta de regras a serem seguidas, e uma face opaca, indefinida, uma língua que “espera ser colocada em ação”. Língua social, língua individual... Fala: como é posta nos estudos saussurianos, uma vez que tanto a língua quanto a fala apresentam características distintas e complementares? Veremos como esse fenômeno se dá na discussão a seguir.

Para tratarmos da fala, é preciso abordarmos o papel da língua, uma vez que ambas necessitam uma da outra para existirem como tal. Considerando a relação como base da teoria saussuriana, Suenaga (2005:90) afirma que a língua é estatiticidade, enquanto a fala é a dinamicidade do discurso. Recupera-se, então, a noção de língua individual que tem uma relação estreita com a fala. A língua percebida como ponto de vista é um sistema de diferenças negativas e essa negatividade apresenta duas consequências: 1) não é o referente que determina o valor de um signo, mas a coexistência do signo com outros signos, ou seja, o recorte estabelecido entre eles; 2) as diferenças negativas não chegam como tais à consciência do sujeito falante, apenas se submetem à distribuição dos valores que lhes impõe a língua. Podemos perceber, dessa forma, a relação de interdependência entre língua e fala: a língua serve a fala com suas regras, por isso é dependente dela; igualmente é verdadeiro que a língua necessita da fala para receber sua “consagração”. Os valores recebem, então, consagração social no ato da enunciação, ou seja, na instância do discurso. Essa instância do discurso está

²⁶ « Il n’y a dans la langue (c’est-à-dire un état de langue) que des différences. Différence implique pour notre esprit deux termes positifs entre lesquels s’établit la différence. Mais le paradoxe est que : dans la langue il n’y a que des différences sans termes positifs. »

presente na fala, em que a polaridade das pessoas “eu” e “tu” se interiorizam na língua. Suenaga (2005: 100) afirma ainda que para Saussure a língua é uma interiorização da relação social da fala, cuja unidade elementar é a relação dos sujeitos falantes “eu-tu”:

Podemos dizer que, considerando um indivíduo, teremos em um único exemplar a imagem do que é a língua na massa social. Se pudéssemos examinar o depósito das imagens verbais em um indivíduo, conservadas, tomadas em certa ordem e classificação, veríamos ali o elo social que constitui a língua²⁷. (Rudolf Engler *apud* Suenaga, 2005:100)

Podemos observar, nesse excerto, que Saussure (CLG, 2005) considerava a língua como social, parte da coletividade, e individual, uma vez que cada ser de fala apresenta “imagens verbais” distintas. Notamos também que o “eu” e o “tu” exercem papéis importantes para o entendimento da língua e da fala, reforçando a ideia de que diferença e complementaridade são relacionais. De acordo com Suenaga, há inter-relação entre língua e fala, mas a distinção entre elas está justamente nas funções que o “eu” e o “tu” assumem: as teorias da fala são teorias do sujeito falante, ou seja, do “eu”, enquanto a noção saussuriana da língua representa a lógica de outro sujeito, o sujeito ouvinte “tu” que, com seu interlocutor, se integra na realização da instância do discurso, mas de uma forma menos ativa. Suenaga (2005: 128) reitera que a língua saussuriana está diretamente relacionada ao sujeito ouvinte “tu” e faz uma “linguística da fala construída sobre a lógica do sujeito que se declara eu”. Assim, para o linguista japonês, a configuração da linguística pode ser dividida de duas formas: a linguística do sujeito falante “eu”, ou seja, uma teoria do discurso e uma linguística da língua-objeto, ou seja, uma teoria do sujeito ouvinte, o “eu” sem voz. Notamos que, para Suenaga (2005), a função da língua e da fala saussurianas está intimamente relacionada aos seres de fala “eu” e “tu”: enquanto a estaticidade e a ausência de voz são vistas na língua, a elasticidade e a presença de voz são essenciais na fala. No entanto, não se pode considerá-las separadamente, como vimos anteriormente; torna-se necessária a junção dessas diferenças. Percebemos até agora que as relações duplas são constantes em Saussure (2005): língua-fala... Também vemos essa característica na arbitrariedade do signo: o arbitrário relativo e o arbitrário absoluto também estão nesse jogo de complementaridade e diferença, que abordaremos a seguir.

²⁷ « On peut dire qu'en prenant un individu, nous aurons dans un seul exemplaire l'image de ce qu'est la langue dans la masse sociale. Si nous pouvions examiner le dépôt des images verbales dans un individu, conservées, placées dans un certain ordre et classement, nous verrions là le lien social qui constitue la langue. »

Para tratar da arbitrariedade, Suenaga (2005:137) a define, via Saussure (2005), da seguinte forma: o signo linguístico é arbitrário porque a combinação de determinado som com determinado sentido não tem nenhuma necessidade. A partir daí, várias rejeições a esse conceito foram feitas, mas Suenaga trata de apenas quatro:

- 1) o signo linguístico não é arbitrário, e se fosse, o elo que une um significante a um significado seria apenas necessário;
- 2) a demonstração do arbitrário posto por Saussure é um erro. É a prova que o arbitrário não existe.
- 3) o arbitrário é a tomada de posição tradicional do convencionalismo.
- 4) o que realmente importa é a concepção do sistema de valores: o arbitrário nada mais é do que uma ferramenta para orientá-lo.

Para responder adequadamente a essas quatro rejeições, Suenaga (2005) se ancora em Benveniste, especificamente no *PLG I* (1966) no artigo intitulado “Natureza do signo linguístico”:

- 1) o elo que une o significante ao significado não é arbitrário, mas necessário, sendo um exemplo claro disso a folha de papel, em que não se pode recortar a frente, sem recortar o verso, relação de necessidade e não de arbitrariedade;
- 2) o erro da demonstração de Saussure reforça o pensamento histórico e o relativismo do século XIX;
- 3) a relação entre o signo e a realidade é arbitrária, não o elo entre significante e significado;
- 4) a relatividade do valor do signo constitui uma prova da necessidade da língua como sistema, conforme insiste Benveniste:

Assim, dizer que os valores são “relativos” significa dizer que eles são relativos *uns em relação aos outros*. Ora, não é justamente a prova de sua *necessidade*? Trata-se aqui, não mais do signo isolado, mas da língua como sistema de signos [...] Tudo é tão necessário que as modificações do conjunto e do detalhe se condicionam reciprocamente. A relatividade dos valores é a melhor prova de que eles dependem um do outro na sincronia de um sistema sempre ameaçado, sempre

restaurado. Todos os valores são de oposição e só se definem pela diferença.²⁸

Suenaga insiste que esse raciocínio de Benveniste retoma a ideia de língua de Saussure, por isso a arbitrariedade absoluta do signo não é possível, somente a arbitrariedade relativa. Vamos, então, esclarecer cada uma delas. Ao considerarmos o *CLG* (2005), percebemos que a arbitrariedade absoluta é imotivada, ou seja, não há relação interior entre o significado e o significante do signo vinte (20), por exemplo. Já a arbitrariedade relativa apresenta motivação relativa, ou seja, há desmembramento e relação entre o significado e o significante. Expliquemos: o número dezenove pode ser dividido em dez+nove, e é passível de ser usado em outras formações. Mostraremos uma tabela feita por Suenaga (2005: 144)²⁹, para explicarmos melhor qual é a “real” diferença existente

Arbitrário Absoluto	Arbitrário relativo
<i>concierge</i> (zelador)	<i>portier</i> (porteiro)
<i>jadis</i> (outrora)	<i>autrefois</i> (outrora)
<i>souvent</i> (muitas vezes)	<i>fréquemment</i> (frequentemente)
<i>aveugle</i> (cego)	<i>boiteux</i> (coxo)
<i>commencer</i> (começar)	<i>entreprendre</i> (empreender)...

Enquanto a arbitrariedade absoluta apresenta uma estrutura fixa, ou seja, uma estrutura que não pode ser modificada, a arbitrariedade relativa tem estruturas morfológicas que podem sofrer alterações. Exemplificando: a palavra *portier* pode ser fragmentada em duas subunidades *port[e]* e *-ier*, *autrefois* em *autre-* e *-fois*, enquanto as estruturas morfológicas *-ment*, *-eux* e *-prendre* podem ser usadas em outras palavras. Percebemos, então, que a arbitrariedade absoluta é caracterizada por sua rigidez e a arbitrariedade relativa por sua maleabilidade, flexibilidade. Suenaga (2009: 144) define

²⁸ « Dès lors, dire que les valeurs sont “relatives” signifie qu’elles sont relatives *les unes aux autres*. Or n’est-ce pas là justement la preuve de leur *nécessité*? Il s’agit ici, non plus du signe isolé, mais de la langue comme système de signes [...] Tout y est si *nécessaire* que les modifications de l’ensemble et du détail s’y conditionnent réciproquement. La relativité des valeurs est la meilleure preuve qu’elles dépendent l’une de l’autre dans la synchronie d’un système toujours menacé, toujours restauré. C’est que toutes les valeurs sont d’opposition et ne se définissent que par leur différence » (Benveniste, *PLG I*: 54)

²⁹ Utilizamos a tabela com os exemplos em francês, porque eles causariam dúvida em português, por exemplo: *concierge* é zelador em português. A estrutura morfológica *-or* pode ser considerada uma arbitrariedade relativa, enquanto em francês essa estrutura é uma arbitrariedade absoluta.

a arbitrariedade relativa como uma associação que coloca em jogo o fato de que há elementos comuns em vários signos. Como vimos nos exemplos, há um mecanismo morfológico que é acionado pela existência de subunidades da palavra, morfemas ou elementos. Ainda seguindo as reflexões de Suenaga, a arbitrariedade relativa (ou a motivação relativa) significa que os signos que compartilham elementos morfológicos comuns formam uma rede em que o elo entre o significante e o significado se encontra motivado. Saussure denomina esse fenômeno como “limitação arbitrária”, tornando possível a concepção da língua como sistema. A equação feita por Suenaga (2009:146) retrata bem a teoria saussuriana:

sistema = relações entre signos=motivação relativa=limitação do arbitrário

Vamos explicar o sentido dessa representação: parte-se da noção de que a língua é o objeto de estudo da Linguística e de que ela é regida por regras, formando um *sistema*. Esse sistema é constituído pelo signo linguístico (significado+significante), ou seja, a língua só existe pelas *relações entre signos*. A coexistência dos signos depende das relações estabelecidas entre eles, sendo que o compartilhamento de algumas estruturas em comum representa sua *motivação relativa*. Essa motivação relativa apresenta uma rede fechada de conexões entre o significante e o significado, formando, assim, a *limitação do arbitrário*.

Notamos que essa forma de pensar a teoria saussuriana elimina a arbitrariedade absoluta. No entanto, sabemos que tanto a arbitrariedade absoluta quanto a arbitrariedade relativa só existem pela relação estabelecida entre elas. Ressaltando que a teoria elaborada por Ferdinand de Saussure se caracteriza pela diferença e pela complementaridade, apresentaremos as características das duas arbitrariedades que reforçam essa ideia:

- a arbitrariedade absoluta não apresenta motivação, tem signos isolados, tendência não sistemática, língua lexicológica,³⁰ como o chinês.
- a arbitrariedade relativa apresenta motivação e limitação do arbitrário, solidariedade entre os signos, necessidade constitutiva dos signos, língua gramatical³¹, como o sânscrito e o grego.

³⁰ Saussure (2005) denomina línguas lexicológicas aquelas que são predominantemente imotivadas.

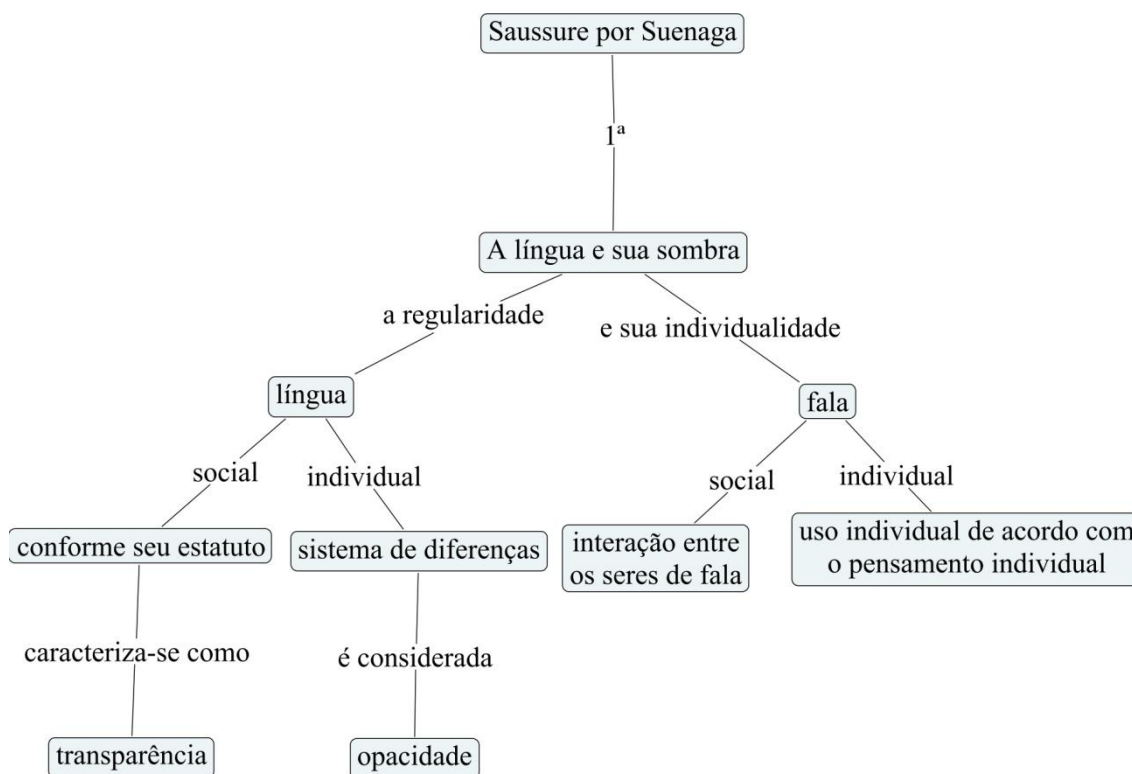
Percebemos, dessa forma, que a arbitrariedade absoluta e a arbitrariedade relativa apresentam características distintas e isso só acontece porque elas são complementares uma à outra. Notamos, ainda com as explicações de Benveniste (2008) e Suenaga (2009), que a arbitrariedade relativa é extremamente necessária para que haja relações entre signos, e a arbitrariedade absoluta é fundamental para a inseparabilidade do significado e do significante. Verificamos também que os estudos feitos por pesquisadores referenciando Saussure sempre reforçam seu axioma: o sentido está na relação estabelecida entre os signos linguísticos. No isolamento temos possibilidade de língua, na relação, na mutualidade temos sua concretude.

Novamente, perguntamo-nos como podemos fundamentar uma relação entre a Teoria dos Topoi e a Teoria dos Blocos Semânticos a partir das hipóteses externas, considerando a arbitrariedade. Tendo como ponto de partida a noção de arbitrariedade de Saussure com apontamentos de Suenaga, a arbitrariedade se caracteriza por sua imotivação, ou seja, a ausência de ligação entre significado e significante, desfazendo o caráter relacional do signo linguístico. A Teoria dos Topoi, ao tentar retirar da língua seu caráter lógico, ou seja, suas condições de verdade e falsidade, quebra também seu caráter relacional ao analisar a realidade. Por sua vez, a Teoria dos Blocos Semânticos resgata esse vínculo intralinguístico, sendo semelhante e diferencial, como a arbitrariedade relativa.

Assim como Benveniste (1966) e Suenaga (2005) se utilizam de Saussure para fundamentar e aprofundar seus estudos, outro pesquisador também o fez: Oswald Ducrot. O linguista francês, criador da Teoria da Argumentação na Língua, se baseou nos estudos saussurianos para elaborar uma teoria centrada no sentido intralinguístico. Consideradas raízes da ANL, as noções de *língua*, *fala*, *valor* e *relação* permeiam todo esse estudo. Compreenderemos, na seção a seguir, como Oswald Ducrot “descobriu” Saussure e como ele desenvolveu sua pesquisa preservando a raiz relacional.

³¹ Saussure (2005) denomina línguas gramaticais aquelas que são predominantemente motivadas e que apresentam fatores constitutivos do sistema.

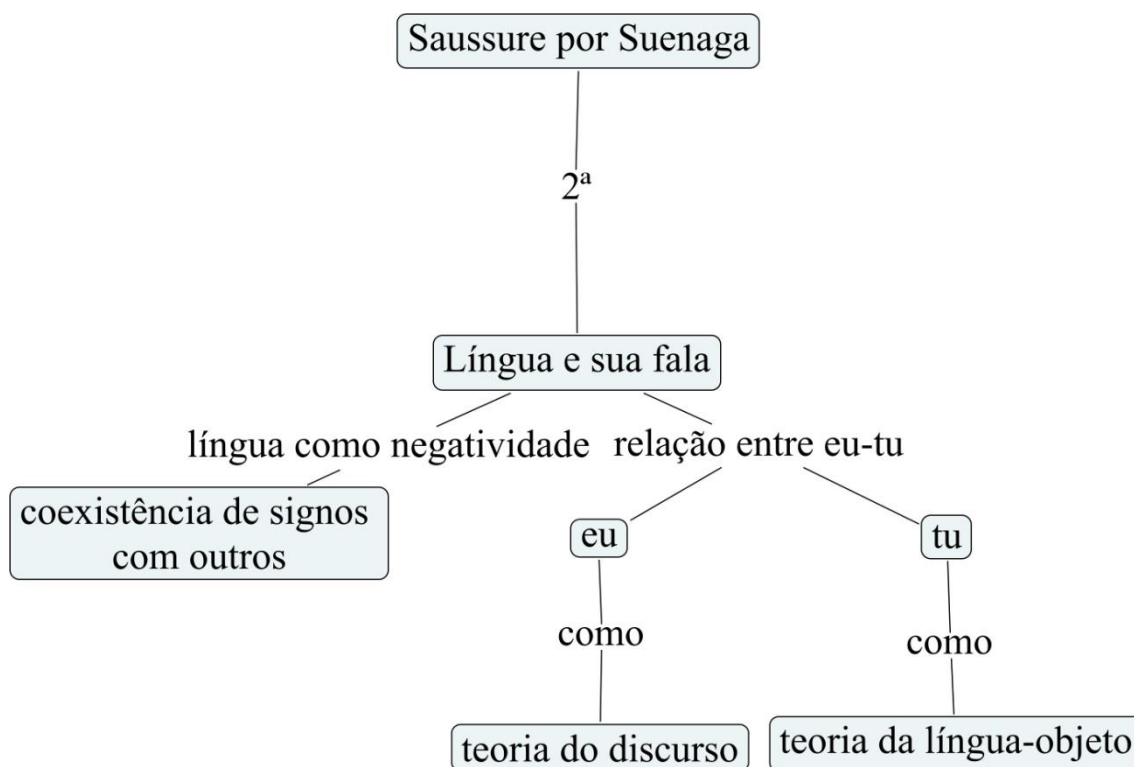
Figura 6: Língua e sua sombra



Fonte: Figura elaborada pela autora

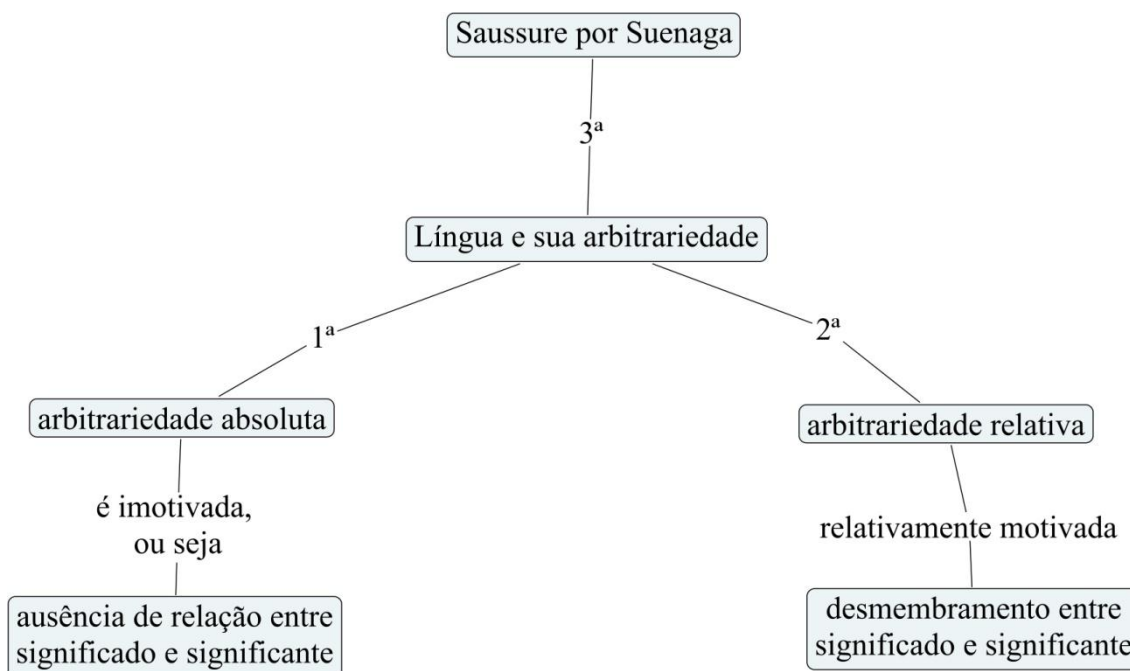
Podemos notar nesta figura que Suenaga trata a língua e a fala saussurianas a partir de dois pontos de vista: o social e o individual. Assim, a língua apresenta a transparência pelo social e a opacidade pelo individual; enquanto a fala apresenta o social a partir da interação e o individual a partir do uso e do pensamento individuais.

Figura 7: Língua e sua fala



Fonte: Figura elaborada pela autora

Nesta figura, podemos verificar que Suenaga compreende, a partir da leitura do *CLG* (2005) e do *ELG* (2002), que a língua apresenta caráter negativo devido a coexistência de signos com outros. Já a relação entre *eu-tu* mostra que a fala a partir do *eu* é uma teoria do discurso e a partir do *tu* é uma teoria da língua-objeto.

Figura 8: Língua e sua arbitrariedade

Fonte: Figura elaborada pela autora

Considerando a língua a partir de sua arbitrariedade, temos duas perspectivas: a absoluta e a relativa. A arbitrariedade absoluta diz respeito à imotivação do signo linguístico, a ausência de relação entre o significado e o significante; já a arbitrariedade relativa é relativamente imotivada, mostrando o desmembramento entre o significado e o significante. Na seção a seguir, veremos como Oswald Ducrot contempla as noções saussurianas *língua*, *fala*, *valor* e *relação* em sua teoria.

1.2.4 A teoria saussuriana vista por Oswald Ducrot

Para mostrarmos a influência de Ferdinand de Saussure sobre a Teoria da Argumentação na Língua, criada por Oswald Ducrot e colaboradores, teremos como texto-base o artigo de Ducrot (2006) « A semântica argumentativa pode se vincular a Saussure ? » A partir dele, compreenderemos como foi o primeiro contato do linguista francês com o CLG (2005) e como as noções norteadoras *língua*, *fala*, *valor* e *relação* foram inseridas em sua teoria.

O contato de Ducrot com o estruturalismo aconteceu em meados da década de 1960. O interesse pela pesquisa linguística despertou no momento em que Ducrot descobriu Saussure. Ao se perguntar se era fiel a Saussure, lembrou-se da noção de

valor que o levou a estudar semântica: « Cada vez que falava de uma entidade, sempre tentei caracterizá-la pelo valor que permitia declará-la, como o trem Genebra-Paris de 8h45, idêntica ao passo que é sempre diferente ». ³² Explicando melhor, podemos afirmar que o trem Genebra-Paris de 8h45 é idêntico porque todos os dias esse trem passa nesse horário. Diferente porque o trem que passa hoje às 08h45 não foi o mesmo de ontem, e nem será o mesmo amanhã, configurando uma situação de enunciação sempre nova, situada no tempo presente. Os valores, dessa forma, estão se modificando, uma vez que as relações são flexíveis.

Relacionando a noção de valor com a ANL e, especificamente, com a TBS, corroborando com o vínculo entre Saussure e a semântica argumentativa, Ducrot (2006) afirma que a Teoria dos Blocos Semânticos é um prolongamento da Teoria da Argumentação na Língua, mostrando seu aprofundamento e sua radicalização. A partir da TBS, Carel e Ducrot (2005) procuraram mostrar que as entidades linguísticas (palavras ou frases) não têm sentido, ou seja, não se poderia exibir uma coisa, material ou física, que não seria ela própria constituída por palavras e que poderia ser considerada como o sentido dessa palavra. Essa afirmação se opõe diretamente ao referencialismo, que mostra o sentido das palavras a partir da realidade dos objetos, e do cognitivismo, que mostra o sentido das palavras evocando representações, sem ser parte constitutiva da palavra, isolando, dessa forma, conceitos, ideias, pensamentos. Ducrot (2006:156) reforça ainda que, ao afirmar que « as palavras não têm sentido », ele se opõe a duas ideias: a ideia de recorte do sentido na realidade ou no pensamento e a ideia de um sentido pré-existente às palavras que lhe seriam logo associadas. Ao explicar as suas recusas, Ducrot afirma que o sentido de uma entidade linguística está intrinsecamente relacionado ao conjunto de encadeamentos argumentativos ligados pela língua a essa entidade. Para ele, esses encadeamentos são sequências de duas proposições ligadas por um conector que pode ser do tipo *portanto* (DC) e do tipo *no entanto* (PT).³³

Ducrot (2006:156) esclarece que as argumentações em *portanto* são argumentações normativas e são uma formalização de vários tipos de encadeamentos : *a portanto b*, *a de sorte que b*, *b porque a*, *se a, b*. Já as argumentações em *no entanto*

³² « ... chaque fois que je parlais d'une entité, j'ai toujours tenté de la caractériser par la valeur permettant de la déclarer, comme le Genève-Paris de 8h45, identique alors qu'elle est sans cesse différente ».

³³ Abordaremos detalhadamente a TBS na seção 1.3.2

são as argumentações transgressivas e representam os seguintes encadeamentos : *a no entanto b, mesmo se a, b, mesmo que a b, a não impede b.*

O linguista ressalta ainda que o sentido de uma entidade pode ser compreendido de duas formas: a argumentação externa e a argumentação interna. A argumentação externa se refere a encadeamentos cuja própria entidade é um componente, constituindo tipos de prolongamentos, à direita ou à esquerda, dessa entidade. Exemplificando, Ducrot utiliza os exemplos: *X perdoou Y*, sendo a argumentação à esquerda *X ama Y portanto X perdoou Y* e *X não ama Y, no entanto X perdoou Y*. Na argumentação interna, a entidade é um tipo de paráfrase ou reformulação da palavra, sendo a entidade ausente desse encadeamento. Ambas as argumentações procuram descrever não o objeto designado por uma expressão, mas algumas propriedades dos discursos associadas a essa expressão enquanto prolongamentos ou paráfrases. São esses conceitos (argumentação normativa, argumentação transgressiva, argumentação interna, argumentação externa) que Ducrot irá confrontar com os escritos saussurianos, a fim de verificar se há ou não vínculo entre as duas teorias.

Para mostrar o quanto a ANL é vinculada a Saussure, Ducrot (2006: 159) apresenta o paradoxo saussuriano e discute sobre ele, utilizando-se do trecho a seguir:

Mas eis o aspecto paradoxal da questão: de um lado, o conceito (significado) nos parece como a contrapartida da imagem auditiva no interior do signo e, de outro, esse próprio signo, ou seja, a relação que liga esses dois elementos é também e ao mesmo tempo a contrapartida dos outros signos da língua.

Visto que a língua é um sistema cujos termos são solidários e em que o valor de um só resulta da presença simultânea dos outros... como é que acontece que o valor, assim definido, se confunda com a significação (significado), ou seja, com a contrapartida da imagem auditiva (significante)?... Em outras palavras, para retomar a comparação da folha de papel que se recorta (ver p.157) – não se vê por que a relação entre diversos pedaços A, B, C, D, etc., não é distinta daquela que existe entre a frente e o verso de um mesmo pedaço A/A', B/B', etc.³⁴. (Saussure, 2005: 157-159)

³⁴ “Mais voici l’aspect paradoxal de la question: d’un côté le concept nous apparaît comme la contrepartie de l’image auditive dans l’intérieur du signe, et, de l’autre, ce signe lui-même, c’est-à-dire le rapport qui relie ses deux éléments, est aussi et tout autant la contre-partie des autres signes de la langue. Puisque la langue est un système dont tous les termes sont solidaires et où la valeur de l’un ne résulte que de la présence simultanée des autres, ... comment se fait-il que la valeur, ainsi définie, se confonde avec la signification, c’est-à-dire avec la contre-partie de l’image auditive?... Autrement dit, pour reprendre la comparaison de la feuille de papier qu’on découpe (voir p.157), on ne voit pas pourquoi le rapport entre divers morceaux A,B,C,D,etc., n’est pas distinct de celui qui existe entre le recto et le verso d’un même morceau, soit A/A', B/B', etc”.

Considerando esse excerto, Ducrot propõe uma reformulação: substituir *significação* e *conceito* por *significado*, e *imagem auditiva* por *significante*. A partir dessas alterações, o linguista francês delega ao signo duas funções: a primeira diz respeito ao significante e ao significado, constituintes internos do signo, inseparáveis um do outro, reforçando a coexistência de um e de outro. A segunda trata do conjunto de relações que os unem com os outros signos da língua, ou seja, com as outras relações significado-significante. Ao abordar a TBS, Ducrot enfatiza que a teoria está vinculada ao significado de um signo que engloba determinado conjunto de relações entre signos, cabendo ao significante uma mera função secundária. Assim, a Teoria dos Blocos Semânticos é constituída por relações constitutivas do significado, cujos encadeamentos argumentativos X DC Y e X PT Y estão relacionados ao signo.

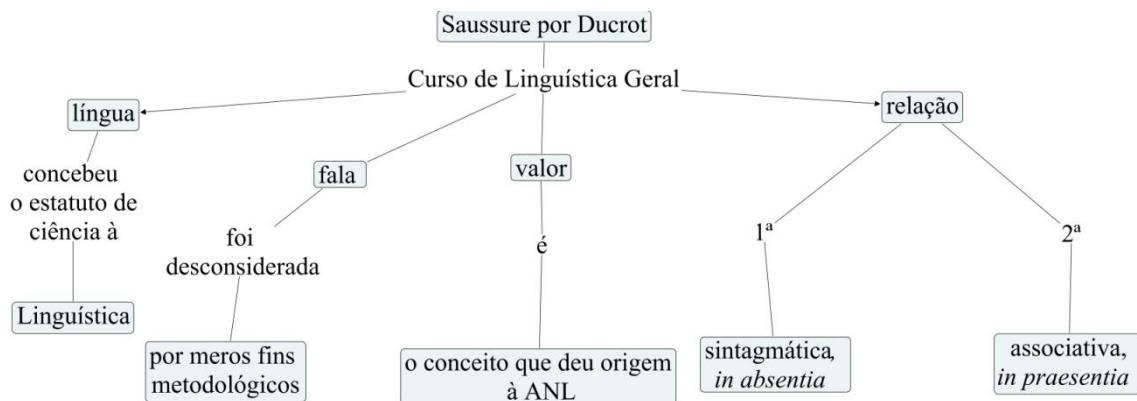
Fazendo ainda a relação entre Saussure e Ducrot, temos as relações sintagmáticas. Para Saussure, o valor de um signo mostra que as relações sintagmáticas estão *in praesentia*, ou seja, estão nas relações entre signos no discurso. Ducrot afirma que essa sintagmaticidade também está presente na ANL, uma vez que a ligação com o signo também é previsto pela língua, formando encadeamentos estruturais: *amar DC perdoar, não amar PT perdoar*. Por sua vez, a relação com o signo depende também das condições de discurso, formando encadeamentos contextuais: *estar de bom humor DC perdoar, estar de mau humor PT perdoar*. Percebemos, dessa forma, que a base filosófica saussuriana é, de fato, uma hipótese externa da Teoria da Argumentação na Língua, criando elos entre as noções de língua, fala, valor, relação e expressos nos encadeamentos argumentativos.

Mas, como a noção de valor, presente no *CLG* pode ser vista na TBS? Ducrot (2006:163) retoma Saussure ao comparar o valor linguístico a partir do valor monetário. O valor monetário apresenta dois sistemas de troca: 1) ele pode ser trocado por outros valores monetários, ou seja, por valores análogos. Por exemplo, troca-se euro por moeda suíça ou por libra. 2) ele pode ser trocado por objetos de ordem diferente, ou seja, por uma cerveja, por exemplo. Para Saussure, esse segundo sistema constitui a relação significante-significado, ou seja, um signo linguístico tem valor a partir de sua relação com outro. Já o primeiro sistema de troca diz respeito à língua, ou seja, não considera as relações entre signos, mas as relações entre um significante e tantos outros, assim como relações entre um significado e tantos outros. Ao considerar o valor a partir desses dois aspectos isolados, Ducrot afirma que o componente semântico da linguística

seria um estudo das relações entre significados, ideia essa defendida por Prieto, estudioso da comutação fonológica e sua aplicação à semântica. No entanto, Ducrot rejeita que esse seja o melhor caminho a ser seguido, defendendo que a TBS está distante dessa perspectiva. Para ele, o sentido de um signo é feito a partir de encadeamentos argumentativos, ou seja, de discursos, portanto de relações entre signos. Sabe-se que os encadeamentos são relações sintagmáticas, *in praesentia*, sendo o valor assimilado a essas relações com outros encadeamentos. Dessa forma, não se podem negar as relações associativas, *in absentia*, ou seja, relações de oposição entre um encadeamento e outros. Percebemos que essa concepção reformulada por Ducrot reforça a ideia do CLG de que “tudo é negativo na língua”, por isso, o significado e o significante também o são. Notamos, então, que Saussure criou sua teoria baseada em duas características primordiais: a diferença e a complementaridade. Ambas só são possíveis de serem realizadas porque consideram a noção de valor. Ao retomá-la, Ducrot reitera que, para Saussure, o valor de um signo é um conjunto de relações entre coisas homogêneas. Relações constituídas por significantes ou por significados. Essa manifestação do valor abrange uma outra ordem, apresentando um aspecto acústico e um aspecto conceitual. Para Ducrot (2006: 167), a semântica argumentativa tenta caracterizar o signo linguístico de forma puramente linguística, sem introduzir em sua descrição as manifestações conceituais que são um tipo de projeção. E é essa tarefa que a TBS faz: constrói o significado a partir de encadeamentos argumentativos de enunciados, ou seja, de relações sintagmáticas entre signos linguísticos providos de significante e de significado. De acordo com Ducrot, a TBS engloba a própria linguística, capturando nela o seu sentido mais ‘puro’, destituído de realidades extralinguísticas.

Notamos, nessa seção 1.2.4, que Oswald Ducrot (2006) se serve dos princípios saussurianos, a fim de fundamentar a Teoria da Argumentação na Língua. Através das noções de *língua, fala, relação, valor*, o linguista francês mostra como a TBS se utiliza dessas ferramentas saussurianas para buscar o intralinguístico. Nas próximas seções, abordaremos especificamente a ANL e como os estudos de Platão e de Saussure são contemplados nessa perspectiva abordada por Ducrot.

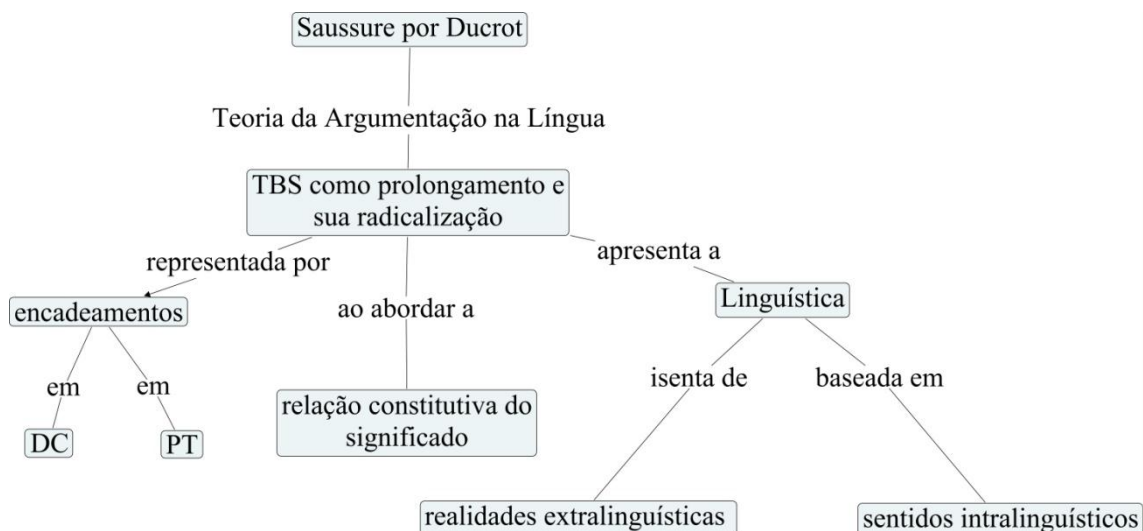
Figura 9: Saussure por Ducrot – parte I



Fonte: Figura elaborada pela autora

Nesta figura, temos os conceitos saussurianos de *língua*, *fala*, *valor* e *relação* incorporados à Teoria da Argumentação na Língua, criado por Oswald Ducrot e colaboradores. A partir desses conceitos-base, a ANL se tornou uma teoria de caráter relacional.

Figura 10: Saussure por Ducrot – parte II



Fonte: Figura elaborada pela autora

Servindo-se dos estudos de Saussure, Ducrot mostra que a TBS é uma radicalização da ANL ao apresentar os encadeamentos em DC e em PT, desconsiderando as realidades extralinguísticas e resgatando os sentidos intralinguísticos. Na seção a seguir, abordaremos o conceito de *alteridade* de Platão, as noções de *valor* e de *relação* saussurianos sob a perspectiva da ANL.

1.3 CONCEITOS DA TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA: A ALTERIDADE DE PLATÃO, O VALOR E A RELAÇÃO SAUSSURIANOS SOB A PERSPECTIVA SEMÂNTICO-ARGUMENTATIVA

Sabemos que as raízes filosóficas da Teoria da Argumentação na Língua estão ancoradas na noção de alteridade de Platão, e nas noções de língua, fala, valor e relação, de Saussure. Evidenciamos que a alteridade de Platão não tratou da linguagem, mas da realidade. Transpondo essa noção de semelhança e diferença para a linguagem, podemos afirmar que ela sempre remete ao outro: um locutor a um alocutário, uma palavra a outra palavra, um enunciado a outro enunciado, um discurso a outro discurso. Com isso, percebemos que, para Platão e para Saussure, a relação é essencial: o linguista genebrino considera fundamental a relação atribuída à língua e à fala, reforçando a noção de que algo só adquire valor quando imerso em uma cadeia de relações, já o filósofo grego, ao tratar do ser e do não-ser, na obra *O Sofista*, desfaz o caráter unívoco presente em qualquer realidade, acentuando a semelhança e a diferença.

Vimos, brevemente na seção 1.2.4, como a TBS contempla os estudos feitos por Saussure, evocando (de forma indireta) os estudos feitos por Platão. Nesta parte do nosso estudo, procuraremos abordar como a ANL se estabeleceu como teoria ao apresentar novos conceitos e novas perspectivas de abordar a linguagem e seu uso, ancorando-se nas bases filosóficas platoniana e saussuriana. Para mostrarmos de forma eficaz como ocorreu seu desenvolvimento, tomaremos como fundamento teórico as obras seguintes: *Le dire et le dit* (1984), de Oswald Ducrot, *Polifonía y argumentación* (1990), de Oswald Ducrot, *La Semántica Argumentativa. Una Introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos* (2005), de Marion Carel e Oswald Ducrot. Acreditamos que a partir da compreensão das hipóteses externas e das hipóteses internas, saberemos por que a ANL é uma teoria do sentido intralinguístico. Essas duas hipóteses serão abordadas na seção a seguir.

1.3.1 Hipóteses externas e hipóteses internas da Teoria da Argumentação na Língua: algumas reflexões

Acreditamos que tratar da composição das hipóteses externas e da criação das hipóteses internas da ANL é essencial para nosso estudo, uma vez que vamos abordar detalhadamente como a Teoria dos Topoi (HI) se distancia de suas bases filosóficas e a Teoria dos Blocos Semânticos (HI) está intimamente relacionada a elas.

Logo, para compormos esta seção, utilizaremos o capítulo III do livro *Le dire et le dit* (1984) denominado *A descrição semântica em linguística*, onde Oswald Ducrot explica a relação entre as hipóteses externas e as hipóteses internas. Após, contemplaremos o capítulo IV, denominado *Estruturalismo, enunciação e semântica*, em que o linguista francês explica como as noções de *língua, fala, valor e relação e enunciação*, respectivamente estudados por Saussure e por Benveniste podem ser vistas na semântica intralinguística. Direcionando-nos ao artigo *A descrição semântica em linguística*, vemos que o linguista francês começa desenvolvendo seu trabalho fazendo a seguinte pergunta: “Qual é a tarefa do linguista?” Tratando-se da perspectiva paradigmática, cabe ao linguista semanticista conceber o sentido por meio de dados linguísticos estudados e analisados uns em relação aos outros, não de forma isolada. Ao descrever um dado linguístico, atribui-se a ele uma significação por meio de seu emprego nos discursos em que esse dado aparece.

Considerando a perspectiva sintagmática, ela descreve um dado linguístico a partir da indicação de uma regra que permite prever o efeito dessa palavra no discurso onde ela é utilizada, como as palavras *continuar* e *parar*: *Pedro continua fazendo exercício* e *Pedro parou de fumar*. Enquanto *continuar* indica o prolongamento de uma ação, *parar* indica a cessação de uma ação.

Delimitando bem qual é a descrição semântica que se propõe a estudar, Ducrot lança seu método de trabalho, tendo como base a semântica sintagmática, cuja tarefa é prever a significação dos enunciados: um procedimento de simulação organizado em duas etapas. A primeira, intitulada hipótese externa, é uma fase empírica de observação e tem por objetivo isolar e observar fenômenos produzidos, independentemente de seu observador, sendo anterior à construção da máquina³⁵. Em outras palavras, a hipótese externa tem por objetivo coletar dados para que a construção da máquina seja efetivada, ou seja, para que se possa atribuir regras para, posteriormente, fazer a aplicação desses dados. A segunda, intitulada hipótese interna, consiste em construir ou imaginar uma máquina, suscetível de reproduzir esses fenômenos. Explicando melhor, as hipóteses externas contemplam fatos observados que são submetidos a conceitos, ou seja, a hipóteses internas. Se esses conceitos não forem adequados aos fatos observados,

³⁵ O termo « máquina », utilizado por Ducrot (1984:52), se refere ao segundo procedimento do método de simulação: ao construir ou imaginar uma máquina (material ou abstrata), torna-se possível reproduzir os fenômenos da fase empírica de observação. Explicando melhor, é a máquina que permite a produção, a realização desses fenômenos.

aqueles precisam ser modificados. Para entendermos melhor como essa análise acontece em nível linguístico, podemos afirmar que é a partir das hipóteses externas da ANL que os dados produzidos pela língua são observados, ou, recorrendo a Anscombe e Ducrot (1983), podemos afirmar que as hipóteses internas implicam as hipóteses externas, ou seja, os fenômenos linguísticos estudados precisam estar de acordo com seu princípio de observação. Exemplificando, a hipótese externa saussuriana trata da análise intralinguística, ou seja, busca na própria língua a explicação para seus dados. Já a hipótese externa platoniana considera fundamental a relação de semelhança e diferença entre os enunciados, uma vez que a semantização acontece por meio desse processo. A partir dessas duas hipóteses externas, a Teoria da Argumentação na Língua tem de apresentar recursos linguísticos capazes de explicar o sentido: a Teoria dos Topoi se serve da noção de passagem de um argumento para uma conclusão para explicar seu sentido enraizado na gradualidade, enquanto a Teoria dos Blocos Semânticos busca o sentido através da interdependência semântica e da relação estabelecida pelos aspectos argumentativos.

Remetendo-nos ao capítulo IV (1984), percebe-se qual relação pode ser estabelecida entre essas hipóteses, procurando mostrar o papel da língua e da fala na Teoria da Argumentação na Língua. Iniciando o capítulo, Ducrot (1984:67) afirma que “uma linguística da língua é impossível sem uma linguística da fala”. Ora, torna-se claro que, para o linguista francês, uma não existe sem a outra, são complementares e dependentes uma da outra. Já explicamos anteriormente que a escolha feita por Ferdinand de Saussure foi uma escolha metodológica; para Ducrot, o estudo da conjunção língua e fala reforça a noção da integralidade, ou seja, a língua se constitui por regularidades e a partir delas, seu uso reflete individualidades, suas semelhanças e diferenças constituem sentido.

Apreciando o estruturalismo na sua teoria, Ducrot (1984:71) explicita que “ser estruturalista, em um estudo de qualquer área, é definir os objetos dessa área uns em relação aos outros”³⁶ (...) Dessa forma, “não há sentido nenhum em considerá-los neles próprios”³⁷. Para o linguista francês, é aí que se encontra a alteridade platoniana, na relação. Para o filósofo grego, o Outro não se constitui ao lado dos quatro gêneros, ou

³⁶ « Être structuraliste, dans l'étude d'un domaine quelconque, c'est définir les objets de ce domaine les uns par rapport aux autres. » Ducrot (1984:71)

³⁷ « ... il n'y a aucun sens à l'envisager *en lui-même*. »

seja, o Movimento, o Repouso, o Mesmo e o Ser, mas está inserido neles próprios. Platão explica que é a partir da realidade e da relação entre os cinco gêneros que o mundo adquire sentido. Percebemos que, para Ducrot, o principal legado atribuído a Platão é a relação que a semelhança e a diferença estabelecem, a constituição do Um pelo Outro. Relação também é a base-norteadora de Saussure e Ducrot utiliza essa noção para explicar como as palavras, os enunciados, os discursos são semantizados, como abordamos na seção 1.2.4.

Retomando Benveniste, a enunciação é um acontecimento único produzido “aqui” e “agora” por um locutor particular tomado em uma situação particular, especificando o papel de seus locutores e possíveis destinatários. Para Ducrot, constitui papel da enunciação marcar-se no enunciado, ou seguindo as palavras do próprio linguista, “introduzir a enunciação no enunciado”. O semanticista afirma que o enunciado é um elemento da língua, uma entidade construída pelas necessidades de explicação, e não um dado observável. Dessa forma, um enunciado não ordena, não interroga, não pede; apenas ao enunciador cabe esse papel. Podemos designar o enunciador como sendo origem do ponto de vista, fonte da enunciação, que determina os prolongamentos jurídicos, ou seja, a continuidade de seu enunciado. Assim, o enunciado será marcado pela subjetividade e sempre esperará uma resposta de seu destinatário. Parafraseando Ducrot (1984), podemos dizer que a enunciação é o acontecimento constituído pelo surgimento de um enunciado, mostrando como o processo se marca no produto, ou seja, como a enunciação é expressa no enunciado. Já Benveniste afirma que a enunciação é a colocação da língua em funcionamento por um ato individual de utilização, ou seja, a enunciação se caracteriza como um ato individual de produzir enunciados³⁸. Notamos, então, que a enunciação proposta por Oswald Ducrot mostra como o processo se marca no produto, ou seja, como a enunciação se expressa no enunciado. Já Émile Benveniste evidencia somente o processo, ou seja, a enunciação representada pelo aparelho formal *eu-tu-aqui-agora*. Como podemos relacionar a ANL com o estruturalismo e com a teoria da enunciação?

Para concebermos esse vínculo entre ANL, estruturalismo e enunciação, temos de analisar o nome que foi dado ao estudo proposto por Oswald Ducrot e colaboradores: Teoria da Argumentação na Língua.³⁹ O próprio nome já afirma que as regras estão na

³⁸ Veremos detalhadamente essa diferença na seção 2.

³⁹ O aprofundamento dessa questão será realizado no capítulo 3.

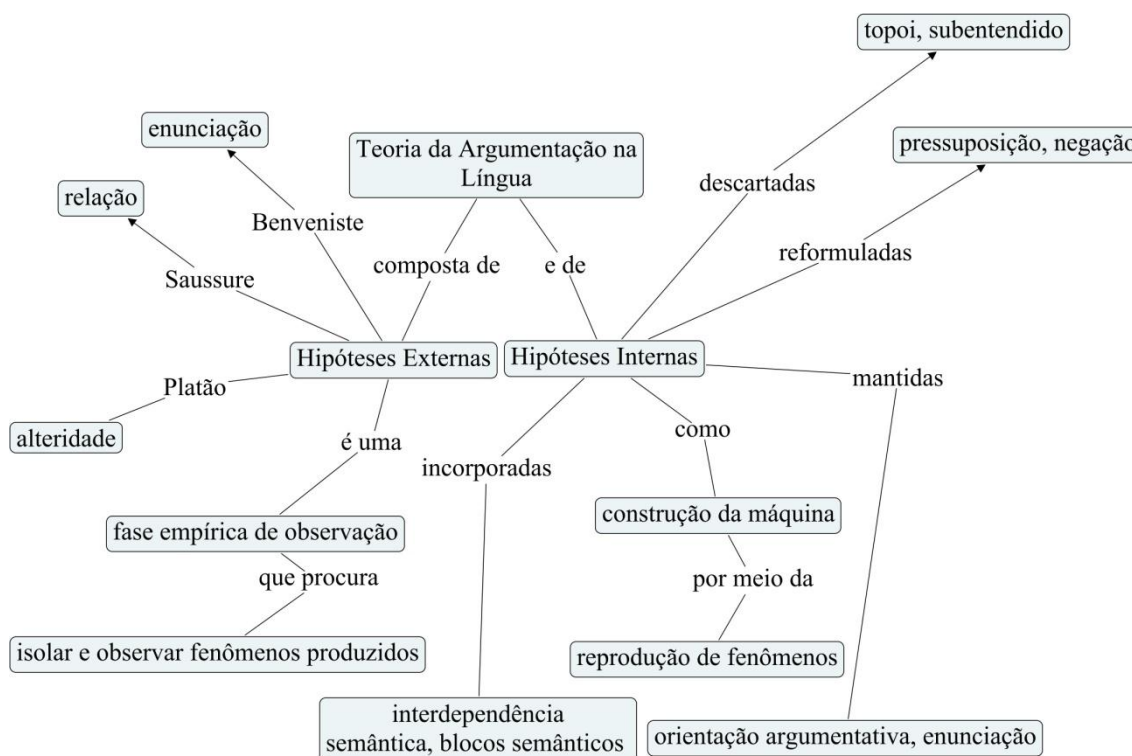
língua, prontas para serem utilizadas a fim de constituírem sentido. Percebemos, então, que tanto para Ducrot, quanto para Saussure o objeto de estudo está centrado na língua, enquanto para Benveniste está na linguagem. O linguista genebrino a utilizou para criar uma ciência, Benveniste teorizou sobre a língua e Oswald Ducrot concebeu a língua e seu uso. Como já vimos na seção dedicada a Saussure (1.2), a língua é portadora do estatuto linguístico, de regras compartilhadas pela comunidade de fala. A partir dessas regras, os locutores estão aptos a fazer um uso particular delas e exatamente essa questão foi explorada por Ducrot: ao servir-se da língua para analisar seu uso, uma rede de sentidos intralinguísticos se constitui, afastando-se de quaisquer contextos extralinguísticos e de seus julgamentos de valor.

Retornando ao título de nossa seção *Hipóteses externas e hipóteses internas da Teoria da Argumentação na Língua: algumas reflexões*, o que podemos concluir? Podemos perceber que as hipóteses externas da ANL são a *alteridade* (especificamente a noção de valor, já que o princípio de Platão está vinculado à realidade e não à linguagem), e as noções de *língua, fala, valor, relação*, de Saussure. Completando a tríade, temos a *enunciação*, de Benveniste, sendo esses os pilares da semântica intralinguística. As hipóteses internas, por sua vez, são os conceitos criados para explicar os fenômenos linguísticos, e alguns deles serão abordados na seção 1.3.2. Mas o que as HEs e as HIs realmente significam na Teoria da Argumentação na Língua? Explicando, podemos dizer que a *alteridade* na ANL diz respeito à conjunção de palavras, enunciados, discursos. Esses entrelaçamentos ocorrem a partir da semelhança e da diferença. Considerando as noções de língua, fala, valor e relação saussurianos, podemos afirmar que Ducrot (2006) reforça seus laços com o linguista genebrino ao recontextualizá-las em sua pesquisa intralinguística, especificamente na TBS. O valor linguístico de uma palavra é estabelecido quando colocado em relação, por isso valor e relação sempre serão contemplados conjuntamente. O mesmo fato ocorre com a língua e a fala. Ao afirmar que a ANL estuda a língua, Ducrot e seus colaboradores se utilizam do uso para explicá-la, “introduzindo a fala na língua, a enunciação no enunciado” (1984: 77)⁴⁰ para constituir sentido. Na enunciação, Ducrot reconhece o estudo feito por Benveniste, admitindo o *eu-tu-aqui-agora*, mas o reelabora para adequá-lo ao seu estudo. Já as HIs têm funções distintas, elas explicam os fenômenos linguísticos, como havíamos dito, e se utilizam de diversas ferramentas para ficarem adequadas às HEs. Na

⁴⁰ « ... introduire la parole dans la langue, l'énonciation dans l'énoncé. »

ANL, temos algumas noções que, utilizadas, são descartadas ou reformuladas porque não estavam de acordo com suas bases filosóficas, como os pressupostos, os subentendidos, e a própria noção de *topoi*. No entanto, algumas foram concebidas no começo dos estudos da semântica linguística e se perpetuam até hoje, como orientação argumentativa, enunciação; e outras recentes foram incorporadas, como blocos semânticos, interdependência semântica, argumentação interna e argumentação externa, entre outros. Algumas dessas noções serão vistas na seção 1.3.2, que trata da TBS e suas noções filosóficas.

Figura 11: HEs e HIs da ANL



Fonte: Figura elaborada pela autora

A partir desta figura, podemos verificar que as hipóteses externas da Teoria da Argumentação na Língua são o conceito de *alteridade* de Platão e as noções de *língua*, *fala*, *valor* e *relação* de Saussure, sendo a enunciação, de Benveniste também constitutiva do sentido. Por hipóteses internas, entende-se como conceitos utilizados para descrever e explicar o sentido, como a interdependência semântica, os blocos

semânticos, entre outros. Na seção a seguir, abordaremos a Teoria dos Blocos Semânticos e como ela é capaz de resgatar o sentido intralinguístico.

1.3.2 A Teoria dos Blocos Semânticos

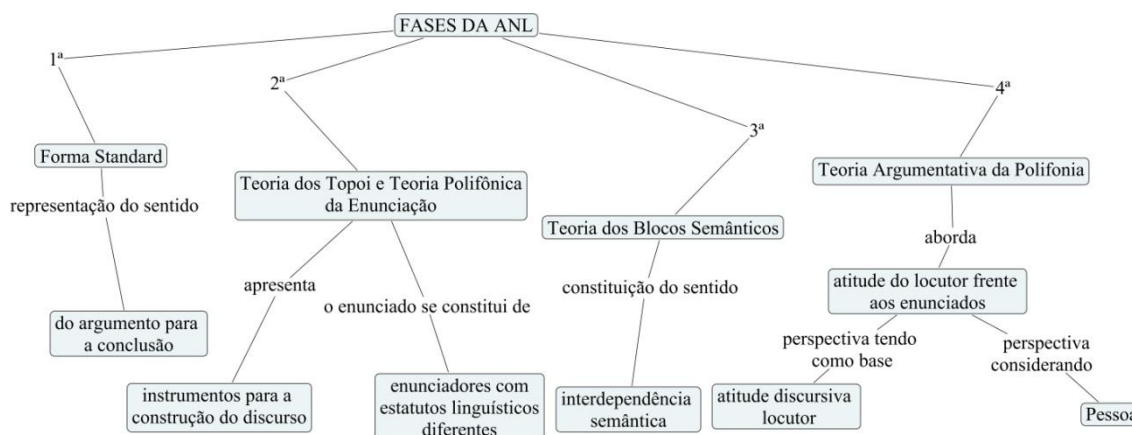
Para entendermos as fases da Teoria da Argumentação na Língua tornar-se-á necessário explicá-las, brevemente, até chegarmos à Teoria dos Blocos Semânticos. Primeiramente, explicitamos as fases da ANL: a) forma *standard*, b) forma *standard* ampliada (Teoria dos Topoi e a Teoria Polifônica da Enunciação), c) Teoria dos Blocos Semânticos e d) Teoria Argumentativa da Polifonia⁴¹. Segundo Ducrot (1990:81), a forma *standard* apresenta um segmento A que é uma justificativa do segmento C. O segmento A apresenta um fato (H), suscetível de ser verdadeiro ou falso e independente de C. Além disso, fato e conclusão se implicam, sendo $H \rightarrow C$. Para o linguista francês, essa relação não é linguística, mas de outra natureza, ao remeter a fatos extralinguísticos. Para Ducrot (1995:563), a Teoria dos Topoi descreve o sentido das frases, desconsiderando as realidades que lhes são associadas no uso da língua, ou seja, sem apresentar seu valor referencial, considerando essas frases como instrumentos para a construção do discurso. Já a Teoria Polifônica da Enunciação mostra que um mesmo enunciado tem vários sujeitos com estatutos linguísticos diferentes (Ducrot, 1990: 16), sendo vozes subjacentes ao enunciado. Em relação à TBS, utilizamos as palavras de Ducrot (2006: 154), a “Teoria dos Blocos Semânticos é um aprofundamento e uma radicalização da ANL”. Qual o sentido dessa afirmação? Isso quer dizer que a Teoria dos Blocos Semânticos é baseada na interdependência semântica em que o sentido de dois segmentos é definido um em relação ao outro, formando um encadeamento. Por exemplo, no enunciado *Pedro parou de fumar*, na Teoria dos Topoi e na Teoria Polifônica da Enunciação, tínhamos dois enunciadores; E1: Pedro fumava, E2: Pedro não fuma mais, já na TBS temos um encadeamento cujo sentido é definido pela relação entre os segmentos que o constituem, formando um encadeamento *Pedro fumava PT não fuma agora*⁴². Por fim, a fase atual da teoria, a Teoria Argumentativa da Polifonia trata da atitude do locutor frente aos conteúdos, ou seja, os conteúdos dos enunciados podem ser apresentados de diferentes formas. Os modos de apresentação de um conteúdo mostram duas perspectivas: a atitude discursiva do locutor (papel que o

⁴¹ Não abordaremos a fase atual da ANL, a TAP, pois julgamos que não trata do tema proposto por este estudo: “Fundamentos filosóficos da Teoria da Argumentação na Língua: um estudo sobre a Teoria dos Topoi e a Teoria dos Blocos Semânticos”.

⁴² Maiores detalhes sobre a TBS, ver seção 1.3.2.1

locutor intenciona dar em seu discurso ao conteúdo introduzido) e a Pessoa (representação do modo particular com que o enunciador preenche o papel que lhe é conferido). Ao explicarmos do que tratam as fases da ANL, compreendemos como é possível analisar detalhadamente a TBS.

Figura 12: Fases da ANL



Fonte: Figura elaborada pela autora

Nesta figura podemos perceber que a ANL se estabeleceu a partir de quatro fases: 1) forma *standard* (argumento mais conclusão), 2) Teoria dos *Topoi* e Teoria Polifônica da Enunciação, 3) Teoria dos Blocos Semânticos e 4) Teoria Argumentativa da Polifonia. Com o desenvolvimento da ANL, podemos notar que essa teoria semântica está em constante transformação, sempre buscando no intralinguístico seu sentido. Na seção a seguir, mostraremos como as bases filosóficas da ANL estão presentes na TBS.

1.3.2.1 Relação entre a Teoria dos Blocos Semânticos e as bases filosóficas da Teoria da Argumentação na Língua

Para relacionarmos a TBS com as bases filosóficas da ANL (*alteridade* de Platão, *língua, fala, valor e relação* de Saussure) e a enunciação de Benveniste, temos que ter em mente quais são os objetivos do nosso trabalho: a) mostrar a relação entre as bases filosóficas da ANL e a Teoria dos Topoi; b) esclarecer o porquê da criação a Teoria dos Topoi; c) abordar a relação entre a Teoria dos Topoi e a Teoria da Argumentação na Língua; e por fim d) relacionar a Teoria dos Topoi e a Teoria dos

Blocos Semânticos, evidenciando possíveis diferenças. Nota-se que ainda não abordamos a Teoria dos Topoi, foco de nosso trabalho, pois acreditamos que se torna necessário apresentarmos um pilar teórico consistente, que justifique nossas escolhas. Sabemos também que a Teoria dos Topoi e a Teoria dos Blocos Semânticos são perspectivas diferentes de descrever a língua e seu uso, por isso optamos por explicar primeiramente a conformidade entre a TBS e suas bases, depois (seção 5) qual é a perspectiva estabelecida entre a Teoria dos Topoi e as bases filosóficas da ANL.

Considerada a alteridade de Platão, presente na obra *O Sofista* (1993), podemos afirmar que ela está presente em toda a ANL. Vamos nos servir de uma resenha de Cordero (1987) para fazermos ligação entre a TBS e a alteridade. Para Cordero (1987), o sofista é uma anomalia, pois remete às noções de imagem, de mentira, de trapaça, de ilusão, ou seja, ao não-ser. Cordero se pergunta, então, por que Platão escolheu um eleata para classificar, definir e criticar o *métier* do sofista. O estudioso chega à conclusão de que o objetivo central da obra é colocar em relação o eleatismo e a sofística, explicando o que é um sofista para os indivíduos de Eleia. Sócrates, ao perguntar para o Estrangeiro de Eleia como ele concebe o sofista, omite sua opinião, mas faz outro questionamento: para um eleata, qual é a essência do sofista? A tese de Parmênides que defende a não existência dos sofistas é colocada à prova. Para o Estrangeiro, as ferramentas utilizadas pelos sofistas não existem, elas são relegadas ao não-ser. O “verdadeiro” sofista não pode mentir, ele diz a verdade. Dessa forma, desfaz-se a figura do sofista. Platão, contrariando as teses eleatas, acredita na existência do sofista (não-ser), conceituando o ser como semelhança e o não-ser como diferença. As imagens realmente existem, elas são diferentes do ser. O sofista é, então, alguém que joga com o ser, cuja atividade é desenvolvida na medida em que ela é compartilhada com o outro.

Perguntamo-nos, a partir dessa análise crítica de Cordero, como conciliar alteridade e TBS? Partindo das explicações de Cordero (1987) sobre Platão de que o ser é a semelhança e o não-ser é a diferença, podemos afirmar que a TBS, ao conceber “relações constitutivas do significado, cujos encadeamentos argumentativos X DC Y e X PT neg Y estão relacionados ao signo”, acentua a relação, a necessidade de troca, de complemento, para a formação do sentido. Para um encadeamento “ser”, “existir”, necessita se conectar com o “outro”, o seu “não-ser” a fim de ser orientado para adquirir determinado sentido. O simples fato de relacionar segmentos, de um aspecto depender

do outro para constituir um enunciado ou um texto, já demonstra que a completude de outrem é uma forma natural da constituição tanto do ser quanto do não-ser, tanto do locutor quanto do alocutário. Semelhança e Diferença, fusão reveladora de uma só face.

Ocupando-nos, agora, com as noções de língua, fala, valor e relação saussurianos e da Teoria dos Blocos Semânticos, podemos assegurar que a ANL segue os princípios saussurianos, pois o significado de uma expressão está nas relações dessa expressão com outras expressões da língua. Aprofundando esse tema, Ducrot (2005:11) afirma que “o significado de um signo é o conjunto das relações desse signo com outros signos da língua (...), por isso o signo não tem nenhuma relação com o referente do signo, nem com o conceito psicológico que os usuários do signo teriam na cabeça (...), sua ordem é puramente linguística”. Para reforçar esse posicionamento de que o sentido está na relação e de que não são aceitos contextos extralinguísticos em sua teoria, Ducrot explica o momento em que ele percebeu que a Teoria dos Topoi⁴³ não era capaz de buscar o sentido interno da língua. O encadeamento argumentativo *O hotel está perto, portanto é fácil chegar* apresenta um princípio (um *topos*) de que *quanto mais se está perto de um lugar, mais fácil se torna o acesso a ele*. No encadeamento *O hotel está longe, portanto é difícil chegar* apresenta o *topos* *quanto mais longe se está de algum lugar, mais difícil torna-se seu acesso*. Ducrot notou que ele e Anscombe (1995) se baseavam em informações extralinguísticas, da realidade, para formularem seus princípios, renegando Saussure que estuda a língua a partir dela própria. A TBS, então, retoma essa ideia de que a língua necessita de suas próprias regularidades para se explicar e constituir sentido: uma expressão é feita a partir dos discursos argumentativos que podem encadear-se a partir dela. Na seção 1.2.4, vimos como Ducrot remodelou os princípios saussurianos para construir a TBS e como o intralinguístico é fundamental para que a língua se recrie e se semantize sempre. Para que isso ocorra de forma bem-sucedida, é necessário que a enunciação realize sua função: dar espaço aos seres de fala e determinar tempo e espaço. Veremos agora, como a enunciação, a terceira e última base filosófica da ANL, é contemplada na TBS.

Para elucidarmos a relação presente entre a TBS e a enunciação, faremos uma exposição breve, uma vez que esse será o tema da nossa seção 4. Como sabemos, a noção de enunciação advém de Émile Benveniste. Para o linguista francês (2008:80), “a

⁴³ Detalhes da Teoria dos Topoi, ver seção 4.

enunciação é esse colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. Deprendemos daí que a enunciação é um ato individual de produzir enunciados, e está interessada no seu processo. Por sua vez, Oswald Ducrot (1984) afirma que a enunciação é um acontecimento constituído pelo aparecimento de um enunciado. Assim, ele estuda como o processo se marca no produto, ou seja, como a enunciação é expressa no enunciado. Examinando essa colocação, podemos dizer, baseada em Ducrot e Schaeffer (1995:728), que a frase é uma entidade linguística abstrata que pode ser empregada em uma infinidade de situações diferentes e o enunciado é a realização particular de uma frase por um sujeito falante determinado. A partir daí, produz-se a enunciação, um acontecimento histórico constituído pelo fato de que um enunciado foi produzido, ou seja, uma frase foi realizada. Com essas informações, é possível estabelecer um elo entre a TBS e a enunciação? Pensamos que sim, uma vez que o encadeamento argumentativo *Pedro fumava PT não fuma agora* não só descreve o sentido de um enunciado, mas também coloca em evidência a relação *eu-tu-aqui-agora*, a partir do jogo enunciativo entre o locutor e o alocutário em determinado tempo e espaço. Considerando a enunciação da ANL, podemos dizer que ela utiliza as noções benvenistianas, mas uma nova concepção é feita para contemplar a ideia inicial da semântica linguística: mostrar que a argumentação está na língua e é ela que fomenta o uso e seus sentidos variados.

1.3.2.2 Bloco semântico: a revelação do sentido pela interdependência semântica

A Teoria dos Blocos Semânticos, criada por Carel e Ducrot, está desenvolvida em uma série de conferências proferidas em Buenos Aires no livro *La Semántica Argumentativa. Una introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos*, organizado em 2005 por María Marta García Negroni e Alfredo M. Lescano. Para Carel e Ducrot (2005:13), a TBS considera que o sentido de uma entidade linguística está constituído por certos discursos que ela é capaz de evocar. Esses discursos são denominados encadeamentos argumentativos. Dessa forma, não é papel da entidade linguística descrever coisas, fatos, propriedades, crenças psicológicas nem ideias.

Os encadeamentos argumentativos são as relações entre dois segmentos – suporte e aporte – estabelecidos por meio de um conector. Formalizando, temos: **X CON Y**. Exemplificando: *Pedro é inteligente DC será aprovado* e *Pedro é inteligente*

PT não será aprovado. O primeiro enunciado é um encadeamento normativo⁴⁴ com conectores do tipo *portanto* (*DC*) e o segundo é um encadeamento transgressivo com conectores do tipo *no entanto* (*PT*). Vamos explicar como cada um deles funciona.

Tanto o encadeamento normativo com *DC* quanto o encadeamento transgressivo com *PT* são aspectos que podem se concretizar através dos conectores utilizados na língua. Nos encadeamentos normativos temos: *portanto*, *se... então*, *tem como consequência*, *assim*, entre outros, enquanto nos encadeamentos transgressivos temos: *no entanto*, *apesar de*, *embora*, entre outros. Notamos que denominar os conectores como *DC* e como *PT* não só formaliza os vários conectores da língua, mas evidencia que toda a semantização é feita através dessa relação.

Percebemos, até o momento, que o sentido do encadeamento argumentativo é obtido através da relação entre os segmentos. Caracterizamos, aí, a interdependência semântica. Utilizaremos um exemplo de Ducrot (2005) para uma maior compreensão:

É um verdadeiro problema, portanto adiemos o assunto.

Podemos observar que o segmento 1 (*é um verdadeiro problema*) só adquire seu sentido pleno quando o segundo segmento (*adiemos o assunto*) o compõe. Vamos propor um segundo enunciado. Quando alguém nos diz: “Está quente hoje”, perguntamos imediatamente: Por que tal afirmação? Para nós, configura-se um enunciado incompleto, por isso esperamos a resposta do outro. Por sua vez, o outro pode responder: *Está quente hoje, portanto vou passear*, *Está quente hoje, portanto não vou passear*, *Está quente hoje, portanto vou ficar em casa*, *Está quente hoje, portanto vou estudar ao ar livre*, são várias as possibilidades que a língua oferece. Também são inúmeras as suas impossibilidades, como bem evidencia o linguista francês. Retomemos Ducrot (2005:21): *O hotel está perto da universidade, no entanto não é fácil chegar*, *O hotel não está perto da universidade, no entanto é fácil chegar*, *O hotel não está perto da universidade, portanto não é fácil chegar*. A essas possibilidades e impossibilidades de continuação, Ducrot denomina orientação argumentativa. É ela que determina o percurso de cada enunciado.

⁴⁴ As noções de norma e transgressão não têm relação alguma com as regras estabelecidas pela sociedade. Ambas dizem respeito ao sentido intralinguístico, ao sentido evocado pelo enunciado.

Com essas noções podemos abordar o que são os aspectos argumentativos. Eles são considerados aspectos formalizados pelos encadeamentos argumentativos A CON B, em que A e B são segmentos constitutivos do encadeamento (com a ausência ou presença de negação) e o CON representa conectores normativos (DC) ou transgressivos (PT). Utilizando Ducrot (2005:20), temos o exemplo: *O hotel é perto da universidade DC é fácil chegar*. Fazendo uso da orientação argumentativa, podemos afirmar que o segmento *é perto* nos conduz ao uso do conector normativo *portanto*, completando o sentido com o *é fácil chegar*. Dessa forma, o encadeamento pode ser formalizado através do aspecto argumentativo *é perto DC é fácil chegar*. Esse aspecto contém outros encadeamentos, como *O hotel fica perto da Universidade, portanto é fácil chegar, a Catedral fica perto da Faculdade, portanto é fácil chegar, Meu quarto está perto do teu, portanto é fácil chegar*. Os aspectos podem ser normativos (como vimos nos exemplos acima, com o conector *portanto*) ou transgressivos (com o conector *no entanto*). Retomando o que vimos na seção 1.2.4, podemos afirmar que a Teoria da Argumentação na Língua se filia a Saussure, pois estabelece, pelo valor e pela relação, o sentido intralinguístico. Podemos relacionar Ducrot e Saussure por meio da noção de signo linguístico. Para a TBS, a significação de um signo faz parte de um conjunto de relações entre signos, ou seja, são relações constitutivas do sentido, sendo que os encadeamentos argumentativos estão relacionados aos signos. Tratando ainda da ANL e do legado saussuriano, as relações sintagmáticas são representadas pelos encadeamentos, cujo valor é atribuído pela relação com outros encadeamentos. As relações *in absentia* constituem relação de oposição entre um encadeamento e outros.

Os aspectos normativos e transgressivos, ou seja, o conjunto de encadeamentos formados a partir da entidade linguística, apresentam duas maneiras de se constituir: a argumentação externa e a argumentação interna. A argumentação externa (AE) de uma entidade X está relacionada aos encadeamentos que precedem de uma entidade ou seguem-na. Baseando-nos em Ducrot (2005:62), vamos exemplificar a partir da AE de prudente:

Pedro é prudente, portanto não sofrerá acidentes.

Nesse enunciado, temos um discurso que sucede a entidade linguística *prudente*. Já no enunciado logo abaixo, temos um discurso que precede tal entidade linguística:

Teve medo, portanto é prudente.

Fundamentado nesses enunciados, Ducrot (2005) mostra a primeira propriedade da AE: uma entidade está constituída por aspectos cujos encadeamentos contêm essa entidade. Explicando melhor, a entidade linguística é parte dos encadeamentos externos que a descrevem.

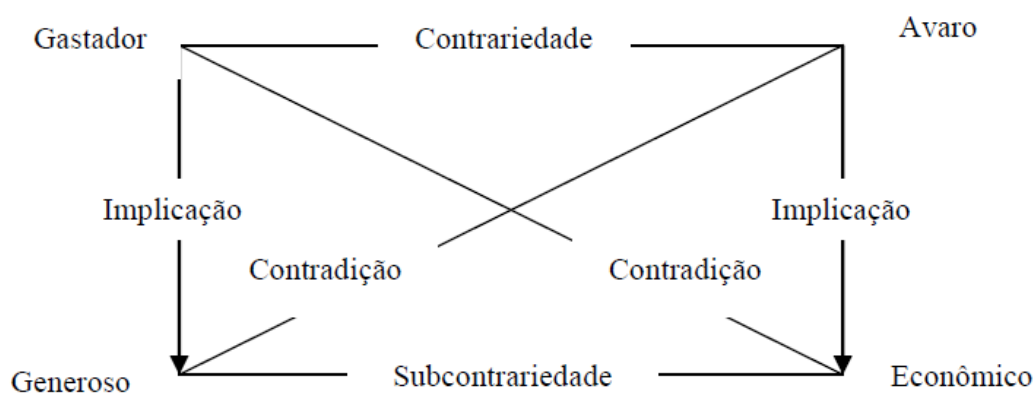
Para desenvolver a segunda propriedade da AE, Ducrot mostra o aspecto *prudente DC segurança*, em que também estará presente o aspecto *prudente PT neg-segurança*. Notamos, então, que os aspectos pertencentes à AE sempre ocorrem por pares. O mesmo fato acontece com os aspectos transgressivos. Temos, dessa forma, a segunda propriedade da AE: cada aspecto em *CON* da AE está associado a um aspecto *CON'* mais a *Neg*. Ainda contemplando a argumentação externa, podemos afirmar que existem duas categorias: a argumentação externa à direita e a argumentação externa à esquerda. Recorrendo à AE à direita, dispomos: *prudente DC segurança* e *prudente PT neg segurança*, em que a argumentação está do lado direito de *prudente*. Por sua vez, a AE à esquerda apresenta os encadeamentos: *ter medo DC ser prudente* e *neg ter medo PT ser prudente* em que o argumento está no lado esquerdo. Vamos fazer mais uma consideração em relação à argumentação externa, não a menos importante. Trata-se das argumentações externas estruturais e as argumentações externas contextuais.

As AEs estruturais (Ducrot, 2005:63-64) são determinadas pela língua, ou seja, fazem parte da significação linguística de uma entidade. Por exemplo, em *prudente DC segurança/ prudente PT neg segurança*, ambos os encadeamentos são parte da significação de *prudente*, uma vez que essa entidade linguística está relacionada a *segurança* por *portanto* e a *neg segurança* por *no entanto*. As AEs contextuais exercem um papel distinto, uma vez que elas dependem de cada situação discursiva. O encadeamento *prudente DC merece confiança* mostra bem como se desenvolve esse tipo de argumentação. Consideramos o par *prudente DC confiança* e *prudente PT neg merece confiança*. Este encadeamento (*prudente PT neg merece confiança*) pode ser aplicado a guarda-costa. Apesar de a língua determinar que o *guarda-costa* é uma pessoa que acompanha outra para defendê-la, a AE contextual mostra que se a pessoa é prudente, ela não irá arriscar sua vida para salvar outra.

Após essa explanação do que é a argumentação externa, vamos abordar a argumentação interna (AI). Nas AIs (Ducrot, 2005:64-65), uma entidade linguística é constituída por encadeamentos que parafraseiam essa entidade, tendo duas

propriedades. A primeira afirma que a entidade linguística não pertence ao encadeamento constitutivo. Sendo assim, temos a AI de *prudente: perigo DC precaução*, a AI de *medroso é neg perigo PT precaução* e a AI de *inteligente é difícil PT compreende*. A segunda propriedade da AI diz respeito à ausência de pares, da relação conversa entre uma entidade e outra, como vimos na AE à direita. Fundamentando-nos nas AEs, nas AIs e nos encadeamentos argumentativos que dão origem aos aspectos, depreendemos o que é um bloco semântico: é a relação entre dois segmentos articulados por dois conectores *portanto* (DC) e *no entanto* (DC), reagrupado em quatro aspectos. É a partir da relação entre esses quatro aspectos que ocorrerá a semantização do discurso.

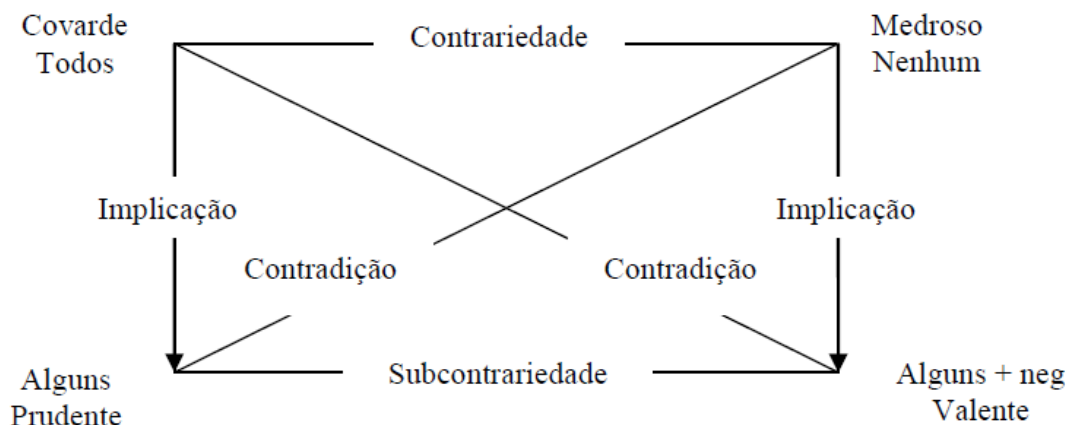
O quadrado argumentativo da Teoria dos Blocos Semânticos, elaborado por Marion Carel e Oswald Ducrot, resgatou a forma do quadrado de Aristóteles, de maneira alguma recuperou o sentido elaborado pelo filósofo grego, por isso, torna-se pertinente explorá-lo. Ducrot (1990:136) o explica através de quatro adjetivos: generoso, avaro, econômico e gastador. Eles estão dispostos nos quatro ângulos do quadrado aristotélico, no esquema a seguir:



Fonte: figura elaborada com base em Ducrot (1990, p.137)

Vamos descrever o que cada parte representa: as flechas (\downarrow) indicam implicação unilateral, em que *avaro* está relacionado a *econômico* e *gastador* a *generoso*. A linha da *Contrariedade* indica que não se pode ser *gastador* e *avaro* ao mesmo tempo, mas um indivíduo pode ter uma ou nenhuma dessas características. Já a *Subcontrariedade* mostra que um indivíduo pode ser *generoso* e *econômico* simultaneamente, sendo que o indivíduo deve ter, necessariamente, uma ou as duas características.

Para Ducrot (1990:137), o quadrado aristotélico pode ser usado com outros quatro conjuntos de palavras, a saber: *todos*, *nenhum*, *alguns* e *alguns + negação* e *covarde*, *prudente*, *medroso* e *valente*. Ilustrando pelo quadrado aristotélico, temos:



Fonte: figura elaborada com base em Ducrot (1990, p.137)

Para Ducrot (1990:138), esse quadrado representa a lógica atribuindo conceito, ou seja, descreve de forma correta e logicista as relações existentes entre os conceitos representados pelas palavras. Dessa forma, não se obtém o valor atribuído ao uso das palavras no discurso e não é possível construir encadeamentos. Para o linguista francês (1990:138), o movimento discursivo busca uma descrição linguística das palavras, recuperando o discurso; assim torna-se insatisfatória uma descrição que estabelece relações lógicas como faz o quadrado aristotélico. Para Ducrot, o quadrado argumentativo é uma forma de buscar o sentido através das relações discursivas, descartando a lógica e as noções de verdade e falsidade que a compõem.

A partir do quadrado aristotélico, Ducrot (2005:22, 23) utiliza sua forma, mas o concebe com uma função distinta: a de argumentar. Para compor o quadrado argumentativo, Ducrot combina encadeamentos argumentativos pertencentes aos aspectos normativos e aos aspectos transgressivos. Os aspectos normativos formadores do bloco semântico 1 são:

A DC B: *Fazer bom tempo DC passear.*

A PT neg B: *Fazer bom tempo PT neg passear.*

neg A PT B: *neg fazer bom tempo PT passear.*

neg A DC neg B: *neg fazer bom tempo DC neg passear.*

O sentido desses aspectos só é configurado pela relação de interdependência semântica, formadora do sentido do bloco, que é a relação entre os aspectos argumentativos a partir do uso do conector (DC e PT) e da negação. Nos aspectos transgressivos composto pelo bloco semântico 2 também ocorre essa situação:

A DC neg B: *Fazer bom tempo DC neg passear.*

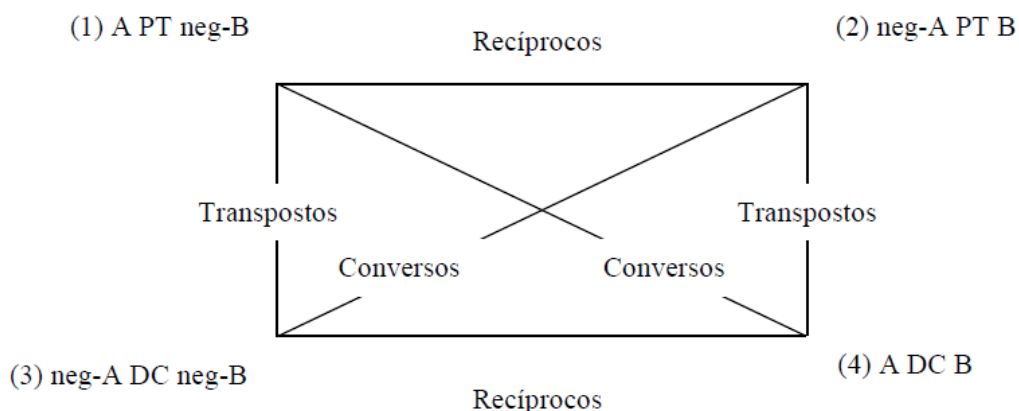
A PT B: *Fazer bom tempo PT passear.*

neg A DC B: *neg fazer bom tempo DC passear.*

neg A PT neg B: *neg fazer bom tempo PT neg passear.*

Notamos, a partir dos aspectos apresentados em cada bloco, a constituição de um sentido. No entanto, o BS1 e o BS2 têm sentidos contrários: no bloco 1, o bom tempo é um convite ao passeio (A DC B), enquanto no bloco 2 (A DC neg B) o bom tempo é um impedimento ao passeio.

Delimitados os aspectos que compõem cada bloco, Carel e Ducrot (2005:40) mostram as relações às quais eles são submetidos: a conversão, a reciprocidade e a transposição. Para o bloco semântico 1, temos:



Fonte: figura elaborada com base em Carel e Ducrot (2005, p.46)

Desmembrando, eis as relações formadas:

- por conversão:

entre A PT neg B e A DC B

entre neg A PT B e neg A DC neg B

- por reciprocidade:

entre A PT neg B e neg A PT B

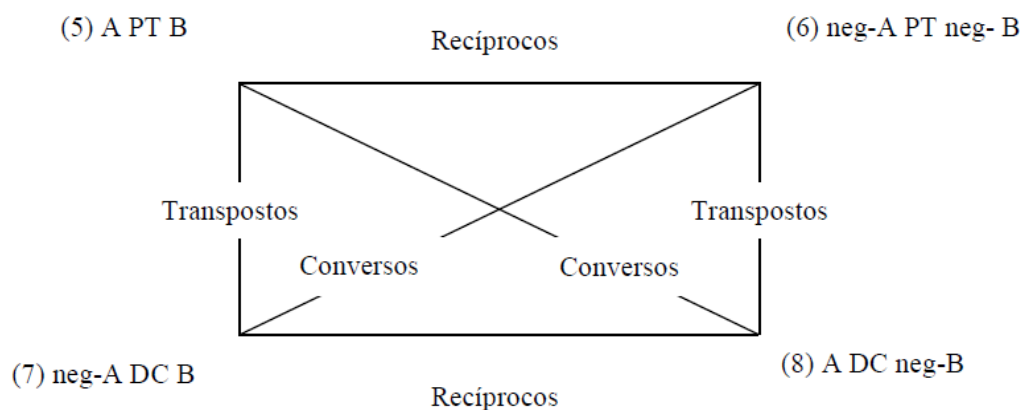
entre neg A DC neg B e A DC B

- por transposição

entre A PT neg B e neg A DC neg B

entre neg A PT B e A DC B

Essas relações também se encontram no bloco semântico 2:



Fonte: figura elaborada com base em Carel e Ducrot (2005, p.46)

Reestruturando, temos:

- por conversão:

entre A PT B e A DC neg B

entre neg A PT neg B

- por reciprocidade:

entre A PT B e neg A PT neg B

entre neg A DC B e A DC neg B

- por transposição:

entre A PT B e neg A DC B

entre neg A PT neg B e A DC neg B

Utilizaremos mais um exemplo, a fim de fixarmos qual é a proposta de Carel e Ducrot com a elaboração do bloco semântico:

(1) ser inteligente PT neg ser aprovado

(2) neg ser inteligente PT ser aprovado

(3) neg ser inteligente DC neg ser aprovado

(4) ser inteligente DC ser aprovado

Por pertencerem ao mesmo bloco semântico, os aspectos mencionados afirmam que a inteligência leva à aprovação. No entanto, no bloco semântico 2, a inteligência leva à não aprovação, como veremos a seguir:

(5) ser inteligente PT ser aprovado

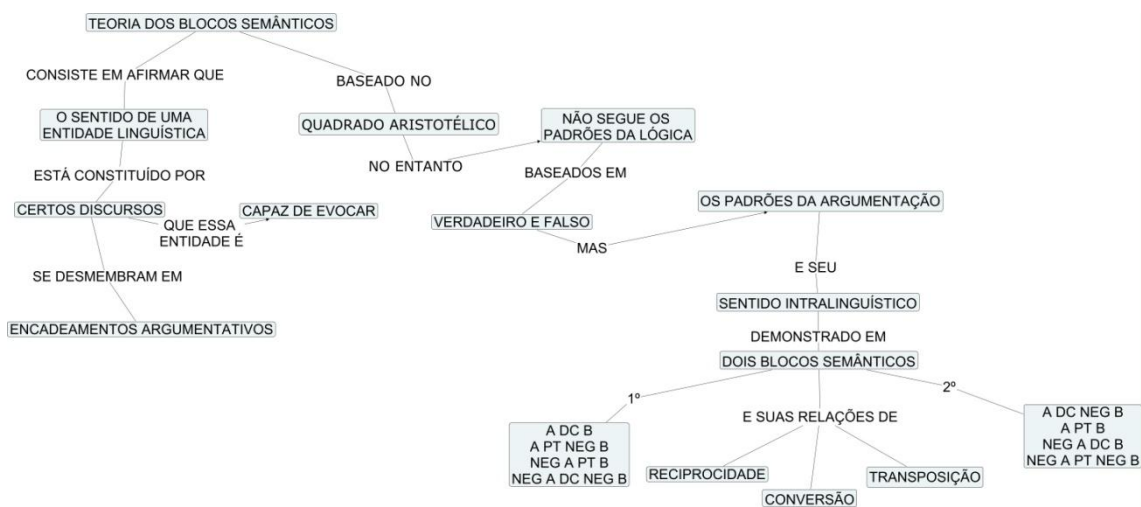
(6) neg ser inteligente PT neg ser aprovado

(7) neg ser inteligente DC ser aprovado

(8) ser inteligente DC neg ser aprovado

Compreendemos a partir dos BS1 e BS2 que cada bloco adquire sentido quando está relacionado a outro aspecto e que ambos têm sentidos distintos. Cabe ao locutor decidir qual percurso deseja seguir. Sabemos que a TBS é uma radicalização da ANL e também uma forma de refutar a Teoria dos Topoi, conforme vimos em Ducrot (2005, 2006).

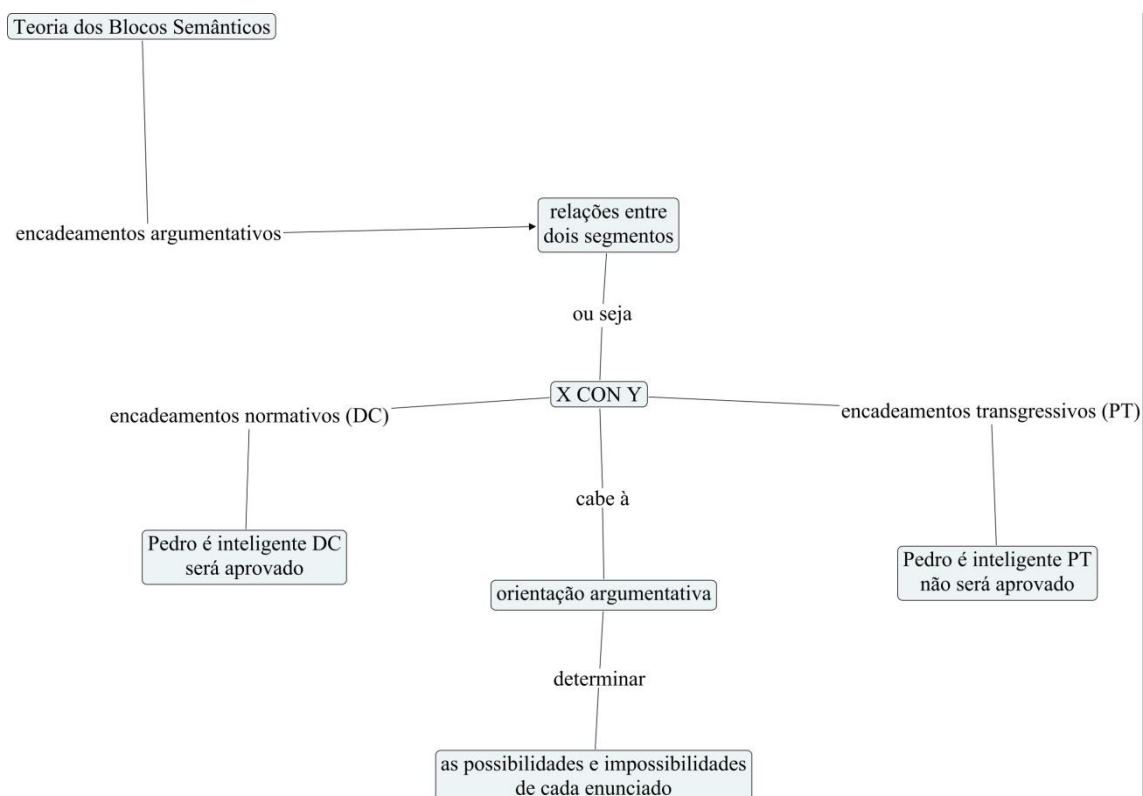
Figura 13: Teoria dos Blocos Semânticos – parte I



Fonte: Figura elaborada pela autora

Nesta figura, notamos que, na TBS, o sentido de uma entidade linguística é estabelecido a partir de encadeamentos argumentativos. Por sua vez, o bloco semântico representado pelo quadrado argumentativo mostra como o sentido se constitui por meio das relações de reciprocidade, conversão e transposição, desconsiderando quaisquer recursos da lógica.

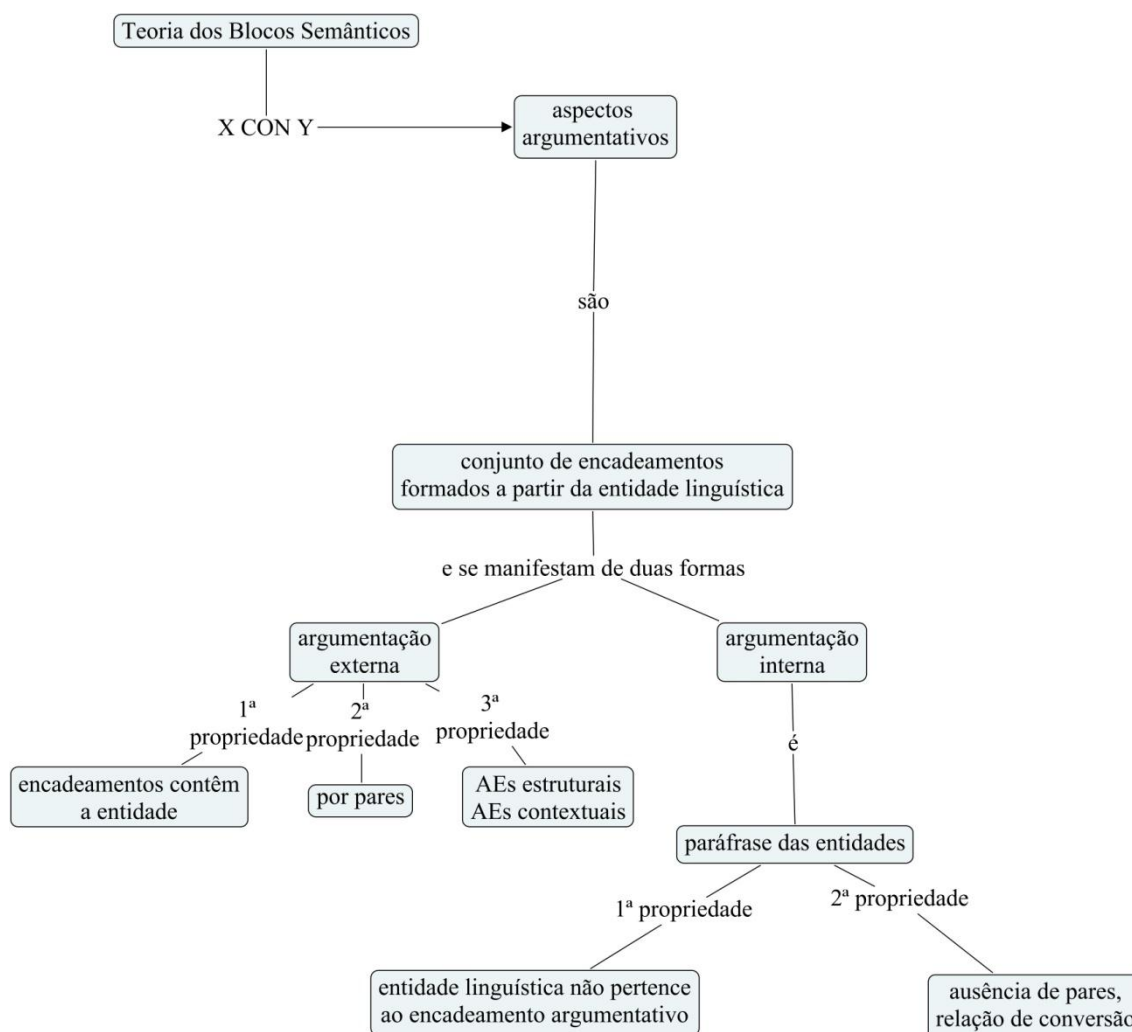
Figura 14: Teoria dos Blocos Semânticos – parte II



Fonte: Figura elaborada pela autora

Compreende-se por encadeamento argumentativo as relações entre dois segmentos, que podem apresentar encadeamentos normativos (em *portanto*) ou encadeamentos transgressivos (em *no entanto*), cabendo à orientação argumentativa determinar as possibilidades e impossibilidades de cada enunciado.

Figura 15: Teoria dos Blocos Semânticos – parte III



Fonte: Figura elaborada pela autora

Continuando a explicação sobre a TBS, os aspectos argumentativos são conjuntos de encadeamentos a partir da entidade linguística, podendo manifestar-se de duas formas: argumentação externa e argumentação interna. A AE apresenta três propriedades e a AI duas propriedades. Enquanto uma contém a entidade linguística, a outra parafraseia.

2 A ENUNCIÇÃO NA LINGUAGEM SOB DOIS OLHARES: BENVENISTE E DUCROT

A enunciação de Émile Benveniste e Oswald Ducrot apresentam perspectivas distintas: enquanto Benveniste concebe a enunciação a partir de seu aparelho formal *eu-tu-aqui-agora*, evidenciando o processo, Ducrot explica como o processo se marca no produto, ou seja, como a enunciação se expressa no enunciado. Apesar de apresentarem pontos de vista distintos, ambos os linguistas utilizam a subjetividade como fator constitutivo da enunciação.

Para falar da subjetividade em qualquer nível linguístico, torna-se essencial fazermos um contraponto com a objetividade. Para Émile Benveniste (1966: 259), a subjetividade é a capacidade de o locutor se colocar como sujeito. Para Karl Bühler (*apud* Ducrot 1990:49), a objetividade é uma representação da realidade, isenta do ponto de vista do locutor. Vemos que uma exige posição do locutor, enquanto a outra descarta essa atitude. Benveniste (1966) não vê subjetividade fora da linguagem e é esse o tema condutor do *PLG I* e do *PLG II*. Bühler atribui à linguagem três condições: a objetividade, a subjetividade e a intersubjetividade. Após o esclarecimento dessas distinções, vamos elucidar quais temas serão considerados nesta seção: primeiramente, mostraremos a subjetividade e a intersubjetividade na linguagem por Émile Benveniste. Após, ilustraremos a elaboração de seu aparelho formal da enunciação. Para finalizarmos, contemplaremos a releitura de Émile Benveniste feita por Gérard Dessons. Na seção a seguir, as contribuições de Benveniste para a linguística.

2.1 A SUBJETIVIDADE E A INTERSUBJETIVIDADE NA LINGUAGEM: O PONTO DE VISTA DE ÉMILE BENVENISTE

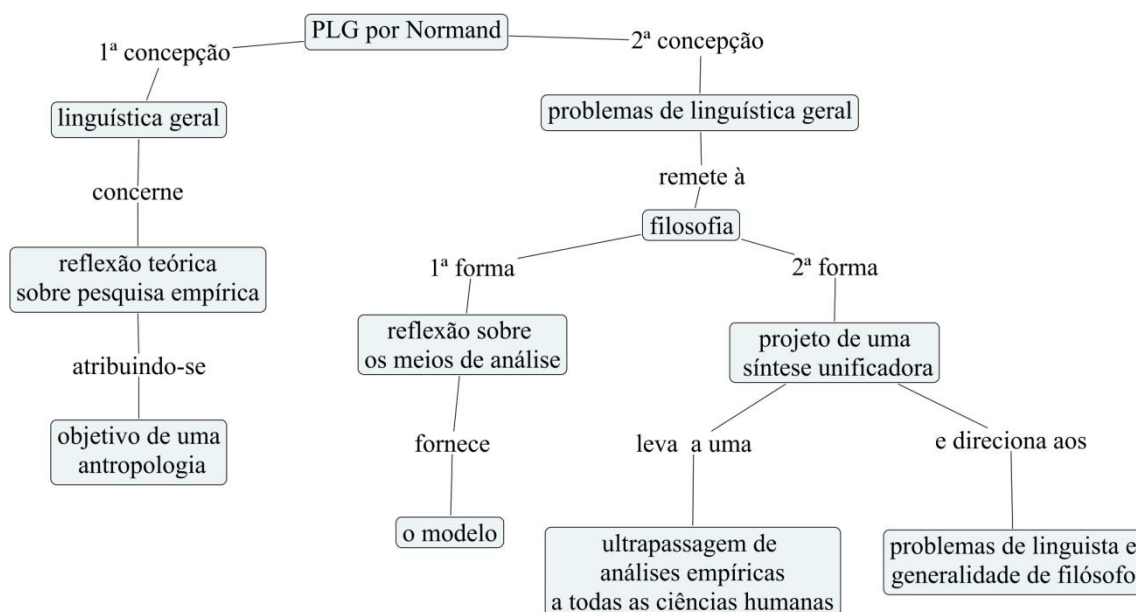
Antes de explicar o que é subjetividade e intersubjetividade na linguística benvenistiana, elucidaremos o que significa o título *Problèmes de Linguistique Générale* a partir de Normand (1989):

A linguística geral, anunciada pelo termo *Problemas*, como uma reflexão teórica sobre pesquisas empíricas se atribui, assim, cada vez mais claramente ao decorrer das exposições, o objetivo de uma antropologia e os *Problemas de Linguística Geral*, texto clássico da literatura linguística, convoca a filosofia em algumas de suas funções tradicionais: por um lado, a reflexão sobre os meios da análise é o questionamento epistemológico do qual o *Curso de Linguística Geral (CLG)* dá, segundo Benveniste, o modelo; por outro o projeto de uma

síntese unificadora, ultrapassagem de análises empíricas em uma totalização extensiva a todas as ciências humanas; problemas de linguista e generalidade de filósofo. (Normand, 1989:142)⁴⁵

Podemos depreender, de acordo com Normand (1989), que o termo *linguística geral* compreende a antropologia, e o livro de Benveniste, *Problemas de Linguística Geral*, propõe o desenvolvimento e a reflexão de assuntos mais profundos que concernem a filosofia: os meios de análise, sugeridos por Saussure no *CLG* e o entendimento das ciências humanas, considerando o linguista e o filósofo como seus principais atuantes. Verificamos, então, que tratar de linguística e de seus problemas é um tema complexo, que requer estudo, dedicação e capacidade de relacionar filosofia e linguística. Benveniste (1966) tenta desvendar os caminhos tortuosos desses dois campos de estudo e o resultado dessa travessia são os *Problèmes de Linguistique Générale I* e os *Problèmes de Linguistique Générale II*. No prefácio do *PLG I*, Émile Benveniste destaca que o progresso da linguística advém da complexidade que ela reconhece das coisas atribuídas a ela. Assim, as línguas, objetos de estudo da linguística, permanecem sendo o único acesso possível para a compreensão dos mecanismos gerais e do funcionamento da linguagem. Já no *PLG II*, temos uma compilação dos trabalhos mais significativos do linguista francês para a comunidade científica, considerando a língua e suas estruturas e principalmente destacando o papel do homem para constituir seu mundo através dela.

⁴⁵ « La linguistique générale, annoncée par le terme *Problèmes*, comme une réflexion théorique sur des recherches empiriques, se donne ainsi, de plus en plus clairement au cours des exposés, l'objectif d'une anthropologie et les *Problèmes de Linguistique Générale*, texte classique de la littérature linguistique, convoque la philosophie dans quelques-unes de ses fonctions traditionnelles: d'une part, la réflexion sur les moyens de l'analyse, c'est le questionnement épistémologique dont le *Cours de Linguistique Générale* (CLG) donne, pour Benveniste, le modèle; d'autre part, le projet de synthèse unifiante, dépassement des analyses empiriques dans une totalisation étendue à toutes les sciences humaines; problèmes de linguiste donc et généralité de philosophe ».

Figura 16: PLG por Normand

Fonte: Figura elaborada pela autora

Nesta figura, Normand (1989) explica o título da obra benvenistiana *Problemas de Linguística Geral*. A linguística geral concentra-se na reflexão teórica sobre a pesquisa empírica; enquanto os *Problemas de Linguística Geral* se refere à filosofia e faz uma reflexão sobre os meios de análise, além de ultrapassar as análises empíricas e problematizar a linguística e a filosofia.

Para começarmos nossos estudos sobre a subjetividade e a intersubjetividade, tomaremos como base desta seção o capítulo V, *O homem na língua*, especificamente a parte intitulada *Da subjetividade na linguagem*. A linguagem, compreendida como um instrumento de comunicação, trata de duas propriedades. A primeira estaria vinculada à forma eficaz que a linguagem oferece para a comunicação. A segunda diz respeito ao discurso, sendo a língua responsável por colocar em ação tal instrumento a partir de dois parceiros de fala. No entanto, para Benveniste, falar da linguagem como um instrumento é colocar em oposição o homem e a natureza. Fabricações são a picareta, a flecha, a roda; a linguagem, no entanto, não é fabricada, está na natureza do homem, uma vez que “é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando a

outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem”⁴⁶. Continuando seu raciocínio, Benveniste afirma que o vai-e-vem da fala sugere uma troca, que só é possível de ser realizada quando ela é atualizada por seus interlocutores. Assim, “é na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito”⁴⁷, e é essa subjetividade que garante a capacidade do locutor de se colocar como tal. É *ego* quem diz *ego*, determinando o estatuto linguístico de “pessoa”.

Reforçando ainda a subjetividade, Benveniste diz que é dever do *eu* esperar um posicionamento do *tu*, cabendo a ambos papéis diferentes: o *eu* tem uma posição de transcendência em relação ao *tu*, são complementares e reversíveis, mas apresentam uma relação antitética de interior/exterior. Através dessa explicação, Benveniste atribui ao *eu* e ao *tu* as formas linguísticas indicativas de pessoa. A função do *eu* é de apropriar-se da língua e tornar-se locutor, já o *tu* deve ser receptivo ao *eu*, e quando se torna necessário, trocar de papel. Para que o *eu* e o *tu* exerçam suas funções adequadamente, relações espaciais e temporais são impostas. O espaço benvenistiano diz respeito ao lugar onde se realiza o diálogo entre *eu-tu*, o tempo sempre é uma referência ao presente, sendo, portanto, sui-referencial:

Portanto, a linguagem é a possibilidade da subjetividade, do fato que ela sempre contém as formas linguísticas apropriadas à sua expressão, e o discurso provoca a emergência da subjetividade, do fato que ela consiste em instâncias discretas. A linguagem propõe, de certo modo, formas “vazias” de que cada locutor, em exercício de discurso, se apropria e que ele relaciona à sua “pessoa”, definindo, ao mesmo tempo, ele próprio como *eu* e um parceiro como *tu*. (Benveniste, 1966:263).⁴⁸

Explicando melhor, a língua é considerada possibilidade de linguagem porque não há, em sua configuração o *eu-tu*, os seres de fala constitutivos do discurso. A concretização da linguagem acontece quando o discurso é efetuado. As formas vazias da possibilidade são substituídas pelas formas plenas do discurso, em que o locutor dispõe de vários recursos linguísticos, selecionando os que julgar necessário para compor sua fala.

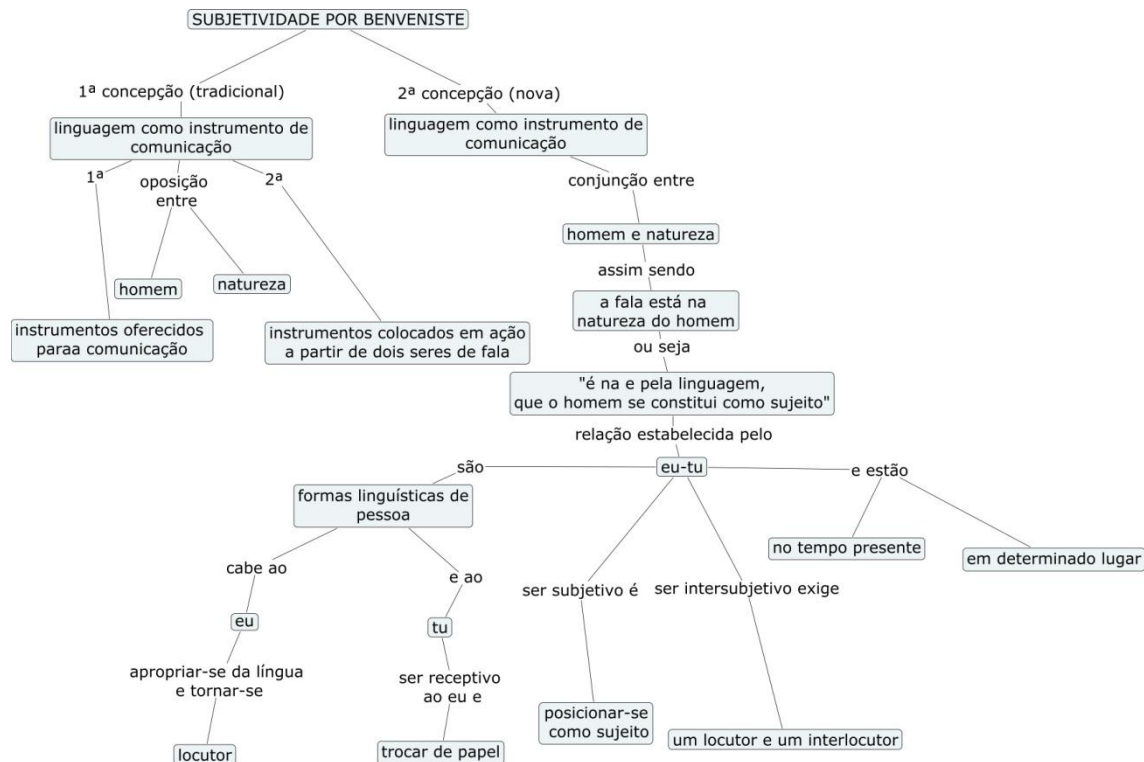
⁴⁶ « C’est un homme parlant que nous trouvons dans le monde, un homme parlant à un autre homme, et le langage enseigne la définition même de l’homme » (Benveniste, 1966 : 259).

⁴⁷ « C’est dans et par le langage que l’homme se constitue comme *sujet*... » (Benveniste, 1966 : 259)

⁴⁸ « Le langage est donc la possibilité de la subjectivité, du fait qu’il contient toujours les formes linguistiques appropriées à son expression, et le discours provoque l’émergence de la subjectivité, du fait qu’il consiste en instances discrètes. Le langage propose en quelque sorte des formes « vides » que chaque locuteur en exercice de discours s’approprie et qu’il rapporte à sa « personne », définissant en même temps lui-même comme *je* et un partenaire comme *tu*. »

Ser subjetivo é se posicionar como sujeito, ser intersubjetivo exige um locutor e um interlocutor. É a língua que oferece os recursos para a efetividade desse diálogo. Benveniste (1966) quis mostrar que é o locutor que cria e semantiza o mundo, não a realidade. Essa teoria se consolida através da enunciação, tema de nossa próxima seção.

Figura 17: Subjetividade por Benveniste



Fonte: Figura elaborada pela autora

Nesta figura, podemos observar que Benveniste abandona a concepção tradicional de linguagem como instrumento de comunicação e adota o conceito de linguagem como uma conjunção entre homem e natureza, estabelecendo as formas linguísticas de pessoa *eu-tu* em determinado lugar no tempo presente. A seguir, veremos como o aparelho formal da enunciação concretiza a linguagem em discurso.

2.1.1 O aparelho formal da enunciação: a formalização e a concretização da linguagem em discurso

Para construir o aparelho formal da enunciação, Benveniste (1966) contrasta o emprego das formas e o emprego da língua. Ele explicita que o emprego das formas são um conjunto de regras que fixam as condições sintáticas nas quais as formas podem ou

devem normalmente aparecer, uma vez que elas surgem de um paradigma que enumera as escolhas possíveis, articulando regras de emprego com regras de formação.

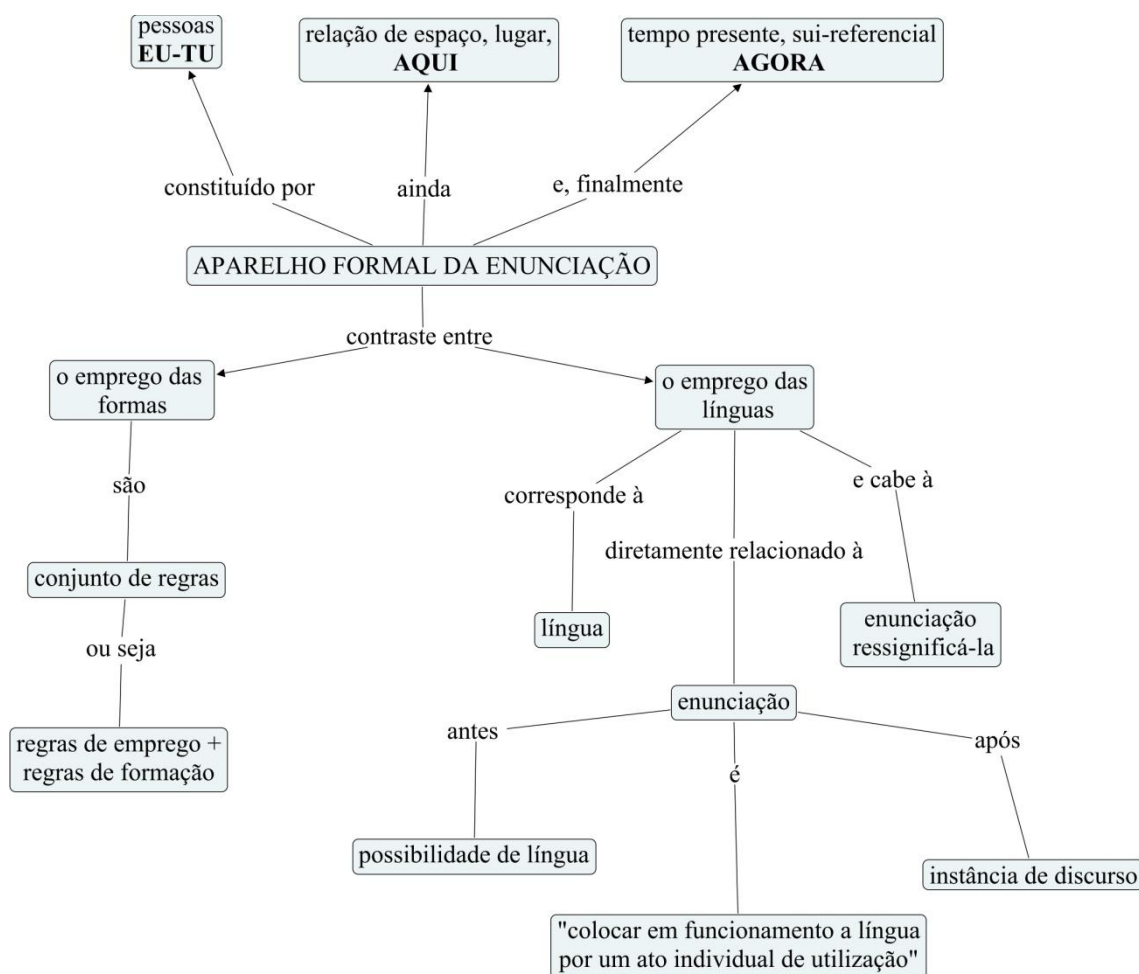
O emprego da língua afeta a língua inteira e cabe à enunciação ressignificar esse uso constantemente. O que é, então, a enunciação? “A enunciação é esse colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”.⁴⁹ O discurso é, então, essa manifestação da enunciação, em que o locutor determina as características linguísticas. Desenvolvendo sua reflexão sobre a enunciação e a importância do locutor para o estabelecimento do aparelho formal, Benveniste (1966:81) afirma que antes da enunciação temos possibilidade de língua, após, uma instância de discurso, em que o locutor anuncia seu posicionamento através de índices específicos e procedimentos acessórios. As condições de emprego das formas são, portanto, distintas das condições de emprego da língua.

Notamos, então, que para a constituição do aparelho, temos os índices de pessoa *eu-tu* que se produzem na e pela enunciação: o *eu* designa o indivíduo que profere a enunciação, o *tu* é o indivíduo que a recebe, é o alocutário. O tempo também faz parte dessa formação, em que o presente é sua forma axial, sua fonte. O lugar é outro fator constituinte, em que o *aqui* denomina a relação espacial. O *eu-tu-aqui-agora* é a formalização e a aplicação do quadro enunciativo sendo, assim, o semantizador do discurso.

Como abordamos Saussure a partir do ponto de vista de vários pesquisadores (Benveniste, Suenaga e Ducrot), torna-se necessário apresentar Benveniste por meio de outro olhar: Gérard Dessoins expõe seu ponto de vista sobre o linguista francês e sua contribuição para os estudos da linguagem.

⁴⁹ « L'énonciation est cette mise en fonctionnement de la langue par un acte individuel d'utilisation. » (Benveniste, 1966: 80)

Figura 18: Aparelho formal da enunciação



Fonte: Figura elaborada pela autora

Nesta figura, vemos que o aparelho formal da enunciação contrasta o emprego das formas com o emprego das línguas, sendo que o primeiro concebe a língua como regra e o segundo como sentido a partir do uso. O aparelho formal da enunciação é constituído pelas pessoas *eu-tu*, pelo lugar *aqui* e pelo tempo presente *agora*. Na seção a seguir, veremos como Gérard Dessons compreende essa enunciação benvenistiana.

2.1.2 A enunciação de Benveniste vista por Gérard Dessons

Para compreendermos a enunciação de Benveniste vista por Gérard Dessons⁵⁰, tomaremos como base o livro *Émile Benveniste, l'invention du discours*. O professor enfatiza que Émile Benveniste é o homem dos fundamentos, pois destaca o ponto de vista de todo procedimento linguístico.

⁵⁰ Gérard Dessons é professor de língua e literatura francesas na Universidade Paris VIII, onde pesquisa a poética, a teoria da linguagem e a teoria da arte.

Acreditamos que podemos conceber diretamente o fato de língua como uma realidade objetiva. Na verdade, abordamos apenas um ponto de vista, que, inicialmente, torna-se necessário definir. Não acreditamos mais que se compreenda a língua como um objeto simples, que existe por si mesma e suscetível de uma compreensão total. A primeira tarefa é mostrar ao linguista “aquilo que ele faz”, a quais operações ele se entrega inconscientemente quando aborda os dados linguísticos. (Benveniste *apud* Dessons, 2006:25)⁵¹

Dessons afirma que esse excerto deixa claro qual é a herança metodológica de Saussure, o axioma de seu estudo: “é o ponto de vista que cria o objeto”, realçando que é a formulação do problema que importa, não sua solução. Uma comprovação desse fato, para o linguista genebrino, é a descoberta do caminho predecessor que leva à especificidade da língua, bem como a noção de sistema e solidariedade restaurada entre todos os elementos da língua. A homogeneidade entre Saussure e Benveniste é o abandono do historicismo que conduzia a um estudo das línguas, a uma evolução genética da língua indo-europeia. A descoberta das línguas ameríndias reconduziria para a elaboração de um novo aparelho de definições e um novo método de análise: a sincronia. Benveniste considera a realidade intrínseca à língua, desconsiderando seus pressupostos filosóficos ou históricos e sua busca da origem. Tanto Saussure quanto Benveniste colocam como ponto primordial da linguística não sua etimologia, mas o sujeito falante. Dessons evidencia a importância do deslocamento da diacronia para a sincronia em que se tem a relação da língua com os sujeitos falantes. A partir dessa noção, Benveniste percebe que o sistema da língua se torna realidade de discurso quando organizada a partir do sujeito falante. Notamos, dessa forma, que a noção de linguagem benvenistiana é composta de dois elementos norteadores: o sistema linguístico e o sujeito falante. Para que o sujeito falante seja bem sucedido no jogo estabelecido entre o *eu* e o *tu*, é necessário que haja a compreensão do que é o sistema e como ele funciona. Para Benveniste (*apud* Dessons, 2006:38) esse é o princípio fundador da língua:

O princípio fundamental é que a língua constitui um sistema, em que todas as partes estão unidas por uma relação de solidariedade e de dependência. Esse sistema organiza unidades, que são os signos articulados, se diferenciando e se delimitando mutuamente. A doutrina estruturalista ensina a predominância do sistema sobre os elementos e

⁵¹ « Nous croyons pouvoir atteindre directement le fait de langue comme une réalité objective. En vérité nous ne le saisissons que selon un certain point de vue, qu'il faut d'abord définir. Cessons de croire qu'on appréhende dans la langue un objet simple, existant par soi-même, et susceptible d'une saisie totale. La première tâche est de montrer au linguiste « ce qu'il fait », à quelles opérations il se livre inconsciemment quand il aborde les données linguistiques. »

visa a considerar a estrutura do sistema através das relações dos elementos, tanto na cadeia falada quanto nos paradigmas formais, e mostra a característica orgânica das mudanças às quais a língua é submetida.⁵²

Com base nesse excerto, retirado do *PLG I*, Dessons procura mostrar que a noção de sistema é essencial para a teoria da enunciação elaborada por Émile Benveniste. A partir dela, têm-se os princípios semiológicos de oposição (ou distinção) que governam as relações entre os termos de um conjunto, em que “os dados da linguagem só existem pelas diferenças, elas só valem pelas oposições.”⁵³ Para o professor Dessons, fica claro que essa proposta de Benveniste advinda de Saussure já mostra seu posicionamento teórico e metodológico com dois pontos de vista distintos: o primeiro considera que a linguística elaborada por Émile Benveniste apresenta como tema principal o problema da significação que conduz ao pensamento, axioma central do estruturalismo americano que afirma que a base da significação é o mentalismo. O segundo ponto de vista diz respeito à linguística do sistema e do valor, em que o método desqualifica toda concepção substancialista de sentido, opondo-se aos linguistas formalistas que defendem a retirada da semântica no estruturalismo. Verificamos, então, que a teoria de enunciação benvenistiana concebe as relações entre os termos do discurso como relações distintas geradoras de significação, não relações estritamente mentais e cognitivas. É a partir da linguagem que o homem semantiza sua vida e uma nova enunciação se impõe, mostrando novos discursos.

Notamos, até o momento, que a linguagem é o principal objeto de estudo para os linguistas. Enquanto Saussure afirmava que a linguagem era a junção de língua e fala, Benveniste a concebia como um recurso que dá sentido ao mundo através da comunicação. Dessons (2006:44) afirma que essa noção de comunicação é um elemento fundamental do pensamento de Benveniste sobre a linguagem e da antropologia linguística que constrói sua teoria da enunciação. Bronislaw Malinowski (*apud* Dessons 2006), antropólogo e etnólogo polonês, afirma que a comunicação é uma comunhão fática, pela qual as situações de linguagem designam indivíduos que falam entre si, até

⁵² « Le principe fondamental est que la langue constitue un système, dont toutes les parties sont unies par un rapport de solidarité et de dépendance. Ce système organise des unités, qui sont les signes articulés, se différenciant et se délimitant mutuellement. La doctrine structuraliste enseigne la prédominance du système sur les éléments, vise à dégager la structure du système à travers les relations des éléments, aussi bien dans la chaîne parlée que dans les paradigmes formels, et montre le caractère organique des changements auxquels la langue est soumise. »

⁵³ « Les donnés du langage n’existent que par leurs différences, elles ne valent que par leurs oppositions». (Benveniste, *PLG II*, 2008 : 31)

sem objetivo nenhum. Todos os tipos de discurso, como as noções de educação, de convívio, são elos de união criados para uma simples troca de palavras. Benveniste contesta esse posicionamento e afirma que o papel da interlocução não é vincular informação, como propõe Malinowski, mas preencher uma função social, sendo a situação de fala de grande importância para esse processo. No *PLG I* (2008:29), Benveniste reitera essa ideia:

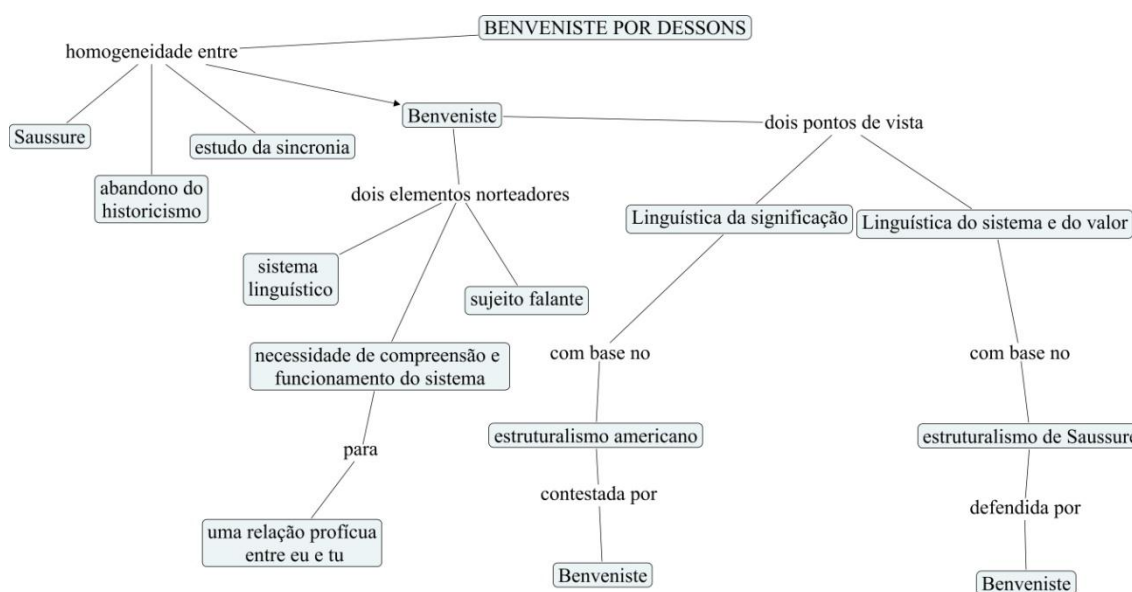
Colocando o homem na sua relação com a natureza ou na sua relação com o homem, por meio da linguagem, temos a sociedade. Isso não é coincidência histórica, mas encadeamento necessário. A linguagem se realiza sempre em uma *língua*, em uma estrutura linguística definida e particular, inseparável de uma sociedade definida e particular. Língua e sociedade não se concebem uma sem a outra. Uma e outra são dadas. (Benveniste, 1966: 29)⁵⁴

A partir dessa noção de conjunção estabelecida por Benveniste, compreendemos que a linguagem e a sociedade são complementares, dependentes uma da outra para coexistirem. Conforme afirma Dessons (2006:49), a linguagem não é um produto posterior do estado de sociedade, mas seu próprio princípio. Refletindo ainda sobre a teoria benvenistiana, Dessons (2006:51) salienta que cabe especificamente à língua “dar conta” dessa sociedade, organizá-la, pensá-la, constituí-la como sistema significante para uma coletividade de individualidades. Essa relação mútua entre a sociedade e a linguagem acontece através do discurso, da linguagem em ação, dando origem à teoria da enunciação. Como já vimos na seção 2.1.1, a enunciação é composta por formas verbais, índices de pessoa, marcadores espaço-temporais e supõe a conversão individual da língua em discurso. Fazendo uma reflexão sobre a teoria benvenistiana, Dessons afirma que o lado saussuriano pode se descrever como um estrato da teorização de Benveniste, preconizando a noção de discurso como uma transformação da noção de fala, realização da língua, posição legitimada pela reflexão de Saussure sobre a discursividade, na *Nota sobre o Discurso*, publicados no *ELG* (2002, 277): “a língua entra em ação como discurso”, já antecipando as ideias de Benveniste que afirma que o discurso é a linguagem em ação, “é a língua enquanto assumida pelo homem que fala”. Fazendo a comparação entre Saussure e Benveniste, Dessons destaca como ambos compartilham de opiniões e estudos homogêneos: no *CLG*, Saussure afirma que

⁵⁴ « En posant l’homme dans sa relation avec la nature ou dans la relation avec l’homme, par le truchement du langage, nous posons la société. Cela n’est pas coïncidence historique, mais enchaînement nécessaire. Car le langage se réalise toujours dans une *langue*, dans une structure linguistique définie et particulière, inséparable d’une société définie et particulière. Langue et société ne se conçoivent pas l’une sans l’autre. L’une et l’autre sont *données* ».

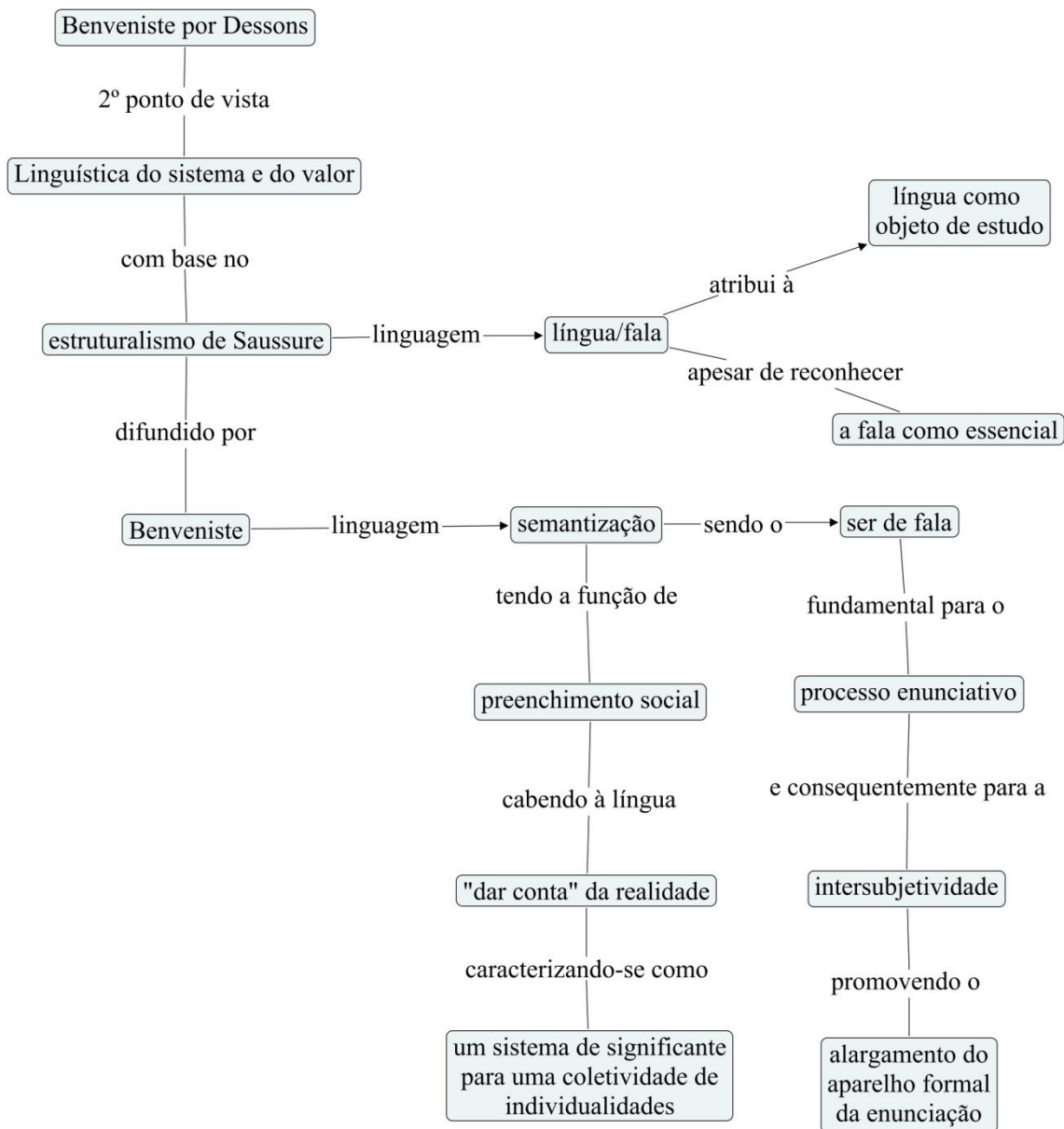
“historicamente, a fala sempre precede a língua”. Por sua vez, Benveniste reforça esse pensamento, dizendo que antes da enunciação, a língua é apenas uma possibilidade, não uma realização. Podemos verificar que ambas as teorias são complementares, mas evidencia-se que o indivíduo é colocado em posicionamentos diferentes: enquanto Saussure reconhece a importância do indivíduo nos estudos linguísticos, mas concebe a língua como seu objeto de estudo, Benveniste considera o ser de fala como fundamental para o processo enunciativo e, conseqüentemente, para a intersubjetividade, gerando uma apropriação da língua particular e identitária. Dessons mostra que esse ponto de vista se configura como um alargamento do aparelho formal da enunciação. Explicando melhor, tornando-se sintomático de Benveniste tomar o discurso como uma globalidade enunciativa, em que a subjetividade e a intersubjetividade são encarregados de modificar e semantizar constantemente a língua.

Figura 19: Benveniste por Dessons – parte I



Fonte: Figura elaborada pela autora

A partir do ponto de vista de Gérard Dessons (2006) sobre Benveniste, podemos verificar que a obra do linguista francês apresenta dois elementos norteadores: o sistema linguístico e o sujeito falante. Podemos perceber que, baseando-se nesses dois pontos de vista, Benveniste contesta a linguística da significação, com base no estruturalismo americano, e defende a linguística do sistema e do valor, com base no estruturalismo saussuriano.

Figura 20: Benveniste por Dessons – parte II

Fonte: Figura elaborada pela autora

A partir da releitura de Dessons sobre Benveniste, podemos notar que a língua como objeto de estudo, proposto por Saussure, é revitalizada por Benveniste ao atribuir à linguagem uma semantização que tem a função de contextualização social, cabendo à língua sistematizar o significante para uma coletividade de individualidades. Por sua vez, o ser de fala é fundamental para o processo enunciativo, gerando a intersubjetividade que promove o aparelho formal da enunciação. Na seção a seguir, veremos como essa intersubjetividade é vista na semântica argumentativa.

2.2 A SUBJETIVIDADE E A INTERSUBJETIVIDADE NA LINGUAGEM: O PONTO DE VISTA DE OSWALD DUCROT

Como vimos na seção anterior, Benveniste, ao estabelecer o sentido a partir do aparelho formal da enunciação (*eu-tu-aqui-agora*) confere ao uso da língua fator determinante para sua semantização. A partir da análise crítica de Dessoins (2006), o sistema linguístico não é apenas formado por regras, mas exerce a função de preenchimento social e o ser de fala, o *eu*, não é apenas um componente do aparelho formal da enunciação, ele é essencial para o seu alargamento, uma vez que interage com o *tu*, ambos trocando de papéis. Ducrot (1990) e Dessoins (2006) percebem que o sujeito falante é o responsável por semantizar a língua e ressignificá-la a partir do seu uso.

Para abordarmos a subjetividade e a intersubjetividade e, conseqüentemente, a enunciação sob uma perspectiva semântico-linguística, tomaremos como textos-base a primeira conferência do livro *Polifonía y Argumentación – Conferencias del seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso*, onde Oswald Ducrot mostra por que ele renuncia à objetividade na linguagem e o capítulo IV, do livro *Le dire et le dit* (1984)⁵⁵, onde o linguista francês explica como ele concebe a enunciação, baseando-se na enunciação de Émile Benveniste.

Começaremos, então, pelas noções de subjetividade e intersubjetividade. Para Ducrot (1990:49), a Teoria da Argumentação na Língua opõe-se à concepção tradicional de sentido do enunciado que trata da objetividade, subjetividade e intersubjetividade. A partir do exemplo *Pedro é inteligente*, Ducrot mostra o funcionamento dessa concepção tradicional e seus três aspectos:

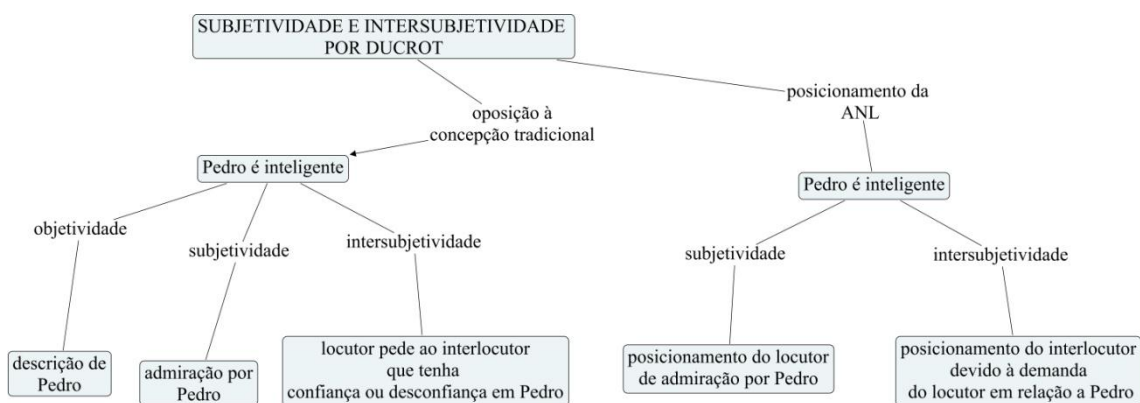
- objetividade: o enunciado descreve Pedro
- subjetividade: o enunciado indica a admiração do locutor por Pedro
- intersubjetividade: o locutor pede ao seu destinatário que tenha confiança em Pedro ou que tenha desconfiança dele.

A objetividade procura representar a realidade, a subjetividade, por sua vez, indica a atitude do locutor em relação a essa realidade e a intersubjetividade evidencia as relações do locutor com as pessoas a quem se dirige.

⁵⁵ Não vamos abordar o tema neste capítulo de forma aprofundada, pois já o fizemos na seção 1.3.1

É essa concepção tradicional que Ducrot pretende contestar, pois, para ele, a linguagem não é objetiva, nem representa ou descreve a realidade. A partir da linguagem e suas relações subjetivas e intersubjetivas, o mundo adquire sentido e é esse sentido o responsável por orientar o discurso. Enquanto a objetividade isenta o locutor de quaisquer responsabilidades, a subjetividade faz com que ele tenha um posicionamento e o direcione para um interlocutor. Dessa forma, quando se tem a presença dos dois seres de fala, não há espaço para a objetividade, mas para a subjetividade e a intersubjetividade, como já afirmava Benveniste no texto em que trata do aparelho formal da enunciação. Assim, no enunciado *Pedro é inteligente* não temos a descrição da realidade, mas o ponto de vista do locutor sobre Pedro que pede uma atitude do locutor. Torna-se visível que as noções de subjetividade e intersubjetividade advêm de Benveniste, pois Ducrot deixa claro no desenvolvimento de seu trabalho que o sentido emana da relação *eu-tu-aqui-agora*, em um contexto intralinguístico.

Figura 21: Subjetividade e Intersubjetividade por Ducrot



Fonte: Figura elaborada pela autora

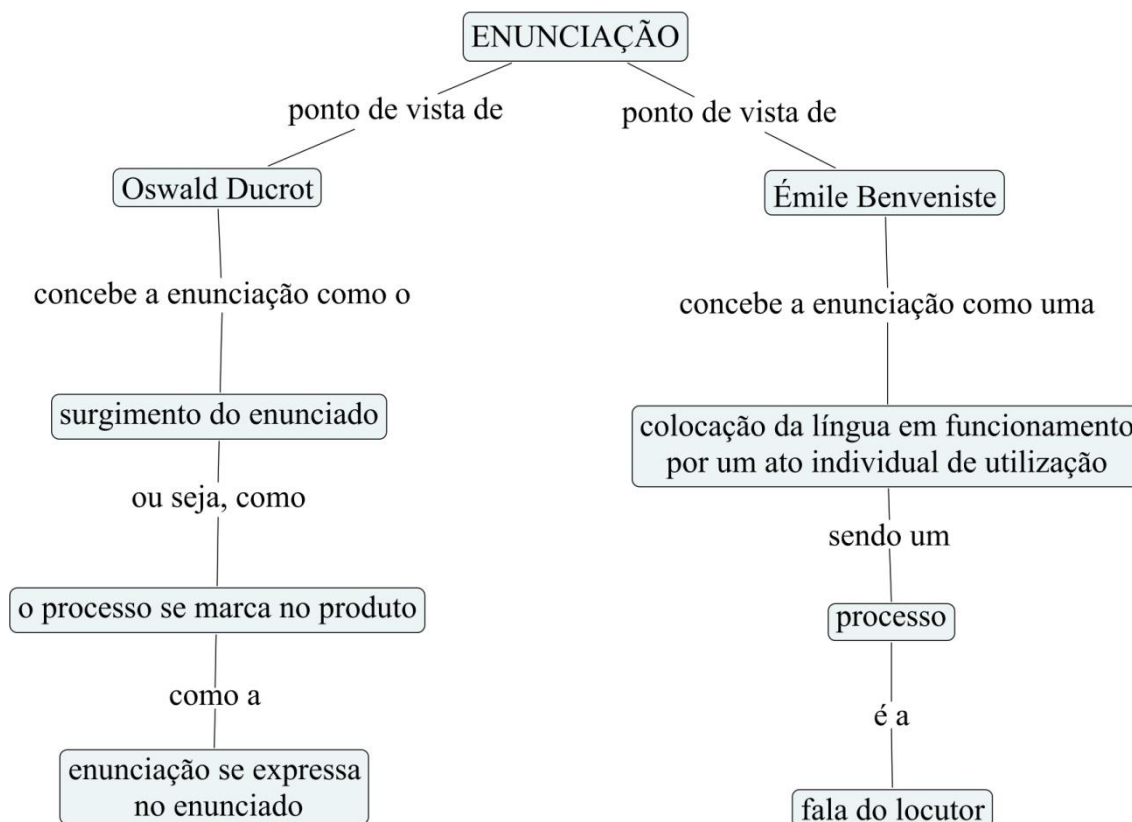
A subjetividade e a intersubjetividade proposta por Oswald Ducrot opõe-se concepção tradicional em que a objetividade descreve a realidade, a subjetividade mostra o posicionamento do locutor e a intersubjetividade como o interlocutor se posiciona em relação a determinado assunto. Para Ducrot (1990), cabe ao uso da língua a subjetividade e a intersubjetividade, evidenciando o quanto a realidade é desnecessária para constituição de sentido.

Assim, notamos como Ducrot procura manter sua teoria ancorada em bases bem sólidas e fortemente enraizadas no linguístico. Vemos que a enunciação é constitutiva da ANL, sendo essencial para a compreensão do sentido, mas são poucos os trabalhos nos quais Ducrot aborda especificamente a enunciação. No capítulo IV do *Le dire et le dit*, Ducrot (1984,178: 179) aponta três acepções: 1) pode-se designar enunciação como a atividade psicofisiológica que implica a produção do enunciado (soma-se a isso o jogo de influências sociais que condiciona essa atividade); 2) a enunciação é produto do sujeito falante, ou seja, um segmento do discurso denominado enunciado; 3) a enunciação é o acontecimento constituído pelo surgimento de um enunciado.

Se compararmos a enunciação proposta por Émile Benveniste e por Oswald Ducrot, temos: a enunciação por Benveniste como a colocação da língua em funcionamento por um ato individual de utilização, ou seja, a enunciação se caracteriza como um ato individual de produzir enunciados, sendo o produto final o mais importante, enquanto Ducrot afirma que a enunciação é um acontecimento constituído pelo surgimento de um enunciado. Ele estuda, portanto, como o processo se marca no produto, ou seja, como a enunciação é expressa no enunciado. Podemos ver, assim, como ambos os teóricos apresentam concepções de enunciação distintas. A consequência dessas percepções divergentes é de que a noção de sentido também é oposta: para Benveniste, o sentido de um enunciado advém do indivíduo e essa produção é legítima. Cabe ao locutor proferir esse enunciado. Para Ducrot, o sentido é constituído pelo surgimento do enunciado mais o *eu-tu-aqui-agora* benvenistiano mais o contexto intralinguístico envolvido. Dessa forma, vemos que o sentido proposto pela semântica argumentativa engloba vários fatores intralinguísticos: não cabe ao locutor a responsabilidade de completar o sentido, ele é aberto, constantemente preenchido e modificado pelo seu interlocutor. Se considerarmos a TBS, veremos como ela é constituída pelo intralinguístico, uma vez que a língua disponibiliza seus recursos para a concretização dos discursos. Dessa forma, os encadeamentos argumentativos representam como o sentido advém do uso que se faz das palavras e da atitude dos locutores e interlocutores. Os encadeamentos argumentativos, que adquirem estatuto de aspectos argumentativos quando colocados no quadrado argumentativo, mostram como a argumentação está realmente na língua e não em fatores extralinguísticos, vinculados à realidade. A argumentação interna e a argumentação externa também reforçam essa noção de que a constituição do sentido acontece no linguístico. Os blocos são, portanto,

a formalização dos quadrados argumentativos a partir do intralinguístico, que busca na língua toda sua semanticidade.

Figura 22: Enunciação



Fonte: Figura elaborada pela autora

Para Oswald Ducrot, a enunciação é o surgimento do enunciado, ou seja, mostra como o processo se marca no produto; já a enunciação de Benveniste aborda a colocação da língua em funcionamento por um ato individual de utilização, ou seja, como o processo é realizado. A partir desses dois pontos de vista, podemos perceber o quanto a enunciação é modulada de acordo com a perspectiva de cada pesquisador.

3 A TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA: UMA TEORIA SEMÂNTICA

Para explicarmos por que a Teoria da Argumentação na Língua é uma teoria do sentido intralinguístico, devemos mostrar, primeiramente, sua trajetória logicista. Se resgatarmos os primeiros trabalhos de Oswald Ducrot, como *Dire et ne pas dire* (1972) e *La preuve et le dire* (1973), podemos afirmar que inicialmente a Teoria da Argumentação na Língua resgatou alguns princípios lógicos para justificar-se. Além disso, recorreu aos atos de fala, de Austin, compostos por ato locutório, ilocutório e perlocutório. Considerando que a ANL teve origem em questionamentos sobre o papel da lógica e as adaptações feitas para contemplar o sentido no intralinguístico, pensamos que se torna importante abordarmos como essa perspectiva logicista sobre a linguagem surgiu. Para que possamos fazer esse percurso de forma satisfatória, torna-se necessário considerar a lógica por diversos ângulos: começaremos por Aristóteles, após mostraremos o ponto de vista de Oswald Ducrot. Continuando essa reflexão, colocaremos em evidência o surgimento da Teoria da Argumentação na Língua, uma teoria intralinguística, em contraponto com a Teoria dos Topoi, ancorada na lógica, e que tem na exterioridade a explicação para o sentido.

Após essa explanação, apresentaremos a argumentação retórica e a argumentação linguística, esta sendo formulada por Oswald Ducrot e Marion Carel, aquela desenvolvida pelos pesquisadores Perelman e Toulmin. Ao confrontarmos essas duas perspectivas, compreenderemos por que a Teoria da Argumentação na Língua abandonou a Teoria dos Topoi e conservou a Teoria dos Blocos Semânticos.

3.1 A LÓGICA

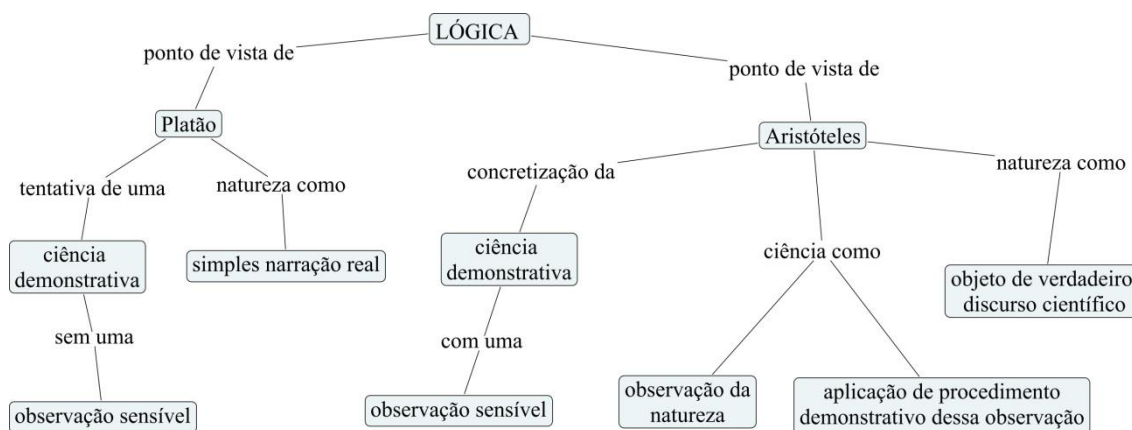
Lógica: parte da filosofia que trata das formas do pensamento em geral (dedução, indução, hipótese, inferência, etc.) e das operações intelectuais que visam à determinação do que é verdadeiro ou não. Se levarmos em consideração a definição de lógica do dicionário eletrônico Houaiss (2009), veremos que o filósofo Aristóteles atribuiu à lógica o estatuto de disciplina, enquanto Ducrot procurou afastar-se dela, tratando o sentido como intralinguístico. Nas seções a seguir, vamos expor como a representação da lógica desempenha diferentes papéis, dependendo da ótica adotada.

3.1.1 A lógica desenvolvida por Aristóteles

Para compreendermos a lógica desenvolvida pelo filósofo grego, tomaremos como base de nossa reflexão o capítulo *Aristóteles e a forma demonstrativa da ciência*⁵⁶, presente no livro *Os filósofos e a ciência* (Wagner,2002), que trata dos filósofos e dos pensadores que contribuíram para o desenvolvimento da ciência e suas ramificações.

Contextualizando, Aristóteles foi aluno de Platão e contestava muitas ideias advindas de seu professor. Platão tentou descrever a exigência demonstrativa da ciência através de sua forma, mas somente Aristóteles conseguiu realizar essa tarefa. Outra concepção díspar entre professor e discípulo é que Platão havia excluído da ciência a observação sensível e Aristóteles resgatou-a, vinculando à ciência a natureza e os seres vivos. Outra noção divergente é a de que, para Platão, a natureza é uma mera narração real, enquanto para Aristóteles a natureza é o objeto de um verdadeiro discurso científico. Ao contestar e questionar seu mestre, Aristóteles define e cria um novo tipo de ciência em que se tem a observação da natureza e a aplicação de um procedimento demonstrativo dessa observação, em que se denota a origem empírica do conhecimento. Dessa forma, as ciências da natureza são ciências de observação e seus objetos de estudo são o real, a natureza e o observável.

Figura 23: Lógica de Aristóteles e Platão



Fonte: Figura elaborada pela autora

Nesta figura, temos a representação da lógica de Aristóteles e da lógica de Platão. Enquanto a lógica de Platão se caracteriza como uma ciência demonstrativa sem

⁵⁶ Aristote et la forme démonstrative de la science. In: **Les philosophes et la science**, 2002.

observação sensível, contemplando a narração real, a lógica de Aristóteles aborda uma ciência demonstrativa com observação sensível, contemplando o discurso científico. Podemos notar o quanto a lógica do discípulo (Aristóteles) se diferencia da do mentor, evidenciando como os estudos da ciência eram passíveis de mudança.

Para demonstrar a lógica e como ela funciona, Aristóteles divide a ciência em três categorias: as ciências práticas, as ciências produtivas e as ciências teóricas. Cabe às duas primeiras o princípio de movimento interior, de objeto móvel e à terceira, um princípio exterior, um objeto imóvel. O papel das ciências produtivas (como a medicina) é obter o conhecimento das causas e uma teoria. Baseando-se nessa teoria, essas ciências são capazes de produzir soluções para diferentes problemas. Já as ciências práticas improdutivas são assim denominadas porque elas consideram a ação, ação essa que depende do ser humano. Como ciências improdutivas, temos a política e a ciência a ela subordinada, a estratégia, a economia e a retórica⁵⁷. Uma diferença fundamental entre a ciência produtiva e a ciência teórica está na capacidade de produzir e de agir sobre a matéria. Assim, a primeira pensa, concretiza e realiza, a segunda filosofa e procura persuadir.

Ao tratar das ciências teóricas, Aristóteles as divide em três: a física, a matemática e as teologias, evidenciando o homem a partir de diferentes perspectivas:

O homem é um e indivisível enquanto homem. Primeiramente, o matemático aritmético estabeleceu uma unidade indivisível e somente a partir daí concluiu aquilo que chega ao homem enquanto indivisível. O matemático geométrico não o examina nem enquanto homem nem enquanto indivisível, mas enquanto sólido.⁵⁸

Com esses dois pontos de vista, temos a aplicação da matemática às substâncias naturais, em que se obtém a abstração das propriedades naturais dos corpos, mas os teoremas são aplicados à abstração, e o processo inicial de abstração da matemática pura, em que se expõe como se separa aquilo que não o é. Através da matemática, Aristóteles sustenta que o homem é uma propriedade das coisas, e a partir dele se retira a matemática como unidade indivisível. A matemática (assim como o homem) se torna

⁵⁷ A retórica de Aristóteles será tratada na seção 3.2.1

⁵⁸ « Car l'homme est un et indivisible en tant qu'homme. L'[arithméticien] a d'abord posé une unité indivisible et c'est seulement ensuite qu'il a examiné ce qui arrive à l'homme en tant qu'indivisible. Le géomètre ne l'examine ni en tant qu'homme ni en tant qu'indivisible mais en tant que solide ». (Wagner, 2002 :599).

um número como pluralidade mensurada pela unidade. Frege (*apud* Wagner, 2002) contesta a concepção de Aristóteles e afirma que o número é a extensão de um conceito, de forma alguma são propriedades reais abstratas das coisas naturais.

Percebemos aí que, para se chegar a uma conclusão ou definição matemática, tanto Aristóteles quanto Frege servem-se do ser humano para embasarem suas concepções. Aristóteles mostra, no entanto, que os seres matemáticos existem fora da mente humana, na natureza, sem serem substâncias independentes dos corpos. Ao afirmar que os seres matemáticos existem nos corpos naturais e é o matemático que os abstrai pelo pensamento, ele deixa claro que o seu posicionamento é oposto àquele de Platão em que os seres matemáticos são realidades separadas dos corpos sensíveis e têm existência própria. Notamos, assim, que, para Aristóteles, uma ciência se forma quando a abstração e a materialidade convergem. Com essa noção, o filósofo grego configura a estrutura demonstrativa da ciência, afirmando que a ciência é uma aptidão a ser demonstrada, ou seja, é uma capacidade demonstrativa e consiste no conhecimento da causa. Ratificando o que queremos dizer, utilizaremos excertos do próprio filósofo: “Chamamos saber o fato de conhecer alguma coisa por uma demonstração. Chamo demonstração um silogismo científico, e chamo científico o domínio daquilo que sabemos.”⁵⁹ A partir desse enunciado, notamos que a descoberta significativa de Aristóteles em relação à lógica está na concepção de conhecimento por demonstração e essa demonstração é uma forma de silogismo, que apresenta a seguinte estrutura:

Se A pertence a B, e se B pertence a C, então A pertence a C.

E obedece à seguinte ordem: afirmações iniciais→dedução→silogismo.

Concretizando, temos os seguintes enunciados:

A= Todo homem é mortal

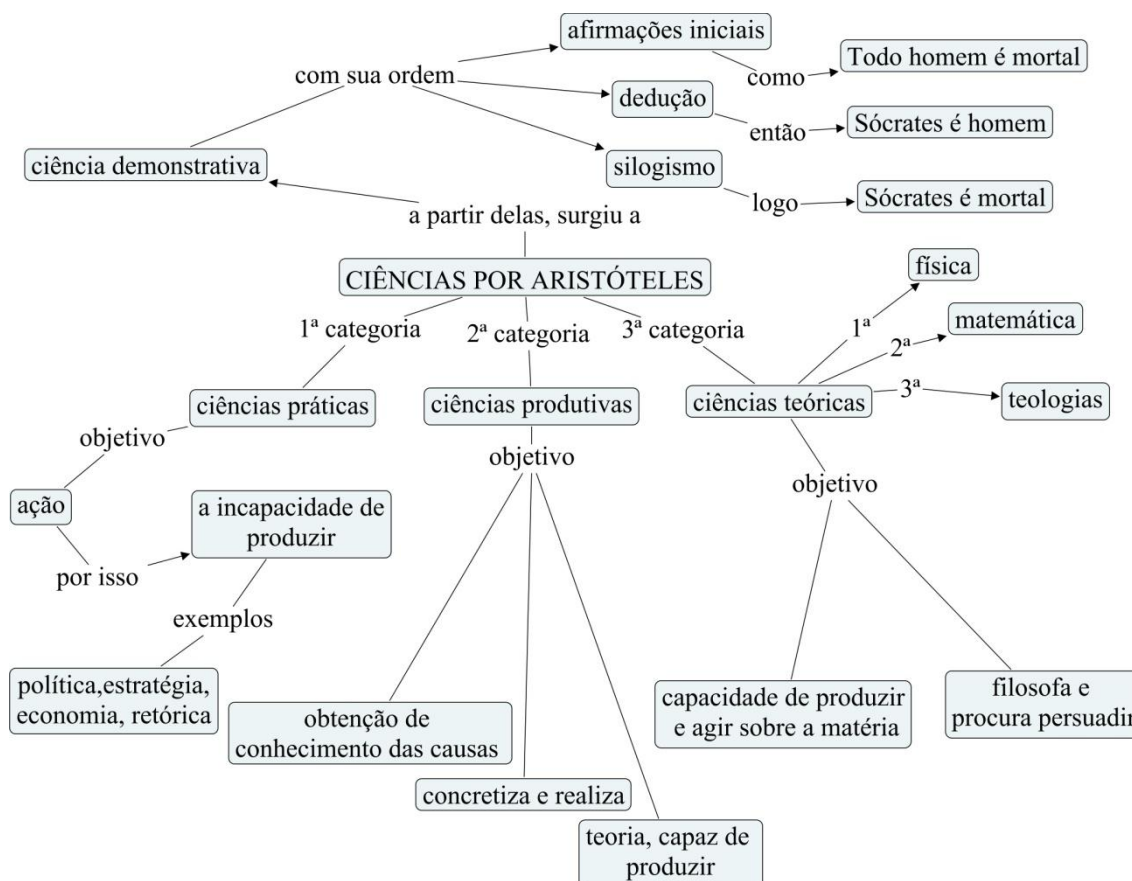
B= Sócrates é homem

C= Logo Sócrates é mortal

⁵⁹ «...Nous appelons savoir le fait de connaître quelque chose par une démonstration. J'appelle démonstration un syllogisme scientifique, et j'appelle scientifique ce par la possession de quoi nous savons. »

Notamos, então, que a validade da dedução depende da relação entre sujeitos e predicados e não da relação entre as orações. É a partir dessa cadeia que o silogismo funciona e se dinamiza, e Aristóteles consagra sua lógica. A lógica demonstrada por esse silogismo configura qual é o seu papel: evidenciar que a linguagem é objetiva e bem estruturada, daí tudo pode ser facilmente apreendido. No livro dedicado à Teoria dos Blocos Semânticos, Ducrot (2005) mostra como ele se beneficiou do quadrado aristotélico para elaborar os blocos semânticos⁶⁰ e a noção de sentido intralinguístico através da interdependência semântica. Na seção a seguir abordaremos como Ducrot utilizou, inicialmente, alguns recursos da lógica para explicar o sentido.⁶¹

Figura 24: Ciências e Silogismo



Fonte: Figura elaborada pela autora

⁶⁰ A Teoria dos Blocos Semânticos em contraste com a Teoria dos Topoi será abordada no capítulo 5.

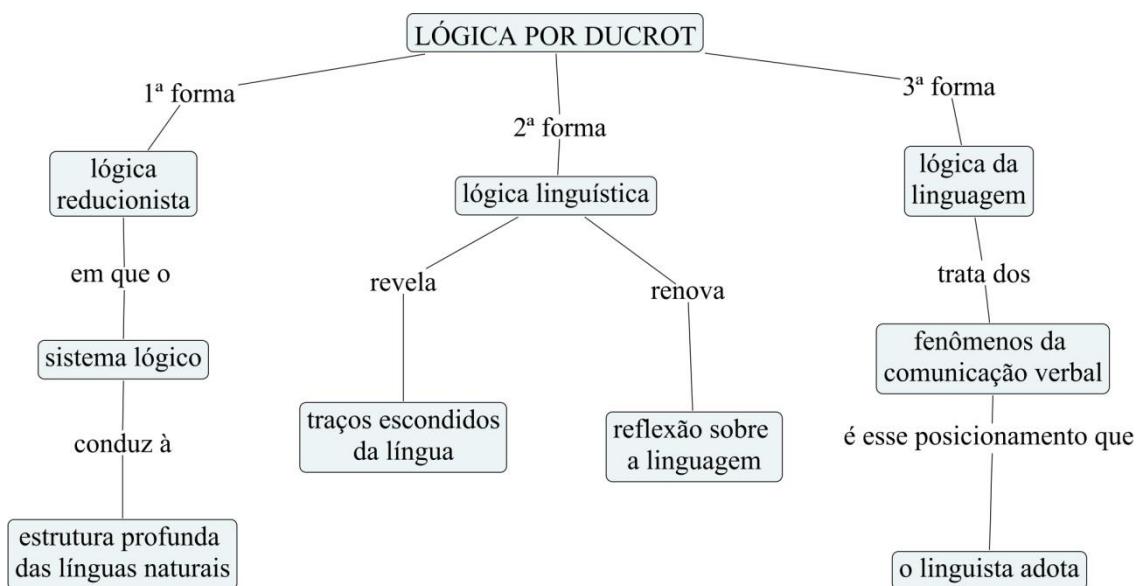
⁶¹ Enfatizamos que Ducrot tem conhecimentos sobre a lógica, a matemática, as ciências exatas em geral, mas não pode ser designado como lógico ou matemático. O linguista francês é um estudioso da língua e tem amplo conhecimento da filosofia, e foi a partir dela que percebeu que a lógica não serve para uma teoria semanticista. A seção a seguir abordará como alguns recursos da lógica foram adaptados pela ANL. No capítulo 5, veremos que a Teoria dos Blocos Semânticos conservou o intralinguístico em detrimento do extralinguístico e da lógica apresentada na Teoria dos Topoi.

Nesta figura, podemos perceber que a ciência concebida por Aristóteles é dividida em três categorias: ciências práticas, ciências produtivas e ciências teóricas que tratam de assuntos diferentes, mas fazem surgir a ciência demonstrativa, onde o silogismo é criado, tendo a estrutura *afirmações iniciais, dedução, silogismo*. Veremos, na seção a seguir, que Ducrot adota um novo ponto de vista sobre a lógica, concebendo-a a partir da linguagem, contrariando o ponto de vista sobre a lógica de Aristóteles, que considera a realidade.

3.1.2 O ponto de vista de Oswald Ducrot sobre a lógica

Para compormos esta seção, teremos como base alguns capítulos do livro *La preuve et le dire* (1973), de Oswald Ducrot e colaboradores. Nos estudos apresentados pelos pesquisadores, alguns conceitos da lógica são reconsiderados e uma nova abordagem é configurada, por isso pensamos em reconstituir a visão sobre lógica nessa obra.

Considerando o prefácio, Ducrot (1973) afirma que há três formas possíveis de se pensar sobre as relações da lógica e da linguagem. A primeira, denominada “reducionista” consiste em mostrar que determinado sistema lógico constitui a estrutura profunda das línguas naturais. A segunda forma aborda os confrontos entre a realidade linguística e os sistemas lógicos, procurando não só revelar traços escondidos da língua, mas também renovar o entusiasmo que toda reflexão sobre a linguagem exerce. A terceira forma, considerada inovadora pelo linguista francês, se denomina lógica da linguagem e ela deve tentar constituir uma lógica nova que trata dos fenômenos da comunicação verbal.

Figura 25: Lógica e Linguagem

Fonte: Figura elaborada pela autora

O ponto de vista de Ducrot sobre a lógica se opõe à lógica reducionista que conduz à estrutura profunda das línguas naturais. O linguista adota um posicionamento que alia a lógica e a linguagem tratando, assim, dos fenômenos da comunicação verbal. Essa lógica da linguagem leva à lógica linguística, que revela os traços escondidos da língua e renova a reflexão sobre a linguagem.

Para compreendermos a lógica estudada por Ducrot (1973), tomaremos como fundamentação teórica o capítulo I (*Logique et linguistique*) da seção I (*Orientations générales*) e o capítulo XII (*“Le Roi de France est sage”, implication logique et présupposition linguistique*), da seção IV (*Vers une logique du langage*). Para explicar a relação entre a linguagem e a inferência lógica, Ducrot se serve do exemplo *Alguns homens são malvados*. Para o pesquisador, esse enunciado admite a inferência *Alguns seres malvados são homens*. Assim, os conceitos de *homem* e de *maldade* podem corresponder ou não a dados efetivos de homens que tenham ou não como característica a maldade e nenhum desarranjo da realidade empírica poderia retirar sua validade. Esse fenômeno é caracterizado como relações de inferência. Vemos aí que Ducrot se utiliza do conceito de silogismo de Aristóteles para elucidar a noção de inferência. Além disso, questiona se seria papel do linguista indicar as inferências dos enunciados.

Para elucidar a noção de inferência, Ducrot (1973) afirma que descrever uma língua é descrever algumas relações. E é a partir do valor que essas relações são

estabelecidas. O valor de uma palavra reside nas suas relações associativas e sintagmáticas, o valor de um enunciado conteria o conjunto de possibilidades de inferência que ele engloba. De acordo com Ducrot (1973:15), dois argumentos possibilitam chegar a essa conclusão: o primeiro é de que a ordem filosófica apresenta-se como a única explicação possível de inferência, pois a convenção da linguagem permite concluir que se os homens são mortais, Sócrates, porque é homem, também é mortal. Outro argumento exposto é de que o linguista poderia descrever as palavras de forma lógica e distingui-las umas das outras sem atentar para as possibilidades de inferência que elas autorizam. Para exemplificar, Ducrot utiliza os advérbios *alguns* e *todos*: o enunciado *Alguns parisienses são franceses* conduz a *Alguns franceses são parisienses*, enquanto *Todos os parisienses são franceses* não conduz a *Todos os franceses são parisienses*. O linguista francês percebe que a melhor forma de explicar as relações de inferência é integrá-las à descrição linguística e descrevê-las pelas línguas comuns. Contra-argumentando essas hipóteses, Ducrot afirma que a maioria das inferências não pode estar ligada à estrutura linguística. Seguem a, b e c:

- a) Pedro é irmão de Paulo.
- b) Pedro é diferente de Paulo.
- c) Pedro é desconhecido de Paulo.

Como se estabelece, então, um parentesco linguístico que permita a relação entre *a* e *b* e não entre *a* e *c*? Provavelmente não é o fato de que o parentesco linguístico apresenta dois enunciados em um mesmo significante (ser irmão), mas a presença, nos dois enunciados, de um traço semântico comum (sema) que conteria os conteúdos respectivos de “irmão” e de “diferente”, mas não o de “desconhecido”. Têm-se, então, duas relações simétricas. Percebe-se, até o presente momento, que existem inferências em correlação com os fenômenos linguísticos recuperáveis independentemente delas. Em outras, isso não acontece. A existência desses tipos de inferência proíbe conceber a inferência como fundada na linguagem.

Utilizando um segundo argumento rejeitando os argumentos colocados acima, Ducrot se serve dos logicistas e da descrição das partículas *e*, *todos*, *se*, entre outros. Tem-se:

a) Se Pedro vier, jogaremos xadrez.⁶²

b) Pedro pode vir, se ele quiser.

No enunciado *a*, a vinda de Pedro é uma condição determinante para se jogar xadrez. Em *b*, o desejo de que Pedro venha não determina em nada a possibilidade que ele irá fazê-lo. Já no enunciado *Há cerveja na geladeira, se você quiser*, não se pode inferir que se não há cerveja, não se tem sede. Ducrot conclui com esses exemplos que as relações de inferência só podem descrever partículas lógicas se a referência estiver inserida no programa reducionista que tem duas regras fundamentais: 1) as regras são universais e advêm da gramática geral que permite construir enunciados canônicos, cujas propriedades lógicas são legíveis e 2) a partir dos enunciados fundamentais, as regras constroem enunciados fundamentais, sendo que cada língua tem a sua. A tarefa principal é descrever a língua como ela é, concebendo a relação de inferência como constitutiva da linguagem e a estrutura dos enunciados como fórmulas que permitem revelar a natureza verdadeira das leis de conversão⁶³. A partir dessas reflexões, Ducrot percebe que esse modo de ver a linguagem não é adequado, uma vez que a continuidade (propriedades das funções que têm relações longínquas com a noção intuitiva de continuidade) apresenta em seu interior a noção matemática:

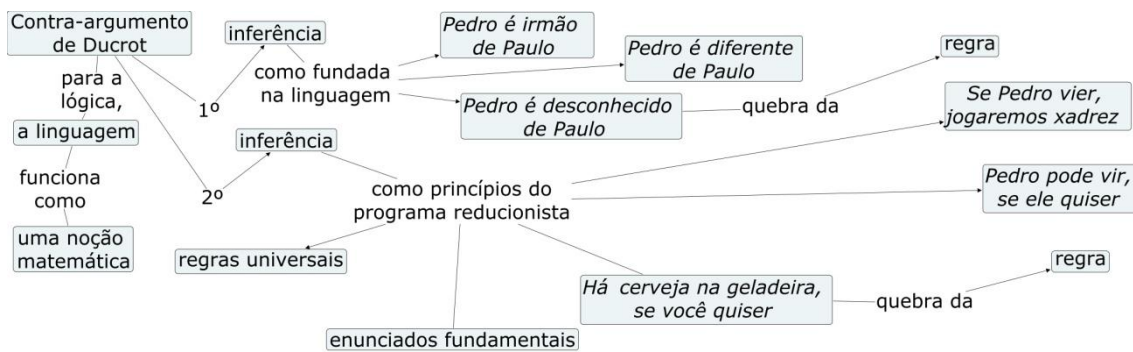
Desconcertar a linguagem para que seus elementos obedeçam às regras às quais eles são submetidos nas fórmulas do lógico, não é, aos nossos olhos, razão suficiente para que se decida que a noção comum de continuidade tem por ‘núcleo’ a noção matemática que porta esse nome (Ducrot, 1973:24).⁶⁴

⁶² Adaptação do enunciado em francês: “Si Pierre vient, nous jouerons au bridge”. (Ducrot, 1973, 17)

⁶³ Ducrot (1973:22) define a lei de conversão da seguinte forma: se uma fórmula *a* é convertida por uma regra em uma fórmula *b*, a oração expressa por *b* se infere da oração expressa por *a*. Um exemplo desse fenômeno linguístico é o silogismo aristotélico.

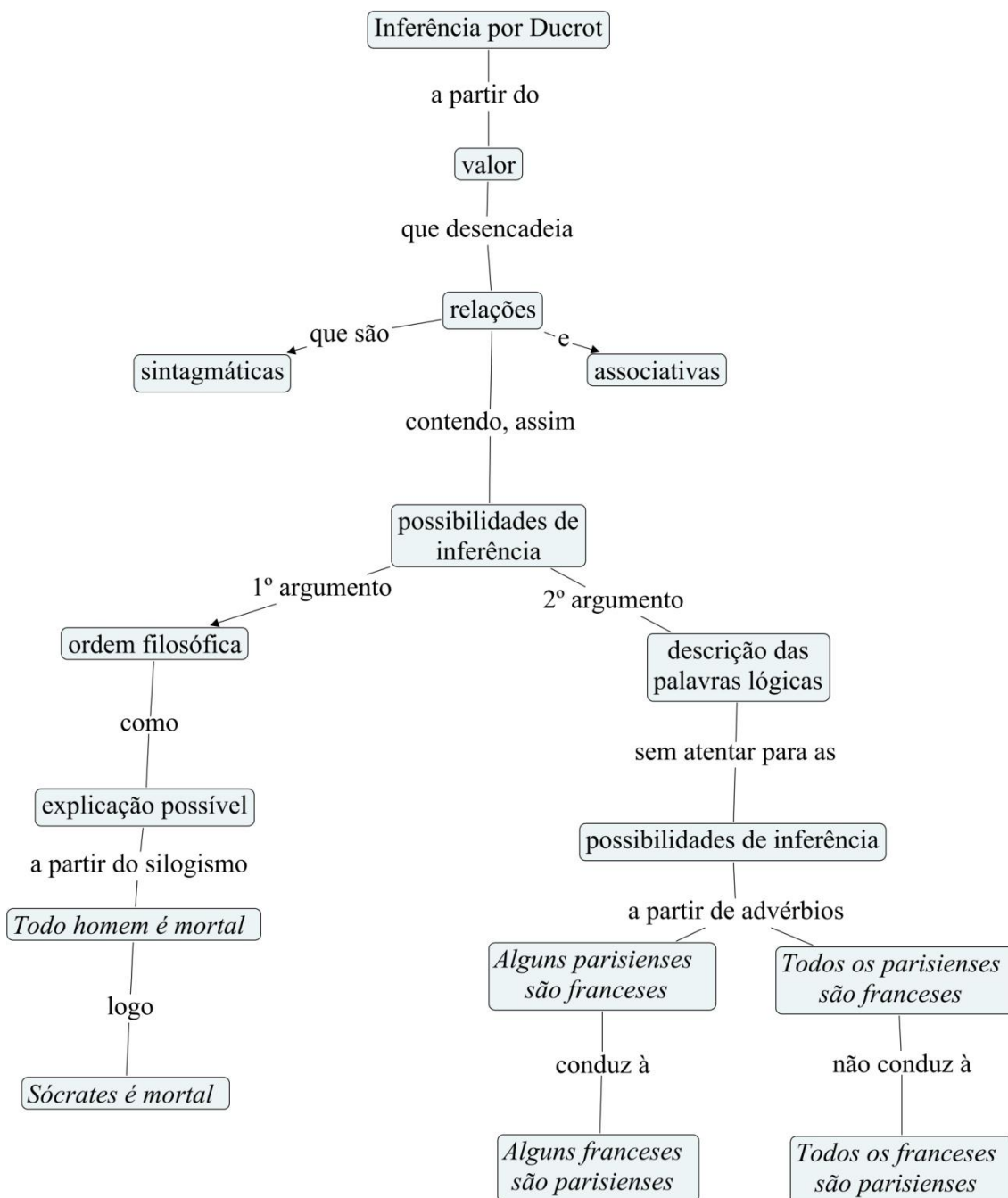
⁶⁴ « Bouleverser le langage pour que ses éléments obéissent aux règles auxquelles ils sont soumis dans les formules du logicien, cela n’a, à nos yeux, pas plus de raison que de décider que la notion commune de continuité a pour « noyau » la notion mathématique qui porte ce nom. »

Figura 26: Inferência pelos lógicos



Fonte: Figura elaborada pela autora

Ducrot se posiciona contra a lógica que funciona como uma noção matemática. O linguista francês afirma que, ao considerar a lógica fundamentada na linguagem, percebe-se como os princípios do programa reducionista são postos à prova quando a linguagem é posta em ação.

Figura 27: Inferência por Ducrot

Fonte: Figura elaborada pela autora

Ducrot aponta uma inferência a partir do valor que desencadeia relações sintagmáticas e associativas, contendo possibilidades de inferência. A primeira apresenta uma ordem filosófica tendo como base o silogismo e a outra considera a descrição das palavras lógicas a partir dos advérbios, por exemplo.

Com esse excerto, Ducrot nota que, para os lógicos, a linguagem é constituída como uma regra matemática, e se as fórmulas não forem seguidas, não se terá sucesso de compreensão. Para o linguista francês, esse fato não é possível, uma vez que a linguagem depende das relações estabelecidas e com essas relações se pode estabelecer a lógica da linguagem. Para explicar o que é essa lógica da linguagem, Ducrot nega três perspectivas logicistas:

1^a: negação de que toda relação linguística seja uma relação entre unidades elementares (fonemas, monemas, palavras) no interior de um enunciado.

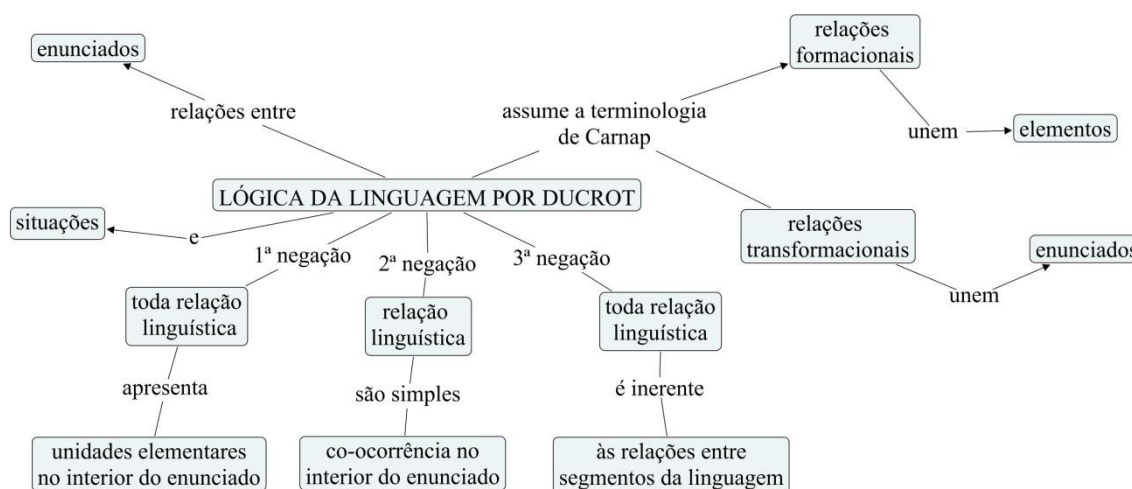
2^a: negação de que as relações linguísticas são reduzidas a simples co-ocorrência no interior de um *corpus*, mesmo a co-ocorrência dos enunciados no interior de textos com dimensões significativas.

3^a: recusa de que toda relação linguística seja necessariamente uma relação entre segmentos da linguagem, tendo por inerente à linguagem uma relação com aquilo que não é propriamente dela.

Com essa recusa, Ducrot (1973) assume a terminologia de Carnap (*apud* Ducrot, 1973) segundo a qual as relações formacionais unem elementos, e as relações transformacionais unem enunciados. Explicando as relações transformacionais, Ducrot adota o seguinte raciocínio, elaborado por A. Naess: para determinada pessoa, o enunciado A encadeia linguisticamente B, e se essa pessoa, ao justificar a oração C, dá como prova o único enunciado A pode evocar a etapa B, se achar necessário. Ao deixar o enunciado intermediário implícito, revela-se a necessidade do indivíduo de não explicitá-lo, de que esse enunciado permaneça subentendido na utilização da língua. Fazendo um paralelismo com a linguística saussuriana, Ducrot afirma que a noção de valor se utiliza do mesmo mecanismo de escolha: o valor de uma palavra depende do vocabulário daquele que a utiliza e varia de acordo com esse vocabulário. Assim, esse valor depende das relações da palavra com os outros termos entre os quais ela é escolhida e com as quais é combinada. Portanto, não há uma única palavra que tenha o mesmo valor para duas pessoas diferentes. O valor linguístico de um enunciado varia, então, de acordo com o nível cultural de seu interlocutor.

Utilizando essas considerações, Ducrot passa a examinar as relações entre enunciados e situações. Primeiramente, o teórico afirma que as frases⁶⁵ comportam uma referência à situação na qual elas são formuladas, a partir de alguns recursos linguísticos, como os pronomes, os tempos verbais, alguns advérbios de lugar e de tempo, termos dêíticos, entre outros recursos.

Figura 28: Lógica da linguagem por Ducrot



Fonte: Figura elaborada pela autora

A lógica da linguagem, segundo Ducrot, pode ser compreendida a partir das relações entre os enunciados e as situações, opondo-se à ideia de que toda relação linguística é constituída por unidades elementares no interior do enunciado, ou que essa relação é uma co-ocorrência no interior do enunciado, ou ainda que ela é inerente às relações entre segmentos da linguagem.

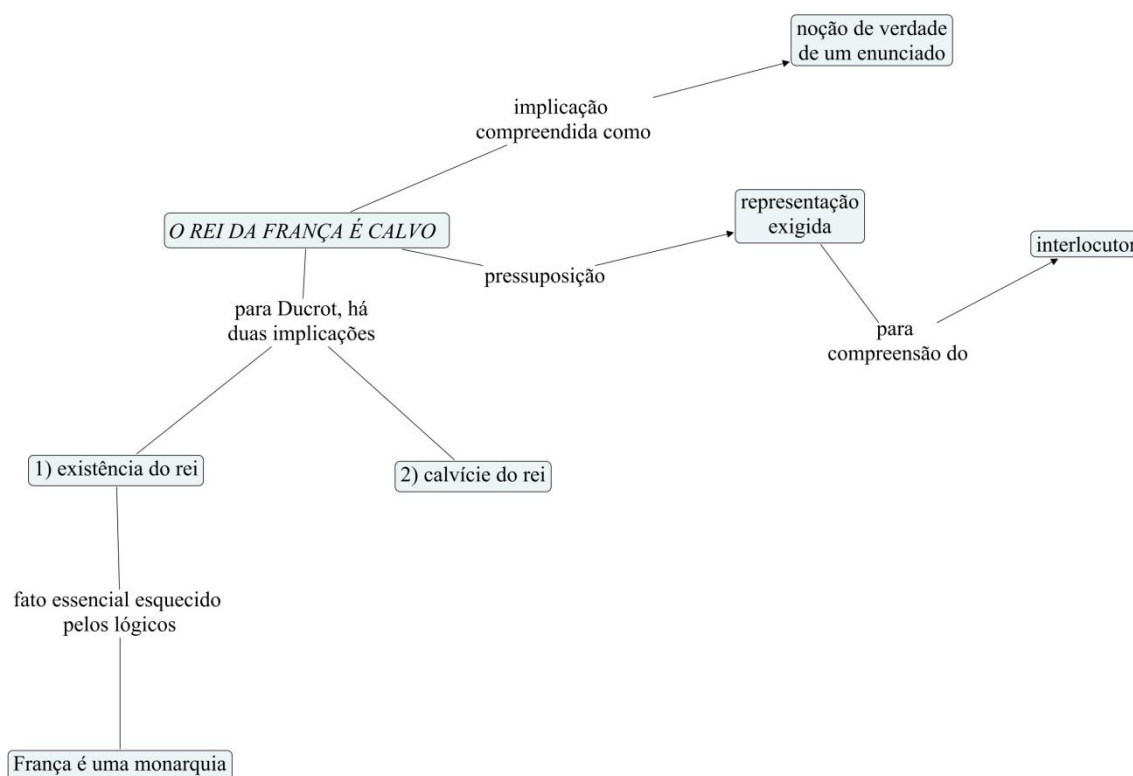
A partir de Russell⁶⁶ (*apud* Ducrot, 1973), os lógicos começaram a discutir frases do tipo *O rei da França é calvo* em que existe um rei da França e que esse é calvo. Para Ducrot, o problema desse raciocínio é que, ao considerar a existência do rei e sua calvície como duas implicações de natureza semelhante, ignora-se um fato

⁶⁵ Nesse momento, Ducrot não faz a distinção entre frase e enunciado. Se utilizássemos aqui a terminologia atual da ANL, a frase corresponderia ao enunciado.

⁶⁶ A nova lógica (defendida por Carnap, Frege e Russell) mostra a importância da distância entre a estrutura gramatical de um enunciado e sua estrutura lógica e, conseqüentemente, a necessidade de esclarecer a significação dos enunciados porque ela depende de maneira essencial de sua estrutura lógica.

essencial da primeira implicação: se o rei da França é calvo, supõe-se, para o interlocutor de que a França é uma monarquia. Se essa informação não procede, torna-se errônea e deslocada. O termo “implicações” de um enunciado designa as orações que devem ser verdadeiras para que esse enunciado seja verdadeiro, e pressuposições as representações exigidas do interlocutor para que o enunciado se integre a uma comunicação normal. Vemos, assim, que na obra *La preuve et le dire*, de 1973, o sentido no enunciado ainda está vinculado a algumas noções logicistas.

Figura 29: O REI DA FRANÇA É CALVO



Fonte: Figura elaborada pela autora

Com base no enunciado *O rei da França é calvo*, temos, de acordo com a lógica, uma implicação compreendida como noção de verdade e essa representação leva ao entendimento do interlocutor. Para Ducrot, duas implicações são possíveis: a existência do rei e sua calvície, fatos que a lógica desconsidera.

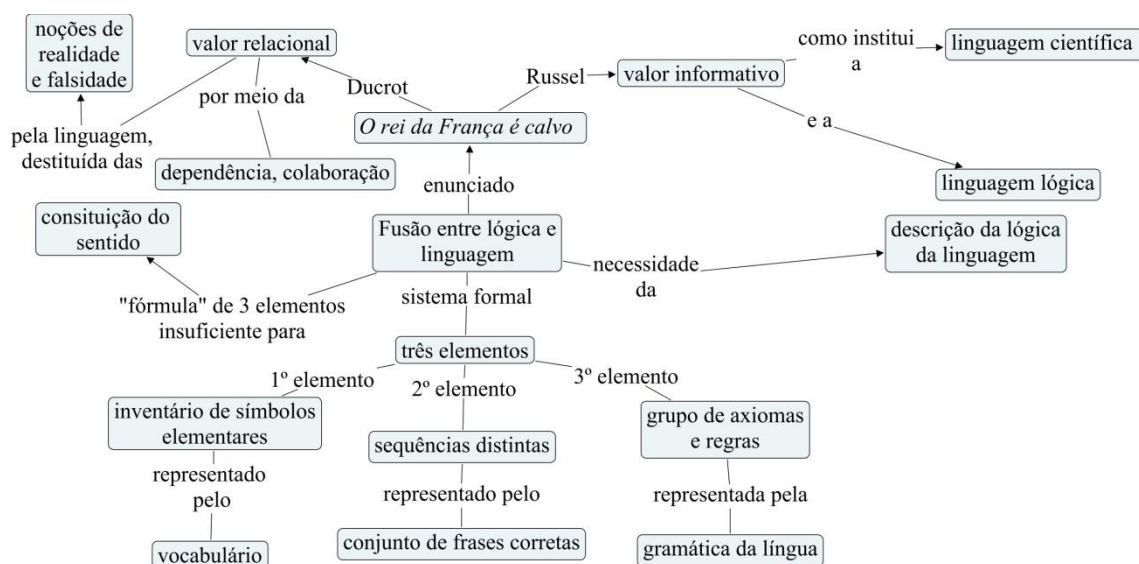
Para agregar lógica à linguagem, Ducrot aponta a necessidade de estudo dos sistemas formais, dando à linguística e à lógica um novo estatuto. Esse sistema formal é composto por três elementos: 1) um inventário de símbolos elementares, 2) uma classe bem determinada de sequência dos símbolos, entre todas as sequências de símbolos possíveis (sequências distintas) e 3) um grupo de axiomas⁶⁷ e de regras que permitem, por manipulações puramente mecânicas, obter todos os elementos da classe precedente e somente eles. Seguindo o pensamento de Carnap, Ducrot mostra que o inventário de símbolos é o vocabulário (conjunto das palavras da língua), as sequências distintas correspondem ao conjunto das frases corretas (=linguagem) e as regras e os axiomas correspondem à gramática da língua. No entanto, de acordo com Ducrot (1973), essa tentativa de descrever a língua como sistema formal não é suficiente, e deve ser completada pela descrição da lógica da linguagem. Retomando as noções de implicação e de pressuposição de Russell por meio do enunciado “O rei da França é calvo”, Ducrot explica por que o teórico britânico estabelece um valor informativo aos seus enunciados, não dando às implicações e às pressuposições as distinções necessárias, confundindo seus papéis.

Desenvolvendo seu pensamento, Ducrot complementa que, ao mostrar a falsidade de um enunciado através dos pressupostos (*O rei da França é calvo*), ele pode ser ridicularizado, desestabilizando o que se acredita ser real. Complementando sua análise, Ducrot afirma ainda que Russell colocou no mesmo nível a linguagem natural, a linguagem científica e a linguagem lógica, não percebendo que a única função da fala é transmitir um julgamento, verdadeiro ou falso, da realidade. Assim, ao retirar o valor informativo de um enunciado, evidencia-se o jogo da linguagem que instaura entre os indivíduos algumas relações de colaboração, de luta, de dominação, de dependência. Com a instauração do diálogo através das falas, o outro se vê na obrigação de responder, desfazendo a ideia de informação que um enunciado precisa dar. Na pressuposição, o enunciado “Faz bom tempo” não implica “Você está interessado no tempo” assim como “O rei da França é calvo” não implica “Há um rei da França”. Essas condições vindas da implicação apenas mostram que elas permitem ao enunciado representar o papel que ele reivindica, não atestando ao enunciado sua condição de verdade ou de falsidade.

⁶⁷ Axioma, aqui, se define como fórmulas (sequências de símbolos).

A partir dessa explicação de Ducrot sobre a lógica da linguagem, podemos ver que o pesquisador já descartava, em meados de 1970, uma lógica apoiada inteiramente em fundamentos matemáticos. Notamos ainda que, ao dar à lógica um apoio linguístico, Ducrot desfaz a ideia de Russell de que um enunciado só adquire funcionalidade por meio de condições ligadas exclusivamente à naturalidade e à realidade da informação proposta. É a linguagem que determina os papéis da lógica e não o movimento inverso. Ao entendermos como a lógica é concebida nos estudos linguísticos, pensamos que é necessário tomarmos conhecimento da retórica e seu funcionamento. Para que tenhamos sucesso nessa perspectiva constará, na próxima seção, a abordagem do tema por diversos pesquisadores, começando pelo seu fundador, o filósofo grego Aristóteles.

Figura 30: Relação entre lógica e linguagem



Fonte: Figura elaborada pela autora

A partir do enunciado *O rei da França é calvo*, temos uma fusão entre lógica e linguagem: o vocabulário, o conjunto de frase corretas e a gramática da língua. De acordo com Ducrot, essa fórmula de três elementos é insuficiente para a constituição do sentido, é necessário tratar do valor relacional para alcançar a semantização, não do seu caráter informativo ou das noções de realidade ou falsidade. Na seção 3.2, veremos que a argumentação linguística trata desse valor relacional, enquanto a argumentação retórica considera a realidade para uma possível semantização.

3.2 ARGUMENTAÇÃO LINGUÍSTICA E ARGUMENTAÇÃO RETÓRICA

Argumentação linguística e argumentação retórica: dois tipos de argumentação que “parecem” ter a mesma função. “Parecem” porque, apesar de trabalharem o uso da língua, apresentam papéis diferentes: enquanto a linguística busca o sentido no interior da língua, mostrando como ele é estabelecido através do locutor e do interlocutor, a retórica, por sua vez, tem como objetivo convencer, persuadir seu público sobre o que está sendo dito. A arte de argumentar permanece a mesma, o que difere a argumentação retórica e a argumentação linguística é a finalidade de cada uma. Nesta seção, vamos elucidar o que é a argumentação linguística e o que é argumentação retórica, a partir da perspectiva de vários estudiosos: primeiramente, a argumentação retórica de Aristóteles, após a argumentação de Perelman e para finalizar a de Toulmin. A nova abordagem de argumentação, a linguística, será explicada por Oswaldo Ducrot e Marion Carel, reforçando que cabe ao discurso oferecer recursos para que a língua seja descoberta e semantizada.

3.2.1 A argumentação retórica por Aristóteles

Para estudiosos, como Edward Corbett (*apud* Aristóteles 2012), a retórica de Aristóteles não representa um produto de idealização de princípios para persuadir e convencer pessoas, mas é o resultado da experiência consumada de hábeis oradores, a elaboração através da análise de suas estratégias a codificação de preceitos nascidos da experiência com o objetivo de ajudar outros a se exercitarem corretamente nas técnicas de persuasão.

Sabemos que a Grécia é o berço da eloquência e da arte do bem falar. E as obras *Ilíada* e *Odisseia*, de Homero demonstram esse fato com propriedade: falar bem era tão importante como combater o mal. Vê-se, então, que primeiramente era necessário ser bom orador para depois usar as técnicas da retórica para arguir. Atenas é um exemplo de como o bem falar pode mudar a trajetória de uma cidade: Péricles foi o primeiro orador ateniense e suas palavras dirigidas ao povo possibilitaram a independência da cidade grega, contribuindo para que ela tivesse consciência de si mesma, de seu gênio e de seu destino.

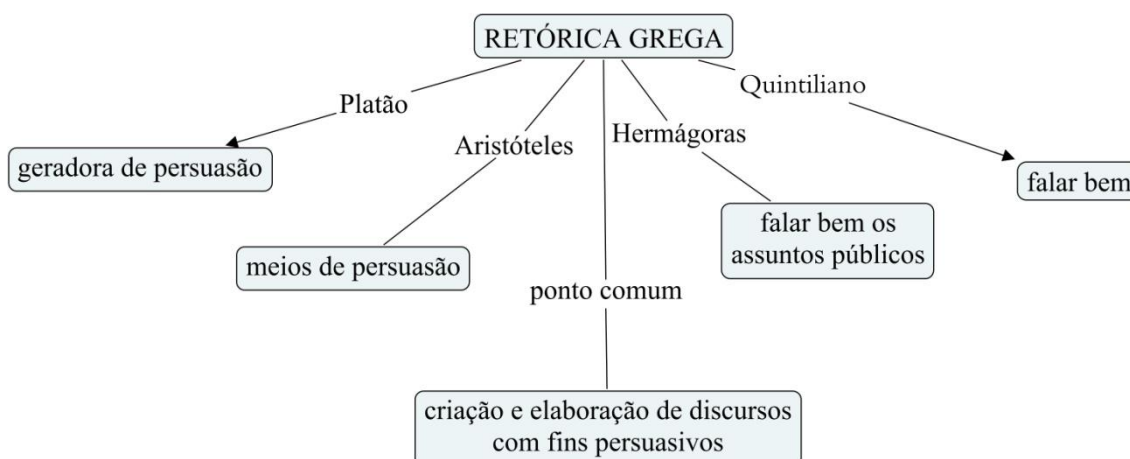
A retórica se tornou metalinguagem do discurso oratório na Sicília, mas foi na cidade de Eleia onde essa forma de comunicação encontrou seu ápice através dos

filósofos idealistas e suas performances, cabendo aos pensadores gregos mostrar para seu público o fascínio e o deslumbramento da arte de discutir e de dissertar sobre qualquer tema: metafísica, moral, política ou outro que mereça a defesa, o elogio ou a censura da comunidade.

Dentre os retóricos célebres da época está Górgias, que reconhecia a força persuasiva da emoção e a magia da palavra expressiva e bem cuidada, valorizando o estilo e a composição (*elocutio*). Para o filósofo grego, o orador era uma espécie de guia de almas que usava as palavras e o encantamento a fim de mostra qual era o melhor caminho a ser seguido. Notamos, dessa forma, que a função primeira da retórica era persuadir seus ouvintes; a configuração do texto ficava em segundo plano. Quintiliano, orador e professor de retórica romano, definiu a natureza retórica a partir de quatro convenções:

- retórica como geradora de persuasão (definição atribuída a Córax e Tísias, Górgias e Platão);
- retórica como capacidade de descobrir os meios de persuasão relativos a um dado assunto (definição atribuída a Aristóteles)
- retórica como a faculdade de falar bem no que concerne aos assuntos públicos (definição atribuída a Hermágoras)
- retórica como a ciência de bem falar (definição atribuída a Quintiliano)

Verifica-se que as quatro definições têm suas nuances quanto à metodologia, ao propósito, ao objeto e ao conteúdo ético, mas todas apresentam um traço comum: conceber a retórica como a criação e a elaboração de discursos com fins persuasivos. Vamos nos deter, brevemente, na subseção 3.2.1.1, às retóricas aristotélica e platoniana, evidenciando que ambas, ao terem objetivos diferentes, apresentam recursos divergentes para tratá-las.

Figura 31: Retórica grega

Fonte: Figura elaborada pela autora

Para a retórica grega, várias formas de retórica são possíveis. Para Platão, ela é geradora de persuasão, para Aristóteles, ela oferece os meios de persuasão, para Hermágoras trata-se de falar bem os assuntos públicos, para Quintiliano, é falar bem. O ponto comum dessas retóricas é a criação e a elaboração de discursos com fins persuasivos.

3.2.1.1 Confronto entre Aristóteles e Platão

Para nos aproximarmos das perguntas apresentadas neste estudo e fazermos uma aproximação com Platão (uma das hipóteses internas da ANL), relacionaremos a retórica de Platão e de Aristóteles a partir da perspectiva platoniana de semelhança e diferença.

Apresentaremos, então, a retórica de Platão a seguir. O filósofo grego representa a prosa grega, sendo “um mestre de estrutura, prosa e estilo” (Bennet *apud* Mesquita 2012) e, trabalhando com a filosofia e a psicagogia⁶⁸, procura estabelecer e afirmar a verdade. Notamos, então, que para Platão, a retórica diz respeito à verdade, apresentando dois pontos de vista: em *Górgias*, tem-se uma retórica sofística e em *Fedro*, tem-se uma retórica filosófica.

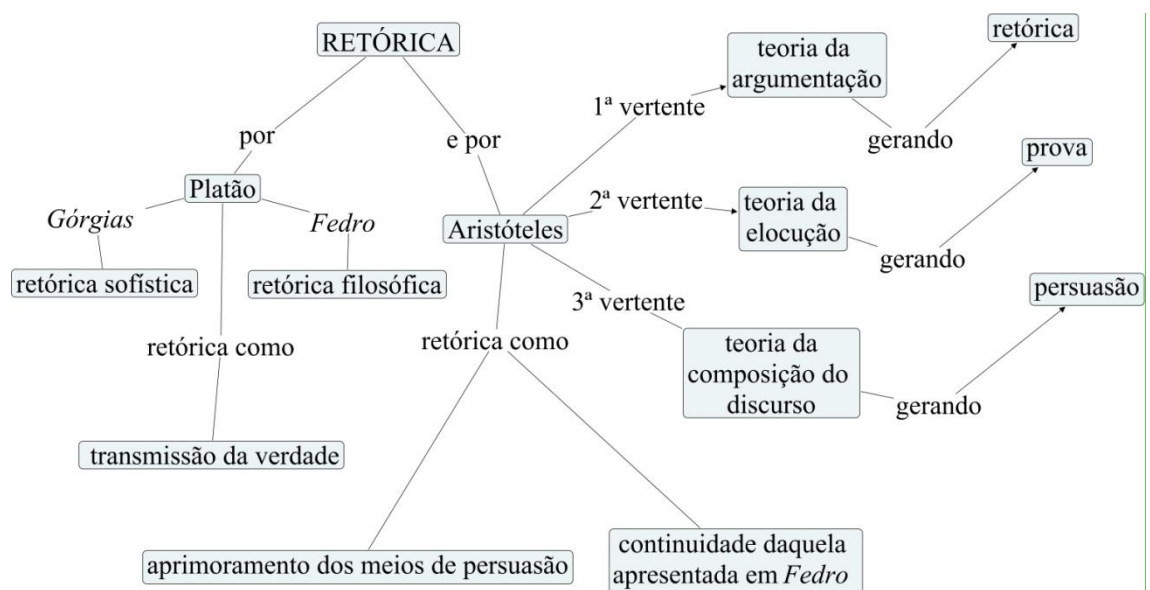
Enquanto Platão buscava transmitir a verdade através de suas palavras, Aristóteles procurava aprimorar suas técnicas de discurso, daí o nascimento do conflito. No entanto, ambos compreendiam a retórica e seu estudo como a articulação íntima

⁶⁸ Segundo o dicionário Houaiss, a psicagogia é uma evocação da alma dos mortos.

entre matéria e forma no discurso. Além disso, a retórica era um método de educação, uma atividade responsável, e não uma manipulação fácil da linguagem. Para ambos, a retórica era “o instrumento que habilitava o homem a exprimir e veicular os resultados da confluência e do intelecto especulativo e prático, tornando possível uma convivência melhor e mais responsável” (Aristóteles, 2012:22).

A partir dessa subseção, podemos perceber que, apesar de a filosofia grega apresentar a retórica como a arte de persuadir e convencer, seus estudiosos a concebiam de formas distintas, evidenciando peculiaridades. Pensamos que a comparação entre retórica platônica e aristotélica se tornou necessária para mostrarmos qual foi o ponto de partida de Aristóteles para elaborar sua própria retórica, evidenciada nos meios de persuasão, tema da seção a seguir.

Figura 32: Aristóteles e Platão



Fonte: Figura elaborada pela autora

Em Platão, a retórica é concebida como transmissão da verdade, considerando a sofística e a filosofia. Em Aristóteles, a retórica é um aprimoramento dos meios de persuasão e pode ser dividida em três vertentes: a primeira considera a teoria da argumentação que leva à retórica, a segunda trata da teoria da elocução que leva à prova e a terceira leva à teoria da composição do discurso que leva à persuasão. Na seção 3.2.1.2, vamos abordar a retórica aristotélica sob essas perspectivas.

3.2.1.2 Meios de persuasão: a retórica aristotélica

A retórica aristotélica é uma continuidade daquela apresentada em *Fedro*, de Platão, não procurando persuadir, mas ver seus meios de persuasão, teorizando sobre eles. Dessa forma, Aristóteles acaba contestando (apesar de se basear na retórica apresentada em *Fedro*) a retórica como duas vertentes, a saber, a sofística e a filosófica. Para o retórico grego, ela abrange três campos: 1) uma teoria da argumentação (eixo principal que fornece o nó de sua articulação com a lógica demonstrativa e a filosofia), 2) teoria da elocução e 3) teoria da composição do discurso, formando a tríade retórica-prova-persuasão.

Podemos afirmar ainda que ela aborda dois tratados: a retórica e a poética. A retórica trata da arte da comunicação, do discurso feito em público com fins persuasivos; já a poética é uma evocação imaginária, um discurso feito com fins específicos e imaginários. Com esses dois sistemas, delineiam-se duas formas de compreender a retórica aristotélica: a divisão da retórica e da poética constitui a retórica puramente aristotélica e a junção delas se denomina uma neoretórica. Neste estudo, abordaremos a retórica clássica, ou seja, a retórica da prova, do raciocínio, do silogismo retórico, formando uma teoria da argumentação persuasiva, podendo ser aplicável em qualquer assunto.

A partir do entimema e da persuasão, Aristóteles (2012) apresenta seus meios para alcançar tal objetivo. Delineando ambos, vamos desenvolver, brevemente, em um primeiro momento, o entimema. O entimema é um silogismo composto de duas premissas e uma conclusão. É formado por poucas proposições que, em geral, são aceitas pela maioria das pessoas, facilitando a compreensão dos ouvintes e a persuasão, apresentando duas formas de aplicação: o entimema demonstrativo e o entimema refutativo. Explicando melhor, podemos dizer que o entimema demonstrativo é aquele em que a conclusão se obtém a partir de premissas com as quais se está de acordo, o refutativo conduz a conclusões que o adversário não aceita. Um exemplo de silogismo clássico é o enunciado *Todo homem é mortal* (premissa maior), *Sócrates é homem* (premissa menor), logo *Sócrates é mortal* (conclusão).

Considerando o exemplo, eles são baseados em fatos que acontecem repetidamente, relacionando partes e semelhantes. O exemplo é dividido em duas vertentes: 1) os que provêm de fatos passados e 2) os que são criados pelo próprio

orador, como as parábolas e as fábulas esópicas e líbicas. Resgatando um exemplo de parábola em Aristóteles (2012:136), temos: “os magistrados não devem ser escolhidos ao acaso, porque isso é como se alguém escolhesse atletas por sorteio, não os que são capazes de competir, mas o que a sorte designasse”. O exemplo conduz, então, à indução, sendo um segundo meio de persuasão efetivo.

Logo, percebemos que tanto o entimema quanto o exemplo são meios de persuasão que utilizam recursos diferentes para conseguir convencer seu público-alvo. Baseando-nos nessas ferramentas, mostraremos como funciona a retórica de Aristóteles, tomando os dois meios de persuasão no detalhe.

Figura 33: Meios de persuasão



Fonte: Figura elaborada pela autora

Os meios de persuasão de Aristóteles são entimemas representados por silogismos que têm duas formas de aplicação: o entimema demonstrativo e o entimema refutativo. Já o exemplo é representado por uma indução e tem duas formas de aplicação: os fatos passados advindos da história e os fatos criados pelo próprio orador, como fábulas e parábolas.

Primeiramente, vamos reforçar o que é retórica para Aristóteles: faculdade de descobrir os meios de persuasão sobre qualquer questão dada. Assim, as suas regras podem ser aplicadas a quaisquer gêneros. Desmembrando a retórica aristotélica, temos as provas técnicas e as provas não técnicas. Essas dizem respeito aos testemunhos, às confissões sob tortura, documentos escritos, entre outros. Já aquelas são todas as que podem ser preparadas pelo método e por nós próprios.

Em relação ao segundo passo, temos as três formas de persuasão. A primeira, a lógica do assunto (*logos*) procura mostrar o que é verdade ou parece verdade, a partir do que é persuasivo em cada caso particular. O caráter do orador (*ethos*) considera que ele é digno de fé, ou seja, ele é uma pessoa honesta. Aristóteles ratifica, no entanto, que essa credibilidade deve vir a partir do discurso proferido, e não da opinião prévia sobre o caráter do orador. Já a emoção dos ouvintes (*pathos*) trata da emoção despertada (tristeza, alegria, amor, ódio) por meio do discurso. Com a reação do ouvinte, o orador saberá se sua retórica está provocando os sentimentos “certos”.

Como as provas de persuasão se obtêm através dos três meios mencionados, o orador que for capaz de formar silogismos e conseguir teorizar sobre os caracteres, as virtudes e as paixões será bem sucedido. Essa configuração se estabelece porque a retórica surgiu a partir da dialética⁶⁹, que oferece um contrapositionamento de ideias visando chegar a um objetivo. Cabe à dialética e à retórica utilizar as mesmas ferramentas para comprovar os seus meios de persuasão: indução, silogismo e silogismo aparente. O exemplo é uma indução, o entimema é um silogismo e o entimema aparente é um silogismo aparente. Aristóteles ainda afirma que a demonstração de certas premissas faz resultar delas uma proposição nova e diferente, uma vez que elas são quase sempre verdadeiras. A consequência disso é que teremos na dialética o silogismo e na retórica o entimema. A essas duas formas de persuadir, o filósofo grego chama de exercício paradigmático e de exercício entimemático. Este tem aceitação maior, apesar de usar os mesmos recursos daquele.

Explicando detalhadamente o silogismo e o entimema, podemos afirmar que os silogismos se formam a partir de relações feitas por premissas. Essas premissas não são admitidas por todos e nem são plausíveis. Entram aí o entimema e o exemplo, o

⁶⁹ De acordo com Stanislas (1964), dialética é uma forma de diálogo que apresenta a contraposição e a contradição de ideias que levam a outras ideias.

exemplo como indução, o entimema como silogismo, com poucas premissas, compreendidas, muitas vezes, pelo ouvinte. Derivam dos entimemas probabilidades e sinais, tornando essencial a identificação de cada entimema com sua classe correspondente. Por probabilidade compreende-se como o universal se relaciona com o particular. Por sinais, a relação do particular para o universal e do universal para o particular. Desses sinais, têm-se os necessários e os não necessários. Os necessários são argumentos irrefutáveis, capazes de formar um silogismo, já os não necessários não têm uma terminologia específica.

Exemplificando esses sinais, Aristóteles afirma que temos o particular em relação ao todo quando temos o sinal de que os sábios são justos e disso conclui-se que Sócrates era sábio e justo. O sinal necessário, por sua vez, relaciona o fato de uma pessoa estar doente e por isso ter febre. Já a relação do universal ao particular acontece quando alguém diz que a respiração rápida é sinal de febre.

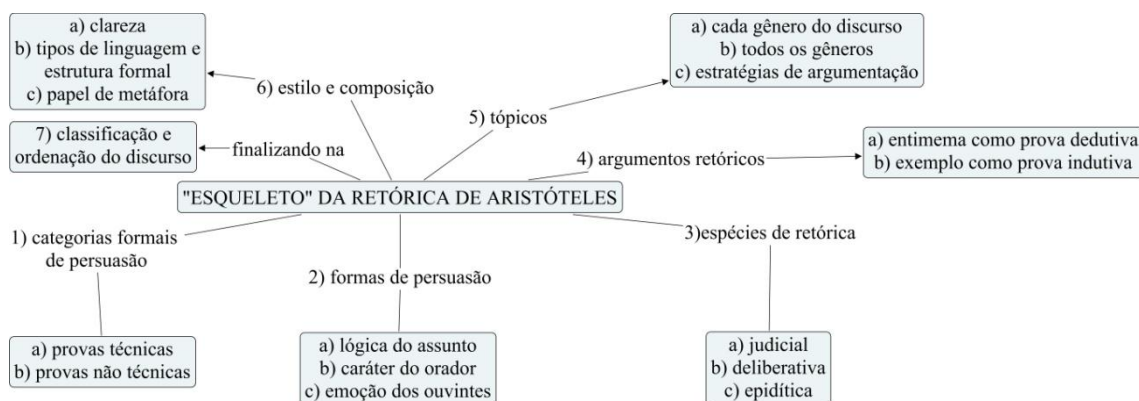
Quanto ao exemplo, ele é uma indução da parte para a parte, do semelhante para o semelhante. Assim, para a existência de um exemplo, têm-se dois termos de um mesmo gênero, sendo um mais conhecido que o outro.

Retornando aos silogismos retóricos e dialéticos, Aristóteles reitera que são aqueles que temos em mente quando falamos de tópicos, ou seja, quando falamos de princípios ou fontes de argumentação de natureza lógica ou retórica, sendo lugares-comuns em questões de direito, de física, de política e de muitas outras áreas. Distinguir ambos os silogismos é uma tarefa difícil, visto que se torna necessário buscar seus princípios para estruturar o silogismo, escapando da dialética e da retórica. Por exemplo, as premissas sobre questões de física não admitem nenhum silogismo ou entimema aplicável à ética, obrigando o orador a especificar sua escolha, particularizando o assunto. O filósofo grego afirma que há uma prevalência de entimemas específicos e particulares em relação aos comuns. Os entimemas têm uma espécie⁷⁰ e um lugar⁷¹ diferente e são determinantes para a compreensão do diálogo persuasivo.

⁷⁰Premissas próprias de cada gênero.

⁷¹ Premissas comuns a todos os gêneros.

Figura 34: “Esqueleto” da retórica de Aristóteles



Fonte: Figura elaborada pela autora

O “esqueleto” da retórica de Aristóteles é composto por sete fatores: 1) as categorias formais de persuasão, 2) as formas de persuasão, 3) as espécies de retóricas, 4) os argumentos retóricos, 5) os tópicos, 6) o estilo e a composição e 7) a classificação e a ordenação do discurso. Cada uma dessas funções oferece ao orador diferentes ferramentas para chegar a uma persuasão efetiva.

Vemos, então, que a retórica de Aristóteles está centrada nos entimemas e suas provas, sendo elas provedoras das verdades. Notamos que Ducrot (2005) se serve de Aristóteles para elaboração de seu quadrado argumentativo. Abordaremos no capítulo 5 que Ducrot utiliza apenas o desenho do quadrado para formar os blocos, não sua noção lógica que remete à verdade e nem as relações assim formalizadas. Como a Teoria da Argumentação na Língua busca no discurso uma explicação para a língua, compreende-se que o quadrado aristotélico não possa ser usado em sua plenitude, uma vez que a semantização é desconsiderada. Na seção a seguir, mostraremos a argumentação retórica de Chaïm Perelman, que reforça a retórica de Aristóteles e nega aquela de Platão.

3.2.1.3 A argumentação retórica de Aristóteles vista por Chaïm Perelman

Como havíamos mencionado acima, a retórica de Perelman é uma complementação dos estudos de Aristóteles. Pensamos que é importante mencioná-la aqui, pois ela é um prolongamento da retórica do filósofo grego, além de enfatizar que é no público que o orador deve focar sua atenção. Dessa forma, esse acréscimo dará

origem a uma nova retórica, em que o pesquisador belga abordará a retórica a partir de princípios bem definidos e de um público particular. Perelman (2008:3) começa a desenvolver suas reflexões afirmando que a lógica limitou-se à lógica formal, ou seja, ao estudo de meios de prova utilizados nas ciências matemáticas. O quadrado aristotélico reitera essa informação ao colocar as provas dialéticas juntamente com as provas analíticas, o verossímil no mesmo nível que o necessário, e a deliberação e a argumentação semelhantes à demonstração.

O tratado da argumentação desenvolvido por Perelman se ocupa de meios discursivos para obter adesão do público: dessa forma, será estudada somente a técnica que utiliza a linguagem para persuadir e para convencer. Essa técnica procurará caracterizar as diversas estruturas argumentativas, cuja análise deve preceder toda prova experimental. Assim, Perelman não vai seguir a linha de pensamento dos filósofos que reduzem os raciocínios em matéria social, política ou filosófica, enraizados em ciências dedutivas ou experimentais, mas vai adotar a dos lógicos, imitando os métodos bem sucedidos. Explicando melhor, a teoria da demonstração deve ser obtida por uma teoria da argumentação. Ao tentar construir esse recurso analisando os meios de prova, buscase servir diferentes áreas, como as ciências humanas, o direito e a filosofia, concretizando, então, a nova retórica como uma ferramenta para persuadir e convencer.

Para que se possa persuadir e convencer um público, exigem-se algumas condições: a primeira é a existência de uma linguagem comum que permita a comunicação. O segundo fator essencial é a adesão de seu interlocutor a partir de seu consentimento e sua construção mental. Perelman destaca ainda que tentar convencer alguém de algo implica sempre uma certa modéstia daquele que argumenta, pois o que é dito não é incontestável. O que é permitido ao orador é tentar persuadir, pensar nos argumentos que podem influenciar seu interlocutor, preocupar-se com ele, com seu estado de espírito, mas nunca se mostrar ao outro como portador da verdade. Perelman recorre a Aristóteles para reforçar esse pensamento:

Não é necessário discutir com todo mundo, nem praticar a Dialética com o primeiro indivíduo porque em relação a certas pessoas os raciocínios se exaltam sempre. Contra um adversário, de fato, que tenta por todos os meios esquivar-se, é legítimo tentar, por todos os meios,

chegar à conclusão, mas a esse procedimento falta elegância (Aristóteles *apud* Perelman, 2008: 21, 22)⁷²

Vemos, então, que o orador não deve apropriar-se de todo conhecimento e usá-lo de forma indiscriminada perante os interlocutores que não o têm. É necessário escutá-los, mostrar-se disposto a admitir seu ponto de vista. Continuando esse raciocínio, Perelman expõe o orador e seu público como essenciais para a argumentação: o público é o conjunto que o orador quer influenciar através de sua argumentação. Naturalmente, o orador pensa no público que quer persuadir, e a partir disso, elabora seus discursos. Assim, a argumentação se efetua a partir do público esperado e da aproximação desse discurso com a realidade. Quanto mais desconhecimento se tem do público, maior a probabilidade de fracasso na arte da persuasão. Nota-se, então, que o bom orador se “arma” de todos os recursos para ganhar o público. Conhecê-lo bem é a primeira forma de ser bem sucedido. Sabe-se que esse público é composto por pessoas diferentes com distintas características, relações e funções. Assim, o orador deverá dispor de múltiplos argumentos para “conquistar” um público tão hegemônico. É a arte de dar conta desse público díspar que caracteriza o grande orador em sua argumentação.

Insistindo ainda na relação orador e público, Perelman se serve de um enunciado de Vico⁷³: “Todo o objeto de eloquência é relativo aos nossos ouvintes, e é seguindo suas opiniões que devemos regrar nosso discurso”. Evidencia-se, cada vez mais, que o orador necessita se adaptar ao público, à sua demanda e à sua resposta, é o público que detém o papel mais representativo para determinar a qualidade da argumentação e o comportamento dos oradores. Nota-se, então, a relação estreita entre orador e público e como aquele é dependente desse. Para argumentar, para usar a arte da retórica e suas ferramentas, o orador necessita convencer e persuadir. Perelman ressalta a diferença entre essas duas funções, destacando que o objetivo é que vai determinar o uso de um ou de outro. Explicando melhor, para quem deseja chegar a um resultado, persuadir é mais do que convencer, o convencimento é o primeiro estado que leva à ação. Mas se alguém está preocupado com o caráter racional da adesão, convencer é mais do que

⁷² « Il ne faut pas discuter avec tout le monde, ni pratiquer la Dialectique avec le premier venu, car à l'égard de certains gens, les raisonnements s'enveniment toujours. Contre un adversaire, en effet, qui essaye par tous les moyens de paraître se dérober, il est légitime de tenter par tous les moyens d'arriver à la conclusion; mais ce procédé manque d'élégance. »

⁷³ Giambattista Vico, filósofo italiano vinculado ao Humanismo e ao Iluminismo: « Tout l'objet d'éloquence est relatif à nos auditeurs, et c'est suivant leurs opinions que nous devons régler nos discours. »

persuadir, uma vez que a persuasão leva a estados emocionais como o corpo, a imaginação, o sentimento, utilizando de forma prevalente recursos sofisticos e não retóricos. A nuance maior entre persuasão e convencimento é que aquela utiliza uma argumentação que só tem valor para um público particular e esta obtém a adesão de qualquer tipo de público. Referindo-se a Kant, Perelman (2008:37) afirma que convicção e persuasão são duas espécies de crença:

Quando ela é válida para cada um, enquanto tenha, pelo menos, razão, seu princípio é objetivamente suficiente e a crença se chama *convicção*. Se ela só tem fundamento na natureza particular do sujeito, ela se chama *persuasão* (Kant *apud* Perelman, 2008:37).⁷⁴

Perelman explica o pensamento de Kant segundo o qual a convicção é fundamentada na verdade de seu objeto, sendo válida para todo ser que usa suas capacidades intelectuais e podendo ser posta a prova. Já a persuasão apresenta um caráter unicamente individual. Notamos que a distinção entre essas duas crenças depende do elo que o orador deseja estabelecer com seu público: a subjetividade ou a objetividade. Esse público pode ser dividido em três espécies (Perelman, 2008:40): o auditório universal, constituído por todos os indivíduos, o segundo, por um único interlocutor, que se engaja no diálogo, e o terceiro constituído pelo próprio locutor, quando ele delibera ou representa as ações de seus atos.

Emmanuelle Danblon (*apud* Meyer, 2004) questiona esse público universal defendido por Perelman. A pesquisadora afirma que a teoria dos auditórios do filósofo belga acontece em um ambiente paradoxal pleno de uma tensão não resolvida: joga Aristóteles contra Platão, mas se reveste de conceitos platonianos. O público dito “particular”, que é persuadido, é construído no diálogo a partir do orador. Aí se tem uma situação discursiva e um objetivo argumentativo que devem ser alcançados pelo orador, sendo o efeito sofisticado a resposta ideal de que “conquistou” o público. Já o público universal, composto pela humanidade, considera a razão e não a emoção, procurando, conseqüentemente, convencer, não persuadir. Assim, não há hesitação, mas uma tentativa de transparência, de ética natural, de sentimento de evidência, resultando em uma dinâmica sabiamente articulada entre o fato e o direito. Danblon ressalta ainda que o esforço de Perelman em separar a dialética da retórica, a emoção da razão, a

⁷⁴ « Quand elle est valable pour chacun, en tant du moins qu'il a de la raison, son principe est objectivement suffisant et la croyance se nomme *conviction*. Si elle n'a son fondement que dans la nature particulière du sujet, elle se nomme *persuasion*. »

convicção da persuasão não é bem-sucedida, gerando uma conjunção, mesmo involuntária, dessas noções.

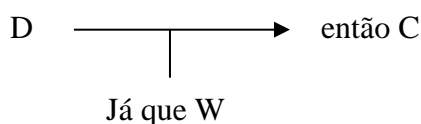
Como podemos relacionar, então, a argumentação retórica de Perelman com nossa análise crítico-reflexiva sobre a Teoria dos Topoi e a Teoria dos Blocos Semânticos? Como expusemos anteriormente, a retórica de Perelman está baseada no público-alvo e como o orador consegue persuadi-lo. Assim, o público-alvo é passivo, apenas aceita ou rejeita o que lhe é exposto sem argumentar. Diferentemente dessa noção, a Teoria da Argumentação na Língua, especificamente a Teoria dos Blocos Semânticos, concebe o sentido a partir dos encadeamentos argumentativos, cabendo ao locutor mostrar de forma intralinguística seu ponto de vista, mostrando toda a dinamicidade da língua e seu uso.

Vemos que, para Perelman, a retórica está centrada na relação entre o locutor e o interlocutor e nos mecanismos que o orador busca para persuadir. Já para Toulmin, pesquisador britânico, a retórica apresenta seis conceitos norteadores: conclusão, dado, garantia, apoio, recusa e qualificador. Veremos essa nova perspectiva na seção seguir.

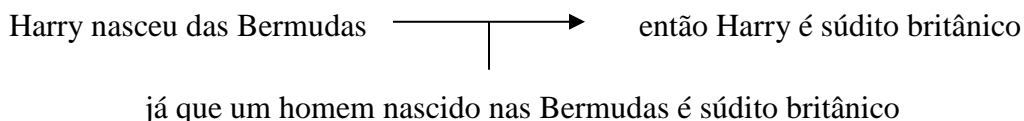
3.2.1.4 A argumentação retórica de Aristóteles vista por Stephen Toulmin

A argumentação retórica elaborada pelo pesquisador britânico Stephen Toulmin é composta por seis fatores, sendo quatro deles adicionais e dois complementares. Conforme o próprio pesquisador, tem-se uma conclusão (Conclusion), advinda de um dado (Data) que tem uma garantia (Warrant), podendo apresentar uma recusa (Rebuttal). A garantia (W) pode ter um apoio (Backing) e a conclusão pode ter um qualificador (Qualifier).

Em seu livro *Os usos do argumento*, Toulmin (2006:136) compara os argumentos aos organismos: assim como os organismos não podem ser concebidos apenas pela manutenção das funções dos principais órgãos em que ocorrem, o mesmo procedimento acontece com os argumentos, uma vez que os microargumentos devem ser estabelecidos tendo como base os macroargumentos. Recorrendo a Aristóteles, Toulmin retoma o modo simples pelo qual o filósofo grego sustentou seu raciocínio lógico: “premissa menor, premissa maior *portanto* conclusão”, questionando sua praticidade e sua validade. Para justificar por que essa forma não é capaz de sustentar todos os argumentos possíveis, o pesquisador se baseia em um padrão argumentativo fundamentado entre dados e garantias. Esquematizando essa representação, temos:

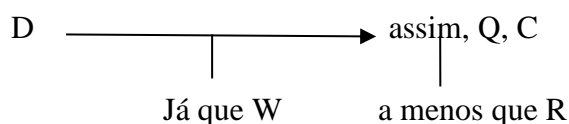


Exemplificando, Toulmin (2006:143):



Explicando o esquema acima, Toulmin afirma que o argumento advém da alegação (C) para os dados (D), cabendo à garantia (W) a certificação, a legitimidade de determinado dado. Fazendo distinção entre as garantias e os dados, o pesquisador britânico diz ainda que os dados ocorrem de modo explícito, enquanto as garantias de modo implícito. Outra diferença é que as garantias são gerais, já os dados, específicos. Dando continuidade ao seu modelo, Toulmin classifica os qualificadores modais e as condições de exceção ou refutação de modo diferente, cabendo a cada um deles uma

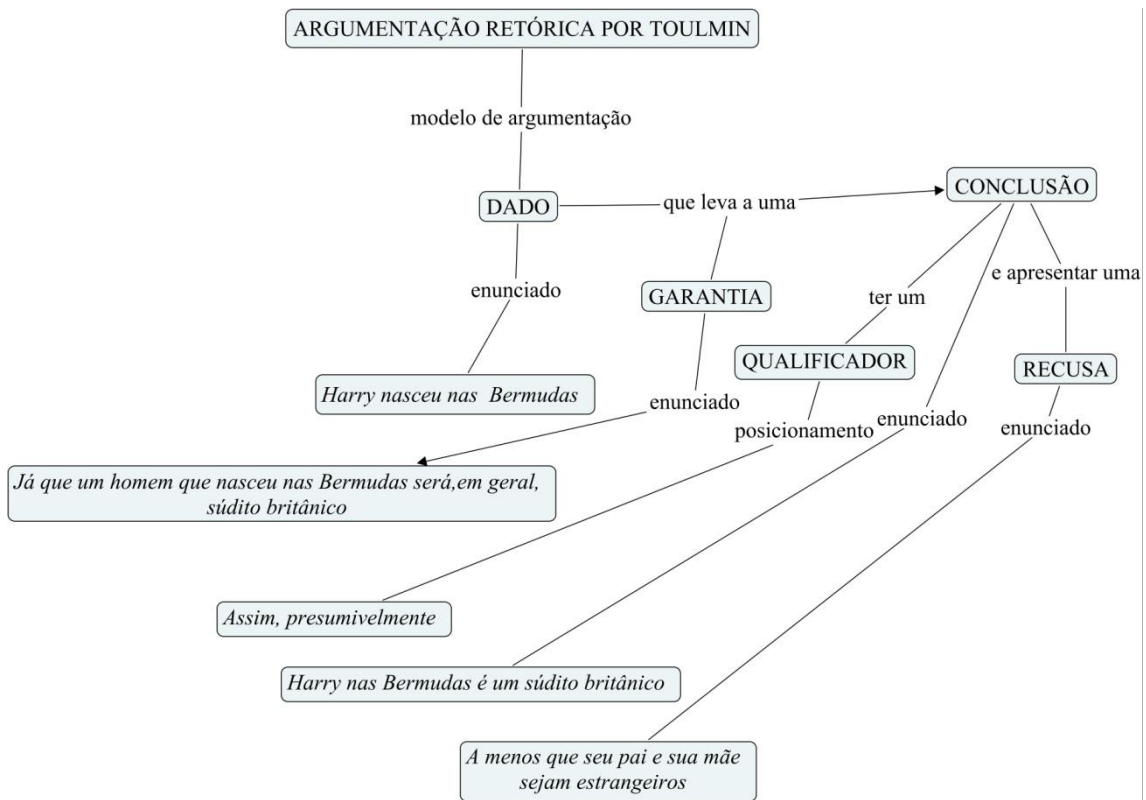
função, sendo configurados de outra forma no modelo proposto: os qualificadores indicam a força dada à garantia, já as condições de recusa indicam circunstâncias nas quais se tem de deixar de lado a autoridade geral da garantia. Ao criar o modelo, o qualificador encontra-se ao lado da conclusão que o qualifica e as condições de recusa, que podem invalidar ou refutar a conclusão garantida, abaixo do qualificador. Exemplificando a partir do mesmo enunciado, Toulmin faz o seguinte esquema:



Traduzindo, tem-se:

- a) O dado: *Harry nasceu nas Bermudas*
- b) Sua garantia: *Já que um homem que nasceu nas Bermudas será, em geral, súdito britânico*
- c) O qualificador e sua conclusão: *Assim, presumivelmente, Harry nas Bermudas é um súdito britânico*
- d) A recusa: *A menos que seu pai e sua mãe sejam estrangeiros/ele tenha adotado a cidadania americana*

Explicando o enunciado acima, Toulmin diz que estão estabelecidas aí duas diferenças: a primeira é a afirmação da garantia e afirmações sobre a aplicabilidade dessa garantia, ou seja, no momento em que um homem nasce nas Bermudas sabe-se que ele será britânico desde que seus pais não sejam estrangeiros. Essa diferença é essencial para a compreensão das leis científicas. Tem-se ainda outra diferença dada pelos fatos adicionais: eles podem refutar ou confirmar a aplicabilidade de uma garantia. Ao garantir o dado de que Harry nasceu nas Bermudas e de que seus pais não são estrangeiros, duas questões referentes à sua nacionalidade são postas: 1) suposição da nacionalidade britânica e 2) a confirmação da suposição criada. Vimos até aqui que os padrões dos argumentos do pesquisador estão baseados nos dados e nas garantias. Para Toulmin, argumentos consistentes se estabelecem a partir do apoio das garantias e, às vezes, torna-se necessário o uso da variabilidade ou do campo-dependência para sustentá-la, apresentando seu apoio (backing), completando o modelo de argumentação:

Figura 36: Modelo de Argumentação - Toulmin

Fonte: Figura elaborada pela autora

O modelo de argumentação de Toulmin é constituído por cinco fatores: o dado, a garantia, o apoio, o qualificador e sua conclusão e a recusa. A partir deles, a argumentação é formulada, podendo ser ratificada ou enfraquecida de acordo com o argumento exposto.

Ao abordarmos as argumentações retóricas de Aristóteles, Perelman e Toulmin, verificamos que os três estudiosos buscam em suas argumentações uma lógica baseada na realidade e que traçam um caminho de passagem do argumento para a conclusão. Vimos ainda que a fundamentação aristotélica acabou sendo uma forma norteadora para o desenvolvimento das pesquisas de Perelman e Toulmin. Logo, vamos explicar por que realizamos esse percurso que aborda a retórica de três formas distintas. Se olharmos com atenção os estudos de Aristóteles, Perelman e Toulmin, perceberemos que suas propostas de argumentação estão ancoradas na persuasão. Assim sendo, argumentar é persuadir, é fazer com que o público-alvo acredite naquilo que está sendo dito. Essa arte

de argumentar tem bases na realidade, cabendo ao orador se servir de recursos mais estilísticos do que linguísticos para chegar ao seu objetivo.

Na Teoria da Argumentação na Língua, a argumentação não busca persuadir seu público-alvo, mas mostrar que, para argumentar, torna-se necessário produzir sentido. Ao abordarmos as retóricas de Aristóteles, Perelman e Toulmin, estávamos tentando evidenciar o quanto a língua é um acessório, e não a principal ferramenta para o orador ou o locutor, como propõe Ducrot. Além disso, nas retóricas tradicionais cabe ao público-alvo aceitar ou recusar o que está sendo dito, na ANL o alocutário tem uma função ativa perante o locutor, uma vez que responde a ele, ambos exercendo uma troca de papéis. Podemos verificar, então que tanto na retórica tradicional quanto na ANL, o público-alvo faz parte da constituição do sentido.

Retomando brevemente as retóricas de Aristóteles, Perelman e Toulmin, podemos fazer as seguintes afirmações. A retórica do filósofo grego é um aprimoramento dos meios de persuasão, sendo uma continuidade da retórica apresentada por Platão, na obra *Fedro*, e procura apresentar provas com a finalidade de persuadir. Já Perelman atribui à retórica e, especificamente, à argumentação, o estatuto de tratado, sendo o objetivo principal do orador se adaptar ao público e persuadi-lo, utilizando-se de ferramentas estilísticas e linguísticas. Assim, a tríade da argumentação retórica de Perelman é o orador, o público e a linguagem. Por sua vez, a retórica de Toulmin não adquire estatuto de tratado, mas de modelo. Esse modelo tem uma estrutura fechada, composta por dado, conclusão, garantia, qualificador e recusa. Considerando a argumentação como uma estrutura fechada, Toulmin evidencia que ela é como uma fórmula matemática, em que o uso dos recursos disponibilizados levará a uma argumentação persuasiva. Como Ducrot se posiciona em relação a essas três formas de argumentação retórica? Acreditamos que a resposta está na própria ANL: para Ducrot, argumentar é utilizar os recursos da língua para a constituição de sentido, para Aristóteles, argumentar é persuadir, não importando quais recursos são utilizados para esse fim. A retórica de Perelman, concebida como um tratado, mostra como a argumentação está centrada no público, cabendo ao orador ser flexível a ele. Na ANL, o locutor e o alocutário têm papéis diferentes para que o sentido seja alcançado, não cabendo a hierarquização. Toulmin, por sua vez, vê a argumentação como um modelo a ser seguido, apresentando meios para uma argumentação efetiva e realmente persuasiva. Contrapondo-se a essa forma de argumentar, Ducrot mostra em seus vários estudos que

argumentar é semantizar utilizando a língua e seu uso, sendo o locutor e o alocutário aqueles que tornam visível o posicionamento adotado.

A partir desse cotejamento, podemos perceber que a argumentação proposta pela ANL não busca a persuasão do público-alvo, mas elucidar que é na língua que o sentido é constituído, não fora dela. Para desfazer quaisquer incompreensões teóricas, Ducrot (2009) mostra quais são as diferenças entre a argumentação linguística e a argumentação retórica. Ao apresentá-las a partir de pontos de vista distintos, evidencia que a argumentação retórica vê o argumento como uma formalização da lógica, enquanto a argumentação linguística mostra o sentido em sua natureza genuína, interior. São essas duas formas de argumentação que vamos mostrar na seção a seguir, destacando a argumentação linguística defendida por Oswald Ducrot.

3.2.2 A argumentação linguística de Oswald Ducrot

Em seu artigo *Argumentação retórica e argumentação linguística*, Ducrot (2009) define ambas as argumentações e mostra qual é seu posicionamento. A argumentação retórica é uma atividade verbal que visa fazer alguém crer em alguma coisa. Essa definição tem, no entanto, duas limitações: 1ª) ela só considera o levar alguém a fazer alguma coisa se este é apoiado sobre um fazer crer. Para o linguista, sabe-se que há outras maneiras de levar alguém a fazer alguma coisa, 2ª) há outros meios de fazer crer que não o de falar. Por argumentação linguística, Ducrot (2009:20-21) a compreende como sendo segmentos de discurso constituídos pelo encadeamento de duas proposições A e C, ligadas implícita ou explicitamente por um conector do tipo DC. A partir dessa configuração, o segmento A exerce o papel de argumento e o segmento C, de conclusão. Uma interpretação errada que se faz desse encadeamento (A portanto C) é ter a crença de que A pode se completar com a crença em C. Uma crítica clássica feita a esse modo de argumentação é que elas nunca são decisivas, ou seja, quando se diz A portanto B geralmente se esquece de que as proposições intermediárias são necessárias para operar a passagem de A a C. Notamos, então, que ao tentar desfazer essa passagem de A para C, critica-se a retórica clássica de Aristóteles, que procurava persuadir, independentemente de quaisquer recursos. Além disso, os encadeamentos argumentativos admitem exceções. Ducrot (2009:21) aponta como exemplo disso os conceitos de amor e ciúme, ao afirmar que uma pessoa ciumenta é uma pessoa apaixonada, por isso demonstra tal sentimento. Esse argumento pode ser

destruído se uma pessoa não está apaixonada. A retórica tradicional se utiliza dessa amplitude de argumentações para moldar um contexto persuasivo, baseado no raciocínio (*logos*), desenvolvendo no ouvinte o desejo de ser verdadeiro (*pathos*) e apresentando o orador como uma imagem favorável de si (*ethos*) em seu discurso. Como já havíamos abordado na seção 3.2.1, Aristóteles buscava essa persuasão, enquanto Perelman utilizou-se das fundamentações do filósofo grego para conceber a retórica com base no público, cabendo ao orador utilizar de “artifícios” para conquistá-lo. Ducrot refuta essa imagem dada ao orador e defende o *logos* discursivo através dos encadeamentos argumentativos, através do *portanto* (DC).

Continuando seu raciocínio, o linguista francês afirma que a Teoria da Argumentação na Língua apresenta um encadeamento argumentativo A DC B⁷⁵, em que o sentido do argumento A contém em si mesmo a indicação de que se deve ser completado pela conclusão. De forma alguma há passagem que remeta à realidade ou ao conteúdo factual entre A e C. A relação entre os segmentos mostra como um se constitui a partir de outro (alteridade), evidenciando a noção de valor. A partir dos enunciados,

(a) Tu diriges depressa demais, tu corres o risco de sofrer um acidente.

(b) Tu diriges depressa demais, tu corres o risco de cometer uma infração.

percebe-se que *velocidade perigosa* expressa em *depressa demais* apresenta orientações argumentativas distintas, pois uma mostra o perigo de se sofrer um acidente e a outra de se cometer uma infração. Com essa reflexão, Ducrot se pergunta, então, para que serve o encadeamento argumentativo. Ele responde que não é uma justificativa de uma afirmação a partir de outra, mas qualifica algo que serve de suporte a certa argumentação. Corroborando essa ideia, têm-se os exemplos de *pouco* e *um pouco*:

Pedro estudou pouco, ele vai, portanto, ser reprovado.

Pedro estudou um pouco, portanto vai ser aprovado.

Ducrot (2009) explica que o uso de *pouco* conduz a uma conclusão negativa, já o uso de *um pouco*, a uma conclusão positiva. Mas por que esse fenômeno ocorre? De acordo com Ducrot, a orientação argumentativa mostra quais encadeamentos são

⁷⁵ Como já havíamos abordado na seção 1.3.2, DC é um protótipo dos conectores *portanto*, *logo*, *assim*, *então*, *dessa forma*, sendo denominados normativos.

possíveis a partir da significação de *pouco* e *um pouco*, direcionando a um sentido específico, evidenciando que *portanto C* já faz parte do sentido de A. Além disso, proposições como *demais*, *pouco*, *um pouco*, *perto*, *longe* mostram que uma proposição A contém em sua significação a possibilidade de encadeamento *portanto C* ou *no entanto C*. Fazendo referência ainda às expressões, elas comportam em seu sentido argumentações advindas de seu interior, ou seja, argumentações internas:

Interessado – é de seu interesse DC ele faz/ não é de seu interesse DC ele não faz

Esse enunciado explicita que existem encadeamentos argumentativos na própria significação das palavras e dos enunciados, evidenciando que toda palavra é plena de argumentação. Com a explicação de ambas as argumentações e suas respectivas diferenças, Ducrot se questiona por que há argumentação linguística na argumentação retórica, e responde apresentando três soluções:

1) a argumentatividade está ligada a uma estratégia persuasiva tida como eficaz: a concessão. Exemplificando, tem-se:

- Conclusão **Z** = tu não deves fumar

- Argumento **Y** = fumar te faz tossir

- Argumento **X** = fumar diminui o estresse

Ao apresentar Y após X encadeado com *no entanto*, o orador/ locutor melhora seu *ethos*, mostrando que prestou atenção às objeções possíveis contra Z. Podemos afirmar, então, que a retórica de Aristóteles se modela perfeitamente a essa concepção ao buscar a persuasão. Se nos baseássemos em Perelman, poderíamos afirmar que o orador flexibiliza seu *ethos* para satisfazer o público. Por sua vez, Toulmin se utiliza do seu modelo para confirmar, validar a ideia inicial.

2) enunciar uma argumentação em *portanto* tem para o próprio enunciado vantagens para a persuasão.

Para se contestar *A estação é longe, portanto tomemos um táxi*, tornam-se necessários vários argumentos, não somente uma negação. Com um encadeamento plausível à sua decisão, é possível constituir uma imagem favorável de si, de que aceita uma discussão. Percebemos, então, que a retórica aristotélica disponibiliza meios de

persuasão para se contestar um enunciado. Já Perelman adapta seu argumento ao público e Toulmin utiliza fórmulas para contra-argumentar, como a recusa.

3) Modelos de encadeamentos argumentativos já estão presentes na significação das palavras do léxico, ou seja, a argumentação oferece recursos para a explicitação de palavras da língua.

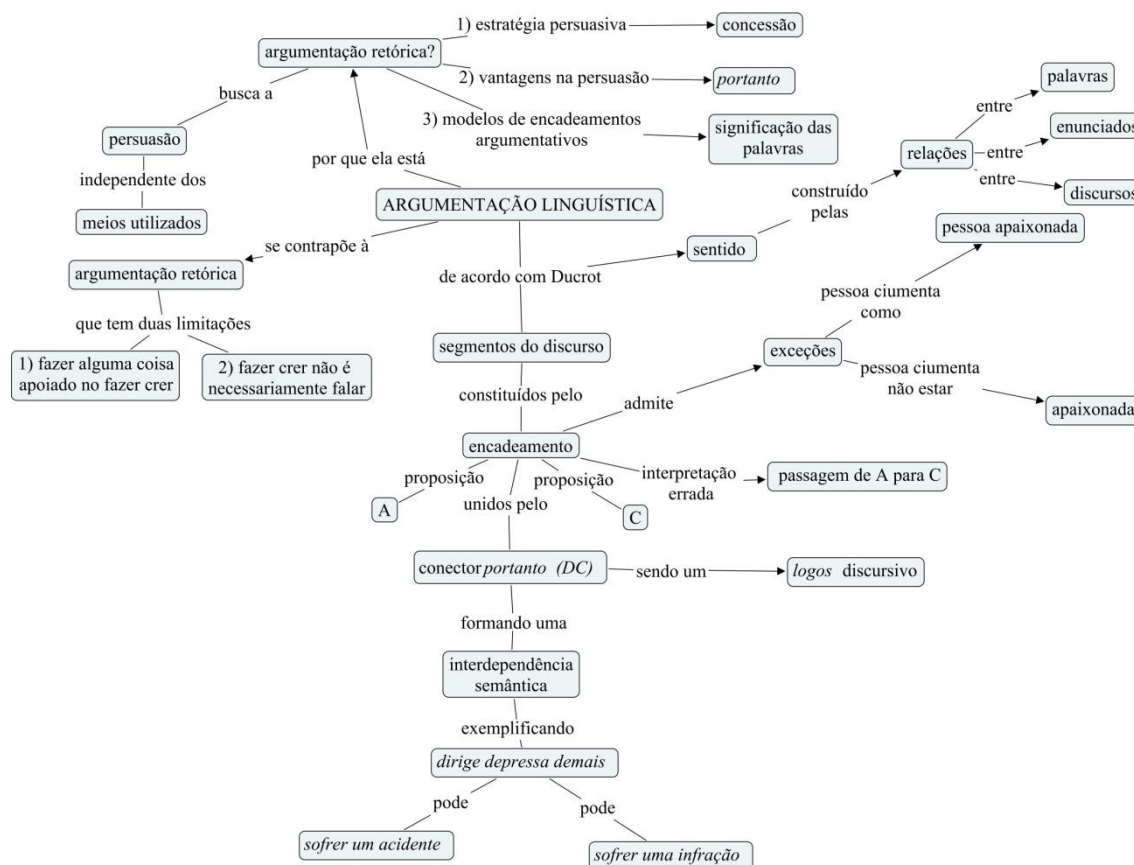
Se considerarmos a retórica aristotélica, poderíamos afirmar que cabe ao orador buscar provas que levam a persuasão, e é a partir da argumentação (retórica) que essa busca se torna possível. Para Perelman, a retórica é formada pelo orador, pelo público e pela linguagem, e é o público que determina em quais recursos estilísticos e linguísticos o orador deve se fundamentar. Por sua vez, Toulmin modela sua argumentação a partir de uma fórmula, sendo a língua e seu uso um acessório.

Finalizando suas considerações sobre a argumentação linguística e a argumentação retórica, Ducrot (2009) afirma que os encadeamentos argumentativos normativos (do tipo *portanto*) são eficazes em relação ao *ethos* que preenche o *logos*, servindo, assim, para a persuasão.

Retomando, então, o título de nosso capítulo *A Teoria da Argumentação na Língua: uma teoria semanticista*, podemos perceber a necessidade de Ducrot elaborar uma teoria da língua com argumentações intralinguísticas, pois o linguista percebeu que os estudos da retórica não contemplavam o sentido, mas a forma e sua referência à realidade. Notamos que o silogismo de Aristóteles, reiterado por Toulmin é um exemplo de que a argumentação serve para comprovar, justificar algo a partir do que é exposto. Ducrot (2009), a partir das distinções de argumentação retórica e argumentação linguística, mostra que enquanto aquela busca persuadir, esta procura mostrar seu sentido intralinguístico, utilizando recursos da própria língua. Uma diferença básica entre a argumentação retórica, adotada por Aristóteles, Perelman e Toulmin e a argumentação linguística adotada por Ducrot, é que a argumentação baseada no linguístico mostra os sentidos construídos pelas palavras, pelos enunciados, pelos discursos, representados pelos encadeamentos argumentativos. Já a argumentação retórica se serve de recursos extralinguísticos para persuadir, sendo o linguístico um acessório, podendo ser descartado se isso convier ao orador, já que ele considera os argumentos a partir da realidade. Enquanto a argumentação linguística busca na língua a constituição do sentido, a argumentação retórica objetiva persuadir, não importando os

meios utilizados. A língua é um deles, mas não é o principal. Em seus artigos *A argumentação no discurso: argumentar não é justificar e O que é argumentar?*, Marion Carel procura mostrar que argumentar é se servir da língua para semantizar e não justificar para persuadir o outro. Veremos detalhadamente como é essa argumentação na seção a seguir.

Figura 37: Argumentação Linguística de Ducrot



Fonte: Figura elaborada pela autora

A argumentação linguística de Oswald Ducrot se opõe à argumentação retórica de Aristóteles, Perelman e Toulmin. Para o linguista francês, os segmentos do discurso adquirem sentido ao serem construídos pelas relações entre palavras, entre enunciados e entre discursos por meio do conector *portanto* (DC). A argumentação linguística de Marion Carel, que será abordada na seção a seguir, continua essa noção de relação proposta por Ducrot, advinda de Saussure.

3.2.2.1 A argumentação linguística de Marion Carel

Para mostrar que a argumentação serve para explicar o uso da língua, Carel (1997:23) refuta a concepção tradicional da retórica de que a argumentação no discurso é um procedimento e, por isso mesmo, passível de demonstração, cujo objetivo é estabelecer a verdade a partir da palavra *portanto*. Carel entende por “demonstração” enunciados isolados concebidos como verdadeiros e aceitáveis pelo locutor por duas razões: 1) os argumentos (A) são independentes da conclusão (C) e 2) essa conclusão é validada pelos argumentos precedentes, justificados por eles. Assim, há transmissão de sentido do argumento (A) para a conclusão (C) a partir de *portanto*. Em sua pesquisa, Carel estabelece que a descrição do uso de *portanto* não tem relação alguma com seu uso matemático e que a argumentação não é uma função descritiva da língua, nem uma justificativa para se chegar à conclusão.

Dispõe-se, então, da lei geral que liga A a C, isto é, a causa ao seu efeito: $A \rightarrow C$. Partindo do enunciado proposto

Faz bom tempo: João deve estar contente

aprecia-se que o segmento *faz bom tempo* é definido tendo como base situações climáticas da realidade como temperatura, velocidade do vento, grau de umidade, entre outros. E são essas características capazes de despertar em João o sentimento de estar contente, daí a ideia de que a alegria de João está condicionada pela condições do tempo, um enunciado ligado, então, a uma lei físico-psicológica do mundo.

Utilizando-se de outro exemplo, refutando a condição de verdade e falsidade, Carel (1997:25) apresenta enunciados com as expressões *pouco* e *um pouco*:

Ele comeu pouco: assim, ele não vai melhorar (estou inquieta)

Ele comeu um pouco: ele deve melhorar (estou contente)

Em uma situação factual, ambos os argumentos representam quantidade de comida insuficiente, conforme indica a lógica. No entanto, no sentido intralinguístico se percebe a distinção de sentido devido à orientação argumentativa das palavras:

pouco → continuação negativa
um pouco → continuação positiva
 visto que as orientações argumentativas são diferentes

Desenvolvendo essa ideia de que o sentido está no intralinguístico, Carel (1997) mostra que o posto também condiciona as palavras, orientando argumentativamente sua continuação, cabendo ao pressuposto reforçar aquilo que está dito:

Pedro parou de fumar: ele certamente vai jantar na área de não fumantes

Pedro parou de fumar: ele vai economizar

A linguista francesa afirma ainda que palavras como *parar*, *continuar*, *pouco*, *um pouco* trazem consigo potenciais argumentativos e são elas que apontam para o sentido. O mesmo fenômeno linguístico acontece com as expressões *quase* e *mal*:

Pedro está quase acabando o trabalho: João não vai precisar esperá-lo por muito tempo

Pedro mal acabou o trabalho: João vai esperá-lo por um tempo

quase → continuação positiva
 mal → continuação negativa
 visto que as orientações argumentativas são diferentes

Com esses exemplos, evidencia-se o que Ducrot (2009) afirmara em seu artigo sobre *Argumentação Linguística e Argumentação Retórica*: é o próprio sentido do argumento que direciona para determinada conclusão, lembrando que de forma alguma se tem uma passagem de um estado para outro. É a orientação argumentativa que mostra quais continuações são permitidas ou não. Tendo esclarecido que a argumentação não é composta por dois segmentos semanticamente independentes, Carel (1997:31) os define como encadeamentos argumentativos, conforme os exemplos:

Pedro é rico: ele deve ser feliz.

Pedro encontrou Maria: ele deve ser feliz

Conforme Carel elucida, nesses exemplos, a referência de felicidade de um enunciado para outro é distinta, uma vez que no primeiro a razão da felicidade está relacionada à riqueza, enquanto na segunda ao fato de ser amado. Tem-se, então, uma relação entre o argumento e o sentido da conclusão.

rico→felicidade
 encontro→felicidade
 A orientação do argumento leva a determinada conclusão

Para mostrar o fato de que a conclusão determina o sentido do argumento, Carel apresenta os seguintes enunciados:

É tarde: o trem deve estar aí

É tarde: o trem não deve estar aí

Nota-se que no primeiro enunciado o sentido proposto é o de que o trem chegou, uma vez que já é tarde, demonstrando que o tempo traz as coisas. Já no segundo enunciado, o trem partiu, significando que o tempo as leva. Vemos, então, que temos encadeamentos representativos de dois blocos semânticos distintos: A DC B e A DC neg B. Assim, o sentido de um segmento apenas pode ser completado pela presença de outro. Não se torna necessário nenhum tipo de interpretação, pois as próprias palavras demonstram qual caminho deve ser seguido. O enunciado *É tarde: o trem deve estar aí* é um encadeamento em *portanto* (DC) que exprime um bloco semântico, cujo sentido é *chegar*. Carel afirma ainda que os encadeamentos formados por *portanto* abordam o léxico de seus blocos em relação aos argumentos e às conclusões. De forma alguma se tem noção de verdade, pois os dois segmentos são semantizados conjuntamente, não há conteúdos isolados, pré-existentes ao encadeamento.

Outra característica dos encadeamentos em *portanto* é que eles exprimem um certo tipo de positividade ou de negatividade, uma qualidade que remete a um bloco

semântico. Em *É tarde: o trem deve estar aí* e *É cedo: o trem não deve estar aí* se têm dois aspectos de um mesmo bloco semântico que exprimem a ideia de que *as coisas chegam com o tempo*, mas apresentam qualidades distintas, pois exprimem sentidos contrários. Esses sentidos contrários exprimem *encadeamentos contrários*. Veremos, no capítulo 5, que essas qualidades distintas pertencentes a um mesmo bloco podem ser compreendidas como a reciprocidade entre os aspectos. Sabemos que esses sentidos diferentes advêm da orientação argumentativa e da relação entre um segmento e outro.

Para explicar os encadeamentos em *no entanto*, Carel se utiliza do mesmo procedimento apresentado nos encadeamentos em *portanto*: encadeamentos em *no entanto* são enunciados argumentativos que têm uma certa qualidade e exprimem regras (bloco +qualidade), assim sendo *A PT neg C* e *A DC C* pertencem a um mesmo bloco, apresentando qualidades distintas ou semelhantes:

É tarde no entanto o trem não está aí

É tarde portanto o trem deve estar aí.

Pedro é rico portanto ele é feliz.

Pedro é rico, no entanto ele não é feliz.

Ele comeu um pouco no entanto não vai melhorar

Ele comeu um pouco portanto vai melhorar

Com esses enunciados, Carel ratifica como é estreita a relação entre DC e PT, reformulando conceitos fundamentados em Aristóteles: para o filósofo grego, a regra é constituída pela lei do mundo, para Carel é uma conjunção linguística entre bloco e qualidade. Explicando melhor, a linguista afirma que a relação que *A PT neg C* exerce em *A DC C* não é de um contraexemplo, como afirma Aristóteles, mas de exceção às regras: *A DC C* é um aspecto tópico de regularidade e *A PT neg C* um aspecto tópico de exceção. A retórica clássica toma *A portanto C* como uma afirmação implícita da regra e *A no entanto não-C* como uma transgressão dessa mesma regra, tendo o locutor atitudes distintas. Para Carel, os locutores adotam o mesmo ponto de vista, considerando a regra do qual eles se servem. Logo, os encadeamentos em *portanto* e em *no entanto* convocam blocos, regras, aspectos tópicos, construindo encadeamentos argumentativos. Cabe a esses encadeamentos em DC e PT desenvolver, por meio de

seus aspectos, as formas de representação já cristalizadas nas palavras e semantizá-las intralinguisticamente, descartando qualquer forma de categorização ou de pensamento.

Podemos destacar nessas reflexões apontadas por Marion Carel que sua inovação foi conceber a argumentação não só a partir de encadeamentos normativos, mas também de encadeamentos transgressivos, evidenciando a semelhança e a diferença como constitutivas da linguagem. Transpondo essa noção para a ANL, especificamente para a TBS, temos a semelhança representada por DC e a diferença representada por PT. Sublinhamos ainda que já se encontrava esboçada nesse artigo *L'argumentation dans le discours: argumenter n'est pas justifier* a relação conversada do primeiro bloco semântico: A DC C e A PT neg C, mas percebemos ainda a constância de alguns aspectos relacionados à lógica aristotélica e sua terminologia, como o aspecto tópico de norma e o aspecto tópico de transgressão. Percebemos que a constância do sentido intralinguístico, ideia central da Teoria da Argumentação na Língua, fez com que os teóricos criadores dessa teoria se distanciassem da lógica, elaborando uma teoria linguística propriamente semântico-argumentativa. Em seu artigo *O que é argumentar?*, Carel mostra o amadurecimento dessa perspectiva.

Primeiramente, para tentar definir argumentação, Carel (2001) recorre ao enunciado *É perto portanto Pedro foi de bicicleta*. Se considerarmos os enunciados *É perto portanto Pedro utilizou um objeto de ferro* e *É perto portanto Pedro sentou-se em um objeto azul* tem-se dois traços objetivos da bicicleta, não cabendo nenhuma atitude ao locutor em relação ao objeto. O que é essencial nesse enunciado é o percurso a ser traçado e não as características físicas da bicicleta. A relação entre *perto* e a *necessidade de pegar a bicicleta* é responsável por fornecer sentido e mostrar a atitude do locutor, por exemplo: *É perto, portanto Pedro foi de bicicleta à escola*. Podemos obter também um outro tipo de encadeamento advindo dos mesmos segmentos *É perto PT Pedro não foi de bicicleta*. Temos aqui, como vimos na página anterior, uma argumentação normativa e uma argumentação transgressiva que representam o mesmo bloco. Enquanto no encadeamento em *portanto* a pouca distância favorece o deslocamento, no encadeamento em *no entanto* a pouca distância descreve uma transgressão, uma vez que Pedro deveria ter ido.

Conforme Carel (2001:77), essa alternativa de utilizar a argumentação normativa e a argumentação transgressiva demonstra a profundidade de tal fenômeno linguístico, e

esse fator não se deve somente ao uso de *portanto*, mas à função estabelecida pelo conector *mas*, que orienta para determinado sentido. Nos enunciados *Faz bom tempo, mas estou cansado* e *Estou cansado, mas faz bom tempo* temos uma mudança significativa de sentido, mas ambos apresentam os mesmos princípios: um cansaço desfavorável para o passeio e o bom tempo favorável para o passeio. A diferença de sentido está no posicionamento do locutor: *Faz bom tempo, mas estou cansado* mostra que a impossibilidade de passeio devido ao cansaço é mais importante do que o convite ao passeio, enquanto *Estou cansado, mas faz bom tempo* mostra que o locutor pode fazer o passeio, independentemente de seu cansaço.

Utilizando uma estrutura linguística mais complexa, temos *X mas também Y*:

Defenderei os interesses dos que votaram em mim, mas também dos que não votaram em mim.

Detalhando semanticamente o enunciado, Carel afirma que em um primeiro segmento tem-se *X votou em mim DC defendo os interesses de X*, sendo o seu recíproco *X não votou em mim DC não defendo os interesses de X*. No entanto, o recíproco abre para sentidos não previstos, visto que o *mas* mostra que mesmo aqueles que não votaram no candidato vencedor terão seus interesses defendidos. A essa característica peculiar de *mas*, Carel (2001) chama de discurso permutado, uma vez que a descrição tradicional de *mas* não dá conta do sentido proposto. Vemos, no entanto, que se configura aqui a relação transposta entre um segmento e outro, que será percebido pela estudiosa em 2005 com a Teoria dos Blocos Semânticos:

X votou em Y DC Y defendeu X (X DC Y)

neg X votou em Y PT Y defendeu X (NEG X PT Y)

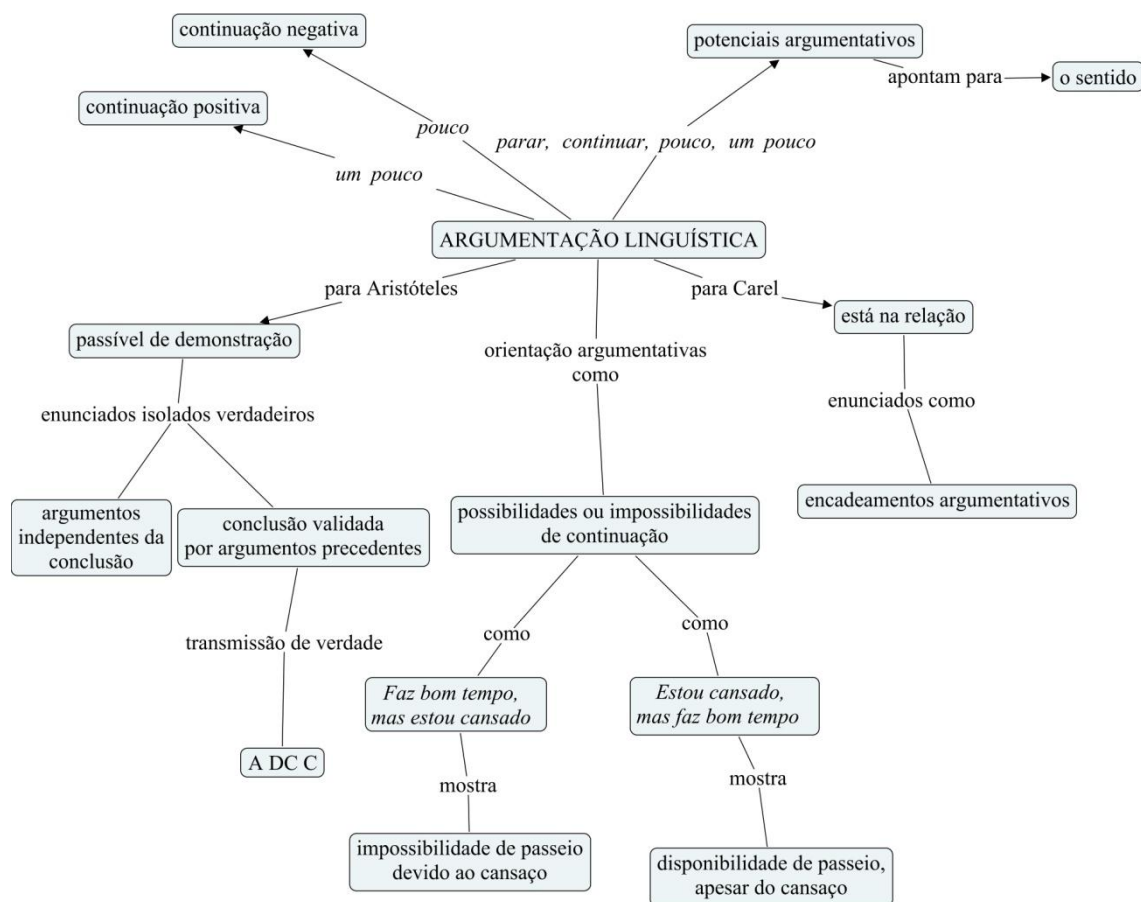
Nesse artigo, Carel demonstra que a argumentação se constitui de dois segmentos representados no uso dos encadeamentos normativos e dos encadeamentos transgressivos, determinando seu sentido. Logo, para a autora, a noção de inferência ou de progressão informativa não se mantém, porque os segmentos estão relacionados, valorados.

Notamos que tanto Carel quanto Ducrot reconhecem que a língua e seu uso não apresentam caráter lógico vinculado à realidade. Sabemos que as hipóteses externas da

ANL ancoradas em Platão, Saussure e Benveniste fizeram com que as hipóteses internas se modificassem, pois as HEs são imutáveis e as HIs passíveis de mudança. Os dois últimos capítulos desse estudo *Teoria dos Topoi: uma teoria anti-logicista* e *Teoria dos Topoi* e *Teoria da Argumentação na Língua* vão mostrar como ocorreu a transição da Teoria dos Topoi para a Teoria dos Blocos Semânticos devido às hipóteses externas, evidenciando que a ANL nunca foi uma teoria da lógica, mas uma teoria do sentido na língua.

Referindo-nos especificamente ao capítulo 4 denominado *Teoria dos Topoi: uma teoria anti-logicista*, podemos notar que a Teoria dos Topoi se diferencia da lógica de Aristóteles e seus seguidores, pois ela atribui o conceito de lógica à linguagem, tentando se afastar daquela lógica que considera a realidade para constituir sentido. Veremos no decorrer do capítulo 4 que essa lógica na linguagem se torna um ponto de vista diferente daquele proposto pela lógica tradicional, evidenciando a possibilidade de semantização através das palavras.

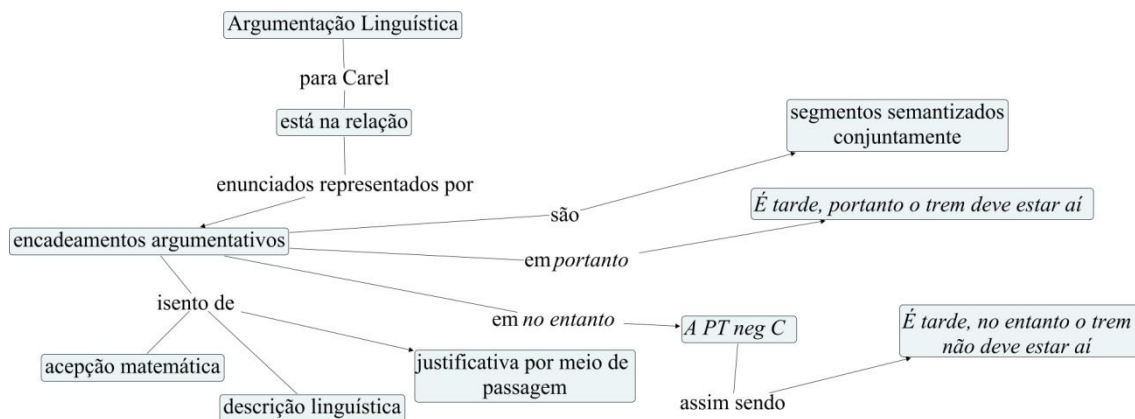
Figura 38: Argumentação Linguística de Carel



Fonte: Figura elaborada pela autora

A argumentação linguística de Marion Carel está ancorada na relação e é a partir da orientação argumentativa que nota-se esse caráter relacional por meio das possibilidades ou impossibilidades de continuação do enunciado. Seguindo os passos de Ducrot, Carel refuta a noção de argumentação proposta por Aristóteles e concebe a argumentação por meio do linguístico.

Figura 39: Argumentação Linguística de Carel – parte II



Fonte: Figura elaborada pela autora

Nesta figura, vemos que a argumentação linguística está na relação e essa relação é representada por encadeamentos argumentativos em *portanto* (DC) e em *no entanto* (PT), isentos de aceção matemática, de descrição linguística e de justificativa por meio da passagem do argumento para a conclusão. É a partir da relação entre os segmentos que o enunciado adquire sentido.

4 A TEORIA DOS *TOPOI*: UMA TEORIA ANTI-LOGICISTA

Após realizarmos o percurso filosófico e enunciativo da Teoria da Argumentação na Língua e explicarmos o porquê de essa teoria apresentar um sentido intralinguístico, não se referindo em nenhum momento à lógica, desenvolveremos o objeto de estudo dessa pesquisa: a Teoria dos Topoi. Como havíamos elucidado na introdução, a Teoria dos Topoi e a polifonia representam a segunda fase da ANL. No entanto, vamos abordar especificamente a Teoria dos Topoi, evidenciando suas características, mostrando como ela contribui para o desenvolvimento da semântica argumentativa. Como já mostramos na introdução de nosso estudo, a ANL surgiu em meados da década de 1970 com o objetivo de dar ao sentido uma característica estritamente semântica. Dessa forma, Ducrot e colaboradores buscaram recursos intralinguísticos para dar à língua e ao seu uso uma perspectiva diferente daquelas ancoradas em princípios lógicos.

Gostaríamos de analisar, primeiramente, o título de nosso capítulo. *A Teoria dos Topoi: uma teoria anti-logicista* designa que essa teoria não está relacionada aos conceitos da lógica, resgatando a linguagem para sua semantização. Mas poderíamos afirmar que a teoria dos topoi é uma teoria semântica? Veremos, no decorrer desta apresentação, que a Teoria dos Topoi busca recursos para constituir o sentido, distanciando-se do ascritivismo e do descritivismo, baseando-se nas teorias: a retórica e a relação semântico-pragmática, o léxico e os estereótipos.⁷⁶ A partir dessas perspectivas, conseguiremos compreender quais são as características dos topoi: os lugares comuns que apresentam garantias, o intralinguístico que recupera o sentido na língua, a gradualidade, que mostra a relação de força entre o argumento e a conclusão. Outra característica vinculada aos topoi é a divisão entre os topoi extrínsecos e os topoi intrínsecos. Enquanto o primeiro refere-se à ideologia, o segundo mostra a significação na língua. Além disso, contemplaremos as formas tópicas, sob duas perspectivas: o topos concordante (+P,+Q; -P,-Q) e o topos discordante (+P,-Q, P, +Q), acentuando a noção de gradualidade no interior dos topoi e nos predicados utilizados.

⁷⁶ Este estudo diz respeito à Teoria dos Topoi dentro da ANL, tendo como autores Anscombe e Ducrot. A Teoria dos Estereótipos, 3ª fase da Teoria dos Topoi, não é contemplada neste estudo por fins metodológicos, visto que vamos comparar a Teoria dos Topoi e a Teoria dos Blocos Semânticos.

4.1 TEORIA DOS *TOPOI*: A CRIAÇÃO DE UMA TEORIA ANTI-LOGICISTA

Para esclarecermos de forma satisfatória como a Teoria da Argumentação na Língua criou a Teoria dos Topoi para explicar o sentido, pensamos que é necessário abordarmos o que ela renega para mostrarmos como a estrutura *argumento+conclusão* foi concebida. A lógica que a Teoria dos Topoi refuta é a lógica aristotélica que está ancorada em meios de persuasão e suas ramificações (Toulmin, Perelman), atribuindo à língua um papel secundário. Especificando ainda mais, essa teoria anti-logicista se opõe ao descritivismo, vinculado à realidade, e ao ascrivismo, vinculado aos atos de fala de Austin. Abordaremos essas acepções, de forma minuciosa, no decorrer deste trabalho. Nesse primeiro momento, vamos nos basear no artigo *La Théorie des Topoi: sémantique ou rhétorique?*, de Jean-Claude Anscombe (1995), para delinear esse percurso.

Anscombe afirma que essa fase da ANL procura estabelecer uma teoria da interpretação dos enunciados, ou seja, uma teoria do sentido dos enunciados, que suscita duas perguntas a fim de alcançar esse objetivo: 1) o que é o sentido de um enunciado? 2) como se obtém esse sentido? Direcionando-nos à primeira questão, Anscombe remete à noção de enunciação, que é o surgimento do enunciado, acentuando que a enunciação é um processo cujo produto é o enunciado. O sentido do enunciado seria, então, a descrição que ele dá de sua enunciação. Por exemplo, no enunciado *Exijo que você responda*, o valor não está somente no sentido, mas já é previsto em seu nível semântico mais profundo. Em relação à segunda questão, ele afirma que o sentido não é determinado pela sua forma de superfície, ou seja, pelo seu sentido primeiro, descontextualizado. O procedimento adequado é utilizar entidades linguísticas construídas e regras de manipulação dessas entidades. Assim, o sentido do enunciado é determinado pelos valores semânticos profundos.

Considerando as noções de pragmática, a partir de estrutura de superfície e estrutura profunda, Anscombe a define como o estudo dos valores de ação dos enunciados, em que há pragmática em seu sentido profundo. Tem-se, aí, a relação da semântica e da pragmática, gerando a pragmática integrada em que o valor semântico profundo comporta indicações de natureza pragmática. Cabe à ANL mostrar quais são essas indicações, a partir da estrutura *argumento + conclusão*, constituída de relações

argumentativas e destituída de valores retóricos em seu sentido primeiro. Para corroborar essa reflexão, Anscombe apresenta o exemplo:

Pedro partiu há (um instante+um momento+cinco minutos)

Aparentemente, essas expressões são quase sinônimas, mas quando colocadas em uso, assumem sentidos diferentes ou até mesmo perdem seu sentido:

- a) *Por pouco você não encontrou Pedro: ele partiu há (um instante, *um momento, cinco minutos)*
- b) *Você não arriscava encontrar Pedro: ele partiu há (*um instante, um momento, cinco minutos)*

Notamos que, no enunciado *a*, a expressão *um momento* não é adequada ao enunciado, enquanto no enunciado *b* a expressão *um instante* não é adequada a determinado enunciado.⁷⁷ Com esses enunciados, Anscombe concluiu que a expressão *um instante* é usada como brevidade e *um momento* como duração, cabendo à expressão *cinco minutos* conter esses dois sentidos. Assim, nem *um instante*, nem *um momento* servem para quantificar uma duração, apesar de terem a propriedade de representar indicações argumentativas. A partir desses enunciados, Anscombe (1995) mostra que a semanticidade proposta pela ANL está na relação entre palavras, enunciados e que a orientação argumentativa determina a possibilidade ou impossibilidade de continuação do enunciado. Para chegar a essas noções, o linguista mostra que a concepção de língua pela Teoria da Argumentação na Língua é diferente em relação a outras concepções.

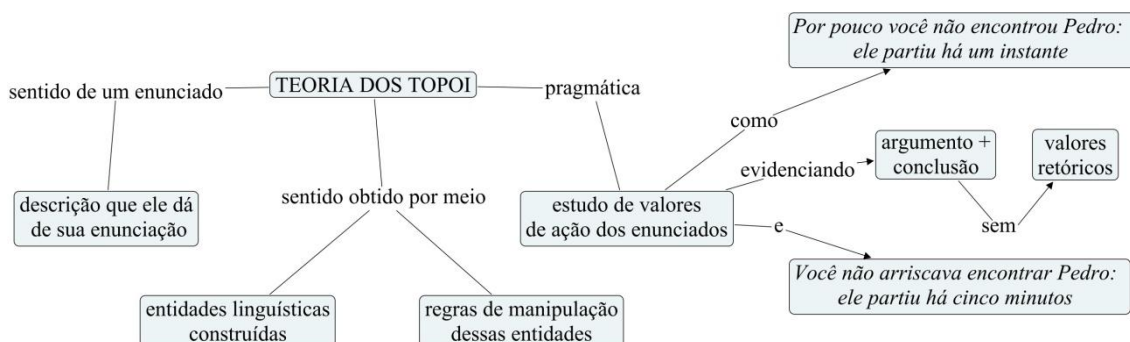
⁷⁷ Tomamos como referência os exemplos fornecidos por Anscombe:

Tu as raté Pierre de peu: il est parti il y a (un instant+ ?? un moment+ cinq minutes)

Tu ne risques pas de rencontrer Pierre : il est parti il y a (?? un instant+ un moment+ cinq minutes)

Dessa forma, os enunciados têm sentidos diferentes em português e em francês.

Figura 40: Sentido na Teoria dos *Topoi*



Fonte: Figura elaborada pela autora, utilizando o programa Cmap Tools

Na Teoria dos *Topoi*, o sentido é obtido por meio de entidades linguísticas construídas e por regras de manipulação dessas entidades. Dessa forma, os *topoi* estão relacionados à pragmática, evidenciando o sentido através da passagem do argumento para a conclusão.

Para a ANL, a língua oferece os próprios recursos para explicar seu uso e conseqüentemente, seu sentido intralinguístico, contrapondo-se às noções de língua como instrumento de comunicação (Jakobson), como comunicação de um pensamento (Bally e a gramática de Port-Royal) ou experiência (Martinet). A ANL estabelece ainda uma oposição quando a língua é tomada como uma descrição do estado das coisas, sendo o sentido visto como descrição das condições de verdade do enunciado. Ao mostrar qual concepção de língua a teoria adota, Anscombe expõe que a Teoria da Argumentação na Língua foi criada como resposta ao descritivismo e ao ascritivismo. Ambos apresentam o enunciado como tendo um objeto O e uma propriedade P. Assim, temos o enunciado:

Esse hotel é bom.

Descritivismo: descrição do objeto O, ou seja, o hotel.

Ascritivismo: realização de um ato, por exemplo, de recomendação.

Explorando detalhadamente o que está exposto no quadro acima, Anscombe afirma que a Teoria da Argumentação na Língua é capaz de elucidar as três considerações abaixo:

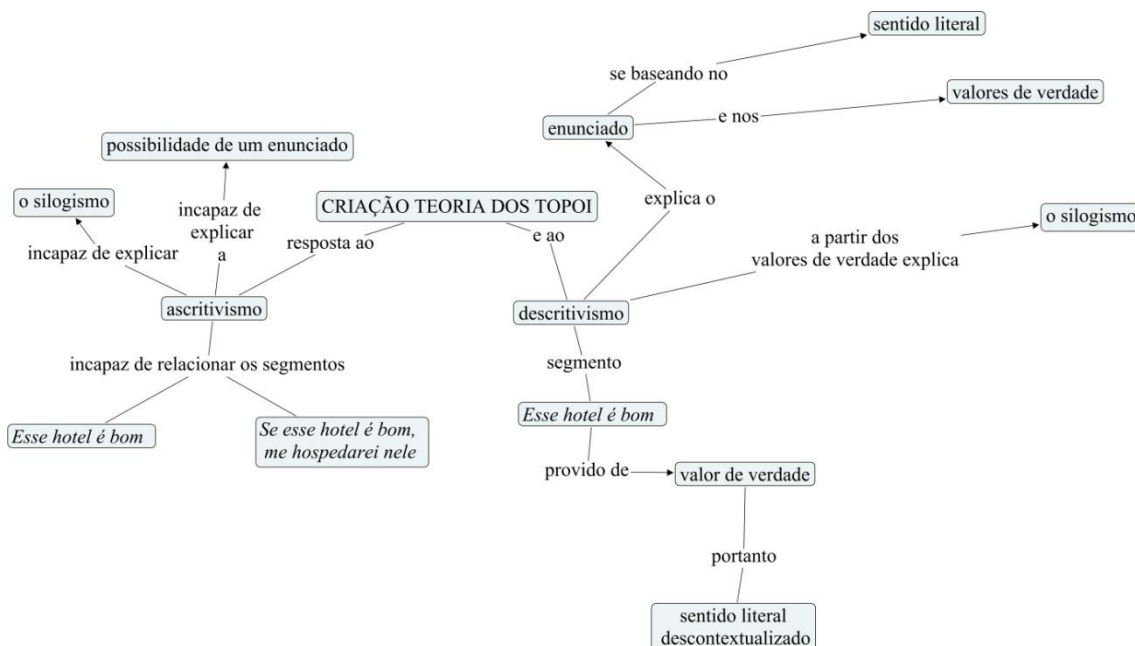
a) O ascritivismo é incapaz de explicar o que há em comum entre *Esse hotel é bom* e *Se esse hotel é bom, eu me hospedarei nele*. Já a ANL mostra que há uma relação normativa entre ambos, formada por *portanto*. Para os descritivistas, tem-se uma oração *Esse hotel é bom* provida de valor de verdade e, por isso, mostra um sentido literal, descontextualizado.

b) O ascritivismo é incapaz de explicar por que um enunciado como *Esse hotel é bom* pode ser um silogismo bem formado. Por sua vez, o descritivismo explica o silogismo a partir da noção de proposição, direcionando aos valores de verdade. Para a ANL, o silogismo do tipo lógico *Todo homem é mortal, Sócrates é homem, logo Sócrates é mortal* é pouco natural na língua, passível de não funcionar no uso da língua.

c) O ascritivismo fracassa ao explicar a possibilidade de um enunciado: *Esse hotel é bom, no entanto eu não o recomendo*, uma vez que as boas condições do hotel levam à sua recomendação (*Esse hotel é bom, portanto eu o recomendo*) e não ao contrário. Considerando o descritivismo, em um enunciado assertivo, eles retornam à noção de proposição, que representa o sentido literal (que está presente em todas as ocorrências) e suscetíveis de adquirirem valores de verdade. Para a ANL (tendo como base a Teoria dos Topoi), a relação transgressiva representada pelo conector *no entanto* é capaz de explicar como isso ocorre: no enunciado, o argumento *Esse hotel é bom* permite a passagem para determinada conclusão, nesse caso *no entanto eu não o recomendo*.

A partir dessas considerações, podemos afirmar que a Teoria dos Topoi surgiu como resposta ao descritivismo e ao ascritivismo, uma vez que ambas as teorias, ao estarem vinculadas à descrição e ao sentido literal, não conseguem explicar, de forma intralinguística, como o sentido é constituído. Nesta fase da ANL, a Teoria dos Topoi já contemplava o uso de *portanto* e *no entanto* como recurso linguístico, enquanto o descritivismo e o ascritivismo não apresentavam essa característica ao estarem ligados à realidade.

Figura 41: Criação da Teoria dos *Topoi*



Fonte: Figura elaborada pela autora

A criação da Teoria dos *Topoi* é uma resposta ao ascritivismo, incapaz de relacionar segmentos, e ao descritivismo, em que cada segmento é provido de valor de verdade. A Teoria dos *Topoi* tenta afastar-se dessas perspectivas e cria a noção de passagem do argumento para a conclusão.

A partir dos enunciados *Esse hotel é bom, portanto eu o recomendo* e *Esse hotel é bom, no entanto eu não o recomendo*, a relação argumentativa é classificada como *classes de conclusões*, em que se têm conclusões diferentes devido à significação atribuída à frase. Anscombe ratifica essa noção utilizando-se ainda de outros dois exemplos:

Esse projeto de lei é bom, no entanto não votarei nele.

*Esse projeto de lei é bom, portanto votarei nele.*⁷⁸

⁷⁸ Exemplo adaptado do original em francês (Anscombe et al, 1995:35) *Ce texte de loi va dans le bon sens, mais il est insuffisant*, cuja orientação argumentativa direciona para *portanto votarei nele*, mas o locutor opta pela segunda opção: *no entanto não votarei nele*.

Outro recurso linguístico utilizado capaz de modificar as *classes de conclusões* são os elementos denominados *operadores argumentativos*, representados por *ainda não, já, apenas, pouco, um pouco, mas*, entre outros, como nos enunciados:

*É cedo, **ainda não** são oito horas.*

*É tarde, **já** são oito horas.*

*Você vai economizar: esse tênis custa **apenas** R\$ 200,00.*

*Acalme-se: são **apenas** oito horas.*

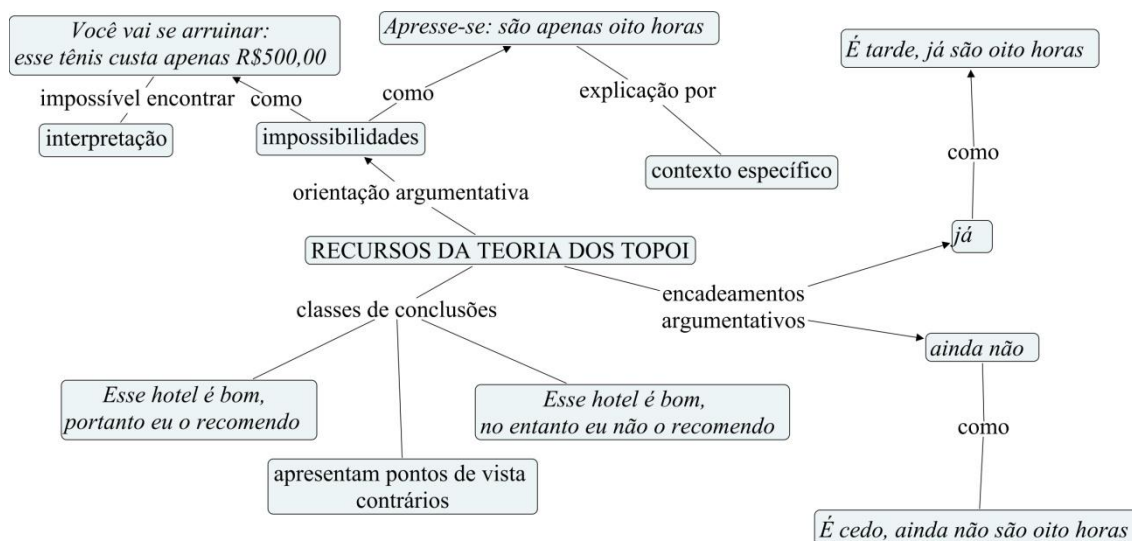
Anscombe procura demonstrar com esses exemplos como a classe de conclusões e os operadores argumentativos funcionam. No entanto, percebe que em alguns enunciados não se pode aplicar nenhuma dessas classificações, como nos enunciados abaixo:

**Você vai se arruinar: esse tênis custa apenas R\$ 500,00*

**Apreste-se: são apenas oito horas*

Para o linguista francês, esses enunciados parecem não ter sentido, uma vez que as orientações argumentativas, ou seja, as possibilidades ou impossibilidades de continuação de um enunciado, parecem deslocadas. Enquanto no primeiro enunciado nenhuma tentativa de interpretação parece possível, no segundo torna-se necessário criar um contexto para dar a ele um sentido: mesmo dada como certa a perda do trem devido ao horário, Pedro pode direcionar-se a João e dizer: “Vamos, ainda temos uma chance mínima de pegar o trem”. Diante de enunciados como esses, duas possibilidades são visualizadas pelos autores: 1) ou considerar o segundo enunciado como exceção, 2) ou renunciar à ideia de operador argumentativo. No entanto, para explicar exceções e contextos pouco prováveis, criou-se a teoria dos topoi, em que se tem um caminho delineado a partir da passagem do argumento para a conclusão. Sendo assim, muitos caminhos (diretos ou indiretos) são possíveis, cabendo ao locutor dar as indicações do caminho que escolheu.

Figura 42: Recursos da Teoria dos *Topoi*



Fonte: Figura elaborada pela autora

Os recursos da Teoria dos *Topoi* mostram que o sentido pode ser constituído tendo como base a classe de conclusões, que apresentam pontos de vista contrários, e os encadeamentos argumentativos, como *já* e *ainda não*, por exemplo, cabendo à orientação argumentativa mostrar o que é ou não possível para determinado contexto.

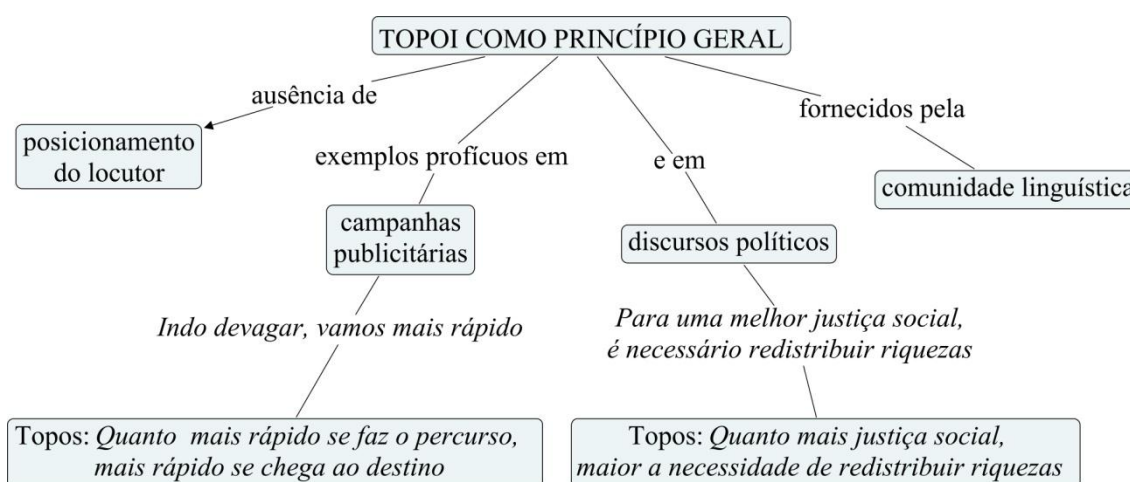
Vimos, com essas explicações, que a Teoria dos *Topoi* surgiu da necessidade de explicar o sentido de enunciados que não são evidentes, precisando de contextos específicos para serem compreendidos. Além disso, a Teoria dos *Topoi*, desenvolvida na segunda fase da ANL, tentou mostrar que não estava ligada às condições de verdade vinculadas à lógica. Veremos se ela conseguiu estabelecer isso ou não no capítulo 5, visto que a lógica submete quaisquer enunciados às condições de verdade e de falsidade, cabendo ao linguístico corroborar ou não aos fatos que direcionam a realidade. Como havíamos explicado anteriormente, a lógica refutada pela Teoria dos *Topoi* é aquela que condiciona à realidade quaisquer sentidos, descartando a língua como meio de sua construção. Ao longo deste capítulo, vamos mostrar se a Teoria dos *Topoi*, que se denomina anti-logicista, foi capaz de se afastar ou não desse modo de conceber a linguagem. Apresentaremos, a seguir, os *topoi* fundamentados em suas características.

4.1.1 Características da Teoria dos *Topoi*

Como apreendemos da seção 4.1, os *topoi* são lugares comuns representados pela passagem do argumento para a conclusão. Esse caminho só pode ser feito através de *garantias*, termo advindo de Aristóteles em sua obra *Tópicos*, e após, adaptada por Toulmin em seu modelo de argumentação. Anscombe utilizar-se-á também desse termo em homenagem ao filósofo grego, denominando essas garantias como sendo *topoi*. Os *topoi* apresentam três características principais:

1) são princípios gerais que servem de apoio ao raciocínio. Explicando melhor, Anscombe (1995: 190) afirma que o locutor não toma nenhum posicionamento, simplesmente utiliza os princípios que julga necessário para se comunicar com o alocutário. Esses princípios gerais estão ligados à comunidade linguística. Ao fornecer o exemplo de um slogan da companhia francesa *Air Inter*, “Indo menos devagar, vamos mais rápido”⁷⁹, Anscombe mostra a qual *topos* essa campanha publicitária pertence: *Quanto mais rápido se faz o percurso, mais rápido se chega ao destino*. Além de campanhas publicitárias, o discurso político é um lugar de excelência para a existência dos *topoi*: *Para uma melhor justiça social, é necessário redistribuir as riquezas*. Percebe-se, então, que os *topoi* são construídos a partir dos fatos linguísticos, mas a existência ou não de determinado *topos* depende consideravelmente da comunidade linguística e da ideologia a ela atribuída, não dos recursos linguísticos.

Figura 43: *Topoi* como princípio geral



Fonte: Figura elaborada pela autora

⁷⁹ No original, Anscombe (1995:190): *Moins on roule, plus on va vite.*

Os topoi como princípio geral são fornecidos pela comunidade linguística, mas desprovidos de posicionamento do locutor. Exemplos dessa forma de concepção de uso da língua estão nas campanhas publicitárias e nos discursos políticos.

2) são intralinguísticos, ou seja, estão presentes na língua. O fato de haver essa representação intralinguística não garante que haja um posicionamento do locutor. Por exemplo, formas sentenciosas em geral como os provérbios (*Água mole em pedra dura tanto bate até que fura*), ditos (*O cachorro é o melhor amigo do homem*), estão disponíveis de forma permanente na língua, como motor argumentativo que validam o raciocínio, mas existem independentemente do locutor, cabendo a ele apenas escolher o que lhe convém. No entanto, no exemplo a seguir, tem-se um posicionamento do locutor que não advém de formas sentenciosas: *Pedro é um ingrato: fiz-lhe um favor, e ele nem me agradeceu*. O topos representado aqui é a gratidão, que segue um código moral: “Quando alguém faz um favor a outro, deve-se reconhecer e agradecer”.

Anscombe enfatiza também que os *topoi* não se encontram apenas nos encadeamentos, mas também no léxico, fundamentando o sentido das palavras. Apresentaremos, então, alguns exemplos e seus respectivos *topoi*:

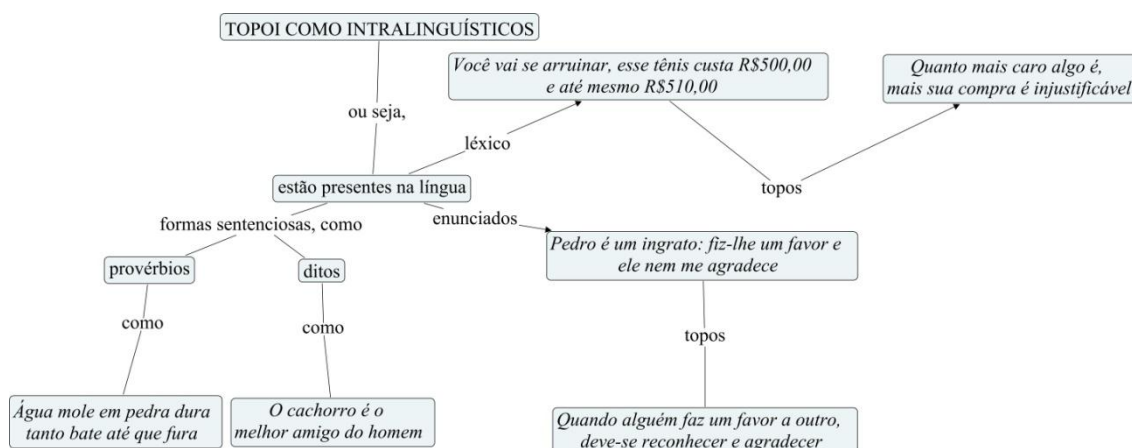
Apresse-se: são oito horas, até mesmo oito e cinco → topos: quanto mais falta tempo, mais se deve apressar

Apresse-se: são oito horas, até mesmo cinco para as oito → topos: quanto mais tempo sobra, mais se deve apressar, pois quanto cedo chegar a um determinado lugar, melhor

Você vai se arruinar, esse tênis custa R\$500,00 e até mesmo R\$510,00 → topos: quanto mais caro algo é, mais sua compra é injustificável

Você vai economizar: esse tênis custa R\$500,00 e até mesmo R\$490,00 → topos: quanto mais barato algo é, mais sua compra é justificável

Figura 44: Topoi como intralinguísticos



Fonte: Figura elaborada pela autora

Os *topoi* como intralinguísticos estão presentes na língua através de formas sentenciosas, como provérbios e ditos, enunciados e léxico. No entanto, essa tentativa de aproximar-se da língua é afastada no momento em que os *topoi* buscam sentido a partir de fatores extralinguísticos.

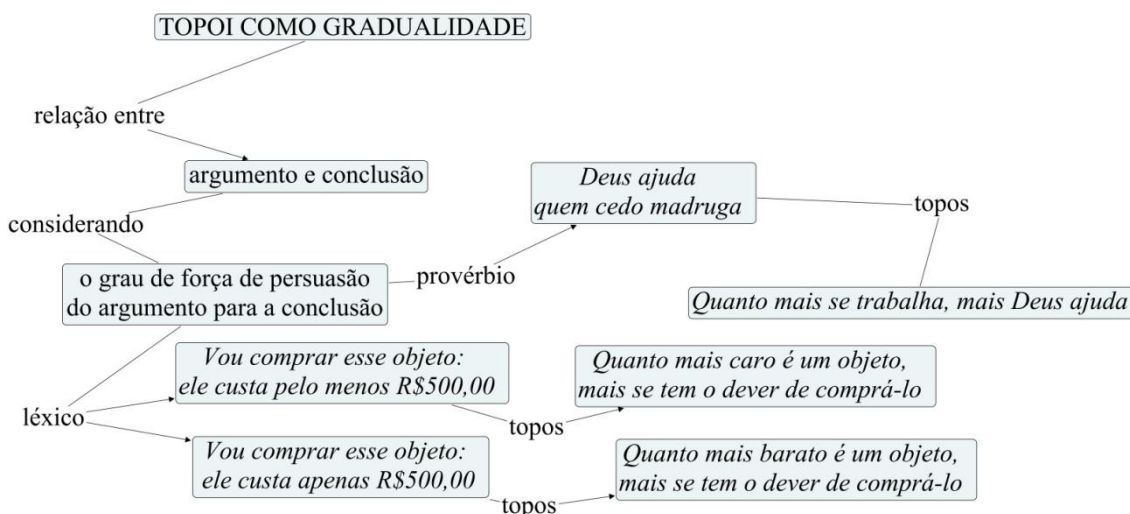
Ao explicitar o funcionamento dos *topoi*, entende-se a sua terceira característica: 3) a gradualidade, uma vez que a relação entre o argumento e a conclusão são graduáveis por natureza, ou seja, um argumento é mais, ou menos, forte para uma determinada conclusão, mostrando seu caráter persuasivo. Esse fenômeno pode ser visto nos provérbios, por exemplo: *Deus ajuda quem cedo madruga*, cujo topos é: quanto mais se trabalha, mais Deus ajuda. Apesar de as formas sentenciosas apresentarem *topoi*, é sobre o nível lexical que a Teoria dos Topoi se debruça mais. Nos exemplos

Vou comprar esse objeto: ele custa pelo menos R\$500,00.

Vou comprar esse objeto: ele custa apenas R\$500,00,

temos dois *topoi* relativos à compra: o primeiro diz que quanto mais caro é um objeto mais se tem o dever de comprá-lo, já o segundo afirma que quanto mais barato o objeto é, mais se tem o dever de comprá-lo. O primeiro enunciado relativo à compra mostra o quanto o objeto é caro, já o segundo mostra o quanto a compra é um bom negócio, valendo a pena efetuá-lo. Com esses exemplos, somos capazes de compreender como funcionam os *topoi*. Anscombe trata ainda da natureza dos *topoi*, a partir do seu caráter extrínseco e intrínseco, tema de nossa próxima seção.

Figura 45: Topoi como gradualidade



Fonte: Figura elaborada pela autora

Os *topoi* como gradualidade apresentam a relação entre argumento e conclusão, considerando seu grau de força, sendo os provérbios e o léxico exemplos de *topoi*.

4.1.2 Significação e ideologia: elucidação dos *topoi* intrínsecos e dos *topoi* extrínsecos

Como está no título desta seção, a significação está relacionada aos *topoi* intrínsecos e a ideologia aos *topoi* extrínsecos. Anscombe *et al* (1995: 57) explicam que os *topoi* que fundamentam a significação de uma unidade lexical são denominados *topoi intrínsecos* e os *topoi* que são utilizados para fundamentar os encadeamentos conclusivos, baseados nas representações ideológicas são *topoi extrínsecos*. Para esclarecer essas noções, ele se serve dos seguintes exemplos como *topoi* extrínsecos:

Pedro é rico: ele pode ajudar quem quiser (topos: Quanto mais Pedro for rico, mais ele pode ajudar)

Maria é bela: ela seduz todos os homens (topos: Quanto mais Maria for bela, mais ela vai seduzir os homens)

Alberto é um gênio: ele resolve os problemas mais difíceis (topos: Quanto mais Alberto for gênio, maior a chance de resolver problemas difíceis)

Max é avarento: não se consegue tirar dele um centavo (topos: Quanto mais Max for avarento, mais difícil será tirar algum dinheiro dele)

A porta é estreita: mal conseguiremos passar (topos: Quanto mais a porta for estreita, maior a dificuldade de se passar nela)

A mala é enorme: não caberá no cofre (topos: Quanto maior for a mala, maior a probabilidade de não entrar no cofre)

Verificamos, portanto, que os topoi extrínsecos dizem respeito ao primeiro sentido da palavra, aquele dicionarizado, descontextualizado. Atendo-se à língua, suas regularidades e as ideologias enraizadas na comunidade linguística, é possível depreender seu sentido.

Contrastando esses mesmos enunciados com os topoi intrínsecos, Anscombe dispõe dos exemplos:

Pedro é rico: ele é portanto avaro (topos: Quanto mais Pedro for rico, mais ele será avaro)

Maria é bela: ela é portanto namorada (topos: Quanto mais bela for Maria, mais ela será namorada)

Alberto é um gênio: portanto ele não vive (topos: Quanto mais Alberto for gênio, maior a probabilidade de ele não viver)

Max é avarento: ele nunca sai de casa (topos: Quanto mais avarento for Max, maior a probabilidade de ele não sair de casa)

A porta é estreita: será difícil passarmos por ela (topos: Quanto mais a porta for estreita, mais difícil será passar por ela)

A mala é grande: a aduana vai fiscalizá-la (topos: Quanto maior a mala, maior a probabilidade de a aduana fiscalizá-la)

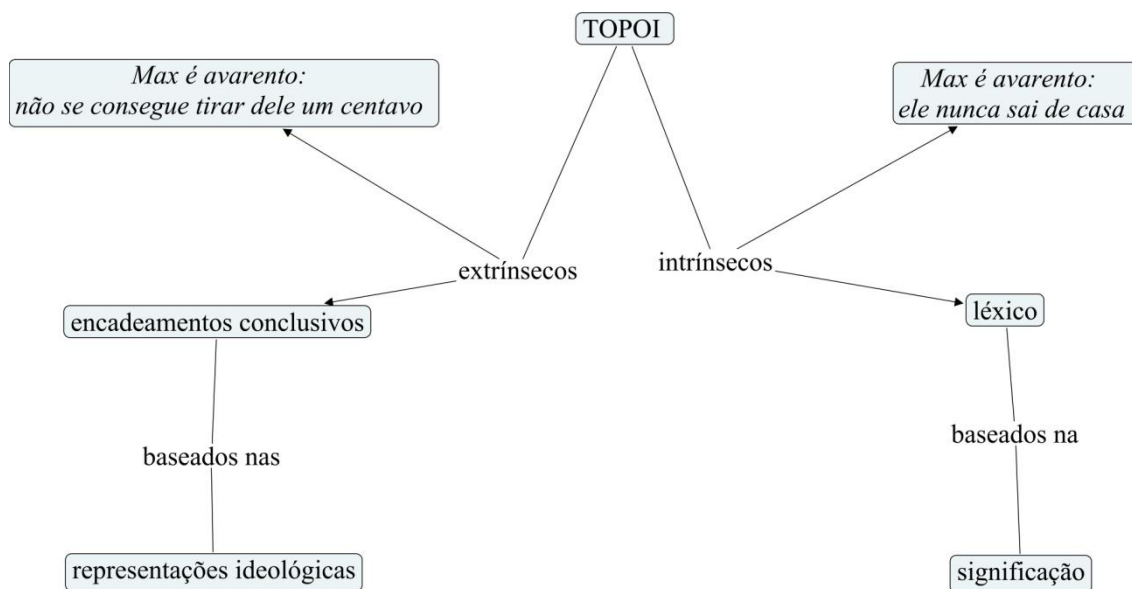
Anscombe explica que o uso das unidades lexicais (*rico, bela, gênio, avarento, estreita, grande*) remete a um sentido distinto do proposto pela língua, direcionando-se ao seu uso. Utilizando-nos dos exemplos, explicaremos detalhadamente dois deles:

Max é avarento: ele nunca sai de casa

Aqui, a unidade lexical *avarento* tem o sentido de que Max não vai a lugares diferentes fazer programas diferentes para não gastar, não significa simplesmente que

ele guarda dinheiro. Já o enunciado *A mala é grande: a aduana vai fiscalizá-la* em nada condiciona seu tamanho como um empecilho para entrar no cofre, mas o fato de que o seu tamanho poderá levar a uma fiscalização da aduana.

Figura 46: Topoi extrínsecos e topoi intrínsecos



Fonte: Figura elaborada pela autora

Os *topoi* extrínsecos e os *topoi* intrínsecos apresentam características distintas: enquanto o primeiro se baseia nas representações ideológicas, aproximando-se da realidade, o segundo se baseia na significação, aproximando-se da língua. Apesar de tentar dar aos *topoi* uma característica linguística, ela se anula ao vincular à realidade a noção de passagem.

Afastando-nos um pouco dessas características e tentando relacionar esses *topoi* com as hipóteses externas saussurianas, poderíamos até dizer que os *topoi* extrínsecos estão na língua e os *topoi* intrínsecos, no uso da língua. Verificaremos no capítulo 5 que essa relação não é possível, pois a língua concebida aqui é carregada de ideologia, isenta de caráter relacional. Já os *topoi* intrínsecos estão na significação da língua, desconsiderando o uso para aquisição de sentido. Reportando-nos a Saussure, vimos que o uso da língua só pode ser compreendido a partir da língua, não havendo separações e classificações como nos *topoi*. Veremos, na seção seguinte, com mais clareza, por que a teoria dos *topoi* está centrada na gradualidade e na sua forma tópica. Para

contemplarmos esse objetivo, vamos nos focar no capítulo 3 do livro *Théorie des Topoi*, cujo título é *Topoi et formes topiques* (Anscombre et al, 1995).

4.1.3 A gradualidade na Teoria dos Topoi: a fundamentação da teoria anti-logicista

Para explicar as formas tópicas da Teoria dos Topoi, Oswald Ducrot (1995: 84) retoma o que são os topoi: topoi são lugares comuns representados pela passagem de A a C, cujo argumento justifica a conclusão. Essa garantia que permite a passagem de A a C se denomina topos. Considerando a Teoria dos Topoi e a Teoria da Argumentação na Língua, Ducrot afirma que as palavras são representadas pelos encadeamentos argumentativos independentemente dos conteúdos informativos vinculados pelos enunciados. Assim, a articulação entre a língua e o discurso argumentativo permite que os topoi sejam realizados nesse discurso. Retomando brevemente as três características principais dos topoi, temos, de acordo com Ducrot: 1) os saberes comuns presentes em uma comunidade, do qual fazem parte o locutor e seu alocutário. 2) a multiplicidade de situações distintas referentes à situação particular do topos, ou seja, no enunciado *Faz calor, vamos à praia!* “em geral” o calor é, para a praia, um fator agradável. 3) a gradualidade que apresenta dois predicados graduais, duas escalas, conforme o enunciado: a temperatura e a sensação agradável. Não apenas os predicados tópicos, mas também a relação no interior dos topoi são graduais.

Ducrot enfatiza ainda que não se trata de considerar todo calor convidativo para ir à praia, mas o fato de que as variações na temperatura também direcionam para variações de sensação agradável para ir ou não à praia. O topos demonstra, assim, para cada sentido de percurso da escala antecedente, um sentido da escala consequente. Essa condição é definidora das formas tópicas: um *topos concordante* apresenta duas escalas *P* e *Q* que estão em um mesmo percurso, onde +*P*, +*Q* e -*P*, -*Q*. Já para um topos discordante, têm-se as respectivas escalas: +*P*, -*Q* e -*P*, +*Q*. Aplicando de forma clara ao enunciado essas formas tópicas, Ducrot faz os seguintes desmembramentos, considerando primeiramente o topos concordante, apresentando o calor como fonte de bem-estar:

Quanto mais faz calor, mais vontade se tem de ir à praia (+P,+Q)

Quanto menos faz calor, menos vontade se tem de ir à praia (-P,-Q)

Já no topos discordante, tem-se uma oposição entre o calor e o bem-estar:

Quanto mais faz calor, menos se tem vontade de ir à praia (+P,-Q)

Quanto menos faz calor, mais se tem vontade de ir à praia (-P,+Q)

Detalhando ainda mais a noção de topoi, Ducrot *et al* (1995:89) explicam as noções expostas pelo topoi concordante: na ideia de *quanto mais calor, mais vontade se tem de ir à praia*, esse calor apresenta uma força que seria superior ao calor de 25°C, por exemplo, e inferior ao calor de 40°C. O mesmo procedimento acontece com o enunciado *Quanto menos faz calor, menos vontade se tem de ir à praia* em que se tem uma força superior ao frio de 10°C e uma força inferior ao não muito quente de 20°C. A aplicação de determinada forma tópica constitui uma *apreensão argumentativa*, de acordo com Ducrot.

Para desenvolver ainda mais a forma tópica, Ducrot aplica essa FT na negação, entendendo que essa produz uma inversão argumentativa: *Pedro não é grande* pode apenas apresentar conclusões opostas a partir de *Pedro é grande*, cabendo ao locutor mostrar os dois enunciadores e suas respectivas formas tópicas: *Quanto maior se é, mais se é capaz de realizar determinada tarefa (+P,+Q)*, enquanto em *Quanto menor se é, menos se é capaz de realizar determinada tarefa (-P,-Q)*.

Já considerando a oposição entre os morfemas *pouco* e *um pouco*, Ducrot aponta como são sutis as diferenças entre um e outro. Utilizando-se dos enunciados

- 1) Esse filme é um pouco intelectual. Deve ter feito um pouco de sucesso (+P,+Q)
- 2) Esse filme é pouco intelectual. Deve ter feito um pouco de sucesso (-P,+Q)
- 3) Esse filme é um pouco intelectual. Deve ter feito pouco sucesso (+P,-Q)
- 4) Esse filme é pouco intelectual. Deve ter feito pouco sucesso (-P,-Q)

Ducrot explica que os enunciados 1 e 4 apresentam o mesmo topoi, de forma tópica concordante, em que a intelectualidade do filme é causa para o seu sucesso. Já em 2 e 3 a intelectualidade representa fracasso cinematográfico.

Utilizando-se agora da expressão *bem pelo contrário*⁸⁰, Ducrot (1995:94) mostra como o locutor se refere a uma determinada forma tópica e o alocutário assume outra:

X: Pedro deve estar contente: acredito que ele passou no exame

Y: Bem pelo contrário, ele não passou

Através desses enunciados, Ducrot procura mostrar que, embora ambos pertençam à forma tópica concordante, X e Y assumem posicionamentos diferentes. Enquanto para X o sucesso leva à satisfação (+P,+Q), a falta de sucesso leva à falta de satisfação (-P,-Q).

Aprofundando ainda mais as formas tópicas, Ducrot trata das unidades lexicais *prudente, audacioso, covarde e corajoso*. Tomando-os por pares, tem-se:

(1) X foi corajoso

(2) X foi covarde

Esses dois adjetivos mostram duas formas tópicas equivalentes:

FT1: Quanto mais se enfrenta o perigo, mais se mostra valor

FT2: Quanto menos se enfrenta o perigo, menos se mostra valor

Já em

(3) X foi prudente e

(4) X foi audacioso

os dois adjetivos apresentam duas formas tópicas discordantes:

FT3: Quanto menos se enfrenta o perigo, mais se mostra valor

FT4: Quanto mais se enfrenta o perigo, menos se mostra valor

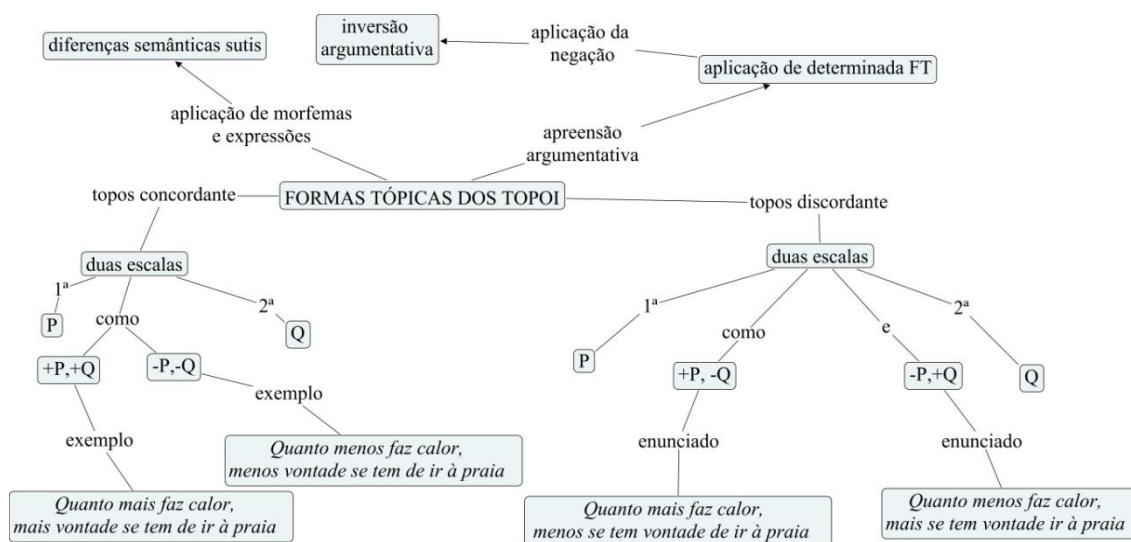
Após a demonstração de como é o procedimento a ser utilizado para as formas tópicas em relação aos adjetivos, Ducrot mostra que o fato de ser corajoso não está vinculado ao fato de enfrentar o perigo, mas ao de caracterizar essa atitude como resultado do sofrimento, do cansaço, das dificuldades encontradas para se obter sucesso. No entanto, o uso das formas tópicas para os adjetivos apresenta uma restrição: não se

⁸⁰ Adaptação do morfema francês *justement*, visto que a expressão apresenta valor semântico distinto na língua francesa e na língua portuguesa.

obtêm crenças que são incorporadas e vinculadas ao adjetivo a partir de seu aspecto ideológico. No entanto, esses adjetivos estabelecem valor descritivo, em que o adjetivo *corajoso* é mais do que suporte ideológico, é meio de aporte informativo.

Referindo-nos ao capítulo 3 sobre a lógica tradicional de Aristóteles, podemos afirmar que Ducrot *et al* (1995) se servem de alguns recursos lógicos para constituir a Teoria dos Topoi: ao tentar semantizar os enunciados, o linguista francês se baseia em contextos extralinguísticos. Por exemplo, o enunciado *Faz calor, vamos à praia* condiciona o calor à temperatura que está fazendo na realidade, distanciando-se das bases filosóficas da ANL e, conseqüentemente, da tessitura relacional da Teoria da Argumentação na Língua.

Figura 47: Topoi como forma tópica



Fonte: Figura elaborada pela autora

As formas tópicas dos *topoi* podem ser divididas em topoi concordante e em topoi discordante. Ambas têm duas escalas, mas suas relações são diferentes. Enquanto o concordante apresenta as escalas +P+Q e -P,-Q, o discordante apresenta +P, -Q e -P, +Q. Ao aplicar determinada forma tópica, tem-se a apreensão argumentativa.

Verificamos, neste capítulo, como a Teoria dos Topoi é concebida por Anscombe e Ducrot. Vimos o que é topos e quais são suas características. No capítulo 5, procuraremos mostrar, a partir de uma análise crítica, qual é a relação da Teoria dos

Topoi com as bases filosóficas da ANL, com a própria ANL e com a TBS. Procurar-se-á descobrir qual é a relação das hipóteses externas fundadoras da ANL com a Teoria dos Topoi, além da relação entre as próprias hipóteses internas da Teoria dos Topoi e da Teoria dos Blocos Semânticos para uma concepção de sentido. Todo esse entrelaçamento tem por objetivo mostrar que a língua é fornecedora de toda argumentação.

5 A TEORIA DOS *TOPOI* E A TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA

Antes de desenvolvermos este capítulo, vamos retomar brevemente a trajetória que fizemos: no capítulo 1, mostramos as bases filosóficas da Teoria da Argumentação na Língua, ou seja, as hipóteses externas que fundamentam a semântica argumentativa: a alteridade de Platão, as noções de língua, fala, valor e relação, de Saussure e após abordamos as hipóteses externas e internas da ANL, tendo como base os capítulos III e IV de *Le dire et le dit*, e como elas podem ser evidenciadas na Teoria dos Blocos Semânticos. No capítulo 2, procuramos dar ênfase à enunciação. Sabemos que ela não pode ser vista como uma base filosófica, mas é fundamental para a Teoria da Argumentação na Língua, uma vez que o locutor apresenta seu posicionamento em relação ao enunciado diante de um alocutário. Já no capítulo 3 mostramos que a Teoria da Argumentação na Língua tem no intralinguístico a ferramenta de busca para o sentido e mostramos isso contrapondo-a com a lógica e a retórica, que primam pelas condições de verdade. Foi no capítulo 4 que apresentamos nosso objeto de estudo: a Teoria dos Topoi, que se caracteriza por ser anti-logicista, ou seja, não busca na lógica fundamentos para construir sentido e esclarecemos como a Teoria dos Topoi foi criada, respondendo nossa primeira pergunta: “Por que a Teoria dos Topoi foi criada?”. No capítulo 5 vamos analisar se esse princípio se manteve e para realizarmos de forma satisfatória esse trabalho, vamos recorrer às bases filosóficas e, a partir delas, mostrar (ou não) como elas se refletem na Teoria dos Topoi e na Teoria dos Blocos Semânticos.

5.1 A TEORIA DOS *TOPOI* E AS BASES FILOSÓFICAS DA TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA

Como já indica o próprio título, vamos relacionar a Teoria dos Topoi às bases filosóficas da ANL. Gostaríamos de deixar claro, previamente, que sabemos que a Teoria dos Topoi fez parte da ANL, sendo Ducrot e colaboradores seus fundadores. Fizemos o paralelo entre ambas para explicar a relação das HEs e das HIs. Ainda é necessário fazer outra ressalva: temos consciência de que a segunda fase é composta pela Teoria dos Topoi e pela Polifonia, mas, como o objetivo aqui é comparar as bases filosóficas da ANL e os topoi, optamos por enfatizar a Teoria dos Topoi, considerando suas características.

Após essas explicações, vamos mostrar qual é a dinâmica deste capítulo: primeiramente, vamos confrontar as características dos topoi – passagem de argumento

para conclusão, intralinguístico, gradualidade, topoi extrínsecos e topoi intrínsecos, formas tópicas (topos concordante e topos discordante), gerando a apreensão argumentativa – com a base filosófica *alteridade de Platão*. Em seguida, vamos mostrar se essas características podem ser contempladas base filosófica de Saussure, considerando as noções de *língua, fala, valor e relação*. Além disso, vamos mostrar se a Teoria dos Topoi reflete ou não o *aparelho formal da enunciação de Benveniste*, ou seja, se os topoi advindos dos enunciados contemplam o ponto de vista do locutor em relação ao alocutário em determinado tempo e espaço. Direcionando-nos para a ANL vamos mostrar como a semântica argumentativa apresenta a Teoria dos Topoi e finalizando, procuraremos continuar nossa análise crítica, fazendo uma comparação entre a Teoria dos Topoi e a Teoria dos Blocos Semânticos, evidenciando as relações entre as HEs e as HIs. Logo, este capítulo tem por objetivo explicar nossas perguntas que são, antes de tudo, entrelaçamentos: qual a relação entre as bases filosóficas da ANL e a Teoria dos Topoi? Qual a relação entre a Teoria da Argumentação na Língua e a Teoria dos Topoi? Qual a relação entre a Teoria dos Blocos Semânticos e a Teoria dos Topoi? A partir desses questionamentos, vamos elucidar por que a Teoria dos Topoi é considerada uma inconsistência dentro da ANL, fazendo surgir a Teoria dos Blocos Semânticos.

5.1.1 A Teoria dos *Topoi* e a alteridade de Platão

A alteridade de Platão representada pelo ser e pelo não-ser surge como uma resposta a Parmênides, que definia o ser como único, renunciando à existência do não-verdadeiro ou, melhor dizendo, do não-ser. Platão reconhece o ser como uma potência de comunicação e uma comunidade de gêneros (Ser, Movimento, Repouso, Mesmo e Outro), mas afirma que sua constituição realmente se estabelece quando relacionado com o não-ser: é a relação entre a semelhança e a diferença que permite a existência do ser e do não-ser. É possível verificarmos essa alteridade na passagem de um argumento para a conclusão ($A \rightarrow C$)? Veremos essa pertinência através de enunciados, começando pelo enunciado político presente no artigo de Anscombe (1995:190):

Para uma melhor justiça social, é necessário redistribuir as riquezas.

Considerando o topos como uma passagem do argumento para a conclusão, temos que a justiça social eficaz conduz a uma redistribuição de riquezas:

melhor justiça social → redistribuição de riquezas

Como ocorre a relação de alteridade nesse enunciado, ou seja, como podemos visualizar a semelhança e a diferença?

Se nos apoiarmos na estrutura dos topoi concordantes (+P,+Q, -P,-Q), teremos o topos a seguir:

Quanto mais justiça social, maior é a distribuição de riquezas

Quanto menos justiça social, menor é a distribuição de riquezas

Deparando-nos com esses enunciados e tomando uma certa distância deles, poderíamos até afirmar que se encontra configurada aí uma relação de semelhança. Reiteramos que a alteridade, assim como o signo linguístico saussuriano, é composta por duas faces que se complementam, são reversíveis, uma dependendo da outra para existir. Atendo-nos às explicações de Anscombe sobre os topoi, constatamos que um topos depende da comunidade linguística e da ideologia nele impregnada. Vemos, então, que o topos apresenta dois caminhos para conseguir obter um sentido, como o fez Parmênides. Fazendo uma analogia a Parmênides, Cordero (In Platon, 1993:294) afirma que o valor de “verdadeiro” e “não verdadeiro” apresenta dois caminhos possíveis de explicar a realidade, e cada maneira é uma “tese”, ou seja, um julgamento, afirmativo ou negativo. O primeiro caminho confirma a existência do ser e a inexistência do não-ser, já o segundo afirma que não há e não é necessária a presença do não-ser. Além disso, a primeira tese é acompanhada pela verdade, cabendo ao ser potencializar sua existência, sem nada gerar, enquanto a segunda tese contesta a primeira, afirmando que não há uma verdadeira crença de acordo com as opiniões dos indivíduos, porque eles supõem que o não-ser existe e esse caminho não é verdadeiro. Se olharmos com atenção a teoria de Parmênides e a noção que temos de topoi, conseguimos identificar semelhanças: ao delegar a determinada comunidade linguística o poder de decidir se algo é ou não “verdadeiro”, de acordo com as regras sociais, o material linguístico, sua internalidade se perde, ou seja, ao estabelecer o valor de verdade ou de falsidade a determinado material linguístico, percebemos que a língua é um acessório, pois não concebe o valor relacional entre as palavras, os enunciados e os discursos, mas dá poder à comunidade linguística para classificá-los de acordo com a realidade. Os conceitos da Teoria dos Topoi, ao aproximarem-se das ideias de Parmênides, afastam-se da alteridade de Platão.

Vemos, então, que essa passagem de A para C apresenta dois caminhos, evidenciados pelas formas tópicas concordantes (+P,+Q; -P,-Q) e discordantes (+P,-Q; -P,+Q), reforçando a noção de que os topoi desintegram sentidos, desconsiderando sua relação e interdependência semântica.

Figura 48: Topoi e o conceito de alteridade de Platão



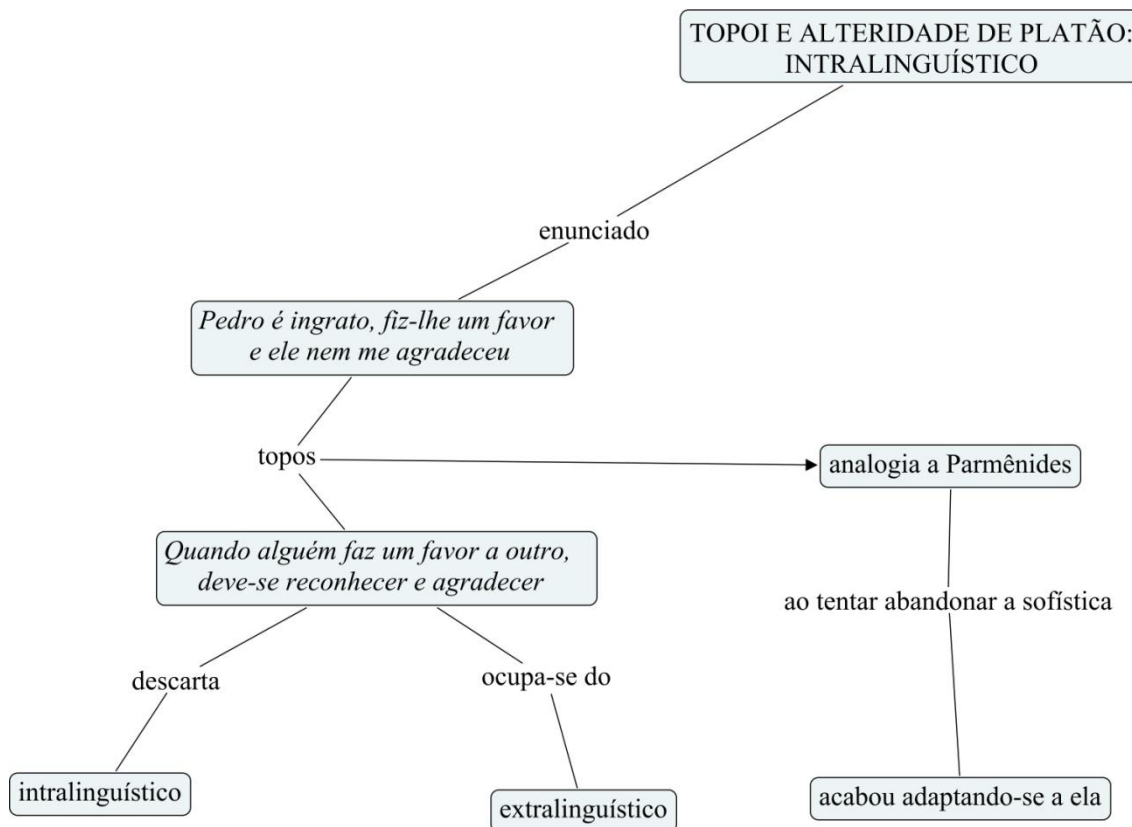
Fonte: Figura elaborada pela autora

Enquanto Platão concebe o conceito de alteridade como a relação entre o ser e o não-ser, Parmênides concebe a realidade a partir da univocidade do ser. Comparando essas noções com os topoi, podemos perceber que essa noção de passagem de argumento para conclusão, além da divisão do topos concordante e do topos discordante estão intrinsecamente relacionados a Parmênides e à noção de potencialização da realidade, descartando o não-verdadeiro, o não-ser.

Retomando as características dos topoi, mostramos que eles tinham como objetivo serem intralinguísticos, ou seja, estarem presentes na língua. No enunciado *Pedro é ingrato, fiz-lhe um favor e ele nem me agradeceu* há um topos relacionado a um código moral *Quando alguém faz um favor a outro, deve-se reconhecer e agradecer*. No

entanto, o código moral condiciona a adoção de uma certa conduta, a uma certa “norma” que, ao não ser obedecida, leva a uma “transgressão”. Assegura-se, cada vez mais, que o intralinguístico proposto pela ANL estava sendo descartado, dando ao extralinguístico um espaço mais expressivo.

Figura 49: Topoi e o conceito de *alteridade* de Platão: o intralinguístico

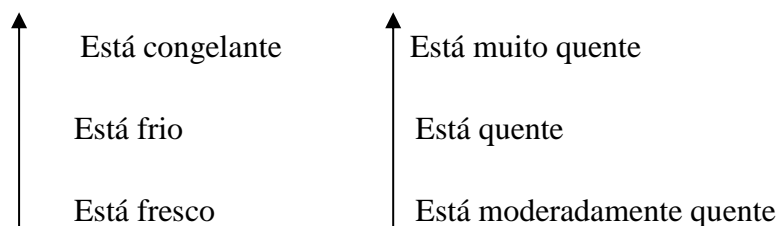


Fonte: Figura elaborada pela autora

Os *topoi* mostram como eles se afastam do conceito de *alteridade* de Platão, aproximando-se das ideias de Parmênides. Por exemplo, no enunciado *Pedro é ingrato, fiz-lhe um favor e ele nem agradeceu*, o sentido intralinguístico é descartado para a utilização do sentido extralinguístico, ou seja, sentido vinculado à realidade. Dessa forma, há um afastamento do conceito de *alteridade* de Platão para uma aproximação das ideias de Parmênides que, ao tentar abandonar a sofística, acabou adaptando-se a ela.

Fazendo uma comparação entre Platão e Parmênides, Cordero (*apud* Platon, 1993:292) afirma que a mesma tentativa de abandonar a sofística fez com que Parmênides criasse ferramentas que valorizassem essa corrente. Detalhando, o “parmenidismo” procurava elaborar um verdadeiro antídoto contra a sofística, tentando relativizá-la. No entanto, “uma concepção *forte, unitária e sólida* do ser se impunha e uma leitura retroativa de Parmênides sugeriu a alguns filósofos que o Eleata poderia sustentar essa concepção.”⁸¹ Concentramo-nos nos adjetivos *forte, unitária, sólida*, características relacionadas ao ser. Vemos que a gradualidade dos topoi também tem caráter persuasivo, apresentando um argumento com mais ou menos *força*, levando a uma conclusão. Essa persuasão busca *solidificar* a transição de um argumento para a conclusão, direcionando para uma possível *unidade* semântica que dá origem ao topos.

Recuperando o enunciado *Faz calor, vamos à praia*, temos o seguinte topos: *Quanto mais faz calor, mais se tem vontade de ir à praia*. Resgatando as escalas argumentativas (Ducrot, 1980: 22,23), percebemos o quanto a temperatura é um fator externo, influenciando na decisão de ir ou não à praia.

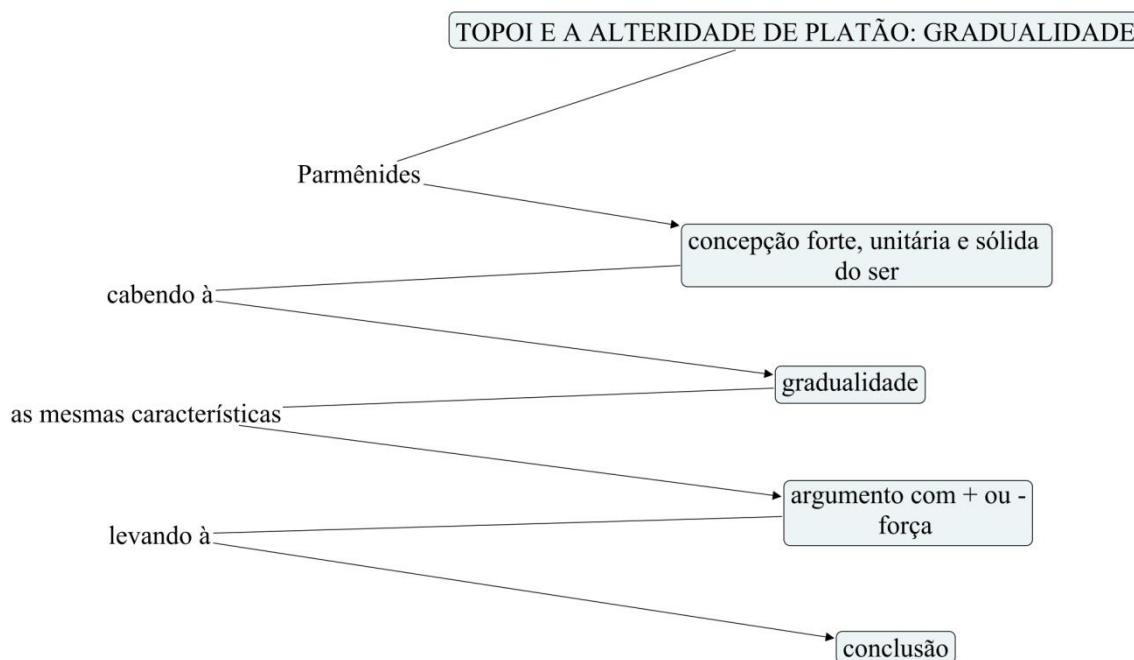


No enunciado *X: Fico contente quando faz calor, Y: Então tu te sentirias bem no Saara*⁸² notamos que, apesar do caráter de ironia, o topos se mantém e reforça a ideia da gradualidade da temperatura para realizar ou não determinada atividade. O calor referente à praia e o calor referente ao deserto do Saara estão em ambientes físicos distintos, mas a temperatura é universal em qualquer um deles.

⁸¹ « une conception *forte, unitaire* et *solide* de l'être s'imposait, et une lecture rétroactive de Parménide a suggéré à certains esprits que l'Eléate aurait pu soutenir cette conception. » (Cordero, In: *Platon*, 1993 :292)

⁸² “Je suis content qu'il fasse chaud. Alors tu te plairais au Sahara”. (Ducrot, 1980 :23)

Figura 50: Topoi e o conceito de *alteridade* de Platão: a gradualidade



Fonte: Figura elaborada pela autora

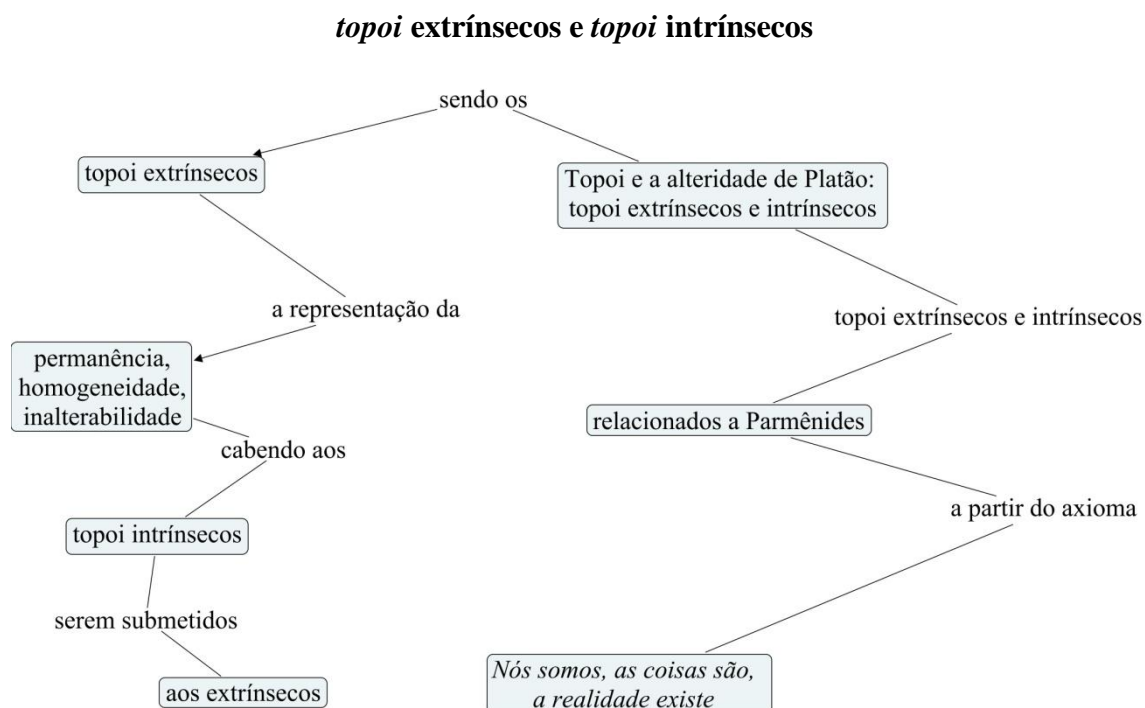
Considerando a gradualidade a partir dos *topoi* e do conceito de *alteridade* de Platão, podemos afirmar que os *topoi* estão relacionados às ideias de Parmênides de concepção forte, unitária, sólida do ser: o argumento, ao apresentar mais ou menos força, leva a determinada conclusão.

Dessa forma, os topoi extrínsecos, fundamentados nos encadeamentos conclusivos e ancorados na ideologia tomam força. Referindo-se ainda a Parmênides, Cordero afirma que o filósofo fazia parte do grupo de estudiosos que defende o axioma *Nós somos, as coisas são, a realidade existe* e estamos percebendo que a Teoria dos Topoi como um todo, e também os topoi extrínsecos, conservam essa premissa:

Essa presença que se encontra em todo lugar – visto que *tudo é* – não admite restrições, limites, origem, mudanças. Nós mudamos, as coisas mudam, mas a potência que faz com que tudo exista é uma presença permanente, homogênea e inalterável. (Cordero In Platon, 1993:292)⁸³

⁸³ « Cette présence qui se trouve partout – car *tout est* – n’admet pas de contraintes, de limites, d’origine, de changements. Nous changeons, les choses changent, mais la puissance qui fait que tout existe est une présence permanente, homogène et inaltérable ».

Figura 51: Topoi e o conceito de alteridade de Platão:



Fonte: Figura elaborada pela autora, utilizando o programa Cmap Tools

Como já havíamos dito na figura anterior, os topoi extrínsecos e intrínsecos estão relacionados a Parmênides a partir do axioma *Nós somos, as coisas são, a realidade existe*. Os topoi extrínsecos são a permanência, a homogeneidade, a inalterabilidade, já os topoi intrínsecos são submetidos aos extrínsecos.

A partir desse excerto de Cordero sobre as ideias de Parmênides, ressaltamos que cabe ao ser dar existência a todas as coisas e delegar a elas funções, potencializando sua “presença permanente, homogênea, inalterável”. Os topoi extrínsecos também têm essa permanência, homogeneidade, inalterabilidade, cabendo aos topoi intrínsecos, àqueles relacionados à língua e à unidade lexical, se submeterem a eles. Notamos, a partir dessa comparação que “pretender explicar a realidade sem fazer apelo àquilo que faz com que as coisas sejam, é seguir um falso caminho, é utilizar um *método* errôneo”⁸⁴. Parece-nos que a Teoria dos Topoi segue os princípios parmenidianos, distanciando-se consideravelmente da alteridade de Platão. Dessa forma, a hipótese

⁸⁴ « Prétendre expliquer la réalité sans faire appel à ce qui fait que les choses sont, c’est suivre un faux chemin, c’est utiliser une *méthode* erronée ». (Cordero *apud* Platon, 1993 :293)

externa da ANL *alteridade de Platão* não é encontrada na Teoria dos Topoi. E as hipóteses externas saussurianas, será que a Teoria dos Topoi se apoia nelas? Vamos revelar na próxima seção.

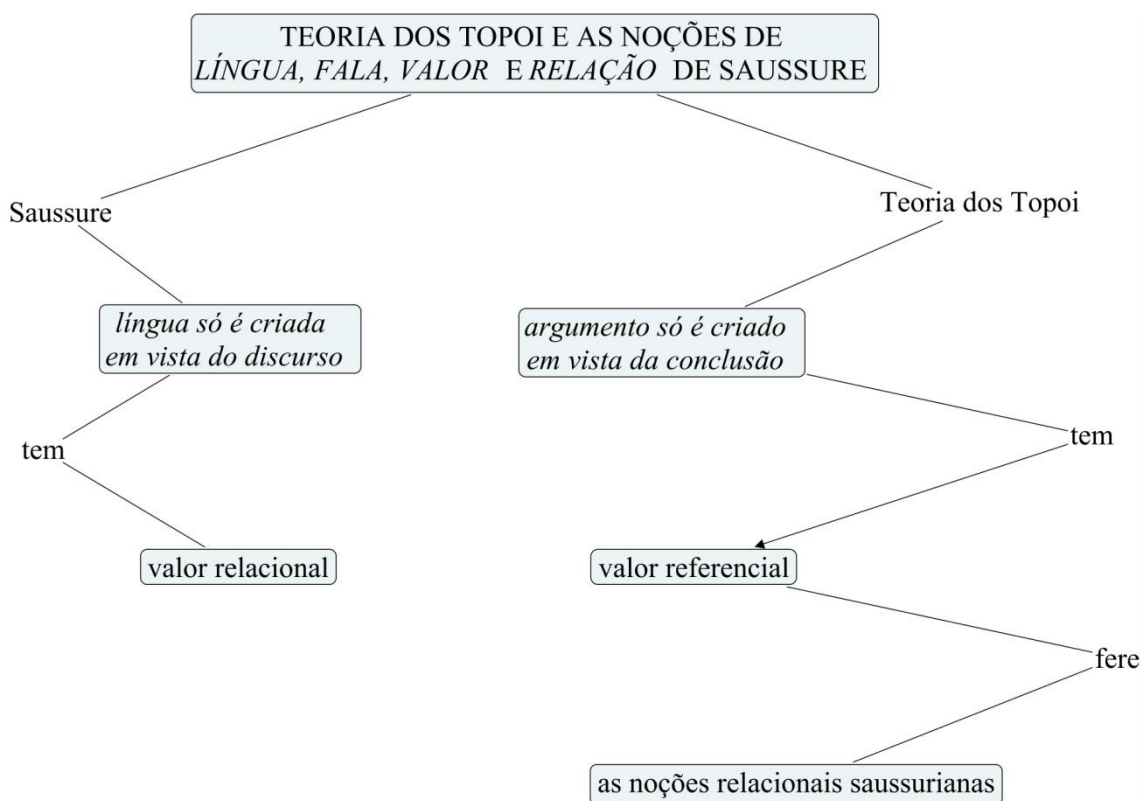
5.1.2 A Teoria dos *Topoi* e as noções de *língua, fala, valor e relação de Saussure*

A obra de Ferdinand de Saussure é um constante entrelaçar: entrelaçar língua e fala, entrelaçar valor e relação, entrelaçar significado e significante, entrelaçar relações sintagmáticas e relações associativas. Mas por que acontece essa tessitura de conceitos? É porque a língua, objeto de estudo da Linguística, fornece recursos para que a fala se torne viva, dinâmica, visto que “a língua só é criada em vista do discurso”⁸⁵. Considerando a Teoria dos Topoi, podemos atestar que a língua e a fala estão em conjunção?

Tomaremos como fundamento para a nossa reflexão a *Nota sobre o discurso*, presente nos *Écrits de Linguistique Générale*. Recuperando o enunciado saussuriano norteador de todo o estudo do linguista genebrino “a língua só é criada em vista do discurso”, será que podemos fazer uma analogia com a Teoria dos Topoi “o argumento só é criado em vista da conclusão”? Sabemos que tanto a língua quanto a fala estão em simetria, e que os elos servem para que a “língua entre em ação como discurso”. Assim, de forma alguma há sobreposição de papéis entre a língua e a fala, uma noção de passagem, como na Teoria dos *Topoi*, em que o sentido do argumento está completo e é direcionado para a conclusão. Dessa forma, os encadeamentos discursivos do topos são independentes e o argumento, ao justificar a conclusão, parece exercer um certo “poder” sobre ela, em uma espécie de “hierarquização”. Logo, a analogia dos Topoi, utilizando palavras saussurianas, “o argumento só é criado em vista da conclusão” não pode ser considerada, uma vez que há “gradação” de relações, fenômeno que não ocorre entre a língua e o discurso.

⁸⁵ “La langue n’est créée qu’en vue du discours”. (Saussure, 2002:277)

Figura 52: Teoria dos Topoi e as noções de *língua, fala, valor e relação* de Saussure

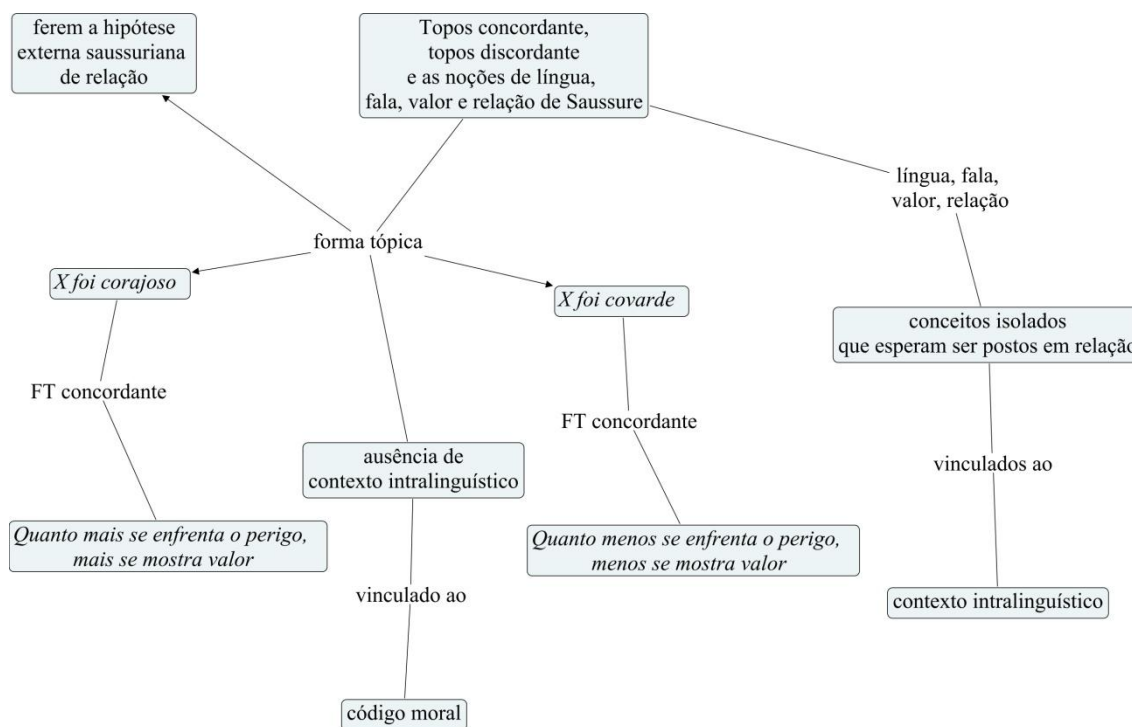


Fonte: Figura elaborada pela autora

As noções de *língua, fala, valor e relação* de Saussure têm como característica principal o valor relacional, enquanto a Teoria dos Topoi tem um valor referencial que se afasta das noções saussurianas.

Essa apreciação de “gradualidade” de relações nos conduz às formas tópicas e suas duas funções: o topos concordante e o topos discordante. Recordamos, então, as formas tópicas atribuídas às unidades lexicais, mostrando como elas direcionam a “conclusões” opostas. Em “X foi corajoso”, temos a FT “Quanto mais se enfrenta o perigo, mais se mostra valor” e em “X foi covarde”, temos a FT “Quanto menos se enfrenta o perigo, menos se mostra valor”. Essas formas tópicas nos remetem aos topoi intrínsecos, em que a unidade lexical é plena de valor na significação da língua.

Figura 53: Topos concordante, topos discordante e as noções de *língua, fala, valor e relação* de Saussure



Fonte: Figura elaborada pela autora

A forma tópica da Teoria dos *Topoi* está relacionada ao código moral, por isso não apresenta contexto intralinguístico. Consequentemente, as noções de *língua, fala, valor e relação* saussurianas não são encontradas nas formas tópicas divididas em FT concordante e FT discordante.

A própria concepção de *topoi* extrínsecos reforça nossa linha de raciocínio, uma vez que os encadeamentos conclusivos apenas representam as ideologias nele impregnadas:

A porta é estreita, mal conseguiremos passar por ela

constrói o topos *Quanto mais algo é estreito, mais se tem dificuldade para passar e* Anscombe (1995:190) explica que esse é um princípio geral atribuído à comunidade linguística. Vemos que a *língua* e a *fala* não ocupam um espaço “real” na Teoria dos *Topoi*, elas são adicionais, não imprescindíveis, para a realização do discurso. Suenaga

(2005:53) recorre à edição crítica do *CLG*, realizada por Rudolf Engler, para explicar como a língua e a fala são uma cadeia relacional muito bem organizada:

Se for verdadeiro que sempre temos necessidade do tesouro da língua para falar, reciprocamente, tudo aquilo que entra na língua foi, primeiramente, tentado na fala um número de vezes suficiente para que ele [o tesouro] resulte em uma impressão durável; a língua é apenas a consagração daquilo que havia sido evocado pela fala.⁸⁶ (Rudolf Engler *apud* Suenaga, 2005:53)

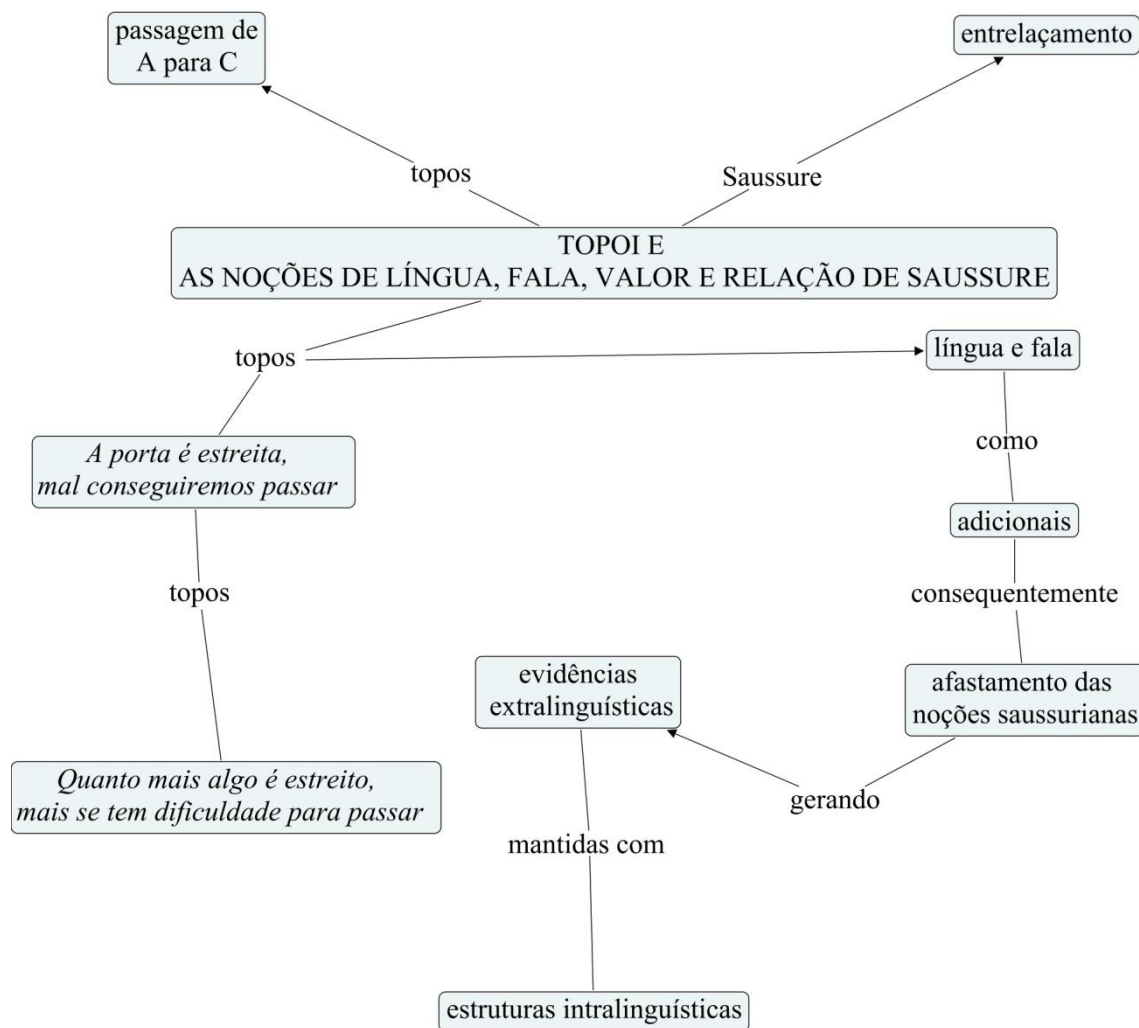
Nesse excerto, vemos que Rudolf Engler reforça a afirmação de Saussure de que “a língua só é criada em vista do discurso”. Por exemplo, o topos *Quanto mais algo é estreito, mais se tem dificuldade para passar* mostra como qualquer topos se afasta da língua e da fala, pois o que se encontra em um topos são fatores externos a essa composição. Ao conceber a língua a partir de três concepções – *A língua e sua sombra*, *A língua e sua fala* e *A língua e sua arbitrariedade* – vimos como Suenaga concebe a língua como sistema de paradoxos. Para explicarmos os topos, vamos nos fundamentar na primeira concepção: *A língua e sua sombra*. No dicionário eletrônico Houaiss, dentre as muitas acepções de sombra, encontramos uma que se contextualiza adequadamente aqui: “aquele que costuma acompanhar alguém aonde quer que vá.” Vemos, então, que temos reversibilidade: “a língua costuma acompanhar a fala aonde quer que vá”, “a fala costuma acompanhar a língua aonde quer que vá.” Conforme vimos na seção 1.2.3, para Suenaga, a língua saussuriana apresenta um aspecto social, uma vez que é estatuto e mostra transparência, e um aspecto individual, uma vez que é um sistema de diferenças que revela a opacidade. A fala saussuriana também exhibe esses dois aspectos: o aspecto social diz respeito à interação entre os seres de fala, enquanto o aspecto individual mostra o uso individual a partir do pensamento individual.

Se considerarmos a Teoria dos *Topoi*, poderemos mencionar que ela tem uma sombra? Acreditamos que talvez fosse possível afirmar que a Teoria dos *Topoi* tem transparência, utilizando as palavras de Suenaga, a gradualidade, que mensura a força do argumento em direção à conclusão, representando seu caráter persuasivo. Mas como funciona a opacidade na Teoria dos *Topoi*? É possível encontrá-la em suas características? Como já mostramos até aqui, a Teoria dos *Topoi* evidencia o quanto a língua serve de apoio para validar o topos, enquanto Saussure coloca a língua como

⁸⁶ « S’il est vrai que l’on a toujours besoin du trésor de la langue pour parler, réciproquement, tout ce qui entre dans la langue a d’abord été essayé dans la parole un nombre de fois suffisant pour qu’il en résulte une impression durable; la langue n’est que la consécration de ce qui avait été évoqué par la parole. »

matriz de seus estudos em Linguística. Dessa forma, a opacidade apresentada nas noções de língua e fala não é encontrada na Teoria dos *Topoi*; o que temos são evidências extralinguísticas estabelecidas a partir de estruturas intralinguísticas. Percebemos, mais uma vez, que ao afastar-se da língua e da fala, a Teoria dos *Topoi* afasta-se, de forma sintomática, das noções de valor e relação. Isso acontece porque, como havíamos dito no começo desta seção, a base filosófica de Saussure está fundamentada nesse “entrelaçar”, a fim de semantizar. Já a Teoria dos *Topoi* está fundamentada em um “passar” de um *status* para outro.

Figura 54: Topos e as noções de *língua, fala, valor e relação* de Saussure



Fonte: Figura elaborada pela autora

Na Teoria dos *Topoi*, podemos perceber que as noções de língua e de fala são adicionais, consequentemente, tem-se um afastamento das noções saussurianas gerando evidências extralinguísticas estabelecidas a partir de estruturas intralinguísticas.

Logo, podemos afirmar que, até o momento, a Teoria dos *Topoi* fere não só a base filosófica *alteridade de Platão*, mas também a base filosófica de *língua, fala, valor e relação de Saussure*, pois não concebe a língua e a fala como desencadeadores de sentido, apenas como acessórios, uma vez que cabe à comunidade linguística estabelecer a verdade ou a falsidade de um enunciado. Tratando do aparelho formal de enunciação *eu-tu-aqui-agora*, de Émile Benveniste, será que a Teoria dos *Topoi* o

considera como essencial para a constituição de semantização? Veremos como essa relação ocorre na seção a seguir.

5.1.3 A Teoria dos *Topoi* e a enunciação de Benveniste

No livro *Théorie des Topoi* (1995), sob a organização de Jean-Claude Anscombre, o linguista francês inicia a explicação da Teoria no primeiro capítulo intitulado *De l'Argumentation dans la Langue à la Théorie des Topoi*, cuja enunciação é definida como “o acontecimento histórico (e portanto único) em que consiste o surgimento de um enunciado. Em termos de oposição *processo/produto*, a enunciação é um processo cujo produto é o enunciado.”⁸⁷

Vemos que a enunciação proposta pela ANL é diferente da enunciação proposta por Émile Benveniste, no *PLG II*: “A enunciação é essa colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização”⁸⁸. Acreditamos que essa diferença já ficou colocada no capítulo 2.

Prosseguindo com nossa análise crítico-reflexiva, vamos confrontar a Teoria dos *Topoi* com o aparelho formal da enunciação benvenistiano, a saber, o *eu-tu-aqui- agora*. Retomando brevemente o que representa cada uma dessas funções, o *eu* é o locutor, aquele que se apropria da palavra para direcioná-la ao *tu*, aquele a quem o *eu* dirige a palavra, favorecendo a “o vai-e-vem da fala”, ocasionando uma troca de papéis:

Essa polaridade não significa igualdade nem simetria: “ego” tem sempre uma posição de transcendência em relação ao *tu*; todavia nenhum dos dois termos se concebe sem o outro; eles são complementares, mas segundo uma oposição “interior/exterior”, e ao mesmo tempo, são reversíveis. (Benveniste, 1966: 260)⁸⁹

Na obra benvenistianiana, torna-se claro que o *eu* e o *tu* são os condutores do aparelho formal, visto que “uma língua não se concebe sem a expressão da pessoa”.⁹⁰ Por sua vez, os dêiticos *aqui- agora* organizam as relações espaciais e temporais, ou seja, o *aqui* designa a relação de espaço, de lugar e o *agora* remete ao tempo presente, sui-referencial. Como conjugar essa arquitetura enunciativa na Teoria dos *Topoi*?

⁸⁷ «...l'événement historique (et donc unique) en quoi consiste l'apparition d'un énoncé. En termes d'opposition *procès/produit*, l'énonciation est un procès dont le produit est l'énoncé. »

⁸⁸ « L'énonciation est cette mise en fonctionnement de la langue par un acte individuel d'utilisation. » (Benveniste, 1966 :80)

⁸⁹ « Cette polarité ne signifie pas égalité ni symétrie : « ego » a toujours une position de transcendance à l'égard de *tu*; néanmoins, aucun des deux termes ne se conçoit sans l'autre; ils sont complémentaires, mais selon une opposition « intérieur/extérieur », et en même temps ils sont réversibles ».

⁹⁰ « Une langue sans expression de la personne ne se conçoit pas ». (Benveniste, 1966: 261)

Começando pelo topos como passagem de um argumento para uma conclusão (A→C), percebemos que a intersubjetividade, representada pelo *eu-tu*, não está instaurada. Ao tratar dos topoi como sendo passagem de A para C, Anscombe (1995:191) afirma que as formas sentenciosas, ou seja, os provérbios e os ditos, existem independentemente da figura do locutor, que apenas escolhe o que lhe convém. Nos provérbios:

Água mole em pedra dura tanto bate até que fura

Mais vale um pássaro na mão do que dois voando

o primeiro remete a uma ideia de persistência e o segundo à oportunidade. Dessa forma, a isenção de locutor desencadeia, de forma automática, isenção do aparelho formal da enunciação. Todavia, no enunciado a seguir temos um posicionamento do locutor: *Pedro é ingrato, fiz-lhe um favor, e ele nem me agradeceu*. O posicionamento oposto do *eu* em relação ao topos *Quando alguém faz um favor a outro, deve-se reconhecer e agradecer* demonstra que cabe a ele direcionar as possibilidades e as impossibilidades de seu discurso. O *tu*, ao dar-lhe uma resposta, conserva o aparelho formal da enunciação ativo. Notemos, então, que a Teoria dos Topoi, seguindo a proposta de enunciação da ANL, baseada em Benveniste, consegue mantê-la.

No diálogo:

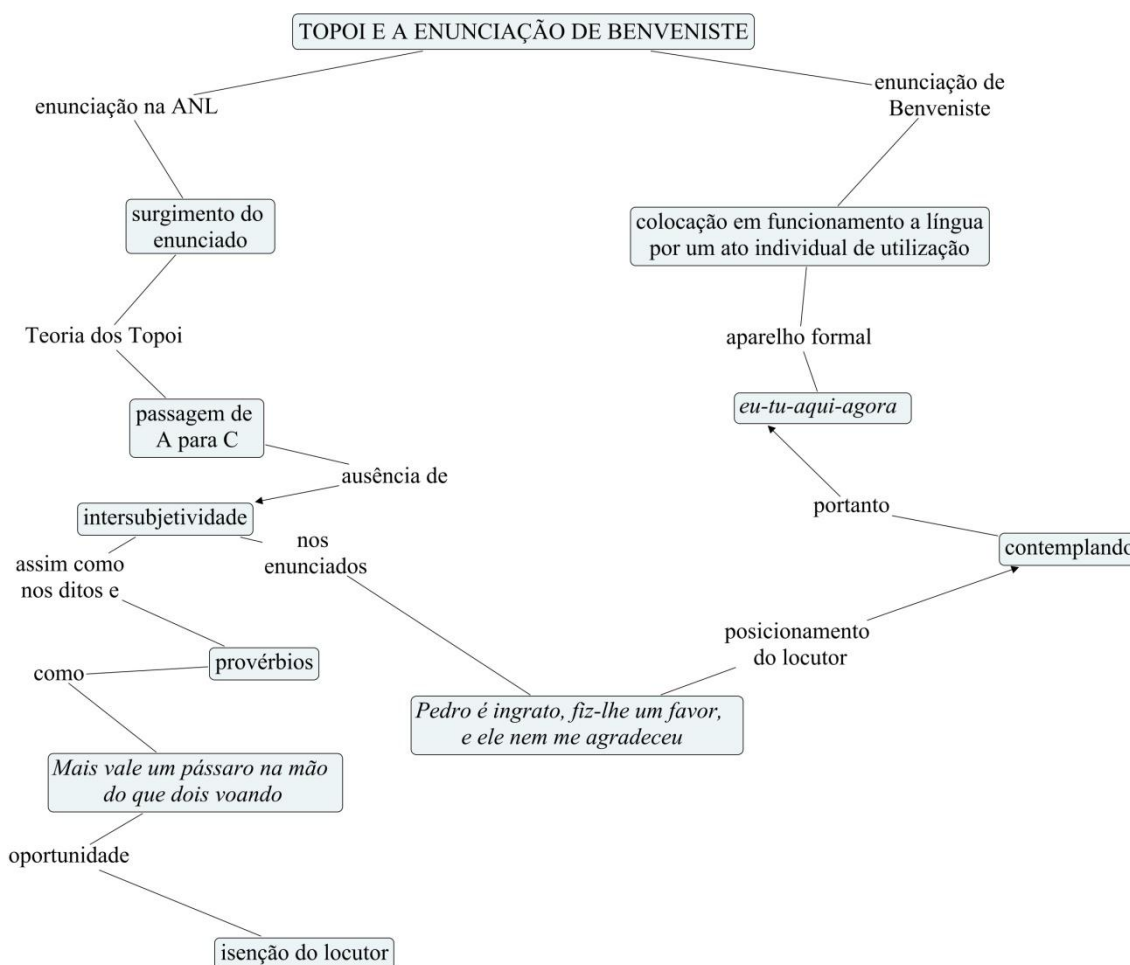
X- Pedro deve estar contente: acredito que ele passou no exame.

Y – Bem pelo contrário, ele não passou.

Temos a presença da gradualidade e da forma tópica *Quanto mais inteligente se é, maior é a possibilidade de aprovação no exame* e seu par *Quanto menos inteligente se é, menor é a possibilidade de aprovação no exame*, X assumindo a forma tópica concordante. No entanto, Y assume a forma tópica discordante *Quanto mais inteligente se é, menor a possibilidade de aprovação no exame* e seu par *Quanto menos inteligente se é, maior é a possibilidade de aprovação no exame*. Vimos que tanto X como Y assumem posicionamentos opostos, direcionando-nos a *classes de conclusões*, conforme afirma Anscombe (1995:189). Enfatizamos ainda que o ponto de vista de Y é reforçado pelo uso do *operador argumentativo* “bem pelo contrário”. Estamos descobrindo que o conceito de enunciação, reformulado pela Teoria da Argumentação na Língua, é uma

característica presente na Teoria dos *Topoi*. Reportando-nos aos *topoi* extrínsecos, temos um encadeamento conclusivo “completado” pela ideologia, cujos *topoi* intrínsecos fazem alusão ao posicionamento do *eu*⁹¹. Em *Maria é bela: ela seduz todos os homens*, a língua direciona para essa significação, enquanto *Maria é bela: ela é, portanto, namorada*, temos um posicionamento do *eu*, que poderia ser outro: *Maria é bela: ela é, portanto, modelo*. Gostaríamos de registrar como o *eu* se posiciona, fato que não acontece nos provérbios. Isso quer dizer que a Teoria da Argumentação na Língua sempre vai apresentar a enunciação como inerente à sua constituição.

Figura 55: Topoi e a enunciação de Benveniste



Fonte: Figura elaborada pela autora

⁹¹ Estamos utilizando nesta seção o posicionamento do *eu* e não o posicionamento do *locutor*, considerando a diferenciação feita por Dessons em relação aos trabalhos de Benveniste:

- o sujeito enunciadador (ou locutor) é engajado em um processo de locução, cabendo ao ser-sujeito (ego) transcender os processos nos quais ele é engajado, tornando-se independente da atividade de fala.
- o sujeito da enunciação (ou eu) designa o sujeito que se constitui *na* e *pela* enunciação de seu discurso. (Dessons, 2006: 133,134).

Apesar de a Teoria dos *Topoi* não apresentar as noções saussurianas em sua base, podemos verificar que a enunciação de Benveniste está presente nos enunciados em que há o posicionamento do locutor. Dessa forma, podemos afirmar que a enunciação está presente em todas as fases da ANL.

Fazemos, então, a pergunta: por que a Teoria dos Topoi não apresenta as bases filosóficas *alteridade de Platão, noções de língua, fala, valor e relação de Saussure*, mas tem *o aparelho formal da enunciação de Benveniste* instituído em suas características? A resposta, ao mesmo tempo que nos parece simples e óbvia, nos demanda reflexão: a alteridade de Platão e as noções de língua, fala, valor e relação de Saussure são as bases filosóficas, as hipóteses externas da Teoria da Argumentação na Língua, enquanto o aparelho formal da enunciação de Benveniste não pode ser categorizado como uma hipótese externa, fase empírica de observação anterior à construção da máquina, que visa às hipóteses internas, a própria construção da máquina (Ducrot, 1984: 53,54).

A partir desse esclarecimento, outros apontamentos que consideramos importantes podem ser feitos: o fato de que a Teoria dos Topoi não contempla a alteridade de Platão já torna previsível que ela também não está embasada nas noções de *língua, fala, valor e relação*. As bases filosóficas da ANL são uma cadeia de relações que não pode ser quebrada. Se não houver adequação a uma hipótese externa, é sintomático que outra hipótese externa também não será encontrada em determinada teoria. Foi isso que aconteceu com a Teoria dos Topoi: ao não adequar-se à alteridade de Platão, já era previsível a sua falta de adaptação às noções-base saussurianas. Apesar de a Teoria dos Topoi ser uma resposta ao logicismo⁹², ela não consegue se submeter à semelhança e à diferença de Platão nem aos entrelaçamentos de Saussure às suas principais características: passagem de A para C, gradualidade e formas tópicas, sempre há um vestígio de lógica em sua internalidade. Poderíamos afirmar que, apesar de a Teoria dos Topoi não contemplar as bases filosóficas da ANL, apresentando algumas inconsistências, ela tornou-se necessária para excluir dos enunciados o valor informativo “passando”, assim, para um valor argumentativo. Outra contribuição da

⁹² Comunicação de Marion Carel recebida via orientação em janeiro de 2012 na École des Hautes Études en Sciences Sociales – EHESS – em Paris.

Teoria dos Topoi é que essas inconsistências encontradas fizeram com que a Teoria dos Blocos Semânticos fosse constituída, valorizando o sentido intralinguístico a partir da relação, do valor e da interdependência semântica. Contemplaremos essas abordagens na seção 5.2, relacionando a Teoria dos Topoi com a Teoria da Argumentação na Língua e com a Teoria dos Blocos Semânticos.

5.2 TEORIA DOS *TOPOI* E TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA

Para desenvolvermos esta seção, tomaremos como base, novamente, o livro *Théorie des Topoi*, organizado por Jean-Claude Anscombe. Para evidenciar o valor argumentativo da língua em detrimento de seu valor informativo, quatro hipóteses são apresentadas: a) há enunciados cujo valor argumentativo não pode se deduzir do valor informativo, b) há enunciados sem valor informativo e, no entanto, providos de um valor argumentativo, c) há enunciados em que o valor argumentativo é exatamente inverso ao previsível a partir do valor informativo e d) o valor informativo de certos enunciados é deduzido do valor argumentativo e não o inverso. Vamos elucidar de forma sucinta essas hipóteses, pois o objetivo deste capítulo é explanar como realmente acontece a relação entre a Teoria dos Topoi e a Teoria da Argumentação na Língua.

Considerando a hipótese *há enunciados cujo valor argumentativo não pode se deduzir do valor informativo*, Anscombe faz uma analogia ao personagem Hamlet, de Shakespeare *Ser ou não ser: talvez seja essa a questão*.⁹³, em que se têm conclusões a partir de afirmações (P+talvez) e não de negações. Dessa forma, não se pode aceitar o encadeamento *Retire um prato: Pedro talvez venha jantar esta noite*, mas se aceita sua negação *Retire um prato: Pedro talvez não venha jantar esta noite*. Assim, o valor argumentativo do enunciado não se apresenta pela informação fornecida pelas palavras, mas pela sua continuação.

Tratando da segunda hipótese *Há enunciados sem valor informativo, no entanto providos de um valor argumentativo*, Anscombe *et al* (1995:18) afirmam que certos encadeamentos não apresentam valor informativo por não considerarem a pergunta que está sendo feita. As perguntas não-retóricas apresentam a alternativa aberta entre uma afirmação ou uma negação:

⁹³ « Être ou ne pas être: telle est peut-être la question. » (Anscombe et al, 1995:17). Na língua francesa há o jogo de palavras entre *être*, *ne pas être* e *peut-être*. Na língua portuguesa, não é possível fazer tal jogo.

Tenho dúvidas sobre a vitória do Grêmio: ele é o favorito do campeonato, mas ele não perderá diante do Internacional.

*Tenho dúvidas sobre a vitória do Grêmio: ele é o favorito do campeonato, mas será que ele vai perder do Internacional?*⁹⁴

Esses enunciados servem para mostrar que, enquanto o primeiro enunciado parece sem sentido, o segundo adquire esse estatuto porque está diante de uma interrogação. O valor argumentativo está presente, mesmo que não se tenha a informação.

Passando para a terceira hipótese *Há enunciados cujo valor argumentativo é exatamente o inverso daquele previsível a partir do valor informativo*

*A peça (quase, *mal)*⁹⁵ *começara e o ator principal não sabia nem seu texto.*

*A emissão (*quase, mal) começara e as questões já vinham de todas as partes.*

Enquanto *quase* direciona para uma argumentação negativa (P+E), a unidade lexical *mal* corresponde a uma argumentação positiva (P+não-E). No entanto *quase* pode assumir uma argumentação positiva (P+não-E) e *mal* (P+E), uma argumentação negativa, em que se tem uma inversão de posicionamento:

Você vai esperar meu artigo: quase terminei de redigi-lo.

Você vai esperar meu artigo: mal terminei de redigi-lo.

Notamos que essas conclusões opostas podem ser denominadas *classes de conclusões*, como havíamos explicado no capítulo 4.

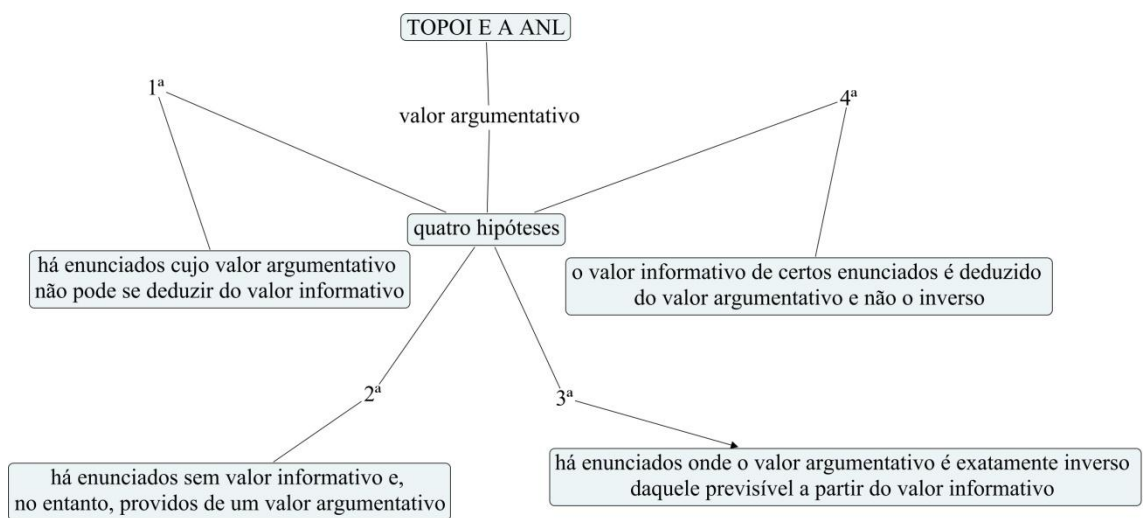
Conduzindo-nos para a última hipótese, temos *O valor informativo de certos enunciados é deduzido do valor argumentativo e não o inverso*. Partindo do enunciado *O partido comunista atingiu quase 10% nas últimas pesquisas*, seu sentido se torna ambíguo, pois não se sabe se houve um decréscimo ou um acréscimo em relação à escala. Em *O partido comunista perde popularidade: anteriormente tinha 21%, e, nas*

⁹⁴ Esses dois enunciados são uma adaptação dos enunciados em língua francesa *J'ai des doutes sur la victoire de Becker: il est le favori du Masters, mais il ne perdra pas devant Sampras e J'ai des doutes sur la victoire de Becker: il est le favori du Masters, mais est-ce qu'il perdra devant Sampras?* (Anscombe et al, 1995 :18)

⁹⁵ Tradução de *presque* e *à peine*.

últimas pesquisas, quase 10% e O partido comunista ganhou popularidade: anteriormente tinha 5%, e, nas últimas pesquisas, quase 10%, tem-se o sentido de percurso da escala numérica, e assim é possível determinar o valor semântico de *quase 10%*. Anscombe (1995:21) afirma que, com esses enunciados, prova-se que a língua é somente argumentativa e no caso em que se tenha necessidade de um valor informativo, ele advém dessa argumentatividade.

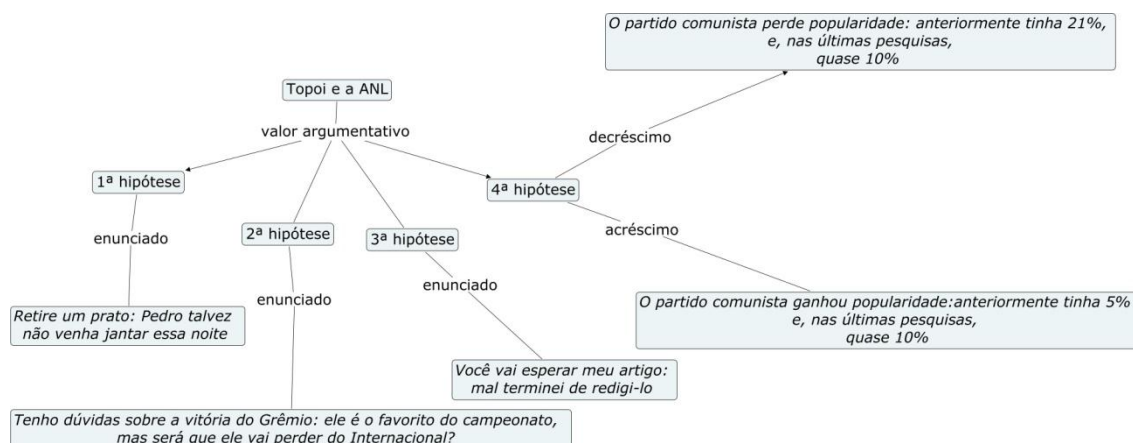
Figura 56: Topoi e a ANL



Fonte: Figura elaborada pela autora

Na relação entre a Teoria dos Topoi e a ANL, o valor argumentativo apresenta quatro hipóteses que indicam como o sentido é constituído.

Figura 57: Topoi e a ANL- parte II



Fonte: Figura elaborada pela autora

A partir desses quatro hipóteses sobre o valor argumentativo, podemos perceber como o locutor se posiciona em relação ao enunciado.

Notamos que na Teoria dos Topoi, a argumentação e a informação ainda estavam relacionadas de alguma forma. Recordamos que o próprio nome da teoria já mostra qual é seu objetivo de estudo: *Teoria da Argumentação na Língua* evidencia que se buscam recursos na língua para transformá-la em discurso e a maneira de fazer isso é a partir da argumentação. Essa argumentação não tem por função persuadir, convencer, mas delinear como o sentido pode ser construído. Uma das contribuições da ANL, que se reflete na Teoria dos Topoi, foi revelar como essa relação argumentativa é constituída. Utilizando-nos dos estudos feitos por Anscombe e Ducrot (*apud* Ducrot & Schaeffer, 1995: 562, 563), a coesão do discurso se estabelece a partir de um argumento e de uma conclusão por meio de *portanto* (Pedro é rico, *portanto* ele é feliz), que indica uma orientação argumentativa, e de *no entanto*, que indica uma anti-orientação argumentativa (Pedro é rico, *no entanto* ele não é feliz). Ambos os linguistas enfatizam que é essa relação feita pelos conectores *portanto* e *no entanto* que direciona para determinado sentido, não condizendo com fatos advindos da realidade, visto que é a própria estrutura linguística que impõe restrições a sua orientação argumentativa.

Outra característica da Teoria dos Topoi é que essas indicações que remetem aos fatos orientam para conclusões opostas:

Pedro comeu pouco (portanto ele não vai melhorar)

Pedro comeu um pouco (portanto ele vai melhorar)

São oito horas (portanto devemos nos apressar)

São apenas oito horas (portanto ainda temos tempo)

Há uma lenta melhora (portanto ela vai sair logo do hospital)

A melhora é lenta (portanto ela não vai sair logo do hospital)

De acordo com Anscombe e Ducrot, esses enunciados servem para mostrar que a relação argumentativa de uma frase se fundamenta diretamente na significação dessa frase, desconsiderando os fatos aos quais a frase pode se referir. Assim, a Teoria da Argumentação na Língua mostra que as significações estão na língua, que cabe ao locutor resgatá-las para transformá-las em sentido no enunciado. Para validar esse posicionamento, Anscombe e Ducrot (1995) fazem uso dos *topoi*, apresentando alguns princípios argumentativos que a palavra *trabalho* pode adquirir: *O trabalho cansa* ou *O trabalho produz resultados*. Se quiséssemos afirmar que o trabalho não cansa ou que o trabalho não produz resultados, deveríamos utilizar o conector *no entanto*. Além disso, os autores sustentam que a descrição de uma língua se dá pela *combinatória argumentativa* adotada, em que se têm *topoi* lexicais (*prudente, audacioso, covarde, corajoso*) modificados pelos operadores argumentativos (*pouco, um pouco, apenas, já, ainda*), sendo o sentido o resultado dessa indicação de potencialidades argumentativas.

Torna-se possível compreender que, apesar de a Teoria dos Topoi não se basear nas hipóteses externas *alteridade de Platão e língua, fala, valor e relação de Saussure* e por essa razão foi descartada, obrigamo-nos a admitir que ela trouxe benefícios para a Teoria da Argumentação na Língua. Explicando melhor, a partir de Anscombe e Ducrot (1997:89), a ANL, considerando a Teoria dos *Topoi*, foi capaz de ver as relações argumentativas entre os segmentos a partir de *portanto*, cabendo ao locutor apresentar opiniões gerais, fundadas na ideologia da coletividade, dando ao conector *no entanto* o estatuto de exceção, pois ele apresenta uma posição oposta, ou seja, as opiniões não são necessariamente gerais, fundamentadas sobre a ideologia da coletividade, cabendo ao locutor e ao interlocutor aceitar ou não essa exceção. Notemos, então, que a Teoria dos Topoi está centrada em princípios argumentativos comuns em que se tem como

princípio geral o uso de *portanto* e não de *no entanto*. A Teoria dos Blocos Semânticos vai mostrar que os conectores *portanto* e *no entanto* estão na língua e nenhum representa exceção. Precisamos ressaltar ainda que a Teoria dos Topoi apresentava inconsistências teóricas em relação às HEs, sendo descartada. Construiu-se, então, a Teoria dos Blocos Semânticos que aprofunda o estudo do sentido a partir do intralinguístico, reforçando o ponto de vista de Ducrot e colaboradores de que *a argumentação está na língua*. Um aprofundamento entre a Teoria dos Topoi e a Teoria dos Blocos Semânticos a partir das bases filosóficas da ANL será feito na seção 5.2.1. Mostraremos, nesse momento, como a Teoria da Argumentação na Língua foi criada e, conseqüentemente, onde a Teoria dos Topoi se coloca nesse desenvolvimento.

Tendo como base os conhecimentos de Carel (2012)⁹⁶, vemos que a linguista francesa fez um percurso de como Ducrot elaborou a Teoria da Argumentação na Língua. Primeiramente, ela explica que o linguista francês teve êxito em sua teoria, pois tem um amplo embasamento filosófico, percebendo qual direcionamento seu estudo deveria tomar. Tratando de sua relação com a lógica, Ducrot utilizou-se das noções de ato ilocutório, pressuposto e posto e lei de encadeamento. Por ato ilocutório compreende-se que “a enunciação da frase constitui nela própria um certo ato (uma certa transformação das relações entre os interlocutores)”. Assim, quando o locutor diz *Eu prometo*, ele realiza o ato pelo qual ele se compromete.⁹⁷ Por pressuposto, compreende-se o sentido implícito inscrito em um enunciado, cuja responsabilidade é atribuída a um enunciador (Flores *et al.*, 2009:191, 192). No enunciado *João continua fazendo besteiras*, temos um E1, formado pelo pressuposto *João fazia besteiras antes* e o posto, o E2, *João faz besteiras agora*, posicionamento assumido pelo locutor. A relação existente entre o pressuposto e o posto deu origem à lei do encadeamento.

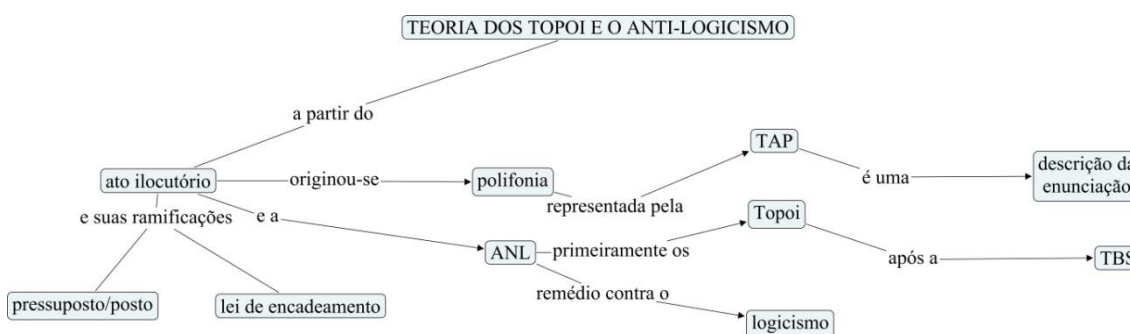
No entanto, Ducrot amadureceu suas reflexões e percebeu que conceber o sentido a partir dessas três concepções lógicas, não estaria buscando o intralinguístico, mas apenas o prolongamento da lógica tradicional concebida por Aristóteles, fundamentada nos meios de persuasão. Para isso, elaborou dois “remédios” para esse logicismo. Primeiramente, ocupou-se da polifonia e seu desmembramento, a Teoria Argumentativa da Polifonia (TAP), elaborada por Marion Carel e Oswald Ducrot, que é

⁹⁶ Comunicação recebida de Marion Carel via orientação em janeiro de 2012 na École des Hautes Études en Sciences Sociales – EHESS – em Paris.

⁹⁷ « ... l'énonciation de la phrase constitue en elle-même un certain acte (une certaine transformation des rapports entre les interlocuteurs) ». Ducrot & Schaeffer, 1995:782.

uma descrição da enunciação. O segundo “remédio” para combater o logicismo foi a Teoria da Argumentação na Língua, que deu origem à Teoria dos Topoi e, após, à Teoria dos Blocos Semânticos. Uma forma de “curar” a moléstia do sentido extralinguístico proposto por Perelman, cabendo ao orador se adaptar ao público e persuadi-lo, utilizando-se de ferramentas estilísticas e linguísticas, e por Toulmin, que atribui à lógica uma estrutura fechada (dado, conclusão, garantia, qualificador e recusa), foi “injetar” remédios que recuperassem seu estatuto intralinguístico, como a Polifonia e a Teoria da Argumentação na Língua ⁹⁸

Figura 58: Teoria dos *Topoi* e o anti-logicismo



Fonte: Figura elaborada pela autora

Considerando a Teoria dos Topoi e o anti-logicismo, podemos perceber como a Teoria da Argumentação na Língua se desenvolveu: a partir do ato ilocutório originou-se a polifonia, representada pela TAP. A ANL, tentando combater o logicismo, criou a Teoria dos *Topoi* e, após, a Teoria dos Blocos Semânticos.

Acreditamos que podemos nos direcionar para a última seção de nosso estudo *Teoria dos Topoi e a Teoria dos Blocos Semânticos: o extralinguístico e o intralinguístico*, evidenciando as semelhanças e as diferenças entre uma teoria e outra. Para obter êxito em nosso percurso, tomaremos como referência as hipóteses externas da ANL, ou seja, suas bases filosóficas *alteridade de Platão e língua, fala, valor e relação de Saussure* para fundamentar nossa análise crítico-reflexiva.

⁹⁸ Gostaríamos de ressaltar que as reflexões apresentadas aqui são de autoria de Marion Carel. Sabemos que a polifonia faz parte da Teoria da Argumentação na Língua não constituindo, assim, dois estudos distintos. Acreditamos também que a pesquisadora se utilizou desses recursos apenas para fins metodológicos.

Retomando nossa introdução e o percurso realizado, podemos verificar que Ducrot e colaboradores se baseiam nas teorias de ontem para aprofundar a teoria de hoje. Explicando melhor, tanto o conceito de *alteridade* de Platão quanto as noções de *língua, fala, valor e relação* de Saussure sustentam a Teoria da Argumentação na Língua, ou seja, as bases filosóficas fundamentam a semântica linguística. Podemos perceber, assim, que as teorias de hoje só são possíveis de serem realizadas devido às suas bases bem enraizadas, e é isso que acontece com a ANL. Ao tratar da língua em uso, a semântica linguística desfaz a noção de língua como cristalização de sentido e evidencia a flexibilidade desse sentido ao considerar a relação e o aparelho formal da enunciação como fatores determinantes para sua constituição. É essa apropriação do intralinguístico em detrimento do extralinguístico que veremos na seção a seguir.

5.2.1 Teoria dos *Topoi* e Teoria dos Blocos Semânticos: o extralinguístico e o intralinguístico

Esta seção procura mostrar nosso posicionamento em relação a dois momentos da ANL: a Teoria dos *Topoi*, que fundamenta suas características no sentido extralinguístico e a Teoria dos Blocos Semânticos, que baseia suas ferramentas discursivas no sentido intralinguístico. Acreditamos que essas perspectivas foram suficientemente exploradas ao longo do trabalho, agora vamos confrontá-las diretamente. Torna-se necessário lembrar que essa comparação analítico-reflexiva se apoia nas bases filosóficas da Teoria da Argumentação na Língua: *o conceito de alteridade de Platão e as noções de língua, fala, valor e relação de Saussure*.

Para iniciarmos nosso trabalho, vamos voltar ao que são os *topoi*: lugares comuns argumentativos representados por encadeamentos discursivos que se baseiam em princípios gerais, em que o sentido está baseado na argumentação, “passando” toda sua carga semântica para a conclusão ($A \rightarrow C$). Utilizando-nos do enunciado de Carel & Ducrot (2005: 12): *O hotel está perto, portanto é fácil chegar* tem o topos *Quanto mais perto está um lugar, mais fácil se chega a ele*, já o encadeamento *O hotel está longe, portanto é difícil chegar* tem o topos *Quanto mais longe está algo, mais difícil é seu acesso*. Notamos, nesses enunciados, que cabe ao argumento uma maior “responsabilidade” semântica, a conclusão necessita apenas ser inserida, não tendo funcionalidade efetiva no enunciado, ou seja, o argumento já tem seu sentido completo; cabe à conclusão exercer um papel secundário.

Opondo-se a essa perspectiva, a Teoria dos Blocos Semânticos fundamenta-se na interdependência semântica, ou seja, “cada um dos dois encadeamentos só toma seu sentido em relação ao outro”⁹⁹ (Ducrot, 2005:17). Retomemos, então, os enunciados referenciados anteriormente: *O hotel está perto, portanto é fácil chegar* e *O hotel está longe, portanto é difícil chegar*. Para a TBS, o sentido não está ancorado em um princípio geral que diz respeito à comunidade linguística e sua ideologia; para a ANL, especificamente a TBS, o sentido está presente no próprio encadeamento das palavras, na relação existente entre um segmento e outro, não precisando atribuir valor referencial ao enunciado. Dessa forma, se um locutor diz para seu alocutário *O hotel está perto*, como em uma reação involuntária, o alocutário responde: *Mas o que você quer dizer com isso?*, evidenciando que o sentido do enunciado está incompleto. Notamos que a própria língua e seu uso são capazes de se explicarem, não necessitando de fatores externos. O próprio termo *interdependência semântica* já desenvolve essa noção: os segmentos *O hotel está perto* e *portanto é fácil chegar* apresentam uma relação (*inter*) de ligação (*dependência*) necessária para conseguir obter sentido (*semântica*), sendo assim, os dois segmentos constroem um único sentido.

Vemos, então, que a língua fornece os recursos de semantização e quando postos em uso “concretizam” o que era, anteriormente, uma *virtualidade semântica*. Podemos mostrar de forma clara essas diferenças, tendo as bases filosóficas da ANL como pilares semânticos. Remetemo-nos, então, ao quadro explicativo:

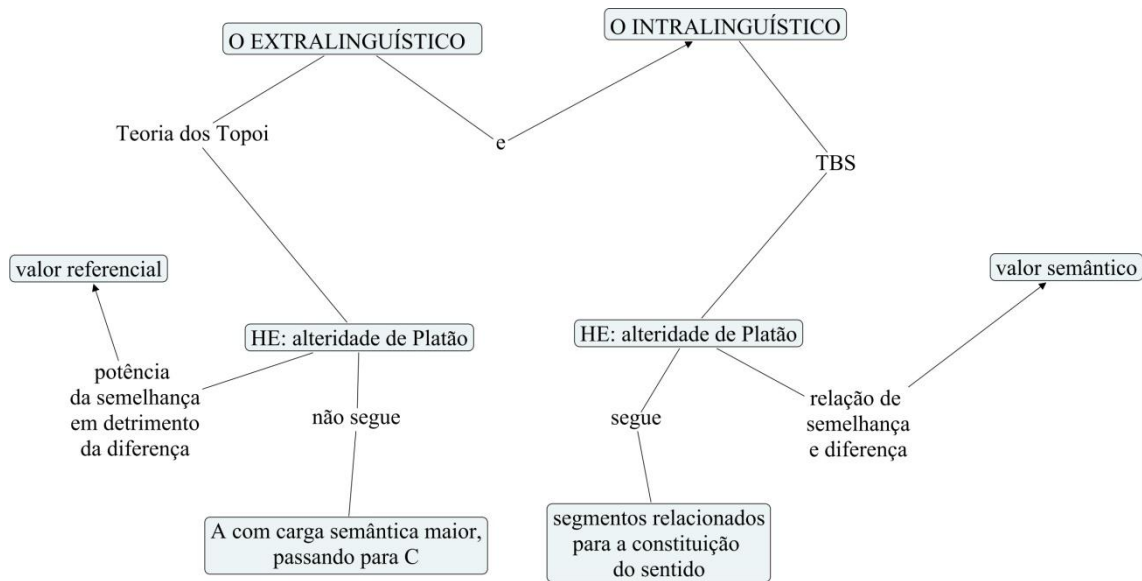
O conceito de *alteridade* de Platão (relação de semelhança e diferença)

* A Teoria dos Topoi fere a hipótese externa, pois considera que o argumento apresenta uma carga semântica maior e a transfere para a conclusão. Seguindo os termos de Platão, há relação de potência da semelhança em detrimento da diferença → valor referencial

* A Teoria dos Blocos Semânticos segue a hipótese externa, pois considera que os segmentos apresentam uma noção de dependência, de relação para a constituição do sentido. Seguindo os termos de Platão, há relação entre semelhança e diferença, sem hierarquização de funções → valor semântico

⁹⁹ “... cada uno de los dos segmentos encadenados toma solamente su sentido en la relación con el outro”.

Figura 59: O extralinguístico e o intralinguístico - I



Fonte: Figura elaborada pela autora

O extralinguístico, representado pela Teoria dos *Topoi*, e o intralinguístico, representado pela Teoria dos Blocos Semânticos, se posicionam de maneira distinta quanto à noção de *alteridade*. Enquanto a Teoria dos Topoi não segue essa base filosófica, priorizando o valor referencial, a TBS segue, mostrando a relação de semelhança e de diferença do valor semântico.

Percebemos, então, que a Teoria dos Topoi não segue essa HE, pois remete ao argumento a responsabilidade de semantizar, de entregar o sentido “pronto” para a conclusão, sendo o topos uma formalização do valor referencial. No entanto, a Teoria dos Blocos Semânticos segue essa HE, pois mostra o caráter de dependência entre um segmento e outro e como o sentido é construído, relacionado, podendo ser modificado, mostrando seu valor semântico.

Vamos esquematizar, então, a base filosófica da ANL ancorada em Saussure:

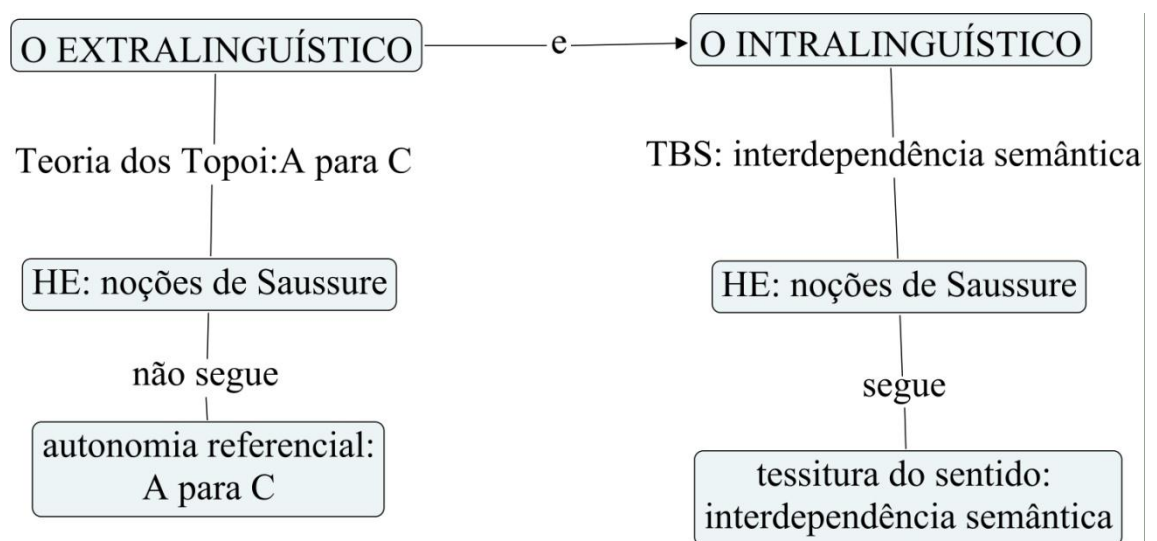
Noções de *língua, fala, valor e relação* de Saussure

*A Teoria dos Topoi fere a hipótese externa, pois a passagem do argumento para a conclusão independe das relações estabelecidas pelas palavras e, conseqüentemente, entre os segmentos. Há uma espécie de *autonomia referencial*, em que as palavras têm sentido sem a necessidade de relação e de *valorização linguística*.

*A Teoria dos Blocos Semânticos segue a hipótese externa, pois a constituição do sentido é determinada pelas relações de sentido presentes entre as palavras, entre os enunciados. A relação mostra que o valor puramente linguístico se forma quando a relação é inerente à sua constituição.

Podemos perceber que a Teoria dos Topoi fere os estudos feitos por Saussure, pois considera a passagem do argumento para a conclusão como um estudo referencial e não relacional. Já a Teoria dos Blocos Semânticos mantém essa tessitura, uma vez que o sentido é constituído por cadeias relacionais intralinguísticas.

Figura 60: O extralinguístico e o intralinguístico – II



Fonte: Figura elaborada pela autora

Considerando o extralinguístico e o intralinguístico e as noções de Saussure, podemos verificar que a Teoria dos Topoi apresenta uma autonomia referencial, distanciando-se dessa base filosófica; já a Teoria dos Blocos Semânticos seguem uma tessitura do sentido, seguindo a base filosófica saussuriana.

Considerando o intralinguístico, sabemos que essa é a segunda característica da Teoria dos Topoi. Compreende-se que ela apresenta recursos estritamente linguísticos para semantizar a estrutura $A \rightarrow C$. Enquanto afirma que as formas sentenciosas (provérbios, ditos, entre outros) validam o raciocínio, o topos remete a um código moral: em *Pedro é inteligente, no entanto não foi aprovado*, temos o topos *Quando alguém é inteligente, sua aprovação é inerente*, remetendo a um código moral de êxito por causa da inteligência. Verificamos que, a sustentação de um topos por um código moral direciona não para a intralinguístico, mas para o seu extralinguístico, fatores externos não relacionados à língua.

Já a Teoria dos Blocos Semânticos mostra como o enunciado *Pedro é inteligente, no entanto não foi aprovado* apresenta características de cunho intralinguístico, visto que a língua e os recursos disponibilizados pela TBS são capazes de explicar quaisquer enunciados a partir desse entrelaçar. Para a TBS, *Pedro é inteligente, no entanto não foi aprovado* (A PT NEG B) faz parte do bloco semântico 1, pertencendo ao aspecto argumentativo *Pedro é inteligente, portanto foi aprovado* (A DC B) e seus aspectos *Pedro não é inteligente, no entanto foi aprovado* (NEG A PT B) e *Pedro não é inteligente, portanto não foi aprovado* (NEG A DC NEG B). Essas relações contempladas e formalizadas pelo bloco semântico nos mostram como a Teoria dos Topoi é incoerente com as hipóteses externas da ANL. Não se torna necessária a referência a um código moral para que o sentido seja estabelecido, a própria língua dispõe de ferramentas para explicá-la intralinguisticamente. Para validarmos nossa reflexão, retomamos Ducrot:

A teoria de Saussure implica, por outro lado, que o significado de um signo não tem nenhuma relação com o referente do signo nem com um conceito psicológico que os usuários do signo teriam na cabeça. O significado de um signo não está constituído por coisas ou por ideias, mas pelas relações do signo com outros signos: sua ordem é puramente linguística.¹⁰⁰ (Ducrot, 2005:11)

Notamos nesse excerto de Ducrot que ele reconhece que a Teoria dos Topoi não consegue se filiar a Saussure se ela atribuir aos fatores externos, ao código moral a responsabilidade de “semantizar” um enunciado. Enraizados nesse princípio, os enunciados teriam relação de dependência com a comunidade linguística e os valores

¹⁰⁰ “La teoría de Saussure implica por otra parte que el significado de un signo no tiene ninguna relación con el referente del signo ni con un concepto psicológico que los usuarios del signo tendrían en la cabeza. El significado de un signo no está constituído por cosas o por ideas sino por las relaciones del signo con otros signos: su orden es puramente lingüístico”.

que elas consideram “corretos”, que devem ser seguidos. Como já evidenciamos neste estudo, o intralinguístico é de natureza “puramente linguística”, os fatores externos não conseguem atingi-los porque são puramente extralinguísticos. A partir das bases filosóficas, podemos construir os seguintes esquemas:

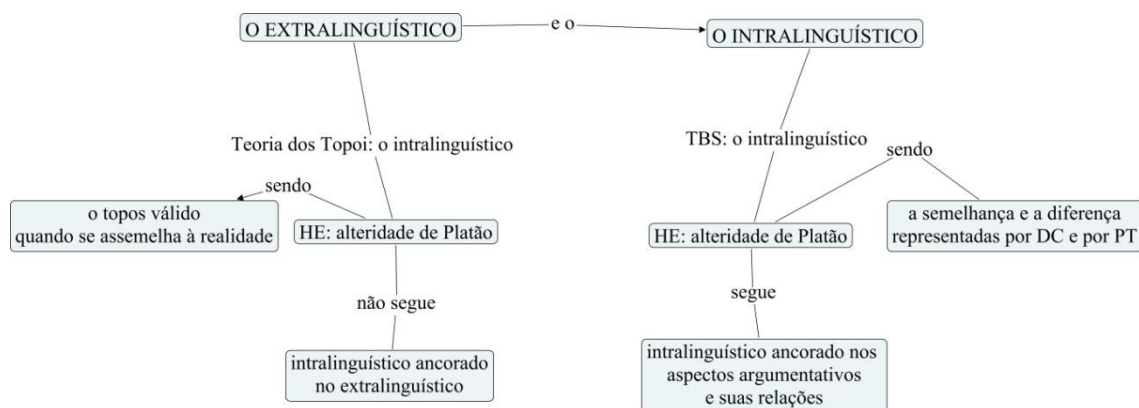
O conceito de *alteridade* de Platão (semelhança e diferença)

* A Teoria dos Topoi fere a hipótese externa, pois o intralinguístico está ancorado no extralinguístico, ou seja, ocupa-se de fatores externos para validar o enunciado. Considerando a alteridade de Platão, percebemos que um topos, verdadeiro, válido, só adquire sentido quando seu enunciado se “assemelha” à realidade. Enunciados que não seguem a “norma” não são tomados como diferentes, mas como exceções.

O conceito de *alteridade* de Platão (semelhança e diferença)

* A Teoria dos Blocos Semânticos segue a hipótese externa, pois o intralinguístico está ancorado nos aspectos argumentativos e nas relações estabelecidas entre eles. Remetendo-nos a Platão, percebemos que temos a semelhança e a diferença a partir dos conectores DC e PT. Os encadeamentos normativos e transgressivos não correspondem a fatores externos, a normas e transgressões da sociedade, mas evidenciam as relações que os encadeamentos argumentativos evocam.

Figura 61: O extralinguístico e o intralinguístico – III



Fonte: Figura elaborada pela autora

Na Teoria dos *Topoi*, o intralinguístico está ancorado ao extralinguístico, sendo o topos válido quando se assemelha à realidade, afastando-se da alteridade de Platão. Na Teoria dos Blocos Semânticos, o intralinguístico está representado pela noção de semelhança e diferença representadas por *DC* e *PT*, fundamentando-se na base filosófica de Platão.

A partir desses esquemas explicativos, notamos que a Teoria dos Topoi não segue a alteridade de Platão no que concerne o intralinguístico porque está fundamentada nos valores extralinguísticos e ao fato de que eles podem agregar sentido ao enunciado. Considerando a TBS, notamos que o intralinguístico se mantém porque os conectores *DC* e *PT* direcionam para a semelhança e para a diferença de Platão, além de semantizar aspectos a partir dessa relação. Tratando da base filosófica saussuriana, podemos montar os seguintes quadros explicativos:

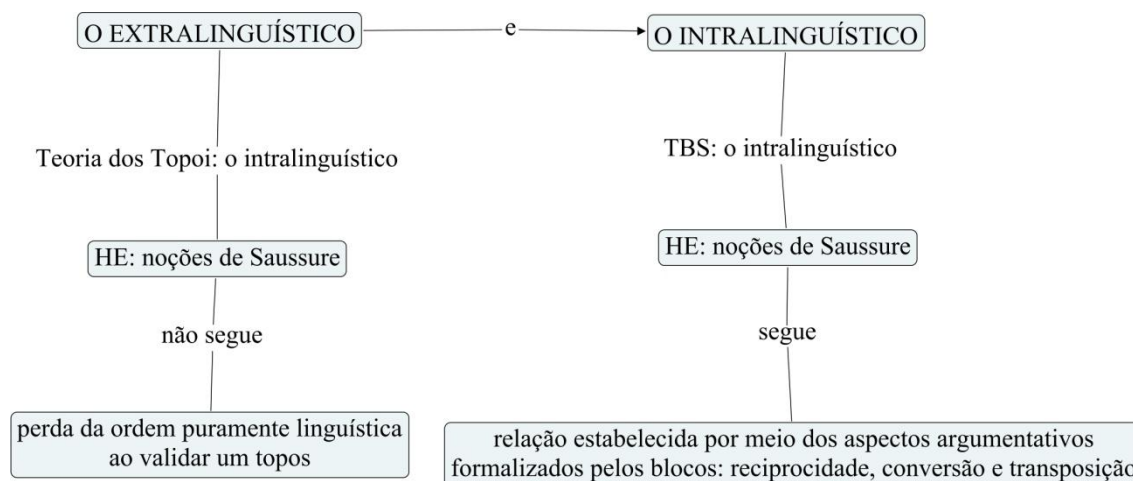
Noções de *língua, fala, valor e relação* de Saussure

*A Teoria dos Topoi fere a hipótese externa, pois não consegue atingir o sentido através da língua e dos recursos que ela utiliza para a fala, instituindo a relação e o valor linguístico. Explicando melhor, ao dar ao fator externo o poder de validar ou não um topos, “a ordem puramente linguística” se perde.

*A Teoria dos Blocos Semânticos segue a hipótese externa, pois considera o sentido através dos aspectos argumentativos, formalizados pelos blocos semânticos, e as relações que eles apresentam a partir desses blocos: reciprocidade, conversão e transposição.

Notamos, então, que a Teoria dos Topoi não segue as noções de língua, fala, valor e relação de Saussure, pois o extralinguístico é determinante para a composição do sentido. Já a Teoria dos Blocos Semânticos consegue atribuir ao intralinguístico valores propriamente saussurianos através dos aspectos argumentativos e as relações que eles desempenham.

Figura 62: O extralinguístico e o intralinguístico – IV



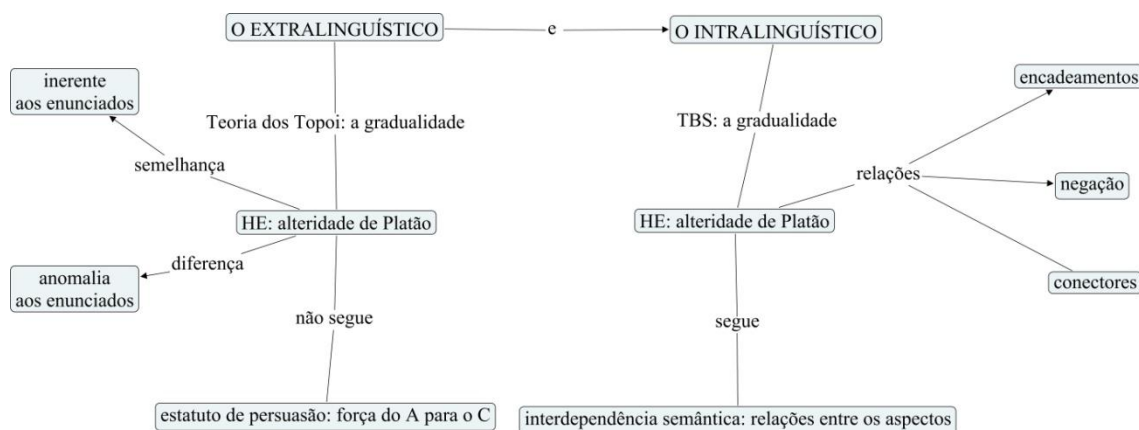
Fonte: Figura elaborada pela autora

Na Teoria dos *Topoi*, o intralinguístico representa a perda da ordem puramente linguística ao validar um topos, afastando-se das noções de Saussure, já na TBS o intralinguístico é representado pelos encadeamentos argumentativos formalizados pelos blocos: reciprocidade, conversão e transposição, seguindo a base filosófica saussuriana.

Vamos tratar da gradualidade, uma característica específica à Teoria dos *Topoi*. Para essa teoria, a gradualidade, capaz de mensurar a força de um argumento através de sua intensidade (baixa ou alta) direcionando-a para a conclusão, destaca como a língua tem caráter persuasivo. No enunciado *Faz calor, vamos à praia*, temos duas escalas: a do calor e a da praia. Especificamente aqui, temos um topos que indica *Quanto mais faz calor, mais se tem vontade de ir à praia*, evidenciando que a alteração da temperatura vai modificar diretamente a vontade de ir à praia. Podemos notar como essa característica está vinculada ao extralinguístico, pois a temperatura, um fator externo, influencia na decisão de ir ou não à praia.

Por sua vez, a Teoria dos Blocos Semânticos não apresenta a gradualidade como uma de suas características inerentes, visto que, para a ANL, a argumentação está na língua, e não no caráter persuasivo que ela exerce. Como havíamos mencionado anteriormente, a Teoria dos Blocos Semânticos considera o sentido por meio da interdependência semântica, ou seja, como os segmentos se relacionam, formando encadeamentos argumentativos, e como esses encadeamentos, quando dispostos nos blocos, se tornam aspectos e, quando relacionados com outros, estabelecem relações. No encadeamento argumentativo *Faz calor, vamos à praia*, temos o aspecto argumentativo do BS1 (A DC B) que tem uma relação de conversão com o aspecto *Faz calor, no entanto não vamos à praia*, por exemplo. Verificamos que, na Teoria dos Blocos Semânticos, a língua tem caráter de argumentação, argumentação que é intralinguística, não remetendo à persuasão.

Figura 63: O extralinguístico e o intralinguístico –V



Fonte: Figura elaborada pela autora

Na Teoria dos *Topoi*, a gradualidade não segue o conceito de *alteridade* de Platão, pois se tem a noção de força do argumento para a conclusão, sendo a diferença uma anomalia dos enunciados. Na TBS, a gradualidade é representada pelas relações de encadeamentos, negação e conectores, seguindo, assim, o conceito de *alteridade* de Platão.

Vemos, então, que, enquanto a gradualidade é uma característica predominante na Teoria dos Topoi, a Teoria dos Blocos Semânticos a considera por meio dos operadores sintáticos (*muito, pouco, relativamente*). No entanto, Ducrot (2005:193)

reconhece suas limitações linguísticas, concebendo o sentido através da noção de relação. Como podemos visualizar a base filosófica saussuriana em ambas as teorias? Vamos contemplar essas (im) possíveis relações no esquema a seguir.

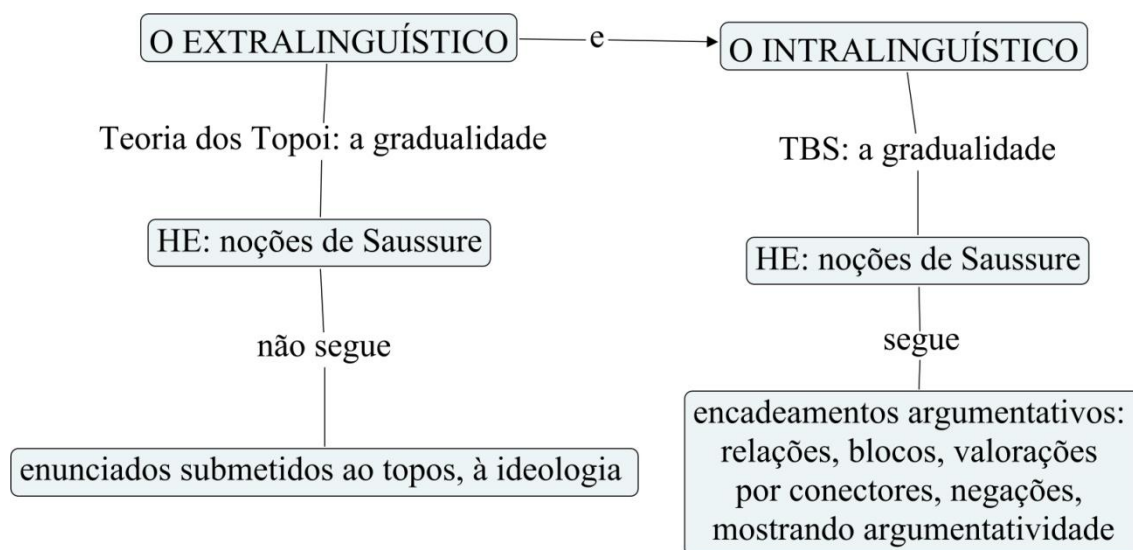
Noções de *língua, fala, valor e relação* de Saussure

* A Teoria dos Topoi fere a hipótese externa, pois considera que os enunciados devem ser submetidos ao topos e, conseqüentemente, às ideologias neles impregnadas. Assim, não é possível conceber a Teoria dos Topoi tendo como base a hipótese externa saussuriana, que prima pelo linguístico.

* A Teoria dos Blocos Semânticos segue a hipótese externa, pois considera o sentido através dos encadeamentos argumentativos, distribuídos em aspectos pelos blocos, sendo as relações e as valorações estabelecidas pelos conectores, pela negação, pelos elos formados,

Podemos denotar, então, que a Teoria dos Topoi fere a hipótese externa saussuriana porque tem como um de seus princípios a gradualidade fornecida pelo topos, remetendo a um componente externo. Por sua vez, a Teoria dos Blocos Semânticos segue a hipótese externa, pois vê na interdependência semântica um recurso para construir o intralinguístico e seu sentido.

Figura 64: O extralinguístico e o intralinguístico – VI



Fonte: Figura elaborada pela autora

Tratando-se das noções saussurianas de *língua*, *fala*, *valor* e *relação*, podemos afirmar que a Teoria dos *Topoi* não as segue porque os enunciados são submetidos ao topos, à ideologia, enquanto a Teoria dos Blocos Semânticos segue devido aos encadeamentos argumentativos e suas valorações.

Continuando nossa análise, baseando-nos nas características da Teoria dos Topoi para confrontá-las com a Teoria dos Blocos Semânticos, vamos abordar agora os topoi intrínsecos e os topoi extrínsecos.

Desenvolvendo os topoi extrínsecos e os topoi intrínsecos, vamos nos valer dos seguintes enunciados:

Pedro é prudente: portanto ele é uma pessoa precavida

Pedro é prudente: portanto, ele não vai sofrer nenhum acidente

Enquanto o primeiro enunciado demonstra um topos extrínseco, ou seja, o sentido de *prudente* previsto pela língua, no segundo enunciado temos um topos intrínseco em que se tem um encadeamento conclusivo no uso da língua. Fazendo ainda ressalva, notamos que a própria terminologia utilizada *encadeamento conclusivo* já aponta para a noção de passagem de um argumento para uma conclusão. Corroborando

com nossa ideia, o segundo enunciado apresenta o seguinte topoi *Quanto mais alguém é prudente, menor é a possibilidade de sofrer acidentes*. A cada análise realizada, percebemos o quanto a Teoria dos Topoi se afasta das bases filosóficas da ANL, distanciando-se, assim, do sentido intralinguístico. Insistimos nisso porque estamos notando que a própria língua é capaz de se explicar e de se semantizar sem o apoio de fatores que fogem ao intralinguístico.

Para mostrarmos como a Teoria dos Blocos Semânticos realiza esses encadeamentos argumentativos, vamos apresentar a argumentação externa e a argumentação interna. Antes de continuarmos desenvolvendo o trabalho, gostaríamos de ressaltar que de forma alguma os topoi extrínsecos remetem às argumentações externas e que os topoi intrínsecos remetem às argumentações internas. Estamos nos servindo delas para explorar linguisticamente os recursos que a TBS propõe para a semantização.

Como não explicamos as AEs e as AIs na seção 1.3.2, vamos abordá-las agora para evidenciar como o sentido advém do intralinguístico e não do extralinguístico. Vamos tomar como exemplo o encadeamento argumentativo *Pedro é prudente, portanto ele não vai sofrer nenhum acidente* e sua argumentação externa *prudente DC segurança*. Servindo-nos do sentido de *prudente*, vemos que a primeira propriedade da AE é considerar a entidade linguística como constitutiva dessa argumentação. Ao relacionarmos *prudente DC segurança* com *prudente PT neg segurança*, conseguimos depreender a segunda propriedade da AE: ela é composta por pares e sua relação é de conversão. Notemos, então, que temos duas propriedades das argumentações externas. Elas apresentam também uma outra característica que as define: a AE à esquerda e a AE à direita: como AE à esquerda temos *ter medo DC ser prudente* e AE à direita temos *ser prudente DC ter segurança*. Partindo da mesma entidade linguística *prudente*, podemos configurar a AI: *perigo DC precaução*, já mostrando sua primeira propriedade: a AI não contém a entidade linguística em seu encadeamento e, diferentemente da AE, sua segunda propriedade se caracteriza por não ser composta por pares, não constituindo uma relação de conversão.

Torna-se claro, para nós, que a TBS oferece recursos intralinguísticos para mostrar como é o funcionamento da língua, e como suas relações conseguem mostrar o sentido, contrariamente ao que acontece com a Teoria dos Topoi. Contrapondo ambas as

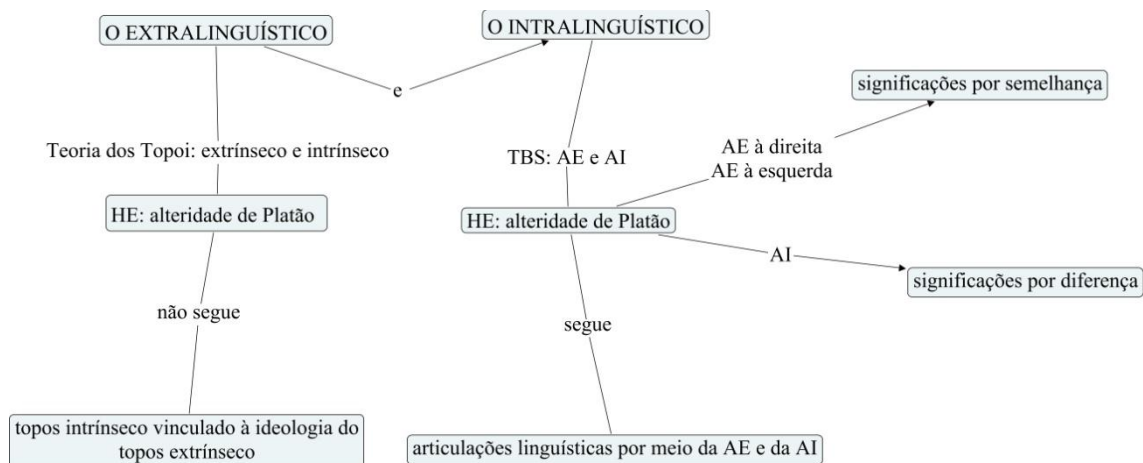
teorias, como podemos tratá-las, considerando as bases filosóficas da ANL? Veremos a seguir:

O conceito de *alteridade* de Platão (semelhança e diferença)

* A Teoria dos Topoi fere a hipótese externa, pois mesmo tratando o topos intrínseco na significação na língua a partir da unidade lexical, atribui-lhe o topos extrínseco que está ligado à ideologia e ao encadeamento conclusivo evidenciando a passagem de $A \rightarrow C$. Dessa forma, não se tem a relação de alteridade de Platão, pois tem-se a predominância da semelhança e do topos a ele vinculado, sendo a diferença também um topos, mas que está relacionada a uma exceção.

*A Teoria dos Blocos Semânticos segue a hipótese externa, pois mostra como se dão as articulações linguísticas através das AEs e das AIs, comprovando que a língua não é somente autodescritiva, mas autoexplicativa. Tratando da alteridade de Platão, podemos ver que as argumentações externas apresentam na AE à direita e na AE à esquerda, significações por semelhança, enquanto a AI apresenta significações por diferença, comprovando como é o funcionamento dessa base filosófica.

Figura 65: O extralinguístico e o intralinguístico –VII



Fonte: Figura elaborada pela autora

Considerando a Teoria dos *Topoi* e os topos extrínseco e intrínseco, podemos afirmar que não seguem a alteridade de Platão, pois o topos intrínseco está vinculado à ideologia do topos extrínseco. Já a Teoria dos Blocos Semânticos e as noções de AE e

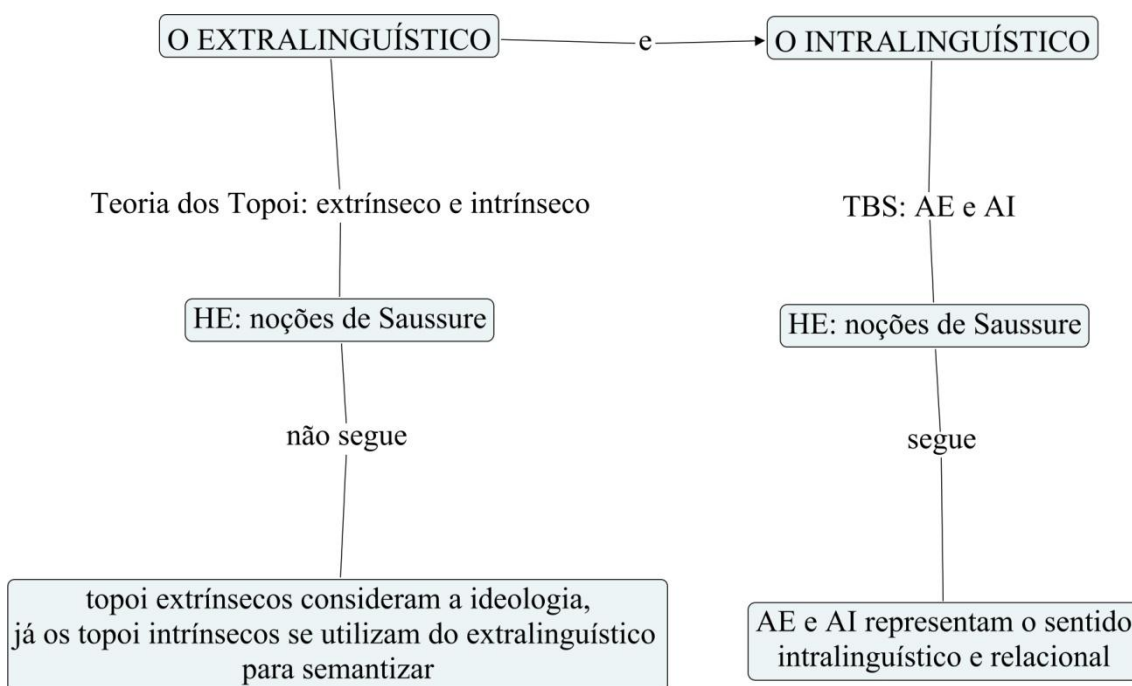
AI seguem a alteridade de Platão devido às significações feitas por semelhança e por diferença.

Como exemplificamos no esquema acima, a AE representa a semelhança e a AI a diferença, considerando a alteridade de Platão. Qual é o papel da base filosófica saussuriana na Teoria dos Topoi e na Teoria dos Blocos Semânticos? Veremos no quadro explicativo a seguir:

Noções de *língua, fala, valor e relação* de Saussure

*A Teoria dos Topoi fere a hipótese externa, pois os topoi extrínsecos estão direcionados à ideologia, não considerando as relações intralinguísticas, base da teoria saussuriana. No que concerne os topoi intrínsecos, podemos afirmar que, apesar de apresentar a significação na língua, eles se utilizam de topoi para explicar o sentido, um fator externo. Saussure afirma que a língua pode ser explicada a partir dos entrelaçamentos feitos e essa noção não é vista na Teoria dos Topoi.

* A Teoria dos Blocos Semânticos segue a hipótese externa, pois através das AEs e das AIs consegue resgatar o sentido propriamente linguístico. Como temos evidenciado nesta seção, para Saussure, o sentido não é buscado através de crenças ou contextos extralinguísticos, mas através das relações entre palavras, enunciados, discursos. As AEs e as AIs são essenciais para comprovar o valor do sentido intralinguístico e relacional.

Figura 66: O extralinguístico e o intralinguístico –VIII

Fonte: Figura elaborada pela autora

Contemplando a Teoria dos *Topoi* e as noções de topos extrínseco e intrínseco, podemos afirmar que eles não seguem a base filosófica saussuriana, pois os topos extrínsecos consideram a ideologia, já os topos intrínsecos se utilizam do extralinguístico para semantizar. A TBS e as noções de AE e AI seguem as noções de Saussure, pois representam o intralinguístico e relacional.

Como exposto no quadro acima, as AEs e as AIs da TBS são recursos linguísticos capazes de explicar a semanticidade, já a Teoria dos Topoi apresenta recursos extralinguísticos, tendo como base os topos extrínsecos e os topos intrínsecos. Direcionando-nos para a parte final deste estudo, vamos tratar da última característica da Teoria dos Topoi: as formas tópicas, divididas em topos concordante e topos discordante, considerando a apreensão argumentativa como a aplicação de determinada FT. Vamos perceber que a Teoria dos Blocos Semânticos desfaz essa “suposta perspectiva de relação” e formaliza o sentido intralinguístico através do quadrado, com a relação entre os aspectos e as suas noções de reciprocidade, de conversão e de transposição.

Vamos mostrar, primeiramente, o topos concordante (+P, +Q; -P,-Q) e levar à exaustão o enunciado *Faz calor, vamos à praia*. Temos seus desdobramentos com os seguintes topoi:

Quanto mais faz calor, mais se tem vontade de ir à praia

Quanto menos faz calor, menos vontade se tem de ir à praia

Considerando a Teoria dos Blocos Semânticos e o BS1, especificamente, temos uma relação de reciprocidade, representados por *calor DC praia* (A DC B) e *neg calor DC neg praia* (NEG A DC NEG B), sendo sua relação completada pelos aspectos recíprocos *calor PT neg praia* (A PT NEG B) e *neg calor PT praia* (NEG A PT B). Construindo o quadrado, temos a relação de reciprocidade:

A PT neg B ————— neg A PT B

neg A DC neg B ————— A DC B

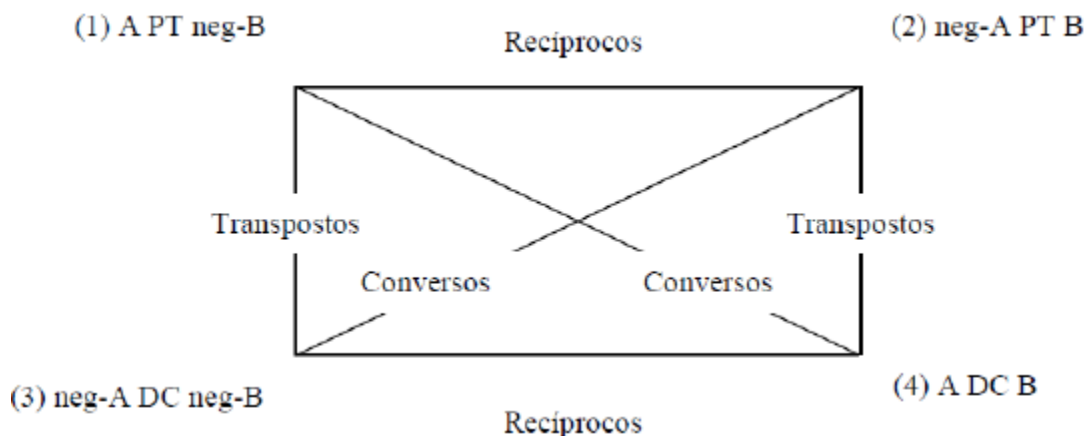
Considerando as outras relações, temos a relação de conversão:

A PT neg B ————— neg A PT B
 neg A DC neg B ————— A DC B

E por último, mas não menos importante, temos a relação de transposição:

A PT neg B ————— neg A PT B
 | ————— |
 neg A DC neg B ————— A DC B

Essas três relações formam o Bloco Semântico 1:



Podemos notar, a partir desse desmembramento do BS1, que a TBS não segue uma estrutura logicista; temos a configuração do sentido por meio do quadrado. Estamos percebendo que apesar de a Teoria dos Topoi não apresentar essa formalização¹⁰¹, ela que se afirma como um “remédio” contra a lógica, tem características logicistas em sua composição. Contemplando ainda as formas tópicas, o topos dissonante dispõe da seguinte estrutura (+P, -Q; -P,+Q). Utilizando-nos do enunciado *Faz calor, vamos à praia*, temos os topoi:

Quanto mais faz calor, menos se tem vontade de ir à praia

Quanto menos faz calor, mais se tem vontade de ir à praia

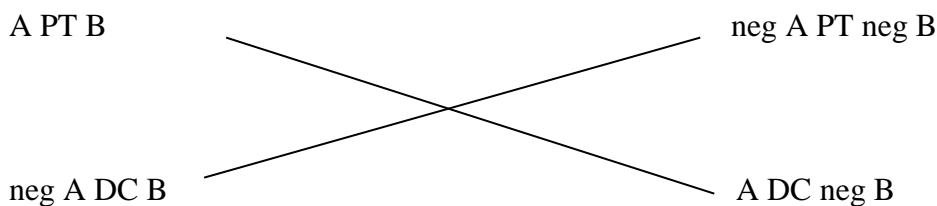
Se compararmos essa estrutura linguística da Teoria dos Topoi, notaremos que a Teoria dos Blocos Semânticos a semantiza de forma intralinguística no BS2, através da relação de reciprocidade: *calor DC neg praia* (A DC neg B) e *neg calor DC praia* (neg A DC neg B), além dos aspectos *neg calor PT neg praia* (neg A PT neg B) e *calor PT praia* (A PT B). Na representação, temos a relação de reciprocidade:

A PT B ————— neg A PT neg B

neg A DC B ————— A DC neg B

¹⁰¹ Entendemos por formalização a representação dos encadeamentos argumentativos por meio dos protótipos DC e PT e a negação dispostos em um quadrado, formando um bloco semântico.

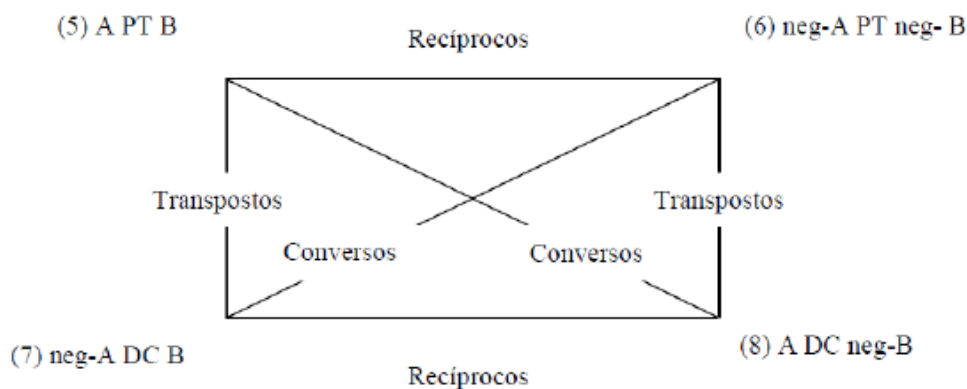
Já a relação de conversão é representada da seguinte forma:



E a relação de transposição é formada assim:



Essas três relações formam o Bloco Semântico 2:



A partir do desmembramento dos Blocos Semânticos 1 e 2, fomos capazes de visualizar que, apesar de uma aparência logicista, a TBS não faz jus a essa concepção, visto que o sentido se dá através da tessitura das relações intralinguísticas. Como havíamos dito anteriormente, os blocos semânticos representados pelo quadrado são apenas uma formalização, não denotando raízes lógicas. A Teoria dos Topoi, apesar de sua aparência semanticista, não corresponde a essa concepção, pois os topoi remetem à ideologia¹⁰², ao extralinguístico e ao quanto determinado enunciado é verdadeiro ou falso de acordo com essas premissas logicistas. Retomando as bases filosóficas da ANL,

¹⁰² Consideramos ideologia como conjunto de convicções filosóficas, sociais, políticas, etc de um indivíduo ou grupo de indivíduos (Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, 2009).

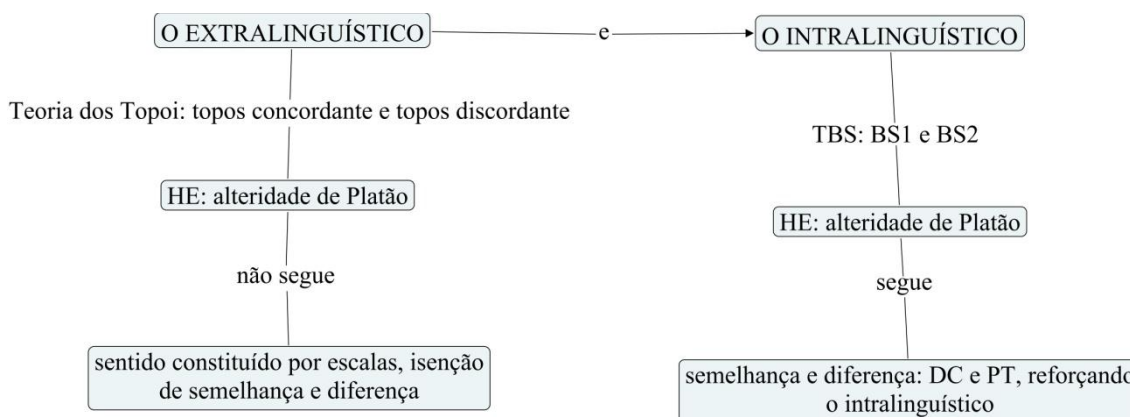
como as formas tópicas e os blocos semânticos respondem a elas? Veremos no esquema a seguir:

O conceito de *alteridade* de Platão (semelhança e diferença)

* A Teoria dos Topoi fere a hipótese externa, pois tanto o topos concordante quanto o topos discordante apresentam o enunciado a partir de duas escalas: calor e praia, por exemplo, elucidando que o topos padrão é aquele calor convidativo à praia. Ao priorizar um sentido, outros são perdidos e, conforme a alteridade de Platão, as conjunções entre semelhança e diferença são constitutivas uma da outra, não a sua separação. Por essa razão, a Teoria dos Topoi não apresenta essa alteridade como base filosófica.

* A Teoria dos Blocos Semânticos segue a hipótese externa, pois temos uma relação de semelhança e de diferença através dos conectores em DC e em PT. Além disso, as relações de reciprocidade, de conversão e de transposição mostram que o sentido advém desses entrelaçamentos argumentativos. A TBS potencializa a alteridade de Platão através do intralinguístico inerente à sua condição.

Figura 67: O extralinguístico e o intralinguístico – IX



Fonte: Figura elaborada pela autora

A Teoria dos *Topoi* e as noções de topos concordante e topos discordante não seguem a alteridade de Platão, pois o sentido é constituído por escalas, já a Teoria dos Blocos Semânticos e as noções de BS1 e BS2 seguem a alteridade de Platão, uma vez que a semelhança e a diferença são reforçadas pelo *DC* e pelo *PT*, reforçando o intralinguístico.

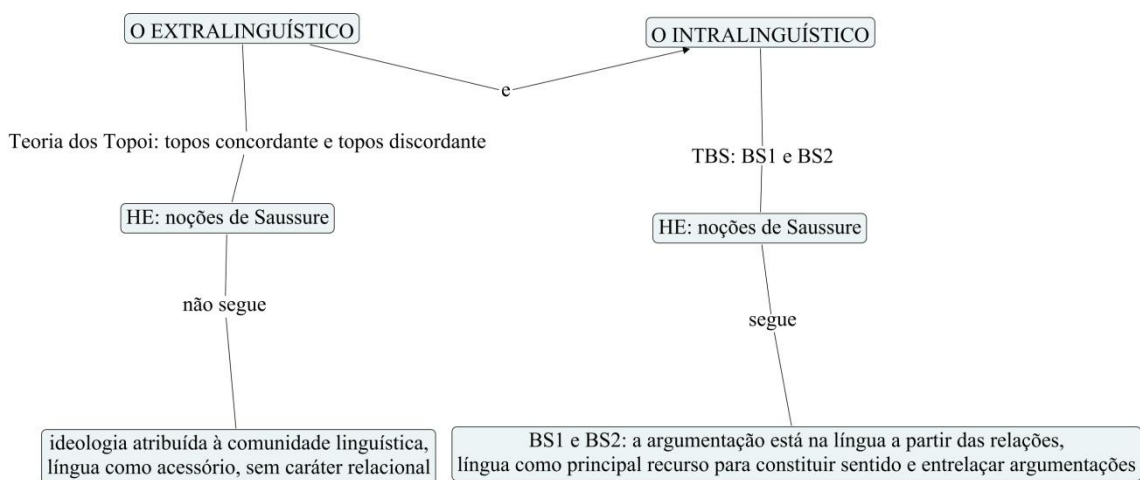
Como vimos nesse quadro explicativo, a Teoria dos Topoi não segue a alteridade de Platão porque tanto o topos concordante como o topos discordante remetem a fatores extralinguísticos. Já a Teoria dos Blocos Semânticos tem sua raiz filosófica fortificada porque considera os entrelaçamentos argumentativos. Perguntamo-nos, então, como a base filosófica de Saussure está presente (ou não) na Teoria dos Topoi e na Teoria dos Blocos Semânticos? Mostraremos esse fenômeno no esquema a seguir:

Noções de *língua, fala, valor e relação* de Saussure

* A Teoria dos Topoi fere a hipótese externa, pois o topos concordante e o topos discordante estão ligados à ideologia atribuída a determinada comunidade linguística. Dessa forma, o material linguístico disposto é apenas um acessório sem caráter relacional. Relação e valor linguístico são as noções que conduzem toda a teoria saussuriana, e não tê-las como fundamentações teóricas é direcionar-se para a lógica.

*A Teoria dos Blocos Semânticos segue a hipótese externa, pois tanto o BS1 quanto o BS2 mostram que a argumentação está na língua a partir das relações constituídas pelos seus aspectos, resultando em sentidos intralinguísticos recíprocos, conversos e transpostos. Dessa forma, o material linguístico disposto é o principal recurso para mostrar o caráter relacional da língua, corroborando com as noções de relação e valor saussurianas. Entrelaçar argumentações é o objetivo dos blocos semânticos e ele é alcançado com propriedade e destreza linguísticas.

Figura 68: O extralinguístico e o intralinguístico –X



Fonte: Figura elaborada pela autora

Considerando a Teoria dos *Topoi* e o topos concordante e o topos discordante, podemos afirmar que não seguem as noções saussurianas devido à ideologia atribuída à comunidade linguística, sendo a língua um acessório, sem caráter relacional. Já a Teoria dos Blocos Semânticos segue a base filosófica saussuriana, pois o BS1 e o BS2 reforçam que a argumentação está na língua a partir das relações, sendo esta o principal recurso constitutivo do sentido e dos entrelaçamentos das argumentações.

Finalizando nosso estudo, vimos que a Teoria dos Topoi não condiz com a base filosófica de Saussure porque ela atribui ao extralinguístico a responsabilidade de semantizar, sendo a língua apenas um acessório, enquanto a Teoria dos Blocos Semânticos busca nos entrelaçamentos argumentativos e linguísticos uma forma de descrever a toda a sematicidade inerente à língua.

Retomaremos brevemente o que realizamos nesse estudo crítico-reflexivo, a fim de finalizarmos nosso trabalho. Primeiramente, mostramos que a Teoria dos Topoi não se adapta às bases filosóficas da ANL, evidenciando que tanto a alteridade de Platão quanto as noções de língua, fala, valor e relação de Saussure consideram a tessitura relacional como essenciais para sua constituição. Após, abordamos a teoria da enunciação de Benveniste e a conjunção com a Teoria dos Topoi, visto que a enunciação não é uma base filosófica da ANL. Mais adiante, contemplamos a Teoria dos Topoi e a Teoria da Argumentação na Língua, ressaltando que essa contém aquela, mas ela foi descartada por tentar conciliar a língua com a realidade e as suas noções de verdadeiro e falso. A última parte de nosso trabalho *A Teoria dos Topoi e a Teoria da Argumentação na Língua* teve como objetivo mostrar que, para a Teoria dos Topoi a língua é um fator externo, e por isso, acessório; já para a Teoria dos Blocos Semânticos a língua é puro intralinguístico, argumentatividade, e por isso, a principal forma de semantizar.

Com essa explicação da Teoria dos Topoi e da Teoria dos Blocos Semânticos, estudando as características de ambos, acreditamos que cumprimos o nosso objetivo: desfazer a ideia de que a Teoria da Argumentação na Língua é uma teoria logicista em vista da formalização do sentido pelos blocos semânticos. Contrariamente, ela evidencia que o sentido da língua está nesses entrelaçamentos argumentativos, essas relações intralinguísticas que revelam o mesmo sentido por pontos de vista distintos. A Teoria

dos *Topoi*, essa sim, apesar de afirmar-se anti-logicista, apresenta recursos lógicos e extralinguísticos para descrever a língua. Vemos que essas constatações só foram possíveis porque as bases filosóficas da ANL, *a alteridade de Platão* e *as noções de língua, fala, valor e relação de Saussure*, são hipóteses externas que asseguram o intralinguístico. Portanto, *a argumentação está na língua* porque as hipóteses externas são capazes de sustentar essa argumentação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo inicial de nosso trabalho foi o de apresentar a relação entre as hipóteses externas e as hipóteses internas da ANL, ao longo de 30 anos de estudo, mostrando suas permanências e suas modificações. Verificamos que esse estudo seria impossível, uma vez que a Teoria da Argumentação na Língua é viva, se reinventando constantemente.

No entanto, o desejo de aprofundar os estudos entre as hipóteses externas e as hipóteses internas permaneceu, sendo necessário delinear um caminho. Um caminho seria apresentar as duas faces opostas da ANL: a Teoria dos Topoi e a Teoria dos Blocos Semânticos. Mas por que comparar essas duas fases da ANL?

Consideramos como nossa prioridade esclarecer de forma crítica por que alguns estudiosos e pesquisadores da língua tratam a ANL e, especificamente, a TBS como uma teoria lógica. Sabíamos que essa avaliação era feita devido ao fato de que o sentido era formalizado por dois quadrados argumentativos que lembram o quadrado aristotélico. Gostaríamos, então, de elucidar como a TBS é uma teoria do sentido intralinguístico, cabendo à Teoria dos Topoi o caráter lógico e extralinguístico. Mas como “convencer” outros estudiosos, leigos na Teoria da Argumentação na Língua? Um possível convencimento acontece quando utilizamos os próprios recursos da ANL a fim de explorar suas impropriedades e seus acertos.

Primeiramente, abordamos as bases filosóficas da Teoria da Argumentação na Língua, ou seja, suas hipóteses externas constituídas pelo conceito de *alteridade de Platão* e as noções de *língua, fala, valor e relação* de Saussure. A partir delas, conseguimos compreender quais conceitos da ANL se servem dessas HEs para realizar suas HIs. Após, vimos que a enunciação de Émile Benveniste é uma teoria determinante para a ANL. O terceiro capítulo tratou da Teoria da Argumentação na Língua e o sentido intralinguístico. Ao contemplar a lógica e as diferentes formas de retórica, verificamos como a ANL não se enquadra nessa perspectiva de verdadeiro e de falso de conceber a língua. No capítulo 4 foram mostradas as características da Teoria dos *Topoi* e como sua aparência anti-logicista esconde seu caráter lógico e persuasivo. Por sua vez, o último capítulo mostrou a Teoria dos *Topoi* como sendo uma teoria da língua extralinguística, aproximando-se da lógica. A Teoria dos Blocos Semânticos revelou

seu caráter intralinguístico e todo entrelaçamento argumentativo que o sentido ancorado na língua tem.

Recuperando cada uma de nossas bases filosóficas, temos, primeiramente, o conceito de *alteridade* de Platão. Como vimos no decorrer do estudo, Platão estuda a relação entre o ser e o não-ser, mostrando como a semelhança e a diferença se complementam e se completam. Na Teoria da Argumentação na Língua, essa relação de diferença permeia toda a teoria, mas foi na Teoria dos Blocos Semânticos que ela se tornou evidente a partir dos encadeamentos argumentativos em *portanto* (DC) e em *no entanto* (PT) e da argumentação externa (AE) e da argumentação interna (AI), por exemplo.

Considerando as noções de *língua, fala, valor e relação* de Ferdinand de Saussure, notamos que ANL se fundamentou, desde o início da teoria, em 1972, nesses princípios saussurianos, mas foi somente em 2005, com a Teoria dos Blocos Semânticos, desenvolvida por Oswald Ducrot e Marion Carel, que essas noções foram desmembradas. Desenvolvendo essa ideia, podemos afirmar que, anteriormente, as bases filosóficas saussurianas estavam imersas, a partir de 2005, elas se tornaram explícitas, mostrando como as hipóteses internas se servem das hipóteses externas para a constituição do sentido intralinguístico.

Mas por que abordamos o ponto de vista de Benveniste, Suenaga e Ducrot sobre Saussure? Acreditamos que tanto o *CLG* (2005) quanto o *ELG* (2002) contribuíram para que a linguística adquirisse o estatuto de ciência, sendo a língua seu objeto de estudo. No entanto, não poderíamos ficar indiferentes diante de tantos estudos sobre a teoria do linguista genebrino. Começamos por Benveniste, uma vez que ele se apropriou das noções saussurianas para aplicá-las na enunciação. Além disso, ele conseguiu problematizar esses conceitos para uma melhor compreensão. Por sua vez, Suenaga é um linguista japonês que aborda sob outra perspectiva os conceitos de *língua e fala*, mostrando suas três faces: a língua e sua sombra, a língua e a fala, ambas sendo sociais e individuais, e a língua e sua arbitrariedade. Já Ducrot utiliza os conceitos saussurianos para mostrar que a *argumentação está na língua*, sendo o seu uso constitutivo de sentido.

Podemos notar, então, que Saussure forneceu aos linguistas uma teoria capaz de explorar os diversos recursos que a língua oferece; Benveniste, ao criar o aparelho

formal da enunciação *eu-tu-aqui-agora* mostrou que o sentido se constrói na enunciação, pois temos locutor e interlocutor que expõem seu ponto de vista, trocando de papéis, em determinado espaço e tempo. Gérard Dessoins, estudioso de Benveniste, explicou como o linguista avançou os estudos linguísticos a partir de Saussure; já Ducrot se serviu dessa enunciação benvenistiana, baseada no processo, para elaborar a sua mostrando como o processo se marca no enunciado, ou seja, como a enunciação se marca no produto.

Dessa forma, podemos perceber que a Teoria da Argumentação na Língua se afasta da argumentação retórica de Aristóteles, desenvolvida posteriormente por Perelman e por Toulmin, uma vez que ela considera o sentido a partir da realidade, sendo o contexto extralinguístico provedor do verdadeiro e do falso. A argumentação linguística, proposta por Ducrot, aborda como as próprias palavras relacionadas, são capazes de semantizar, desconsiderando quaisquer fatores externos.

Ao abordarmos no capítulo 3 o que a ANL refuta, adentramos, no capítulo 4, na Teoria dos *Topoi*, mostrando que, apesar de ser considerada anti-logicista, ela busca recursos extralinguísticos para a compreensão do sentido. É somente no capítulo 5, ao confrontarmos a Teoria dos *Topoi* e a Teoria dos Blocos Semânticos, que constatamos as faces opostas da ANL. Essa teoria semântica sempre buscou o sentido a partir dos entrelaçamentos. No entanto, a Teoria dos *Topoi* fez o movimento contrário: para constituir sentido, apropriou-se da realidade como sendo ela a provedora da verdade. Somente com a Teoria dos Blocos Semânticos foi restabelecida a noção do sentido intralinguístico, em que as palavras, os enunciados, os discursos são entrelaçados, formando uma tessitura relacional. Essa transição da Teoria dos *Topoi* para a Teoria dos Blocos Semânticos aconteceu porque a TBS resgatou as bases filosóficas da ANL, antes abandonadas pela Teoria dos *Topoi*.

Retomando, então, nossas perguntas, vamos respondê-las de forma sucinta:

1) Por que a Teoria dos *Topoi* foi criada?

A Teoria dos *Topoi* foi criada como sendo uma resposta ao ascrivismo que não consegue explicar a relação entre dois encadeamentos argumentativos e fracassa ao tentar elucidar os encadeamentos transgressivos relacionados pelo conector *no entanto*. Já o descritivismo atribui ao enunciado um valor de verdade.

2) Qual é a relação entre as bases filosóficas da ANL e a Teoria dos *Topoi*?

A Teoria dos *Topoi* foi, conforme as palavras de Marion Carel proferidas em um seminário na EHESS em 2012, um remédio para curar a ANL do logicismo. Vimos, no entanto, que essa teoria fracassou no seu intuito, pois não se firmou nas bases filosóficas da ANL, ancoradas em Platão e em Saussure, para constituir uma teoria de caráter intralinguístico. Os recursos extralinguísticos, como a noção de passagem de argumento para conclusão ($A \rightarrow C$), a gradualidade, as formas tópicas, determinaram sua extinção.

3) Qual é a relação entre a Teoria dos *Topoi* e a Teoria da Argumentação na Língua?

A contribuição significativa da Teoria dos *Topoi* para a ANL foi a destituição do sentido com valor informativo para a constituição de um sentido com valor argumentativo. Verificamos, no entanto, que esse passo importante se tornou frágil no momento em que os enunciados estavam submetidos às noções de verdade e de falsidade, e que a suposta “cura” do logicismo estava, na realidade, “envenenando” a língua e sua natureza relacional.

4) Qual é a relação entre a Teoria dos *Topoi* e a Teoria dos Blocos Semânticos?

Como já havíamos mencionado anteriormente, a Teoria dos *Topoi* e a Teoria dos Blocos Semânticos apresentam, utilizando termos saussurianos, duas faces opostas: enquanto uma está ancorada no extralinguístico, a outra está ancorada no intralinguístico. A Teoria dos *Topoi* foi, aos poucos, criando uma “armadilha”, em que a língua estava destituída, cada vez mais, de seu caráter intralinguístico. Já a Teoria dos Blocos Semânticos foi, aos poucos, criando uma “teia de sentido”, em que a língua estava constituída, cada vez mais, pelo seu caráter intralinguístico e relacional.

Após respondermos essas perguntas, temos algumas considerações finais a fazer. Retomando o axioma de Pierre Duhem (*apud* Ducrot, 1989) “Os fatos de hoje são construídos pelas teorias de ontem”, podemos fazer uma analogia com a Teoria da Argumentação na Língua: *A Teoria da Argumentação na Língua é construída pelo conceito de alteridade de Platão e pelas noções de língua, fala, valor e relação de Saussure*. E são essas teorias de ontem que solidificam o fato de hoje. Além disso, podemos afirmar que são as hipóteses externas, ou as bases filosóficas, que rearranjam as hipóteses internas, adequando-as para seu objetivo final: a interdependência semântica através do entrelaçamento argumentativo.

Resgatando o título de nosso trabalho *Fundamentos filosóficos da Teoria da Argumentação na Língua: um estudo sobre a Teoria dos Topoi e a Teoria dos Blocos Semânticos*, podemos fazer alguns apontamentos. O conceito de *alteridade* de Platão e as noções de *língua, fala, valor e relação* de Saussure forneceram à ANL as noções de semelhança, diferença e entrelaçamento para a constituição de sentido. Essa semântica argumentativa buscou, no decorrer dos anos, estabelecer-se como teoria semanticista, desenvolvendo hipóteses internas capazes de se adequar às hipóteses externas. A Teoria dos *Topoi* contribuiu para o avanço da ANL ao produzir enunciados com *portanto*. Os enunciados em *no entanto* eram considerados uma anomalia porque eram transgressores às normas da comunidade linguística, remetendo aos valores sociais. Na Teoria dos Blocos Semânticos, os encadeamentos em *portanto* e em *no entanto* não remetem a essa noção de transgressão, apontam como o uso determina o sentido, mostrando o ponto de vista do locutor. É o sentido intralinguístico que ressurge em detrimento do sentido extralinguístico. E essa mudança de perspectiva se tornou possível devido às bases filosóficas da Teoria da Argumentação na Língua.

Considerando estudos futuros, acreditamos que a realização de um estudo analítico-reflexivo da Teoria dos Blocos Semânticos e da Teoria Argumentativa da Polifonia seja bem-vinda, visto que a Teoria da Argumentação na Língua é uma teoria viva, na qual seus principais pesquisadores, Marion Carel e Oswald Ducrot, estão imersos em um amadurecimento teórico, realizando mudanças e mantendo alguns conceitos-base. Para concluirmos, este estudo tem como finalidade apresentar e explicar a semântica argumentativa e seus recursos intralinguísticos, perpetuando a concepção de *alteridade* de Platão e de *relação* de Saussure. Assim, a realidade existe, mas é a língua que dá vida e semantiza essa realidade.

REFERÊNCIAS

ANSCOMBRE, Jean-Claude; CAREL, Marion; DUCROT, Oswald; NEGRONI, María Marta García; PALMA, Silvia. **Théorie des Topoi**. Paris: Éditions Kimé, 1995.

ANSCOMBRE, Jean-Claude. **La Théorie des Topoi: sémantique ou rhétorique?** Paris: Hermes, 15, 1995.

ANSCOMBRE, Jean-Claude ; DUCROT, Oswald. **L'argumentation dans la langue**. Paris: Mardaga, 1983.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução: Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2012.

BARBISAN, Leci Borges; DI FANTI, Maria da Glória. Estudos da enunciação: bases epistemológicas e perspectivas atuais. In: **Cadernos de Pesquisa em Linguística**. Porto Alegre, v.5, n.1, 2010.

BARBISAN, Leci Borges. Do signo ao discurso: a complexa natureza da linguagem. In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges. **Saussure – A invenção da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.

BENVENISTE, Émile. **Problèmes de linguistique générale I**. Paris: Gallimard, 1966.

_____. **Problèmes de linguistique générale II**. Paris: Gallimard, 1974.

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. **La Semántica Argumentativa. Una Introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos**. Edición literaria a cargo de María Marta Negroni y Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005.

CAREL, Marion. L'argumentation dans le discours : argumenter n'est pas justifier. In: **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 3, n° 1, p.23-40, março 1997.

_____. Qu'est-ce qu'argumenter? In: **Revista de Retórica y Teoría de la Comunicación**. Año 1, n°1, p.75-80, 2001.

CORDERO, Nestor-Luis. Conférence de M. Nestor-Luis Cordero. In: **École pratique des hautes études, Section des sciences religieuses**. Annuaire. Tome 96, 1987-1988. 1987. pp. 259-262.

http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/ephe_00000002_1987_num_10_0_96_14068

DESSONS, Gérard. **Émile Benveniste, l'invention du discours**. Éditions In Press, 2006.

Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 1.0. Editora Objetiva, 2009.

DUCROT, Oswald. **Dire et ne pas dire – Principes de sémantique linguistique**. Paris : Hermann, 1972.

_____. **La preuve et le dire – Langage et logique**. Paris : Maison Mame, 1973.

_____. **Les échelles argumentatives**. Paris : Les Éditions de Minuit, 1980.

_____. **Logique, structure, énonciation – Lectures sur le langage**. Paris : Les Éditions de Minuit, 1989.

_____. **Polifonía y argumentación. Conferencias del seminario teoría de la argumentación y análisis del discurso**. Cali : Universidad del Valle, 1990.

_____. La sémantique argumentative peut-elle se réclamer de Saussure ? In: **Nouveaux regards sur Saussure – Mélanges offerts à René Amacker**. Genève: Librairie Droz, 2006.

_____. Argumentação retórica e argumentação linguística. In: **Letras de Hoje**, v.44, n.1, p.20-25, jan./mar, 2009.

DUCROT, Oswald; SCHAEFFER, Jean-Marie. **Nouveau dictionnaire encyclopédique des sciences du langage**. 2^aed. Paris : Éditions du Seuil, 1995.

FLORES, Valdir do Nascimento et al. **Dicionário de Linguística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

HOOGAERT, Coorine. Perelman et Toulmin – Pour une rhétorique néo-dialectique. In : **Hermes**, 15, 1995.

MEYER, Michel. **Perelman, le renouveau de la rhétorique**. Paris : Presses Universitaires de France, 2004, 1^aed.

NORMAND, Claudine. Constitution de la sémiologie chez Benveniste. In: **Histoire Épistémologie Langage**. Tome 11, fascicule 2, 1989. pp. 141-169.

doi: 10.3406/hel.1989.2302

http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/hel_07508069_1989_num_11_2_2302

OLBRECHTS-TYTECA, Lucie; PERELMAN, Chaïm. **Traité de l'argumentation, la nouvelle rhétorique**. Bruxelles : Éditions de l'Université de Bruxelles, 2008, 6^{ed}.

PLATON. **Le sophiste**. Paris, GF Flammarion: 1993. Tradução e apresentação: Nestor L. Cordero.

SAUSSURE, Ferdinand. **Écrits de Linguistique Générale**. Paris : Gallimard, 2002.

_____. **Cours de Linguistique Générale**. Paris : Payot, 2005.

SAUSSURE, Louis de. **Nouveau regards sur Saussure – Mélanges offerts à René Amacker**. Genève : Librairie Droz, 2006.

STANISLAS, Breton . Dialectique et philosophie. In: **Revue Philosophique de Louvain**. Troisième série, Tome 62, N°76, 1964. pp.597 630.

http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/phlou_00353841_1964_num_62_76_5274

SUENAGA, Akatane. **Saussure, un système de paradoxes – langue, parole, arbitraire et inconscient**. Limoges: Lambert-Lucas, 2005.

TOULMIN, Stephen E. **Os usos do argumento**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. Tradução: Reinaldo Guarany.

WAGNER, Pierre. **Les philosophes et la science**. Paris: Gallimard, 2002.

Alessandra da Silveira Bez

Curriculum Vitae

Dados pessoais

Nome Alessandra da Silveira Bez
Nome em citações bibliográficas BEZ, A. S.
Sexo Feminino

Cor ou Raça Branca

Filiação Gerson Bez e Marina Izabete da Silveira Bez
Nascimento 15/07/1982 - Erechim/RS - Brasil
Carteira de Identidade 4081521363 SJS - RS - 03/12/1997
CPF 003.329.550-60

Endereço residencial Rua General João Manoel 447/304
 Centro - Porto Alegre
 90010030, RS - Brasil
 Telefone: 51 30619056
 URL da home page: alesbez@yahoo.com

Endereço profissional Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras
 Avenida Ipiranga, 6681
 Partenon - Porto Alegre
 90619900, RS - Brasil
 Telefone: 51 33203500

URL da home page: www.pucrs.br

Endereço eletrônico

E-mail para contato : alesbez@yahoo.com
 e-mail alternativo : xandabez@bol.com.br

Formação acadêmica/titulação

2010 - 2014 Doutorado em Letras.
 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil
 com período sanduíche em École des Hautes Études en Sciences Sociales (Orientador : Prof^a.Dr^a Marion Carel)
 Título: Fundamentos filosóficos da Teoria da Argumentação na Língua: um estudo sobre a Teoria dos Topoi e a Teoria dos Blocos Semânticos, Ano de obtenção: 2014
 Orientador: Prof. Dr. Leci Borges Barbisan
 Bolsista do(a): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Palavras-chave: Teoria da Argumentação na Língua, Hipóteses Externas, Hipóteses Internas, Teoria dos Topoi, Teoria dos Blocos Semânticos, Bases filosóficas
Áreas do conhecimento : Lingüística

2008 - 2010 Mestrado em Letras.
 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil
 Título: O papel do linguístico para a construção de sentido: a tradução do discurso científico, Ano de obtenção: 2010
 Orientador: Prof. Dr. Leci Borges Barbisan
 Bolsista do(a): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Palavras-chave: sentido, tradução, texto científico
Áreas do conhecimento : Lingüística

- 2013** Especialização em TIC aplicadas à Educação.
Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria, Brasil
- 2006 - 2007** Especialização em Estudos Linguísticos do Texto.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Brasil
Título: Da (im) possibilidade da tradução
Orientador: Profa. Dra. Marlene Teixeira
- 2010** Graduação em Letras - Português e Francês.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Brasil
- 2001 - 2005** Graduação em Letras - Português e Inglês.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Brasil

Formação complementar

- 2010 - 2010** Extensão universitária em Curso de Extensão Fundamentos de Fonologia.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil
Bolsista do(a): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- 2009 - 2009** Extensão universitária em Fronteiras do Pensamento 2009.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Brasil
- 2008 - 2008** Extensão universitária em Fronteiras do Pensamento 2008.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Brasil
- 2008 - 2008** Curso de curta duração em Entoações: Fonética e Fonologia.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil
- 2007 - 2007** Extensão universitária em Aspectos teóricos da Literatura em Tradução.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Brasil
- 2005 - 2005** Curso de curta duração em Aspectos teóricos da Literatura em Tradução.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Brasil

Atuação profissional

1. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

Vínculo institucional

- 2010 - 2014** Vínculo: Bolsista , Enquadramento funcional: Doutoranda,
Regime: Dedicção exclusiva
- 2008 - 2010** Vínculo: Bolsista , Enquadramento funcional: Mestranda ,
Carga horária: 40, Regime: Dedicção exclusiva

Atividades

03/2011 - Atual Outra atividade técnico-científica, Programa de Pós Graduação em Letras
Especificação:
Editora-júnior da Revista Letrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS

03/2008 - Atual Pesquisa e Desenvolvimento, Programa de Pós Graduação em Letras
Linhas de pesquisa:
Teorias e Uso da Linguagem

2. Organização Não Governamental para Educação Popular - ONGEP

Vínculo institucional

2007 - 2007 Vínculo: Voluntariado , Enquadramento funcional: Professora de redação , Carga horária: 3, Regime: Parcial

3. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Vínculo institucional

2010 - Atual Vínculo: Estudante , Enquadramento funcional: Estudante Graduação, Regime: Parcial

2006 - 2007 Vínculo: Estudante , Enquadramento funcional: Estudante Especialização, Regime: Parcial

2001 - 2005 Vínculo: Estudante , Enquadramento funcional: Estudante Graduação, Regime: Parcial

4. Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre - UFCSPA

Vínculo institucional

2012 - 2013 Vínculo: Bolsista UnA-SUS , Enquadramento funcional: Bolsista de apoio linguístico, Regime: Parcial

Linhas de pesquisa

1. Teorias e Uso da Linguagem

Objetivos:Essa linha de pesquisa estuda a linguagem verbal a partir da relação entre as perspectivas teóricas e empíricas de análise da estrutura linguística referentes a questões de texto e de discurso, de aquisição de linguagem pela criança e de variação linguística.

Palavras-chave: Linguística , Uso da Linguagem, Teoria da Argumentação na Língua
Áreas do conhecimento : Lingüística

Revisor de periódico

1. Letrônica

Vínculo

2011 - 2013 Regime: Parcial

Membro de corpo editorial

1. Letrônica

Vínculo

2011 - 2013 Regime: Parcial

Áreas de atuação

1. Lingüística
 2. Lingüística Aplicada
 3. Teoria e Análise Lingüística
 4. Línguas Estrangeiras Modernas
 5. Tradução das Línguas Francesa e Inglesa
 6. Língua Portuguesa
-

Projetos

Projetos de pesquisa

2012 - Atual A interdiscursividade na linguagem

Descrição: O projeto tem como tema o sentido construído pela relação entre discursos. Serão procuradas explicações para as diferentes formas de interdiscursividade e as diferentes atitudes assumidas pelo locutor na relação entre seu discurso e o discurso de outros. Fundamentam as reflexões conceituais da Teoria da Argumentação na Língua.

Situação: Em andamento Natureza: Projetos de pesquisa

Alunos envolvidos: Mestrado acadêmico (5); Doutorado (4);

Integrantes: Alessandra da Silveira Bez; Leci Borges Barbisan (Responsável); Érica Krachefski Nunes; João Henrique Casara Borges; Neiva Maria Tebaldi Gomes; Larissa Pontes Hübner; Tamiris Machado Gonçalves; Pâmela Nataline de Oliveira Camacho; Patricia Nystrom Fernandez; Natali Scolari

2011 - 2012 A compreensão do discurso como trama de sentidos

Descrição: Tratar da linguagem é tratar da produção de sentidos. A linguagem existe porque há, entre os seres humanos, a necessidade de interagir e de significar, o que ocorre em determinado tempo, em determinado espaço, pressupondo um eu e um tu que se constituem mutuamente na e pela enunciação. Ao se apropriar da língua e ao enunciar, o locutor constroi sentidos para um alocutário. Essa construção se dá especialmente pelo discurso. É por meio do discurso que interagimos e apresentamos nossos pontos de vista acerca das coisas, por um processo de subjetivação. É por meio do emprego da língua que a realidade é construída pelo

locutor. A Teoria da Argumentação na Língua, teoria enunciativa que embasa este projeto, estuda o sentido inscrito no linguístico. Afirmamos que o locutor argumenta, expressando, por meio da organização linguística pela qual constitui seu discurso, seu ponto de vista sobre aquilo de que fala. O sentido, no discurso, decorre das relações estabelecidas pelo locutor entre argumentações por ele construídas. Assim, entende-se que o sentido decorre do uso da língua, não preexiste a seu uso. É porque língua e uso da língua não se separam e porque as palavras da língua contêm um sentido que orienta para suas continuações, permitindo umas e proibindo outras, que se pode dizer que a argumentação está na língua. Considerando que a noção de relação é essencial à produção de sentido na linguagem e que o funcionamento do discurso precisa ser considerado quando se busca analisar o sentido, tomamos como tema, neste projeto, dois processos fundamentais que organizam o discurso: as cadeias coesivas e a tematização. Trata-se de processos que são objeto de estudo da Linguística do Texto, que deles se ocupa já há bastante tempo. Aqui, esses fatos textuais serão analisados, não na perspectiva da Linguística do Texto, mas sob o ângulo da Teoria da Argumentação na Língua (ANL).

Situação: Concluído Natureza: Projetos de pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (1); Mestrado acadêmico (3); Doutorado (5);

Integrantes: Alessandra da Silveira Bez; Leci Borges Barbisan (Responsável); Cristiane Dall'Cortivo; Cristina Rörig; Cláudio Primo Delanoy; christiê duarte linhares; Érica Krachefski Nunes; Carlos Zarpe; João Henrique Casara Borges; Menser Kruszewski

Financiador(es): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPQ

2008 - 2008 Grupo de Estudos sobre Leitura e Argumentação

Descrição: Criado em março de 2006, o grupo estuda o sentido construído no discurso, à luz da Teoria da Argumentação na Língua, criada por Oswald Ducrot e continuada atualmente por Oswald Ducrot e Marion Carel. O grupo é constituído de alunos bolsistas CAPES e CNPQ de Mestrado e Doutorado e uma professora doutora da Faculdade de Letras da PUCRS. Resultados dos trabalhos do grupo foram apresentados em vários congressos, tanto em Porto Alegre, quanto no Estado e fora do país. Resultados de discussões têm sido utilizados com proveito em outra pesquisa cujo título é "A construção do sentido no discurso", financiada pelo CNPq com bolsa de Produtividade em Pesquisa

Situação: Concluído Natureza: Projetos de pesquisa

Alunos envolvidos: Mestrado acadêmico (4); Doutorado (7);

Integrantes: Alessandra da Silveira Bez; Paula Dreyer Ortmann; Leci Borges Barbisan (Responsável); Cristiane Dall'Cortivo; Cristina Rörig; Cláudio Primo Delanoy; Joseline Tatiana Both; Mariana Rypl; Marcela Cristiane Nesello; Noemi Luciane dosSantos; Vânia Terezinha Machado Scalabrin

2008 - 2010 A compreensão do sentido expresso pelo linguístico no discurso

Descrição: Tem-se como objetivos, nesta pesquisa, definir leitura, de acordo com conceitos da Teoria da Argumentação na Língua, e, com isso, espera-se compreender quais seriam as leituras possíveis e quais as não possíveis num texto. Como metodologia de trabalho, serão promovidas discussões em torno de livros e artigos que tratam da Teoria e, a partir desses estudos, será criada uma metodologia para análise. Os resultados serão aplicados a textos de diferentes gêneros, publicados em jornais e revistas de circulação nacional, para finalmente chegar a um conceito de leituras possíveis e não possíveis.

Situação: Concluído Natureza: Projetos de pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (1); Mestrado acadêmico (3); Doutorado (5);

Integrantes: Alessandra da Silveira Bez; Paula Dreyer Ortmann; Leci Borges Barbisan (Responsável); Cristiane Dall'Cortivo; Cristina Rörig; Cláudio Primo Delanoy; Joseline Tatiana Both; christiê duarte linhares; Érica Krachefski Nunes

2006 - 2008 Subsídios teóricos e práticos sobre texto e ensino

Descrição: Este projeto busca mostrar que, a partir da análise crítica de conceitos de teorias textuais e enunciativas, é possível compreender e ensinar como a linguagem constrói sentido no discurso. Os objetivos são: criar uma metodologia de análise de textos/discursos a partir da discussão de conceitos de teorias textuais e enunciativas; instrumentalizar teoricamente os professores para uma melhor compreensão do trabalho proposto pelos PCNs em relação a textos escritos; lançar um olhar crítico sobre o trabalho com textos proposto por livro didáticos, refletir sobre a transposição didática

Situação: Concluído Natureza: Projetos de pesquisa
 Alunos envolvidos: Mestrado acadêmico (3); Doutorado (7);
 Integrantes: Alessandra da Silveira Bez; Paula Dreyer Ortmann; Leci Borges Barbisan (Responsável); Cristiane Dall'Cortivo; Cristina Rörig; Cláudio Primo Delanoy; Joseline Tatiana Both; Mariana Rypl; Marcela Cristiane Nesello; Noemi Luciane dosSantos

Idiomas

Inglês	Compreende Bem , Fala Bem , Escreve Bem , Lê Bem
Espanhol	Compreende Bem , Fala Razoavelmente , Escreve Razoavelmente , Lê Bem
Francês	Compreende Bem , Fala Bem , Escreve Bem , Lê Bem
Português	Compreende Bem , Fala Bem , Escreve Bem , Lê Bem

Produção

Produção bibliográfica

Artigos completos publicados em periódicos

1. BEZ, A. S., AQUINO, C.

Saussure e estruturalismo: retomando alguns pontos fundamentais da teoria saussuriana. Cadernos do IL. , v.42, p.5 - 17, 2011.

Referências adicionais : Português. Meio de divulgação: Meio digital. Home page: [\[http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/view/26000/15222\]](http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/view/26000/15222)

2. BEZ, A. S.

Tradução: palavras (des) construídas e (in) acabadas. Revista Virtual de Estudos da Linguagem. , v.9, p.371 - 395, 2011.

Palavras-chave: processo tradutório, palavra, refração, expressividade

Áreas do conhecimento : Linguística

Referências adicionais : Português. Meio de divulgação: Meio digital. Home page: [\[http://www.revel.inf.br/site2007/pdf/20/artigos/revel_16_traducao.pdf\]](http://www.revel.inf.br/site2007/pdf/20/artigos/revel_16_traducao.pdf)

3. BEZ, A. S., MAINES, M., FEIX, G. A., FURTADO, J. C., MALASZKIEWICZ, P. F.

A gênese do signo: o jogo de carretel e o gesto da faca. Letras de Hoje (Impresso). , v.44, p.57 - 63, 2009.

Referências adicionais : Português. Meio de divulgação: Vários. Home page: [\[http://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/ojs/index.php/fale\]](http://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/ojs/index.php/fale)

4. BEZ, A. S.

A importância de construção de sentido no processo tradutório. Letrônica. , v.1, p.96 - 113, 2008.

Referências adicionais : Português. Meio de divulgação: Meio digital. Home page: [\[http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/4275/3548\]](http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/4275/3548)

5. BEZ, A. S.

Sobre a coesão textual: um exercício de observação. Cadernos do IL (UFRGS). , v.26/27, p.09 - 18, 2003.

Referências adicionais : Português. Meio de divulgação: Impresso

Capítulos de livros publicados

1. **BEZ, A. S.**, ALONSO, L. C.

Estratificação social da linguagem no 'Discurso sobre o romance': o contexto soviético oculto In: Mikhail Bakhtin - Contribuições para a Filosofia da Linguagem e Estudos Discursivos.1ª ed.Porto Alegre : Editora Sagra Luzzatto S/A, 2005, v.20, p. 1-160.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 8524107022

Trabalhos publicados em anais de eventos (completo)

1. **BEZ, A. S.**

Por uma construção de sentido na tradução à luz da leitura e da Teoria dos Blocos Semânticos: um olhar semântico linguístico In: 17º COLE- Congresso de Leitura do Brasil, 2009, Campinas.

Anais do ... Congresso de Leitura do Brasil. Campinas: , 2009. p.1 - 652

Palavras-chave: tradução, leitura, polifonia

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital. Home page: <http://www.alb.com.br>

2. **BEZ, A. S.**, ORTMANN, P. D.

O valor polifônico do ainda no discurso In: VIII Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, 2008, Porto Alegre.

Anais do VIII CELSUL. , 2008.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Vários

Trabalhos publicados em anais de eventos (resumo)

1. **BEZ, A. S.**

Tradução do discurso científico e léxico: a construção de sentido através do linguístico In: VI SENALE - Seminário Nacional sobre Linguagem e Ensino, 2010, Pelotas.

VI SENALE Linguagens: Metodologias de Ensino e Pesquisa. , 2010.

Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

2. **BEZ, A. S.**

A importância da construção de sentido no processo tradutório In: III Seminário Internacional de Linguística Texto, discurso e ensino, 2009, São Paulo.

Seminário Internacional de Linguística. , 2009. p.1 - 96

Palavras-chave: sentido, tradução, texto científico

Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

3. **BEZ, A. S.**

Bilinguismo em crianças e adultos: algumas reflexões In: II SINAL Seminário Integrado Nacional das Linguagens, 2009, Porto Alegre.

II Seminário Integrado Nacional das Linguagens Caderno de Resumos. , 2009.

Palavras-chave: bilinguismo, cultura, code switching

Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

4. **BEZ, A. S.**

Texto científico: construção de sentido pelo gênero do discurso In: V Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, 2009, Caxias do Sul.

Caderno de Resumos do V Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais. , 2009. p.1 - 394

Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

Apresentação de trabalho e palestra

1. **BEZ, A. S.**

O papel do linguístico para a construção de sentido: a tradução do discurso científico, 2012. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

Palavras-chave: Teoria da Argumentação na Língua, Hipóteses Externas, Hipóteses Internas

Áreas do conhecimento : Linguística

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital; Cidade: Porto Alegre; Evento: I Encontro Sul Letras; Inst.promotora/financiadora: Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos

2. BEZ, A. S.**Uma perspectiva bibliográfica sobre a Teoria da Argumentação na Língua e da Polifonia, 2012. (Seminário,Apresentação de Trabalho)**

Palavras-chave: Teoria da Argumentação na Língua, Hipóteses Externas, Hipóteses Internas

Áreas do conhecimento : Lingüística

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Vários; Cidade: Pelotas; Evento: VII SENALE - Seminário Nacional sobre Linguagem e Ensino de Línguas; Inst.promotora/financiadora: Universidade Católica de Pelotas - UCPEL

3. BEZ, A. S.**Apresentação do Núcleo de Estudos do Discurso, 2011. (Conferência ou palestra,Apresentação de Trabalho)**

Palavras-chave: sentido, Teoria da Argumentação na Língua, Teoria dos Blocos Semânticos

Áreas do conhecimento : Lingüística

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Vários; Local: Faculdade de Letras PUCRS; Cidade: Porto Alegre; Evento: IV Colóquio de Linguística e Literatura; Inst.promotora/financiadora: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

4. BEZ, A. S.**Hipóteses internas da Argumentação na Língua: perspectivas sobre a língua em uso, 2011. (Outra,Apresentação de Trabalho)**

Palavras-chave: Lingüística , Teoria da Argumentação na Língua

Áreas do conhecimento : Lingüística

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Vários; Local: Faculdade de Letras PUCRS; Cidade: Porto Alegre; Evento: IV Colóquio de Linguística e Literatura; Inst.promotora/financiadora: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

5. BEZ, A. S.**Hipóteses internas da Teoria da Argumentação na Língua: perspectivas sobre a língua em uso, 2010. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)**

Palavras-chave: Teoria da Argumentação na Língua, Hipóteses Externas, Hipóteses Internas

Áreas do conhecimento : Lingüística

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Vários; Local: Faculdade de Letras PUCRS; Cidade: Porto Alegre; Evento: V Mostra de Pesquisa de Pós-Graduação da PUCRS; Inst.promotora/financiadora: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

6. BEZ, A. S.**Tradução do discurso científico e léxico: a construção de sentido através do linguístico, 2010. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)**

Palavras-chave: desvios de tradução, Teoria da Argumentação na Língua, Teoria dos Blocos Semânticos

Áreas do conhecimento : Lingüística

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso; Local: Universidade Católica de Pelotas; Cidade: Pelotas; Evento: VI SENALE - Seminário Internacional sobre Linguagem e Ensino; Inst.promotora/financiadora: Universidade Católica de Pelotas - UCPEL

7. BEZ, A. S.**A importância da construção de sentido no processo tradutório, 2009. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)**

Palavras-chave: tradução, texto científico, sentido no uso, desvios de tradução, Teoria da Argumentação na Língua

Áreas do conhecimento : Lingüística

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital; Local: Brasil; Cidade: São Paulo; Evento: III SIL - Seminário Internacional de Linguística da Cruzeiro do Sul; Inst.promotora/financiadora: UNICSUL

8. BEZ, A. S.**Bilinguismo em crianças e adultos: algumas reflexões, 2009. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)**

Palavras-chave: cultura, code switching, bilinguismo

Áreas do conhecimento : Lingüística

Referências adicionais : Brasil/Português; Local: Brasil; Cidade: Porto Alegre; Evento: II SINAL Seminário Integrado Nacional das Linguagens; Inst.promotora/financiadora: FAPA

9. BEZ, A. S.**Por uma construção de sentido à luz da leitura e da Teoria dos Blocos Semânticos: um olhar semântico linguístico, 2009. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)**

Palavras-chave: Teoria dos Blocos Semânticos, Teoria da Argumentação na Língua

Áreas do conhecimento : Lingüística

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital; Local: Brasil; Cidade: Campinas; Evento: 17º COLE Congresso de Leitura do Brasil; Inst.promotora/financiadora: Universidade de Campinas

10. BEZ, A. S.

Texto científico: construção de sentido pelo gênero do discurso, 2009. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

Palavras-chave: polifonia, processo tradutório, sentido, texto científico

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso; Local: Brasil; Cidade: Caxias do Sul; Evento: V SIGET- Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais; Inst.promotora/financiadora: UCS - Universidade de Caxias do Sul

11. BEZ, A. S.

O valor polifônico do ainda no discurso, 2008. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

Palavras-chave: ainda, Teoria da Argumentação na Língua

Áreas do conhecimento : Lingüística

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Vários; Local: UFRGS; Cidade: Porto Alegre; Evento: Círculo de Estudos Linguísticos do Sul - Celsul; Inst.promotora/financiadora: Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Demais produções bibliográficas**1. BEZ, A. S.**

A gravura entre a identidade disciplinar e suas manifestações em um quadro interdisciplinar. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012. (Artigo, Tradução)

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Vários. Home page: <http://seer.ufrgs.br/PortoArte>

2. BEZ, A. S., FURTADO, J. C., FEIX, G. A., MAINES, M., MALASZKIEWICZ, P. F.

A gênese do signo: o jogo do carretel e o gesto da faca. Porto Alegre: Edipucrs, 2009. (Artigo, Tradução)

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Vários. Home page: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/issue/view/383>

3. BEZ, A. S.

Da (im) possiblidade da tradução. TCC Estudos Linguísticos do Texto. , 2007. (Outra produção bibliográfica)

Palavras-chave: refração, tradução, tema, expressividade

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

4. BEZ, A. S.

Caloric Restriction and Aging. Tradução de artigo TCC. , 2005. (Outra produção bibliográfica)

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Outro

5. BEZ, A. S.

Can human aging be postponed?. Tradução de artigo TCC. , 2005. (Outra produção bibliográfica)

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Outro

6. BEZ, A. S.

The emergence of intelligence. Tradução de artigo TCC. , 2005. (Outra produção bibliográfica)

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Outro

7. BEZ, A. S.

The genetics of flower development. Tradução de artigo TCC. , 2004. (Outra produção bibliográfica)

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Outro

8. BEZ, A. S.

Why do we age?. Tradução de artigo TCC. , 2004. (Outra produção bibliográfica)

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Outro

Produção técnica**Demais produções técnicas****1. BEZ, A. S.**

Subsídios teóricos e práticos sobre texto e ensino, 2008. (Extensão, Curso de curta duração ministrado)

Referências adicionais : Brasil/Português. 40 horas. Meio de divulgação: Impresso

Educação e Popularização de C&T

Artigos completos publicados em periódicos

1. **BEZ, A. S.**, MAINES, M., FEIX, G. A., FURTADO, J. C., MALASZKIEWICZ, P. F.
A gênese do signo: o jogo de carretel e o gesto da faca. Letras de Hoje (Impresso). , v.44, p.57 - 63, 2009.

Referências adicionais : Português. Meio de divulgação: Vários. Home page: [\[http://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/ojs/index.php/fale\]](http://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/ojs/index.php/fale)

Capítulos de livros publicados

1. **BEZ, A. S.**, ALONSO, L. C.
Estratificação social da linguagem no 'Discurso sobre o romance': o contexto soviético oculto In: Mikhail Bakhtin - Contribuições para a Filosofia da Linguagem e Estudos Discursivos.1ª ed. Porto Alegre : Editora Sagra Luzzatto S/A, 2005, v.20, p. 1-160.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 8524107022

Trabalhos publicados em anais de eventos (completo)

1. **BEZ, A. S.**
Por uma construção de sentido na tradução à luz da leitura e da Teoria dos Blocos Semânticos: um olhar semântico linguístico In: 17º COLE- Congresso de Leitura do Brasil, 2009, Campinas.
Anais do ... Congresso de Leitura do Brasil. Campinas: , 2009. p.1 - 652

Palavras-chave: tradução, leitura, polifonia

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital. Home page: [\[http://www.alb.com.br\]](http://www.alb.com.br)

2. **BEZ, A. S.**, ORTMANN, P. D.
O valor polifônico do ainda no discurso In: VIII Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, 2008, Porto Alegre.
Anais do VIII CELSUL. , 2008.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Vários

Trabalhos publicados em anais de eventos (resumo)

1. **BEZ, A. S.**
Tradução do discurso científico e léxico: a construção de sentido através do linguístico In: VI SENALE - Seminário Nacional sobre Linguagem e Ensino, 2010, Pelotas.
VI SENALE Linguagens: Metodologias de Ensino e Pesquisa. , 2010.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

2. **BEZ, A. S.**
A importância da construção de sentido no processo tradutório In: III Seminário Internacional de Linguística Texto, discurso e ensino, 2009, São Paulo.
Seminário Internacional de Linguística. , 2009. p.1 - 96

Palavras-chave: sentido, tradução, texto científico

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

3. **BEZ, A. S.**
Bilinguismo em crianças e adultos: algumas reflexões In: II SINAL Seminário Integrado Nacional das Linguagens, 2009, Porto Alegre.
II Seminário Integrado Nacional das Linguagens Caderno de Resumos. , 2009.

Palavras-chave: bilinguismo, cultura, code switching

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

4. **BEZ, A. S.**
Texto científico: construção de sentido pelo gênero do discurso In: V Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, 2009, Caxias do Sul.

Caderno de Resumos do V Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais. , 2009. p.1 - 394

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

Apresentação de trabalho e palestra

1. BEZ, A. S.

O papel do linguístico para a construção de sentido: a tradução do discurso científico, 2012. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)

Palavras-chave: Teoria da Argumentação na Língua, Hipóteses Externas, Hipóteses Internas

Áreas do conhecimento : Lingüística

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital; Cidade: Porto Alegre; Evento: I Encontro Sul Letras; Inst.promotora/financiadora: Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos

2. BEZ, A. S.

Uma perspectiva bibliográfica sobre a Teoria da Argumentação na Língua e da Polifonia, 2012. (Seminário,Apresentação de Trabalho)

Palavras-chave: Teoria da Argumentação na Língua, Hipóteses Externas, Hipóteses Internas

Áreas do conhecimento : Lingüística

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Vários; Cidade: Pelotas; Evento: VII SENALE - Seminário Nacional sobre Linguagem e Ensino de Línguas; Inst.promotora/financiadora: Universidade Católica de Pelotas - UCPEL

3. BEZ, A. S.

Apresentação do Núcleo de Estudos do Discurso, 2011. (Conferência ou palestra,Apresentação de Trabalho)

Palavras-chave: sentido, Teoria da Argumentação na Língua, Teoria dos Blocos Semânticos

Áreas do conhecimento : Lingüística

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Vários; Local: Faculdade de Letras PUCRS; Cidade: Porto Alegre; Evento: IV Colóquio de Linguística e Literatura; Inst.promotora/financiadora: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

4. BEZ, A. S.

Hipóteses internas da Argumentação na Língua: perspectivas sobre a língua em uso, 2011. (Outra,Apresentação de Trabalho)

Palavras-chave: Linguística , Teoria da Argumentação na Língua

Áreas do conhecimento : Lingüística

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Vários; Local: Faculdade de Letras PUCRS; Cidade: Porto Alegre; Evento: IV Colóquio de Linguística e Literatura; Inst.promotora/financiadora: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

5. BEZ, A. S.

Hipóteses internas da Teoria da Argumentação na Língua: perspectivas sobre a língua em uso, 2010. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)

Palavras-chave: Teoria da Argumentação na Língua, Hipóteses Externas, Hipóteses Internas

Áreas do conhecimento : Lingüística

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Vários; Local: Faculdade de Letras PUCRS; Cidade: Porto Alegre; Evento: V Mostra de Pesquisa de Pós-Graduação da PUCRS; Inst.promotora/financiadora: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

6. BEZ, A. S.

Tradução do discurso científico e léxico: a construção de sentido através do linguístico, 2010. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)

Palavras-chave: desvios de tradução, Teoria da Argumentação na Língua, Teoria dos Blocos Semânticos

Áreas do conhecimento : Lingüística

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso; Local: Universidade Católica de Pelotas; Cidade: Pelotas; Evento: VI SENALE - Seminário Internacional sobre Linguagem e Ensino; Inst.promotora/financiadora: Universidade Católica de Pelotas - UCPEL

7. BEZ, A. S.

A importância da construção de sentido no processo tradutório, 2009. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)

Palavras-chave: tradução, texto científico, sentido no uso, desvios de tradução, Teoria da Argumentação na Língua

Áreas do conhecimento : Lingüística

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital; Local: Brasil; Cidade: São Paulo; Evento: III SIL - Seminário Internacional de Linguística da Cruzeiro do Sul; Inst.promotora/financiadora: UNICSUL

8. BEZ, A. S.

Bilinguismo em crianças e adultos: algumas reflexões, 2009. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

Palavras-chave: cultura, code switching, bilinguismo

Áreas do conhecimento : Lingüística

Referências adicionais : Brasil/Português; Local: Brasil; Cidade: Porto Alegre; Evento: II SINAL Seminário Integrado Nacional das Linguagens; Inst.promotora/financiadora: FAPA

9. BEZ, A. S.

Por uma construção de sentido à luz da leitura e da Teoria dos Blocos Semânticos: um olhar semântico linguístico, 2009. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

Palavras-chave: Teoria dos Blocos Semânticos, Teoria da Argumentação na Língua

Áreas do conhecimento : Lingüística

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital; Local: Brasil; Cidade: Campinas; Evento: 17º COLE Congresso de Leitura do Brasil; Inst.promotora/financiadora: Universidade de Campinas

10. BEZ, A. S.

Texto científico: construção de sentido pelo gênero do discurso, 2009. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

Palavras-chave: polifonia, processo tradutório, sentido, texto científico

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso; Local: Brasil; Cidade: Caxias do Sul; Evento: V SIGET- Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais; Inst.promotora/financiadora: UCS - Universidade de Caxias do Sul

11. BEZ, A. S.

O valor polifônico do ainda no discurso, 2008. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

Palavras-chave: ainda, Teoria da Argumentação na Língua

Áreas do conhecimento : Lingüística

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Vários; Local: UFRGS; Cidade: Porto Alegre; Evento: Círculo de Estudos Linguísticos do Sul - Celsul; Inst.promotora/financiadora: Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Curso de curta duração ministrado

1. BEZ, A. S.

Subsídios teóricos e práticos sobre texto e ensino, 2008. (Extensão, Curso de curta duração ministrado)

Referências adicionais : Brasil/Português. 40 horas. Meio de divulgação: Impresso

Organização de eventos, congressos, exposições e feiras e olimpíadas

1. BEZ, A. S., LINHARES. C. D., MORAES, L., MORENO, F. S.

V Colóquio de Literatura e Linguística - Expandindo as fronteiras da pesquisa, 2012. (Outro, Organização de evento)

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Vários

2. BEZ, A. S., DALL'CORTIVO, Cristiane, DELANOY, C. P., NUNES, E. K., RÖRIG, Cristina, Barbisan, L.C., FANTI, M. G. C., BORGES, J. H. C., BOTH, J. T., HINZ, J. R., RIBEIRO, K., FREITAS, N. J., REGINATTO, A. A., ZARPE, C. E.

SITED - Seminário Internacional de Texto, Enunciação e Discurso, 2010. (Congresso, Organização de evento)

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Vários

Participação em eventos, congressos, exposições, feiras e olimpíadas

1. Seminário Livre de Linguística, 2013. (Seminário)

.

2. Oficina de Preenchimento e Atualização de Currículo na Plataforma Lattes, 2013. (Oficina)

.

3. Apresentação Oral no(a) I Encontro Sul Letras, 2012. (Encontro)

O papel do linguístico para a construção do sentido: a tradução do discurso científico.

4. Apresentação Oral no(a) **VII SENALE - Seminário Nacional sobre Linguagem e Ensino de Línguas**, 2012. (Seminário)
Uma perspectiva bibliográfica sobre a Teoria da Argumentação na Língua e da Polifonia.
5. **I Ciclo de Palestras sobre Tradução**, 2012. (Encontro)
.
6. **VII SENALE - Seminário Nacional sobre Linguagens e Ensino**, 2012. (Seminário)
.
7. **O compromisso interdisciplinar dos estudos da linguagem e da cognição: a agenda do grupo de pesquisa COGITES/UNICAMP** : a, 2012. (Encontro)
.
8. Apresentação Oral no(a) **IV Colóquio de Linguística e Literatura**, 2011. (Outra)
Hipóteses internas da Argumentação na Língua: perspectivas sobre a língua em uso.
9. Apresentação Oral no(a) **IV Colóquio de Linguística e Literatura**, 2011. (Outra)
Núcleo de Estudos do Discurso.
10. **IV Colóquio de Linguística e Literatura**, 2011. (Outra)
.
11. **Ciclo de Palestras - ENADE Projeto O que é? Fonética e fonologia**, 2011. (Encontro)
.
12. **Qualidade de voz: conceituação, usos e análise**, 2011. (Encontro)
.
13. **Ciclo de Palestras Alteridade, Dialogismo e Polifonia**, 2011. (Encontro)
.
14. **VII Congresso Internacional da Abralín**, 2011. (Congresso)
.
15. Apresentação Oral no(a) **V Mostra de Pesquisa de Pós-Graduação da PUCRS**, 2010. (Encontro)
Hipóteses internas da Teoria da Argumentação na Língua: perspectivas sobre a língua em uso.
16. Apresentação Oral no(a) **VI SENALE - Seminário Nacional sobre Linguagem e Ensino: metodologias de ensino e pesquisa**, 2010. (Seminário)
Tradução do discurso científico e léxico: a construção de sentido através do linguístico.
17. **III Colóquio de Linguística e Literatura**, 2010. (Encontro)
.
18. **Aula Inaugural da Faculdade de Letras/ PUCRS**, 2010. (Encontro)
.
19. **Ciclo de Palestras - O discurso em perspectiva**, 2010. (Encontro)
.
20. Apresentação Oral no(a) **III SIL: Seminário Internacional de Linguística**, 2009. (Seminário)
A importância da construção de sentido no processo tradutório.
21. Apresentação Oral no(a) **II SINAL - Seminário Integrado Nacional das Linguagens**, 2009. (Seminário)
Bilinguismo em crianças e adultos: algumas reflexões.

22. Apresentação Oral no(a) **17 COLE: Congresso de Leitura do Brasil**, 2009. (Congresso)
Por uma construção de sentido na tradução à luz da leitura e da Teoria dos Blocos Semânticos: um olhar semântico linguístico.

23. Apresentação de Poster / Painel no(a) **V SIGET - Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais**, 2009. (Simpósio)
Texto científico: construção de sentido pelo gênero do discurso.

24. **Argumentação e sentido pela Semântica Linguística: da Teoria dos Topoi à Teoria dos Blocos Semânticos**, 2009. (Encontro)

.

25. **O pensamento francês e a cultura brasileira - A França na formação do escritor**, 2009. (Seminário)

.

26. **O pensamento francês e a cultura brasileira**, 2009. (Seminário)

.

27. **Jornada de Qualificação de Segunda Área - PUCRS**, 2009. (Outra)

.

28. Apresentação Oral no(a) **Círculo de Estudos Linguísticos do Sul**, 2008. (Congresso)
O valor polifônico do ainda no discurso.

29. Apresentação Oral no(a) **60ª Reunião Anual da SBPC**, 2008. (Congresso)
Reciclagem de lixo: alternativas de como preparar seus instrumentos para manutenção de sua saúde bucal.

30. **Curso de Fonologia do Português Brasileiro**, 2008. (Encontro)

.

31. **Fonética Articulatória: Curso Prático 5ª edição**, 2008. (Encontro)

.

32. **Entoações: Fonética e Fonologia**, 2008. (Encontro)

.

33. **I Colóquio de Linguística e Literatura**, 2008. (Seminário)

.

34. **The Role of Language Learning Autobiographies in Applied Linguistics Research**, 2007. (Seminário)

.

35. **Fronteiras do Pensamento**, 2007. (Encontro)

.

36. **Colóquio Nacional A pesquisa em Letras e Linguística em Tempo de Pós-....**, 2007. (Encontro)

.

37. **Tradução e compromisso na obra de Machado de Assis**, 2007. (Seminário)

.

38. **I Fórum Internacional da Diversidade Linguística**, 2007. (Congresso)

.

39. **III Seminário de Estudos em Análise do Discurso: O Discurso em Contemporaneidade: materialidades e fronteiras**, 2007. (Simpósio)

.

40. **Ciclo de Jornalismo e Literatura RBS – FAMECOS na 52ª Feira do Livro de Porto Alegre**, 2006. (Encontro)

.

41. **Bakhtin no Contexto Soviético**, 2006. (Outra)

.

42. **O Silêncio dos Intelectuais – Cultura e Pensamento em tempos de incerteza**, 2006. (Outra)

.

43. **II Seminário de Estudos em Análise do Discurso: O campo da Análise do Discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**, 2005. (Seminário)

.

44. **Constructions of Aboriginal History in Contemporary Australian Literature and Cinema**, 2005. (Oficina)

.

45. **Aspectos Teóricos da Literatura em Tradução**, 2005. (Encontro)

.

Demais produções técnicas

1. **BEZ, A. S.**

Subsídios teóricos e práticos sobre texto e ensino, 2008. (Extensão, Curso de curta duração ministrado)

Referências adicionais : Brasil/Português. 40 horas. Meio de divulgação: Impresso

Eventos

Eventos

Participação em eventos

1. **Seminário Livre de Linguística**, 2013. (Seminário)

.

2. **Oficina de Preenchimento e Atualização de Currículo na Plataforma Lattes**, 2013. (Oficina)

.

3. Apresentação Oral no(a) **I Encontro Sul Letras**, 2012. (Encontro)

O papel do linguístico para a construção do sentido: a tradução do discurso científico.

4. Apresentação Oral no(a) **VII SENALE - Seminário Nacional sobre Linguagem e Ensino de Línguas**, 2012. (Seminário)

Uma perspectiva bibliográfica sobre a Teoria da Argumentação na Língua e da Polifonia.

5. **VII SENALE - Seminário Nacional sobre Linguagens e Ensino**, 2012. (Seminário)

.

6. **O compromisso interdisciplinar dos estudos da linguagem e da cognição: a agenda do grupo de pesquisa COGITES/UNICAMP** : a, 2012. (Encontro)

- .
7. **I Ciclo de Palestras sobre Tradução**, 2012. (Encontro)
- .
8. Apresentação Oral no(a) **IV Colóquio de Linguística e Literatura**, 2011. (Outra)
Hipóteses internas da Argumentação na Língua: perspectivas sobre a língua em uso.
9. Apresentação Oral no(a) **IV Colóquio de Linguística e Literatura**, 2011. (Outra)
Núcleo de Estudos do Discurso.
10. **IV Colóquio de Linguística e Literatura**, 2011. (Outra)
- .
11. **Qualidade de voz: conceituação, usos e análise**, 2011. (Encontro)
- .
12. **Ciclo de Palestras - ENADE Projeto O que é? Fonética e fonologia**, 2011. (Encontro)
- .
13. **Ciclo de Palestras Alteridade, Dialogismo e Polifonia**, 2011. (Encontro)
- .
14. **VII Congresso Internacional da Abralín**, 2011. (Congresso)
- .
15. Apresentação Oral no(a) **V Mostra de Pesquisa de Pós-Graduação da PUCRS**, 2010. (Encontro)
Hipóteses internas da Teoria da Argumentação na Língua: perspectivas sobre a língua em uso.
16. Apresentação Oral no(a) **VI SENALE - Seminário Nacional sobre Linguagem e Ensino: metodologias de ensino e pesquisa**, 2010. (Seminário)
Tradução do discurso científico e léxico: a construção de sentido através do linguístico.
17. **Ciclo de Palestras - O discurso em perspectiva**, 2010. (Encontro)
- .
18. **III Colóquio de Linguística e Literatura**, 2010. (Encontro)
- .
19. **Aula Inaugural da Faculdade de Letras/ PUCRS**, 2010. (Encontro)
- .
20. Apresentação Oral no(a) **III SIL: Seminário Internacional de Linguística**, 2009. (Seminário)
A importância da construção de sentido no processo tradutório.
21. Apresentação Oral no(a) **II SINAL - Seminário Integrado Nacional das Linguagens**, 2009. (Seminário)
Bilinguismo em crianças e adultos: algumas reflexões.
22. Apresentação Oral no(a) **17 COLE: Congresso de Leitura do Brasil**, 2009. (Congresso)
Por uma construção de sentido na tradução à luz da leitura e da Teoria dos Blocos Semânticos: um olhar semântico linguístico.
23. Apresentação de Poster / Painel no(a) **V SIGET - Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais**, 2009. (Simpósio)
Texto científico: construção de sentido pelo gênero do discurso.
24. **Jornada de Qualificação de Segunda Área - PUCRS**, 2009. (Outra)

.
25. **Argumentação e sentido pela Semântica Linguística: da Teoria dos Topoi à Teoria dos Blocos Semânticos**, 2009. (Encontro)

.
26. **O pensamento francês e a cultura brasileira - A França na formação do escritor**, 2009. (Seminário)

.
27. **O pensamento francês e a cultura brasileira**, 2009. (Seminário)

.
28. Apresentação Oral no(a) **Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul**, 2008. (Congresso)
O valor polifônico do ainda no discurso.

29. Apresentação Oral no(a) **60ª Reunião Anual da SBPC**, 2008. (Congresso)
Reciclagem de lixo: alternativas de como preparar seus instrumentos para manutenção de sua saúde bucal.

30. **Entoações: Fonética e Fonologia**, 2008. (Encontro)

.
31. **Fronteiras do Pensamento**, 2008. (Encontro)

.
32. **Fonética Articulatoria: Curso Prático 5ª edição**, 2008. (Encontro)

.
33. **I Colóquio de Lingüística e Literatura**, 2008. (Seminário)

.
34. **Curso de Fonologia do Português Brasileiro**, 2008. (Encontro)

.
35. **Colóquio Nacional A pesquisa em Letras e Lingüística em Tempo de Pós - ...**, 2007. (Congresso)

.
36. **Fronteiras do Pensamento**, 2007. (Encontro)

.
37. **The Role of Language Learning Autobiographies in Applied Linguistics Research**, 2007. (Seminário)

.
38. **Tradução e compromisso na obra de Machado de Assis**, 2007. (Seminário)

.
39. **III Seminário de Estudos em Análise do Discurso: O Discurso em Contemporaneidade: materialidades e fronteiras**, 2007. (Simpósio)

.
40. **Colóquio Nacional A pesquisa em Letras e Linguística em Tempo de Pós-....**, 2007. (Encontro)

.
41. **I Fórum Internacional da Diversidade Linguística**, 2007. (Congresso)

42. **Bakhtin no Contexto Soviético**, 2006. (Outra)
.
43. **O Silêncio dos Intelectuais – Cultura e Pensamento em tempos de incerteza**, 2006. (Outra)
.
44. **Ciclo de Jornalismo e Literatura RBS – FAMECOS na 52ª Feira do Livro de Porto Alegre**, 2006. (Encontro)
.
45. **Constructions of Aboriginal History in Contemporary Australian Literature and Cinema**, 2005. (Oficina)
.
46. **II Seminário de Estudos em Análise do Discurso: O campo da Análise do Discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**, 2005. (Seminário)
.
47. **Aspectos Teóricos da Literatura em Tradução**, 2005. (Encontro)
.

Organização de evento

1. **BEZ, A. S., LINHARES. C. D., MORAES, L., MORENO, F. S.**
V Colóquio de Literatura e Linguística - Expandindo as fronteiras da pesquisa, 2012. (Outro, Organização de evento)
Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Vários
2. **BEZ, A. S., DALL'CORTIVO, Cristiane, DELANOY, C. P., NUNES, E. K., RÖRIG, Cristina, Barbisan, L.C., FANTI, M. G. C., BORGES, J. H. C., BOTH, J. T., HINZ, J. R., RIBEIRO, K., FREITAS, N. J., REGINATTO, A. A., ZARPE, C. E.**
SITED - Seminário Internacional de Texto, Enunciação e Discurso, 2010. (Congresso, Organização de evento)
Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Vários

Totais de produção

Produção bibliográfica

Artigos completos publicados em periódico.....	5
Capítulos de livros publicados.....	1
Trabalhos publicados em anais de eventos.....	6
Apresentações de trabalhos (Comunicação).....	8
Apresentações de trabalhos (Conferência ou palestra).....	1
Apresentações de trabalhos (Seminário).....	1
Apresentações de trabalhos (Outra).....	1
Traduções (Artigo).....	2
Demais produções bibliográficas.....	6

Produção técnica

Curso de curta duração ministrado (extensão).....	1
Eventos	
Participações em eventos (congresso).....	6
Participações em eventos (seminário).....	12
Participações em eventos (simpósio).....	2
Participações em eventos (oficina).....	2
Participações em eventos (encontro).....	19
Participações em eventos (outra).....	6
Organização de evento (congresso).....	1
Organização de evento (outro).....	1

Outras informações relevantes

- 1** Aprovada em 1º lugar na seleção de mestrado em Linguística Aplicada da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul no ano de 2007-2008.
Aprovada em 2º lugar na seleção de doutorado em Linguística Aplicada da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul no ano de 2009-2010.
Aprovada na prova de proficiência de leitura em língua francesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Aprovada na prova de proficiência de leitura em língua francesa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul .
Aprovada na prova de proficiência de leitura em língua inglesa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

